

Sociedade das Ciências Antigas

***TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS
SERES EM SUAS PRIMEIRAS PROPRIEDADES,
VIRTUDES E POTENCIAS ESPIRITUAIS E DIVINAS***

POR

MARTINEZ DE PASQUALLY



***TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS
EDIÇÃO DE 1899***

***SÃO PAULO - BRASIL
2003***

NOTA HISTÓRICA SOBRE O MARTINESISMO E O MARTINISMO

Neste estranho fim do século 18 que vivenciou Wilian Law ao lado de Hume, Swedenborg ao lado de Kant, Saint-Germain, Mesmer e Cagliostro ao lado de Rosseau, Diderot e Voltaire, uma vez que a Europa inteira se cobre de uma infinidade de seitas e ritos, e que as idéias mais tolas se tornam as mais sublimes nas tribunas das lojas maçônicas, surgiu na França um homem cujo trabalho silencioso fez um curioso contraste com as turbulentas propagandas dos reformadores deste tempo: Martinez de Pasqually. Este homem, de um desinteresse e de uma sinceridade acima de qualquer suspeita, se esforçou em retornar aos princípios essenciais da franco-maçonaria, certas lojas que estavam deles sensivelmente afastadas naquela época, por uma série de motivos que não iremos tratar aqui.

A tarefa de Martinez foi difícil: percorrendo sucessivamente, de 1760 a 1772, as principais cidades da França, ele selecionou no seio das lojas maçônicas, aqueles que julgou que poderiam se tornar um núcleo, um centro para trabalhos mais elevados. Enviando, em nome de seu Tribunal Soberano, estabelecido em Paris em 1767, as patentes constitutivas de lojas provinciais clandestinas, não exitou em escolher ao seu redor os homens que julgou dignos de exercer o ministério que iriam receber.

Foi assim que se constituiu aquilo que M. Matter chama com justiça de Martinesismo, e que, sob o nome de Elus-Coens, não é outra coisa do que um braço mais ortodoxo da verdadeira maçonaria, transplantada no antigo tronco e baseada no conjunto de ensinamentos tradicionais bem precisos, transmitindo de um para outro o poder receptivo adquirido por seus membros em meio a um trabalho inteiramente individual. A teoria e a pratica se adquiriam conjuntamente.

Desafortunadamente, Martinez se deixou levar pelo seu zelo em negligenciar a verdadeira base da instituição maçônica. Em toda a sua reforma dos capítulos R+C, ignorou o papel das lojas azuis, e vemos um dos seus discípulos, o mais célebre, embora um dos mais afastados dos trabalhos do mestre, Louis Claude de Saint-Martin, ir mais além nesta via, e, em 1777, se recusar a participar não somente dos trabalhos destas lojas martinesistas, onde praticava-se apenas os graus de pórtico ou maçonaria simbólica, mas também, por exemplo, aos trabalhos das lojas de Versailles por motivos capciosos de pneumatologia; e das de Paris, por que lá se ensinava o magnetismo e a alquimia.

Com enfeito, depois da partida de Martinez de Pasqually para as Antilhas (1772), uma cisão se produziu na ordem que tão penosamente havia se formado, com alguns discípulos ainda muito ligados ao que havia ensinado o mestre, ainda que outros, seguindo o exemplo de Saint-Martin, abandonaram a prática ativa para seguir a via incompleta e passiva do misticismo. Esta mudança de direção dentro da vida de Saint-Martin poderia nos surpreender se não soubéssemos quanto, durante os cinco anos que passou na loja de Bordeaux, o discípulo se afastou dos trabalhos operativos exteriores do mestre.

O resultado da cisão, devida a ativa propaganda de Saint-Martin, não se fez esperar : primeiramente as lojas do sudoeste cessaram suas atividades. A propaganda de Saint-Martin ecoou com sucesso nas lojas de Paris e de Versailles, mas, quando em 1778 estas lojas viram seus irmãos de Lyons se voltarem definitivamente para o rito alemão da estrita observância templária, e o Grande Mestre Willermoz tomar a sucessão do Grande Mestre Provincial Pierre D'Aumont, sucessor de Jacques Molay, sob o título de Grande Mestre Provincial de Auvergne, pensaram em fundir-se com as lojas Filaletes, que depois de 1773, trabalhavam de acordo com os ensinamentos de Martinez e de Swendeborg, em capítulos secretos nos quais não eram admitidos nenhuns oficiais do Grande Oriente. Por essa época Saint-Martin começou a tornar-se conhecido, graças ao lançamento de seu primeiro trabalho "Dos erros e das verdades". Muitos creram ver nele um continuador da obra de Martinez; porém foi em vão que as lojas que acabamos de citar solicitaram em unir-se a eles em busca de um trabalho em comum: o ultimo apelo que fizeram, em 1784, no conventículo que provocou em Paris a associação dos Filaletes, Saint-Martin respondeu por carta sua recusa em participar destes trabalhos. Naquela época, sua grande preocupação era de entrar em contato com os místicos da Itália, Inglaterra

e Rússia, perdendo todo o interesse pelo movimento do rito retificado de Lyon, irritando-se profundamente quando lhe falavam destas lojas.

Os acontecimentos que se seguiram apenas fizeram comprometer ainda mais Saint-Martin na via que havia escolhido. Em 1778, aquele que se tornaria célebre como o Teósofo de Amboise foi para Estrasburgo, e a opinião mais aceita é de que freqüentou uma de suas amigas, madame Boécklin, onde se voltou definitivamente ao misticismo. A verdade é que se encontrou com Rodolphe de Salzman, que era, se podemos dizer, o diretor espiritual de madame Boécklin. Amigo de Young Stilling, e em correspondência ou relacionamento com os grandes místicos alemães da segunda metade do século dezoito, tais como Eckarhausen, Lavater, etc..., Salzman, ainda que mais desconhecido, era um homem dos mais notáveis, profundamente versado na mística dos dois Testamentos e dos escritos de Jacob Boehme, de quem tinha recebido a chave de seus escritos. Foi esta chave que transmitiu por sua vez a Saint-Martin, e este acreditou ter recebido então o que não recebeu de seu antigo mestre.

Certamente os ensinamentos de Salzman contribuíram bastante para dotar a França de um grande místico, porém, estes ensinamentos não puderam abrir a Saint-Martin a doutrina do eminente teurgo de Bordeaux. Vemo-lo também, em 1793, com a idade de cinquenta anos, consolar-se de prosseguir ainda nesta chave ativa, pensando na advertência de Martinez : que se, aos sessenta anos, não lograsse atingir sua meta, não deveria esmorecer. Deixou voltar seu pensamento para trás, para a escola de Bordeaux, onde se tinham escoado cinco anos de sua juventude e cujos trabalhos abandonou demasiadamente cedo. Ele confessará em uma de suas cartas ao barão de Liebsdorf (11/07/1776), “que o senhor Pasqually possuía a chave ativa que nosso caro Boehme expôs em suas teorias, porém não nos achava preparados para receber tão altas verdades”. Esta correspondência nos leva a crer que antes de sua morte, ocorrida em Aulnay em 1803, tinha reconsiderado as críticas aos trabalhos de seu mestre. Mas era tarde. O discípulo tinha morto o iniciador dentro de sua obra. O martinesismo tinha sobrevivido.

Depois da morte de Pasqually, em 1774, a Ordem, vítima da fragilidade de alguns, infelizmente também sucumbiu a ambição de outrotendo declinado rapidamente. Os comprometimentos de Willermoz apressaram sua ruína. A maior parte dos irmãos substituiu seus antigos compromissos. Assim também fizeram os do Oriente de La Rochelle, cuja patente constitutiva não foi ratificada além de 1776. Em 1778 as lojas de Paris desapareciam; os ricos arquivos que haviam excitado o ciúme de Cagliostro vendidos em leilão quando da morte do Marquês Savalette de Langes, adquiridos por dois devotados irmãos, e passados à Destigny, que os transmitiu, em 1868 a Villareal, aos quais bons cuidados devemos a sua boa conservação. Depois de algum tempo, os irmãos de Lyon fecharam seu trabalho e seu rito retificado, que não era nada menos que o Martinesismo, sobretudo após a sua segunda reestruturação, viram os diretórios de suas três províncias se apagarem sucessivamente: o diretório de Bourgogne foi dissolvido em 26/01/1810 por falta de membros; nos anos seguintes os demais se fundiram com o Grande Oriente, que até hoje lhes recusa o reconhecimento.

Estamos perfeitamente conscientes das particularidades da vida de Saint-Martin para mostrar que é sem razão que certos historiadores mal informados atribuíram ao Teósofo de Amboise a sucessão do Teurgo de Bordeaux, e que outros, totalmente mal documentados, o fazem o fundador de uma Ordem Martinista. Saint-Martin jamais fundou tal ordem, nem teve jamais esta pretensão, e o nome de Martinistas designa tão somente aqueles que adotaram um ponto de vista conforme o dele, tendendo-se a se afastar do dogmatismo ritualista das lojas e a o rejeitarem como inútil. Esta é a opinião de Jacques Matter, o célebre biógrafo de Saint-Martin.

Jacques Matter era o neto de Rodolphe de Salzman, que tinha em seu poder os principais documentos sobre o Martinesismo e o Martinismo, e ninguém estava mais bem posicionado do que ele para relatar os principais eventos que levaram a suas existências, por outro lado ele foi em relação a M. Chavin,

um dos últimos amigos de Fabre D'olivet, e o executor testamentário de Joseph Gilbert, ele mesmo o único herdeiro dos documentos do teósofo de Amboise.

Atualmente estão nas mãos de M. Matter, o filho do historiador, que possui quase a totalidade destes documentos, cujo “Tratado da reintegração dos seres”, é uma das mais interessantes e importantes, por conter a substância da tradicional doutrina, sem qualquer adição ou subtração, de Martinez de Pasqually, e que nos autorizaram tão graciosamente a publicar. Este tratado, que foi escrito em Bordeaux durante o ano de 1770, falta aos arquivos principais de Metz. Aqueles do V. :. de Libourne só continham as passagens principais. Estas, bastante mal escritas e com varias lacunas, estavam dispersas entre as diversas instruções de rituais, de tal sorte que foi muito difícil reconstituir a obra de Pasqually. Nunca será demais agradecer a nobre intercessão de M. Matter.

Mais para frente surgirão, a seu devido tempo, outras peças não menos importantes e que lançarão um nova luz sobre as coisas e homens daquela época.

UM CAVALEIRO ROSA-CRUZ

**TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES CRIADOS
NAS SUAS PRIMITIVAS PROPRIEDADES, VIRTUDES
E PODERES ESPIRITUAIS E DIVINOS**

Antes do tempo, emanou Deus seres espirituais, para sua própria glória, na sua imensidão divina. Esses seres deviam exercer um culto que a Divindade lhes fixara em leis, preceitos e mandamentos

eternos. Eles eram livres e distintos do Criador; e não se pode recusar-lhes a faculdade, a propriedade, a virtude espiritual e pessoal que lhes eram necessárias para operar com precisão nos limites em que deviam exercer o seu domínio. Era precisamente nesses limites que estes primeiros seres espirituais deviam prestar ao Criador o culto para o qual haviam sido emanados. Estes primeiros seres não podem negar ou ignorar as convenções que o Criador produziu com eles ao dar-lhes leis, preceitos, mandamentos, pois era tão somente nessas convenções que assentava a sua emanação.

Pergunta-se o que eram estes primeiros seres antes da sua emanação divina, se existiam ou não existiam? Existiam no seio da Divindade, mas sem distinção de ação, de pensamento e de entendimento particular, não podiam agir nem sentir senão pela vontade do seu superior que os continha e no qual tudo se animava; ao que, na verdade, não se pode chamar existir; no entanto esta existência em Deus é de uma necessidade absoluta; é ela que constitui a imensidão da potência Divina. Deus não seria o pai e o senhor de todas as coisas se não tivesse inata em si uma fonte inesgotável de seres que emana da sua pura vontade e quando lhe apraz. É essa multidão infinita de emanações de seres espirituais de si mesmo que leva o nome de Criador, e as suas obras o de criação divina, espiritual e animal, espiritual temporal.

Os primeiros espíritos emanados do seio da Divindade eram distintos entre si pelas suas virtudes, seus poderes e seus nomes. Eles ocupavam a imensa circunferência divina vulgarmente chamada *Dominação*, e que leva o seu número denário segundo a seguinte figura: Φ , e aí é que todo espírito superior 10, maior 8, inferior e menor 4, devia agir e operar para a maior glória do Criador. A sua demonstração ou o seu número prova que a sua emanação provém realmente da quádrupla essência divina. Os nomes dessas quatro classes de espíritos eram mais fortes que os dados vulgarmente aos *Querubins*, *Serafins*, *Arcanjos* e *Anjos*, ainda não emancipados. Esses quatro primeiros princípios de seres espirituais continham, além disso, em si, como dissemos, uma parte da dominação divina: uma potência superior, maior, inferior e menor, mediante a qual conheciam tudo o que podia existir, ou se conter nos seres espirituais ainda não emanados do seio da Divindade.

Como poderiam eles ter conhecimento das coisas que não existiam ainda distintas e fora do seio do Criador? É que estes primeiros chefes emanados no primeiro círculo, misteriosamente chamado *círculo denário*, liam claramente e com exatidão o que se passava na Divindade, assim como tudo o que nela se continha. Não pode haver a menor dúvida sobre o que aqui afirmo, estando perfeitamente convicto de que só o espírito é capaz de *ler*, de *ver* e de *conceber* o espírito. Estes primeiros chefes tinham um conhecimento perfeito de toda a ação divina, pois haviam sido emanados do seio do Criador tão só para testemunhar em todas as operações divinas a manifestações da sua glória.

Terão estes chefes espirituais divinos conservado o seu primeiro estado de virtude e potência divina após terem prevaricado? Sim, eles conservaram-no pela imutabilidade dos decretos do Eterno, pois se o Criador tivesse retirado todas as virtudes e potências que conferira reversíveis aos primeiros espíritos, não mais teria havido ação de vida boa ou má, nem mais alguma manifestação de glória, de justiça e de potência divina sobre estes espíritos prevaricadores. Aos que me disserem que o Criador devia ter previsto a prevaricação desses primeiros espíritos emanados, contra as suas leis, preceitos e mandamentos, e que, portanto a ele incumbia contê-los nos limites da justiça, responderei que embora o Criador tivesse previsto a orgulhosa ambição desses espíritos, não podia, de modo algum, conter e deter-lhes os pensamentos criminosos sem privá-los assim da ação particular neles inata, tendo sido emanados para agir de livre vontade, como causa segunda espiritual de acordo com o plano traçado pelo Criador. O Criador não tem qualquer lugar entre as causas segundas espirituais boas e más, tendo ele próprio fundado todo o ser espiritual com base em leis imutáveis; deste modo, todo o ser espiritual é livre de agir segundo a sua vontade e a sua determinação particular, tal como o próprio Criador o disse á criatura; e todos os dias os nossos próprios olhos no-lo confirmam.

Se me perguntarem qual o gênero de prevaricação destes espíritos, que levou o Criador a usar da força da lei divina contra eles, responderei que estes espíritos eram emanados apenas para agir como causas segundas, e de modo algum para exercerem a sua potência sobre as causas primeiras ou sobre a ação da própria Divindade; como agentes secundários que eram apenas, deviam zelar pela sua *potência, virtude e operações secundárias*, e nunca procurar antecipar-se ao pensamento do Criador em todas as suas operações divinas, tanto passadas como presentes e futuras. O seu crime foi:

1º: terem querido condenar a eternidade divina nas suas operações de criação;

2º: terem querido confinar a Suma potência Divina nessas mesmas operações;

3º: terem conduzido o seu pensamento espiritual até pretenderem ser Criadores das causas terceiras e quartas, que sabiam serem inatas na Suma-Potência do Criador, a que nós chamamos *quádrupla essência divina*.

Como podiam eles condenar a Eternidade Divina?

Era pretendendo atribuir ao Eterno uma emanção igual á deles, tomando o Criador por um ser semelhante a eles; e que em conseqüência deviam deles nascer criaturas espirituais que deles dependeriam imediatamente, assim como eles dependiam daquele que os haviam emanado. Eis aquilo a que chamamos o princípio do mal espiritual, convictos como estamos de que toda a má vontade concebida pelo espírito é sempre criminosa perante o Criador, mesmo quando o espírito não a realize como ação efetiva. foi para punição desta simples vontade criminosa que os espíritos, unicamente pela potência do Criador, foram precipitados em lugares de sujeição, de privação e de miséria impura e contrária ao seu ser espiritual, que era puro e simples, o que a seguir explicaremos.

Tendo estes primeiros espíritos concebido o seu pensamento criminoso, o Criador deu força de lei á sua imutabilidade criando o universo físico, em aparência de forma material, para ser o lugar fixo onde estes espíritos perversos deveriam agir e exercer em privação toda a sua malícia. Não se deve *compreender* nesta criação material o homem ou o menor que se acha hoje no centro da superfície terrestre, visto que o homem não devia usar de nenhuma forma dessa matéria aparente, não tendo sido emanado e emancipado antes de si. O *homem* só foi emanado depois que este universo foi formado pela Suma-Potência Divina para ser o asilo dos primeiros espíritos perversos e o reduto das suas más obras, que não poderão nunca prevalecer sobre as leis de ordem que o Criador conferiu á sua criação universal. Ele possuía as mesmas virtudes e potências que os primeiros espíritos, e embora fosse emanado depois deles tornou-se-lhes superior e primogênito pelo seu estado de glória e por força do mandamento recebido do Criador. Ele conhecia perfeitamente a necessidade da criação universal; ele conhecia ainda a utilidade e a santidade da sua própria emanção espiritual, assim como a forma gloriosa de que se achava revestido, para agir em todas as suas vontades sobre as formas corporais ativas e passivas. Era nesse estado que ele devia manifestar toda a sua potência para a maior glória do Criador face à criação universal, geral e particular.

Distinguimos aqui o universo em três partes, para ajudar a concebê-lo aos nossos êmulos com todas as suas faculdades de ações espirituais:

1º: o *universo*, que é uma circunferência onde se contêm o geral e o particular;

2º: a *terra*, ou a parte geral da qual emanam todos os alimentos necessários a substanciar o particular;

3º o *particular*, composto de todas os habitantes dos corpos celestes e terrestres. Eis a divisão que faremos da criação universal, para que os nossos êmulos possam conhecer e operar com distinção e conhecimento de causa em cada uma destas três partes.

Adão, no seu primeiro estado de glória, era o verdadeiro êmulo do Criador. Sendo um puro espírito, lia como num livro aberto, os pensamentos e as operações divinas. O Criador fê-lo conceber os três princípios que compunham o universo; e, para o efeito, disse-lhe: “impõe-te a todos os animais ativos e passivos e eles obedecerão”. Adão executou o que Lhe dissera o Criador; viu assim quão grande era o seu poder, e aprendeu a conhecer com exatidão uma parte do todo que constitui o universo. A esta parte nós chamamos o *particular*, composto de todos os seres ativos e passivos habitando desde a superfície terrestre e o seu centro até o centro celeste chamado misteriosamente *céu de Saturno*.

Depois desta operação, disse o Criador à sua criatura: “Impõe-te ao *geral* ou a terra; ela te obedecerá”. Assim fez Adão. E viu que grande era o seu poder e conheceu com exatidão o segundo todo de que se compõe o universo. Após estas duas operações, o Criador disse à sua criatura: “Impõe-te a todo o universo criado, e todos os seus habitantes te obedecerão”. Adão executou ainda a palavra do Eterno; e foi mediante esta terceira operação que ele aprendeu a conhecer a criação universal.

Adão, tendo assim operado e manifestado a sua vontade conforme o Criador, dele recebeu o nome augusto de *Homem-Deus* da terra universal, pois de si devia extrair uma posteridade de Deus e não uma posteridade carnal. Deve notar-se que na primeira operação Adão recebeu a lei; na segunda, recebeu o preceito, e na terceira, o mandamento. Por estas três ordens de operação vemos claramente quais os limites da potência, virtude e força dada pelo Criador à criatura, assim como os que impusera aos primeiros espíritos perversos.

O Criador tendo satisfeito a sua criatura com a virtude, força e potência nela inatas, e mediante as quais podia agir à sua vontade, abandonou-a ao seu livre arbítrio, tendo-a emancipado de uma maneira distinta da sua imensidão divina com essa liberdade, a fim de que a sua criatura tivesse o usufruto particular e pessoal, presente e futuro, por uma eternidade ativa, na condição de se conformar à vontade do Criador.

Adão entregue ao seu livre arbítrio, refletiu sobre a grande potência manifestada pelas suas três primeiras operações. Considerou o seu trabalho quase tão grande como o do Criador. Mas, não podendo por si próprio aprofundar perfeitamente essas três primeiras operações nem as do Criador, começaram a perturbá-lo as reflexões sobre a suma potência divina, na qual não podia ler sem o consentimento do Criador, conforme o ensinamento das ordens dadas pelo próprio Criador de exercer o seu poder sobre todo o seu domínio, antes de deixá-lo entregue à liberdade das suas vontades. As reflexões de Adão, assim como o pensamento dos primeiros espíritos perversos, a que chamamos maus demônios, pois que, mal conceberam esse pensamento, Lhe surgiu um dos principais espíritos perversos sob a forma aparente de corpo glorioso, e tendo-se aproximado de Adão, disse-lhe: “Que mais desejas conhecer do todo-poderoso Criador? Não fez ele de ti o seu igual, com a virtude e suma potência que te infundiu? Age segundo a vontade que te é inata, e opera na qualidade de ser livre, seja sobre a Divindade ou sobre toda criação universal submetida ao teu governo. Compreenderás desde logo que a tua suma potência em nada difere da do Criador. Ficarás, a saber, que não só és criador da potência particular, mas ainda criador da potência universal como te foi dito que de ti devia nascer uma posteridade de Deus. É pelo Criador que sei de todas estas coisas e é por ele e em seu nome que te falo”.

Ante a fala do espírito demoníaco, Adão ficou como que em inação, e sentiu nascer em si uma emoção violenta que o mergulhou no êxtase. Foi nesse estado que o espírito maligno Lhe insinuou a sua potência demoníaca; e Adão, de volta do seu êxtase espiritual animal, embora tendo guardado uma má impressão do demônio, resolveu operar a ciência demoníaca de preferência à ciência divina que o Criador Lhe dera para sujeitar todos os seres inferiores a ele. Rejeitou inteiramente o seu próprio pensamento espiritual divino, para apenas usar daquele que o espírito maligno Lhe sugerira.

Adão operou, pois o pensamento demoníaco fazendo uma quarta operação na qual utilizou todas as palavras poderosas que o Criador lhe transmitira para as suas três primeiras operações, embora tenha rejeitado inteiramente o cerimonial destas mesmas operações. Utilizou de preferência o cerimonial que o demônio lhe ensinara, assim como o plano que deste obtivera para atacar a imutabilidade do Criador.

Adão repetiu o que os primeiros espíritos perversos tinham concebido operar para se tornarem criadores em prejuízo das leis que o Eterno lhes havia prescrito para lhes servirem de limite nas suas operações espirituais divinas. Esses primeiros espíritos nada deviam conceber ou entender em matéria de criação, pois não eram mais que criaturas de potência. E Adão também como eles não devia aspirar à ambição da criação de seres espirituais que lhe foi sugerida pelo demônio.

Vimos que, mal esses demônios ou espíritos perversos conceberam operar a sua vontade de emanção semelhante à que havia operado o Criador, foram precipitados pela vontade imutável do Criador. Esta queda e este castigo provam-nos que o Criador não pode ignorar o pensamento e a vontade da sua criatura; esse pensamento e essa vontade, quer bons ou maus, vão fazer-se entender diretamente pelo Criador, que ora os recebe ou rejeita. Seria pois errado dizer que o mal vem do Criador, a pretexto de tudo ser sua emanção. Do Criador saíram todos os seres espirituais, bons, sãos e perfeitos; nenhum mal é ou poderá ser dele emanado. Mas, pergunta-se então, de onde é emanado o mal? Direi que o mal é engendrado pelo espírito e não criado; a criação pertence ao Criador, e não à criatura; os maus pensamentos são engendrados pelo mau espírito, assim como os bons pensamentos são engendrados pelo bom espírito; cabe ao homem rejeitar uns e aceitar outros, segundo o livre arbítrio que lhe dá direito a pretender retribuição pelas suas obras, mas que pode também fazê-lo permanecer por tempo infinito na privação do seu direito espiritual.

Falarei em outro, ponto mais amplamente desta misericórdia divina. Voltarei ainda ao engendramento do mal ocasionado pela má vontade do espírito, e direi que o mau pensamento se chama espiritualmente mau intelecto, assim como ao engendramento do bom pensamento, se chama bom intelecto. É por estas espécies de intelectos que os espíritos bons e maus se comunicam com o homem e lhe fazem reter uma impressão qualquer, conforme ele usa do seu livre arbítrio para rejeitar ou aceitar o mal ou o bem, à sua vontade.

Chamamos intelecto a essa insinuação boa ou má dos espíritos, porque eles atuam sobre seres espirituais. Os espíritos perversos estão sujeitos aos menores, tendo degenerado da sua potência superior pela sua prevaricação. Os bons espíritos estão igualmente sujeitos ao homem pela potência quaternária que ele recebeu na sua emanção. Esta potência universal do homem é anunciada pela palavra do Criador, que lhe diz: “Criei tudo para ti; ordena e serás obedecido”. Não há distinção a fazer quanto à sujeição dos bons e dos maus espíritos pelo menor. Se o homem se tivesse mantido no seu estado glorioso, teria servido de bom e de verdadeiro intelecto aos maus demônios, tal como eles manifestaram o seu mau intelecto ao primeiro menor e o manifestam todos os dias entre nós. Pela força do mando, o homem podia confiná-los mais ainda na sua privação, recusando o contato; isto é figurado pelos cinco dedos da mão, todos diferentes: o médio figura a alma; o polegar, o espírito bom; o indicador, o intelecto bom; os dois outros dedos figuram igualmente o espírito e o intelecto demoníacos. Compreende-se facilmente por esta figura que o homem só foi emanado para se opor ao mau demônio, para o conter e combater. A potência do homem era bem superior à do demônio, pois à ciência do homem acrescentava-se a do seu companheiro e do seu intelecto, e assim podia opor três potências espirituais boas contra duas potências demoníacas fracas; assim teria totalmente subjugado os professores do mal e, em consequência, destruído o próprio mal.

Pode-se verificar, pelo que acabo de dizer, que a origem do mal resultou unicamente do mau pensamento seguido da má vontade do espírito contra as leis divinas; e não é que o próprio espírito emanando do Criador seja diretamente o mal, que a possibilidade do mal jamais existiu no Criador.

Ele surge unicamente da disposição e vontade das suas criaturas. Os que falam de outro modo não falam com conhecimento de causa das coisas possíveis à Divindade. Quando o Criador castiga a sua criatura dá-se-lhe o nome de justo, e não o de autor do flagelo que lança para preservar a sua criatura do castigo infinito.

Entrarei agora na explicação da prevaricação do primeiro homem. Esta prevaricação é uma repetição da dos espíritos perversos primeiros emanados; embora parta da própria vontade de Adão, não provém imediatamente do seu pensamento, tendo este sido sugerido pelos espíritos prevaricadores. Mas a prevaricação do primeiro homem é mais notável que a dos primeiros espíritos, pois que Adão não só guardou a influência do conselho dos demônios a favor dos quais contraiu uma vontade perniciosa, como ainda foi levado a usar de toda a sua virtude e potência divina contra o Criador, operando conforme os demônios e à sua própria vontade um ato de criação, coisa que os espíritos perversos não tinham tido tempo de fazer, pois o seu pensar e vontade maus foram suspensos pelo Criador, que logo interrompeu e evitou o ato da operação dessa vontade. Perguntar-me-ão: porque não agiu o Criador contra a má vontade e a operação iníqua do primeiro homem, tal como fizera já contra os espíritos perversos? A isto responderei que o homem, sendo o instrumento proposto pelo Criador para a punição dos primeiros espíritos, recebeu leis de ordem em consequência. O Criador deixou subsistir essas leis de ordem que dera ao homem, assim como as que eram inatas ao espírito mau, a fim que ambos seres operassem conforme os seus pensamentos e vontade particulares. Sendo o Criador um ser imutável nos seus decretos e dons espirituais, assim como no que promete e no que recusa, e ainda nas penas e recompensas que atribui a sua criatura segundo o mérito, não podia, sem faltar à sua imutabilidade, suprimir a força e a ação das leis de ordem recebidas pelo espírito mau e pelo espírito menor, ou seja, o homem. Ele deixou agir livremente os dois seres emanados, não cabendo em si ler nas causas segundas temporais, nem lhes impedir a ação, sem faltar à sua própria existência de ser necessário e potência divina.

Se o Criador participasse das causas segundas, ser-lhe-ia absolutamente necessário comunicar ele próprio não só o pensamento como a vontade, boa ou má, à sua criatura, ou que a fizesse comunicar através dos seus agentes espirituais emanados imediatamente de si, o que iria dar no mesmo.

Se o Criador agisse desse modo, seria razoável dizer que o bem e o mal vêm de Deus, assim como o puro e o impuro. Não mais poderíamos então nos considerar como seres livres e sujeitos a um culto divino de nossa própria vontade. Rendamos toda a justiça que é devida ao Criador, tornando-nos cientes que nele não existiu nunca nem pode existir a mínima parcela de mal e que só da vontade do espírito, revestido de uma inteira liberdade, poderá sair o mal.

O que prova demonstrativamente a verdade do que digo é que, se tivesse sido possível ao Criador suprimir a ação das causas segundas espirituais temporais, Ele não teria permitido que o seu menor sucumbisse à insinuação dos demônios, tendo-o emanado expressamente para ser o instrumento particular da manifestação da sua glória contra esses mesmos demônios. Farei ainda uma pequena comparação a este respeito, embora supérflua: assim, se enviásseis um vosso sucedâneo para combaterdes os vossos inimigos, e que estivesse nas vossas mãos faze-lo triunfar, poderíeis deixá-lo sucumbir sem sucumbirdes vós mesmos? Se, pelo contrário, o vosso deputado combate na plena observância das leis de ordem que lhe destes, e ele volta triunfante, recompensá-lo-eis com todo o vosso poder como um amigo fiel às vossas ordens. Mas se, tendo-se afastado das vossas leis, ele sucumbe, puni-lo-eis porque ele dispunha da força. No entanto, vencido esse deputado, sê-lo-eis igualmente? Não. Logo, só ele é condenável e sobre ele, falso e perjuro, deve incidir toda a vossa indignação; assim o cobrireis de opróbrio. E, tendo recebido ordens de combater os vossos inimigos, o vosso deputado, em vez de atacá-los e esmaga-los, se lhes juntasse, e viessem em conjunto dar-vos batalha, procurando por esse meio tornar-vos sujeito a eles em vez de eles a vós, em que conta o teríeis? Tê-lo-íeis na conta de traidor, e usariéis da máxima reserva em relação a ele. Ora, eis positivamente qual é a prevaricação do primeiro homem contra o Criador. É por isso que o anjo do

Senhor diz, conforme rezam as Escrituras: “*Expulsemos daqui o homem que teve conhecimento do bem e do mal, que ele poderia alterar-nos nas nossas funções espirituais, e evitemos que ele toque na árvore da vida, e que por este meio viva para todo o sempre*”. (A árvore da vida representa o espírito do Criador que o menor atacou injustamente com os seus aliados. *Que viva para todo o sempre significa: que viva eternamente como os primeiros espíritos demoníacos numa virtude e numa potência malditas*).

Sem esta punição, o primeiro homem não teria feito penitência pelo seu crime; nunca teria obtido a sua reconciliação; não teria tido a sua posteridade, e teria permanecido o menor dos menores demoníacos a que se tornara sujeito. Mas, mediante a sua reconciliação espiritual, foi pelo Criador agraciado com as mesmas virtudes e potências que possuía anteriormente contra os infieis à lei divina. Foi através desta reconciliação que ele obteve pela segunda vez poderes favoráveis ou adversos a todos os seres criadores. Terá de usá-los com agudeza e moderação, e não mais se servir do seu livre arbítrio a favor dos inimigos do Criador, se não quiser ser para sempre *a árvore da vida do mal*.

Voltemos à prevaricação de Adão. Se conhecêsseis o gênero de prevaricação de Adão e o fruto que dela recebeu não mais consideraríeis injusta a pena que o Criador nos destinou à nascença e tornou revertível sobre a nossa posteridade até ao fim dos séculos. Adão foi de todas as criaturas a última emanada; ele foi colocado no centro da criação universal, geral e particular; revestia-se de uma potência superior à de todos os seres emanados, relativamente ao uso a que o Criador o destinava: os próprios anjos estavam submetidos à sua grande virtude e aos seus poderes. Foi refletindo sobre um estado tão glorioso que Adão concebeu e operou a sua má vontade no centro do seu primeiro leito glorioso chamado vulgarmente: *paraíso terrestre*, e que nós chamamos misteriosamente: *terra erguida acima de todos os sentidos*. Este lugar é assim chamado pelos amigos da sabedoria, porque foi nesse sítio conhecido pelo nome de Mor-ia, que depois se construiu o Templo de Salomão. A construção desse templo figurava realmente a emanação do primeiro homem. Para nos convenceremos, basta observar que o templo de Salomão foi construído sem recurso a ferramentas metálicas; assim se mostrava a todos os homens que o Criador formara o primeiro homem sem recorrer a nenhuma operação física material.

Este leito espiritual, no qual o Criador colocou o seu primeiro menor, foi figurado por 6 e uma circunferência. Com os seis círculos, o Criador representava no primeiro homem os seus imensos pensamentos que empregara para a criação do seu templo universal e particular. O sétimo, junto aos seis restantes, anunciava ao homem a junção que com ele fazia o espírito do Criador para ser a sua força e o seu sustento. Mas apesar de precauções poderosas de que usou o Criador para prevenir e sustentar o homem contra os seus inimigos, este homem não deixou de agir conforme a sua própria vontade, pela qual se determinou a operar uma obra impura.

Adão tinha em si um ato de criação de posteridade de forma espiritual, isto é, de forma gloriosa, semelhante àquela que possuía antes da sua prevaricação: forma impassível e de uma natureza superior à de todas as formas elementares. Adão teria toda a glória destas espécies de criações: se a vontade do primeiro homem tivesse sido a do Criador, mal o pensamento do homem tivesse operado, o pensamento espiritual divino teria igualmente agido, preenchendo imediatamente o fruto da operação do menor com um ser tão perfeito quanto ele. Deus e o homem teriam feito ambos uma só operação; e era nessa grande obra que Adão teria-se visto ressurgir com grande alegria, pois teria sido realmente o Criador de uma posteridade de Deus. Mas, longe de cumprir os planos do Criador, o primeiro homem deixou-se seduzir pelas insinuações dos seus inimigos e pelo falso plano de operação aparente divina que estes lhe traçaram. Estes espíritos demoníacos disseram-lhe: “Adão, tens inato em ti o verbo os valores, pesos, números e medidas. Porque não operas a potência de criação inata em ti? Nós não ignoramos que todo o ser criado te seja submisso: opera, pois criatura se és criador. Opera perante aqueles que te são exteriores: todos eles farão justiça à gloria que te é devida”.

Adão, cheio de orgulho, traçou seis circunferências à semelhança das do Criador, isto é, operou os seis atos de pensamentos espirituais que tinha em seu poder para cooperar na vontade da criação. Executou fisicamente e na presença do espírito sedutor a sua criminosa operação. Esperara ter o mesmo sucesso que o Criador eterno, mas ficou extremamente surpreso, e também o demônio, ao retirar da sua operação, em vez de uma forma gloriosa, uma forma tenebrosa e totalmente oposta à sua. Não criou, com efeito, senão uma forma de matéria, em lugar de criar uma pura e gloriosa tal como estava no seu poder. Que aconteceu com Adão após a sua operação? Adão refletiu sobre o fruto iníquo que dela resultara, e viu que operara a criação da sua própria prisão, que o confinava mais estreitamente, a ele e à sua posteridade, nas margens das trevas e na privação espiritual divina até ao fim dos séculos. Esta privação não era senão a mudança de forma gloriosa em forma material e passiva. A forma corporal que Adão criou não era realmente a sua, mas uma semelhante àquela que devia tomar após a sua prevaricação. Perguntareis decerto se a forma corporal gloriosa na qual Adão foi colocado pelo Criador era semelhante aquela que nos reveste presentemente. A minha resposta é que ela não diferia em nada daquela que tem os homens de hoje. O que as distingue, é que a primeira era pura e inalterável, enquanto que esta nossa presente é passível e sujeita à corrupção. A ira do Criador contra o homem foi por este se ter manchado com uma criação tão impura. Mas, direis então, para que serviu a Adão esta forma de matéria que ele criou? Ela serviu-lhe para de si fazer nascer uma posteridade de homens, pois que o primeiro menor Adão pela sua criação de forma passiva material degradou a sua própria forma ativa, da qual deviam emanar formas gloriosas como a sua, para servir de morada aos menores espirituais que o Criador aí teria introduzido. Esta posteridade de Deus teria sido sem fronteiras e sem fim; a operação espiritual do primeiro menor teria sido a do Criador; estas duas vontades de criação fariam apenas uma, em duas substâncias. Mas porque deixou o Criador subsistir o fruto proveniente da prevaricação de Adão, porque não o destruiu quando amaldiçoou o primeiro homem e toda a terra? O Criador deixou subsistir a obra impura do menor como uma moléstia que de geração em geração, por um tempo imemorial, lhe enchesse os olhos do horror do seu crime. O Criador não permitiu que o crime do primeiro homem se extinguisse sob os céus, a fim de que a sua posteridade não pudesse pretender causa de ignorância da sua prevaricação, e que deste modo soubesse que os males e as misérias que sofre e sofrerá até ao fim dos séculos não vêm do Criador, mas do nosso primeiro pai, criador de matéria impura e passiva. (Se me sirvo aqui desta expressão matéria impura é só porque Adão operou esta forma contra a vontade do Criador).

Se me perguntásseis ainda como se fez a mudança da forma gloriosa de Adão numa forma de matéria, e se o Criador foi quem deu a Adão a forma de matéria que ele tomou logo após a prevaricação, responderei que mal ele cumpriu a sua vontade criminosa logo o Criador, todo poderoso, transmutou a forma gloriosa do primeiro homem numa forma de matéria passiva e semelhante àquela proveniente da sua operação criminosa. O Criador transmutou essa forma gloriosa precipitando o homem nos abismos da terra donde este extraía o fruto da sua prevaricação. O homem veio então habitar na terra como os restantes animais; antes, do seu crime ele reinava sobre essa mesma terra como Homem-Deus, sem se confundir com ela ou com seus habitantes.

Foi depois deste sucesso terrível que Adão reconheceu ainda mais fortemente o tamanho do seu crime. Pôs-se logo a gemer pela sua falta e pediu perdão da sua ofensa ao Criador. Confinou-se no seu exílio, e aí, entre lágrimas e gemidos, invocou o Criador divino:

“Pai de caridade, de misericórdia; Pai vivificante e de vida eterna; Pai Deus dos Deuses, dos céus e da terra; Deus forte e muito forte; Deus de justiça, de castigo e de recompensa; Eterno Todo-poderoso; Deus vingador e remunerador; Deus de paz e de clemência, de compaixão caridosa; Deus dos bons e maus espíritos; Deus forte do sabbat; Deus de reconciliação de todos os seres criados; Deus eterno e todo poderoso, das regiões celestes e terrestres; Deus invencível existindo necessariamente sem princípio nem fim; Deus de paz e de satisfação; Deus de toda dominação e potência, de todos os seres criados; Deus que castiga e recompensa a seu gosto; Deus quadruplicamente forte das revoluções e dos exércitos celestes e terrestres deste universo; Deus magnífico de toda contemplação; dos seres criados

e das recompensas inalteráveis; Deus pai de misericórdia sem limites pela sua fraca criatura, ergue aquele que geme perante ti pela abominação do seu crime. Ele é só a causa segunda da sua prevaricação. Reconcilia o teu homem em ti e submete-o para todo o sempre. Abençoa também a obra feita pela mão do teu primeiro homem, a fim de nem ele nem eu sucumbirmos às solicitações de aqueles que são a causa da minha justa punição e da punição da obra da minha própria vontade. Amém!“.

Farei notar, a propósito desta invocação que Adão fez ao Criador para dele obter a reconciliação, que foi na verdade Adão o primeiro a dar um conhecimento exato à sua posteridade das diferentes virtudes, potências e propriedades que estavam inatas no Criador, para que essa mesma posteridade aprendesse como fora criada para combater pela maior glória de Deus, e que ela lhe prestasse o culto para o qual foi perpetuada na sua criação. Esse culto, que o Criador exige hoje da sua criatura temporal, não é o mesmo que teria exigido do seu primeiro menor, se este tivesse permanecido no seu estado de glória. O custo que o homem deveria ter prestado no seu estado de glória, tendo um só fim, teria sido unicamente espiritual, ao passo que aquele que o Criador exige hoje da sua criatura temporal tem dois fins: um temporal, o outro espiritual. Eis o que produziu a prevaricação do nosso primeiro pai.

Depois de tudo o que dissemos sobre o gênero de prevaricação de Adão, esta verdade não pode escapar um instante à visão física animal, espiritual, passiva e eterna do homem, sem chocar frontalmente com os sentimentos poderosos e todas as virtudes imensas e infinitas que são aderentes e inatas nele. Vimos que o seu crime teve um princípio nas solicitações que os espíritos perversos fizeram ao primeiro homem, Deus emanado, a que chamamos *Adão* ou *primeiro pai temporal*, ou *homem ruivo* ou *régio*, que significa *Homem-Deus muito forte em sabedoria, virtude e potência*, três coisas santíssimas e inatas certamente no homem, e que são nele o pensamento, a imagem e a semelhança do Criador. Já vimos que o pensamento do crime não viera dele, mas unicamente da sua vontade direta na sua qualidade de homem livre. Com efeito, como já disse anteriormente, o pensamento provém de um ser distinto dele; se o pensamento é *são*, provém de um espírito divino; se for *mau*, provém de um demônio. Assim todas as vontades do homem só são postas em operação e em ação de acordo com a concepção do seu pensamento.

Isto não se limita a este mundo, nem aos homens em geral, inclui também todos os restantes mundos e todos os seres espirituais que os habitam; sejam aqueles que servem ao Eterno para se comunicar à sua criatura menor, assim como para a manifestação da sua própria glória em toda a criação deste universo; seja ainda outro qualquer por nós ignorado. Os próprios demônios, apesar da condenação que receberam do Criador no instante da sua prevaricação, em nada mudaram de leis a este respeito; gozam plena e inteiramente das suas ações segundo a sua vontade pensante, mas não podem esperar outra comunicação de pensamento divino senão àquela de que se tornariam susceptíveis se modificassem a sua má vontade. Existe, de fato nesta corte demoníaca lei e ordem, horror e abominação, sem comparação com o que é na corte espiritual Divina. O principal chefe dos demônios, que jurou atacar sem descanso e obstinadamente a lei do Criador, é a árvore de vida do mal por toda a eternidade; ele comunica o seu mau pensamento aos anjos que lhe estão sujeitos, e estes, conformando-se à sua má vontade, põem esse pensamento em ação e em operação perseguindo o menor. A tarefa deste chefe de abominação consiste inteiramente na submissão dos menores às suas leis obscuras e em fazer com que estas lhes pareçam tão precisas e claras como as que o Criador infundiu à sua criatura.

Não devemos esquecer que todo o pensamento divino que nos vem pela comunicação invisível de um bom espírito ou de um bom intelecto não deve ser considerado como pensamento. É a esta comunicação de pensamento que nós chamamos intelecto, e é segundo esta comunicação que o homem opera à sua vontade. Podemos afirmar a mesma coisa da comunicação do mau pensamento ou do mau intelecto nos menores.

Foi ao tornar-se suscetível da comunicação destas espécies de intellectos bons ou maus que o primeiro homem degenerou da sua faculdade de ser pensante. Quando Adão se encontrava no seu primeiro estado de glória não necessitava da comunicação dos bons nem dos maus intellectos para conhecer o pensamento do Criador e o do príncipe dos demônios. Sendo inteiramente pensante, tanto lia num como no outro. Mas quando foi abandonado às suas próprias virtudes, potências e vontade livre, tornou-se, por orgulho, suscetível de comunicação boa ou má, e tornou-se assim o que nós chamamos de pensativo. O próprio Cristo nos provou a enfermidade do menor a este respeito, pois que sem intermediários o tentou o príncipe dos demônios, sob uma forma humana aparente, e operou visivelmente contra ele no monte Thabor a sua vontade demoníaca. Assim, é somente a partir da insinuação do mau intellecto que o menor concebe a sua má vontade, e por este meio é que foi concebida e operada a prevaricação do primeiro homem.

Transmiti-vos o gênero desta prevaricação com a mesma certidão com que me foi ensinado por um dos meus fiéis amigos, tão caro à Verdade e protegido pela Sabedoria. Vistes que este primeiro homem, Deus de toda a Terra, fez realmente uma operação terrível criando uma forma de matéria à sua imagem e semelhança de forma corporal gloriosa. Dei a entender que essa forma que Adão criou não tinha nada de uma forma gloriosa; que não podia ser senão uma forma de matéria aparente e mesmo muito imperfeita, pois era o fruto da operação de uma vontade má. O Criador não podia, com efeito, deixar de punir esta operação, tendo Adão injustamente abusado da sua potência. No entanto, tendo o Eterno jurado a Adão que agiria com ele em todas as operações que este fizesse no seu nome, não pode evitar cumprir a promessa imutável que lhe fizera de secundá-lo em todas as circunstancias necessárias. Foi dessa promessa que partiu Adão para manifestar a potência que lhe dera inata em relação a todo o ser espiritual. Fez ver ao Criador essa promessa imutável que ele lhe fizera de vir coroar as suas obras. Ordenou-lhe, em nome da imutabilidade divina, que cumprisse a palavra verbal que pronunciara pela sua própria e pura vontade do Criador em favor da sua criação de forma material. Deus, dominado por Adão pela força do seu juramento e da sua imutabilidade, acrescentou, segundo a sua promessa, a sua operação espiritual à operação temporal de Adão, embora contra a sua vontade. O Criador agiu conforme o desejo deste, e aceitou coroar a obra encerrando na forma da matéria criada por Adão um ser menor que o pobre Adão, sujeitou a uma horrível prisão de trevas, e tornou por este meio suscetível de ser pensativo e pensante, precipitando-o numa privação eterna ou limitada.

A palavra *pensativo* vem de uma junção intelectual má ao ser menor, que, pela sua natureza de ser espiritual divino, fora emanado *ser pensante*, inteiramente na imensidão do Criador. Esta junção intelectual fez degenerar o menor deste primeiro estado e sujeitou-o a ser pensativo, pelas noções intelectuais que recebe da parte do mau espírito; isto faz que o menor só por vezes seja pensante, por junção completa com o espírito bom. Não surpreende, pois que Adão, após a sua prevaricação, se tenha tornado ser pensativo pensante; nem que toda a sua posteridade se tenha tornado tal na seqüência dessa mesma prevaricação. Este último fato prova-nos visivelmente os diferentes modos de pensar, de agir e de operar que nós observamos entre a posteridade do nosso primeiro pai temporal. Nós vemos, entre essa posteridade, diferentes nações, diferentes línguas, diferentes cultos divinos ou materiais, e uma variedade infinita de revoluções, tanto em geral como em particular. Ademais, vemos os homens terem entre si, em todos os tempos, uma ávida e íntima comunicação, a fim de se instruírem uns aos outros do pensamento que conceberam, tendendo ora ao espiritual, ora ao material. Isto denuncia em quão pouca conta se tem esta posteridade, que desconfia da inspiração boa ou má que lhe vem do bom ou mau espírito nos lugares de trevas que habita. É devido à sua entrada neste estado contrário à sua natureza espiritual que chamamos à posteridade de Adão *pensativa e pensante*, pela comunicação do seu ser intelectual bom e mau, pelo qual o homem se tornou suscetível de ser envolvido.

Mas hemos que notar aqui a existência de menores que receberam o nascimento e a vida temporal unicamente pela vontade e operação Divina. Esses menores destinavam-se à manifestação da glória

do Eterno, e, embora a sua forma tenha sido emanada da posteridade de Adão, o menor que habitava essa forma era realmente um puro ser pensante sem nunca ser pensativo. E porquê assim? Porque o Eterno lhe manifestava a sua própria vontade pela visão de um de seus deputados, que lhe anunciava, sem nenhum mistério, o que devia fazer para operar exatamente a vontade divina. Uma coisa é a inspiração intelectual, outra o ato de operação visual do espírito; o que procura fazer compreender falando de menores que foram emanados antes de Adão pela simples vontade do Criador, e para manifestar a sua glória.

Nos primeiros tempos da posteridade do primeiro homem, *Heli*, a quem chamamos *Cristo* e que reconhecemos sem dúvida como ser pensante reconciliou Adão com a criação. *Enoch* reconciliou a primeira posteridade de Adão sob a posteridade de Seth. *Noé* reconciliou a segunda posteridade de Adão, reconciliando a sua com o Criador, e em seguida reconciliou a Terra com Deus. *Melquisedeck* confirmou estas três primeiras reconciliações abençoando as obras de Abraão e os seus trezentos servidores. Esta benção é uma repetição daquela dada por Deus aos três filhos de Noé, a saber: *Sem, Cham e Japhet*. Abraão e os seus trezentos servidores, formam o número perfeito quatro, e evocam o mesmo número quaternário que formara com Noé e com os seus três filhos.

É através do número octonário, que resulta da junção destes dois números quaternários, que descobrimos que todas as reconciliações e confirmações de que falamos foram feitas diretamente por Cristo. Pois embora tenham sido operadas pela assistência dos menores emanados para este fim, esses menores, no entanto, foram apenas figuras aparentes que serviram a Cristo para manifestar a glória e a misericórdia do Criador em favor dos reconciliados. Conhecemos com certeza que o número oito é inato da dupla potência dada pelo Criador a Cristo; e é ele que nos ensina que o *Messias* operou todas as coisas a favor dos homens temporais desta primeira e segunda posteridade de Adão. Consideramos segunda posteridade de Adão a posteridade de Seth, porque ela se tornou suscetível de reconciliação, mas não incluímos a de Caim, porque ainda falta ser reconciliada e paga ainda tributo à justiça do Criador. Devemos concebê-lo claramente pelo tipo que nos figura a maldição que Caim recebeu do seu pai Noé, depois que a arca pousou em terra. O seu exílio foi fixado a sul: é o sinal imemorial para os homens, de geração em geração, que a posteridade de Caim não foi ainda reintegrada espiritualmente em todas as suas potências e virtudes pessoais, embora já não se ache em permanência nesta superfície da Terra.

Não vos deixarei ignorar que o sucedido a Caim fora profetizado por um sinal sensível aos filhos de Noé, que, todavia, não o entenderam. O sinal foi a evasão do corvo, que fugiu da arca antes que se descobrisse a terra. Dirigiu o seu vôo para o sul e não mais voltou a ocupar o seu lugar na arca. Os que tinham ficado na arca não voltaram a vê-lo depois que dela saíram. Esta fuga do corvo mostramos, pelo seu tipo, que nenhum acontecimento possa tê-lo previsto, ou tenha sido de algum modo anunciado. Basta que queira refletir sobre o seu pensamento, o intelecto bom nada quer ver operar sobre a criatura que protege, sem lhe fazer entrever o que deve suceder-lhe de bem ou mal.

Perguntareis: porque é que a primeira posteridade de Adão em Caim não se reconciliou ainda com o Criador? Deus Filho, pela sua paixão e pela efusão do seu sangue, não abriu as portas do reino dos céus a todos os que estavam mortos na privação divina? Assim, esta posteridade de Adão em Caim deve ser incluída na reconciliação. A minha resposta é que Cristo só reconciliou com Deus Pai àqueles a quem a operação espiritual dos justos marcará com o selo. Este selo foi-lhe enviado visivelmente e sem nenhum mistério sobre o uso que dele deviam fazer em favor de aqueles que deviam recebê-lo para se dispor a fortalecerem-se cada vez mais na fé e na confiança na misericórdia do Criador, e a fim de poderem sustentar com invencível firmeza toda a manifestação poderosa da justiça divina que pudesse ser operada espiritualmente perante eles por Cristo, em todos os habitantes da Terra, vivendo na privação divina. Isto que digo operou-se realmente em Cristo, como vo-lo demonstrarei mais claramente a seguir.

Nós não podemos duvidar da virtude e do poder infinito de Deus Filho, que é na verdade a ação direta da vontade do Criador, pai de todas as coisas. Ainda menos poderemos duvidar que toda a criação tenha sido operada pelo Criador na presença deste Filho divino, que acrescentava a cada ato de operação de pensamento divino: tudo é bom. Para que pudesse dizer tal coisa, era preciso conhecer a fundo o princípio do pensamento operante do Criador. Ele conhecia, com efeito, toda a bondade e toda a validade dos santos pensamentos operantes que o Criador operava diante de si, e aplaudia pela alegria e pelas delícias que sentia dizendo: *Estou em ti e nas tuas obras, Criador Todo-Poderoso, assim como estás em mim e nas minhas obras. Uni nos seus extremos todas as coisas que criaste, conforme ordenou a tua vontade. Aquele que seguir os teus e os meus passos verificará todas as tuas e as minhas obras, e ensinará a todos os seres espirituais divinos a tua vontade acerca das leis imutáveis que são o fundamento de todos os seres criados.* É ainda em virtude destas mesmas leis que todos os seres emanados agem pela sua virtude e potência, boa ou má, e que todas as operações espirituais se realizam, assim como os seus produtos, a favor de aqueles que operam a favor ou contra a glória do Criador e da criatura. É isto que vos convence de ter sido o próprio Cristo quem dirigiu as operações dos justos de que acabo de falar, a favor dos menores tornados escravos dos demônios, e a favor dos que sofrem ainda presentemente todas as perseguições dos espíritos demoníacos. Verificamo-lo em particular através dos três dias que Cristo permaneceu ignorado da Terra e dos seus habitantes. No primeiro dia, baixou aos lugares da maior privação divina, vulgarmente chamados infernos, para livrar da servidão horrível os menores marcados pelo selo da reconciliação. Trata-se verdadeiramente da primeira operação, pois ele surgira entre os homens unicamente para operar sem intermediários a justiça divina diretamente contra os inimigos do Criador.

A segunda operação de Cristo foi a favor dos justos, chamados *Santos Patriarcas*, que pagam ainda tributos à justiça do Criador, não por terem levado uma vida criminosa, mas unicamente para purgarem a corrupção contraída na sua passagem pela forma de matéria em que caíram com a prevaricação de Adão, em lugar de terem habitado um corpo de glória incorruptível, segundo o que nos mostrou Cristo com a sua ressurreição. O Messias, que significa regenerador espiritual divino, ordenara, pela sua própria operação duplamente poderosa e efetuada de imediato por sua iniciativa, os menores patriarcas, que deviam ser, durante a sua vida temporal, um tipo real do seu advento e da imensidão do seu poder, para manifestarem a justiça divina que ele viria operar sobre todos os seres emanados. Estes menores patriarcas tinham recebido de Cristo, para este efeito, o caráter duplamente forte de sua operação, que os prevenia de tudo o que Cristo fazia e faria de futuro em favor deles e dos menores que se achavam numa privação divina mais considerável que a deles. Não nos surpreende que este ser reconciliador tivesse dado de preferência este carácter aos menores que ele próprio dispusera para servirem de instrumento à manifestação da glória divina. Deu-lhes ainda a potência de tornar este caráter reversível sobre os menores em privação, isto através da sua própria operação espiritual divina sobre esses menores pelos quais deviam operar para a maior glória do Criador e a maior vergonha dos demônios. Foi por causa desta disposição e preparação espiritual divina que o regenerador se dirigiu em primeiro lugar aos menores mais oprimidos, mais necessitados do seu socorro que aqueles que tinham já sido notificados pelo próprio Cristo de tudo o que ele operava para a maior glória do Criador.

Desejais sem dúvida conhecer qual era esse caráter que o regenerador conferiu a estes santos patriarcas. Era um ser espiritual maior e mais potente que os menores gloriosos, e que eles não podiam distinguir senão pelas diferentes ações espirituais que este ser operava no seio destes menores reconciliados e não ainda regenerados. A operação de Cristo sobre esses menores patriarcas produzia neles uma mudança incompreensível; tornaram-se por este meio mais convictos do que jamais haviam sido durante a sua vida passageira da ternura inviolável que tinha e teria eternamente o Criador pela sua criatura, que não criou para perdê-la ela é que se perde, em virtude do caráter potente recebido por esses justos menores.

Cristo (este nome significa receptáculo de operação divina) operou sobre os menores uma ação totalmente oposta à anterior deles, destinando aos menores reconciliados um trabalho totalmente diferente do que tinham feito durante o seu curso temporal, tal como se pode compreender, embora sem comparação, pelos diferentes usos que se praticam entre os habitantes desta superfície terrestre. Foi atribuído igualmente aos escravos dos demônios um caráter semelhante, proveniente da operação santa desses gloriosos patriarcas, que operam a vontade de Cristo juntamente com o ser espiritual maior duplamente potente. Foi por esse meio que os escravos dos demônios receberam o selo da reconciliação divina, mas selo na verdade mais forte do que o que marcara os menores patriarcas, visto que o primeiro só devia operar coisas muito sucintas, ao passo que o que marcou os escravos dos demônios devia operar fatos mais fortes e mais consideráveis. Assim a mudança operada sobre os menores patriarcas, embora muito forte, foi infinitamente menor que sobre os escravos dos demônios, porque o espírito que operava na habitação destes menores tinha duas ações a operar, ou seja: a reconciliação dos menores e a punição dos maiores perversos. Eis quais foi a primeira e a segunda operação de Cristo durante os dois primeiros dos três dias que ficou ignorado dos homens, para nos dar o tipo da sepultura e depois o da reconciliação e ressurreição espirituais aos olhos de toda criação.

A terceira operação de Cristo faz alusão ao terceiro dia da sua sepultura; ela se fez sobre duas espécies de menores que se achavam mais ou menos confinados em privação divina. Assim esta terceira operação foi dividida em duas substâncias, das quais uma visível aos mortais ordinários, e a outra invisível a estes mesmos mortais, dado que nenhuma matéria pode contemplar e conceber o espírito sem morrer, ou sem que o espírito negue e dissolva qualquer forma de matéria.

No instante da sua aparição, a substância invisível da terceira operação de Cristo consistiu em ele mesmo ter abreviado o termo dos trabalhos e das operações penosas que faziam os menores que obedeciam à duração do tempo durante o seu curso universal, geral e particular, segundo o que foi prescrito pelo Criador.

Este curso universal, a que está sujeito o menor dá-se a conhecer pelo estudo cuidadoso que os homens de todos os tempos tem feito, e que os do século presente fazem ainda, dos três principais círculos esféricos para encontrar sem erro os diferentes meios de percorrer toda a superfície da Terra. Os homens não consideram estes três círculos senão como próprios à satisfação das suas paixões cúpidas da matéria, relativas ao pouco conhecimento que tem desses círculos, pelo vício do motivo das suas pesquisas. Eu concordo que esses três círculos chamados: círculo sensível, círculo visual e círculo racional tenham em si a propriedade de instruir o homem no conhecimento do espaço e dos limites da criação universal, geral e particular; mas é preciso que os homens estejam envolvidos em grandes trevas para apenas considerarem estes três círculos materialmente.

Nós ligamos espiritualmente, o círculo menor ao sensível, o círculo intelectual ao visual, e o círculo maior ao círculo racional, e estes três círculos não são mais que uma extensão distinta na qual os menores equitáveis acabarão de operar a sua ação temporal, invisível ao homem corporal. Esta operação começa no círculo sensível; os menores passam daí para o círculo visual onde se cumpre a força da sua operação espiritual, a que a extensão deste segundo círculo é infinitamente mais considerável que a do primeiro, no qual os menores terminaram o curso da operação natural ao ser deles: eles vão gozar o repouso à sombra da sua reconciliação, no círculo a que nós chamamos racionais.

Todos os diferentes corpos planetários e elementares residem nos intervalos destes três principais círculos, que distinguimos ainda pelas três principais potências divinas que se operam certamente neles, como vou dar a entender pelos três números seguintes: dá-se o número quatro ao menor, o número sete ao espírito, e o número oito ao duplo espírito que é Cristo. Cristo preside ao espírito, o espírito preside ao menor, e o menor preside á forma terrestre. A primeira substância da terceira

operação de Cristo consiste, como dissemos, em abreviar o curso e as operações dos menores nestes três círculos, a fim de que estes mesmos menores possam em seguida repousar á sombra da sua reconciliação.

A segunda substância visível aos homens corporais consiste no plano que ele próprio lhes traçou, quer pela sua própria instrução que deixou aos seus fiéis eleitos pela sua palavra espiritual divina. Eis sinceramente quanto sei e o que me foi dito acerca da reconciliação feita por Cristo, reconciliação verdadeiramente preparada pelos eleitos justos deste mesmo Cristo, aos quais ele dera o primeiro exemplo, tal como vou mostrar.

Heli reconciliou o primeiro homem com o Criador, por intermédio do seu espírito, que se uniu ao primeiro menor emanado. Enoch, pela sua justiça, operou em favor da posteridade dos filhos de Seth, tanto vivos como mortos, para os quais fez passar o caráter ou o selo autêntico da sua operação. Foi com este selo que ele marcou os que foram dignos de acompanhar Cristo quando ele foi prestar contas ao pai, Criador, das operações que realizara para sua maior glória e vergonha dos seus inimigos. Noé repetiu o mesmo tipo, assim como Melquisedeck, Elias, Zorobabel e Cristo. Eis aqueles que foram designados por ordem do Criador para marcar os seres menores espirituais que deviam acompanhar o triunfo da manifestação da justiça divina operada pela potência do Homem-Deus e divina, segundo a sua imediata correspondência com o Criador.

Não entrarei no detalhe das diferentes operações que estes justos fizeram para cooperar na marca desses assinalados que deviam formar definitivamente a corte de Cristo, quando ele foi aparecer em espírito face a face com o Criador, pai de toda autoridade e potência divina imutável. Mas como será possível, perguntareis, que o que disse sobre a reconciliação do menor tenha sido operado pelos justos de que acabo de falar? Todos os acontecimentos me dirão, temporal ou espiritual, não foi previsto pelas leis imutáveis que o Criador deu à criação universal? Eu responderei que deveis notar que Deus não podia prevenir o que não previra, não podendo ler no pensamento, como já disse, senão quando ele é concebido, e não podendo destruir a vontade dos seres espirituais. É sabido que, sem essa liberdade, Adão não teria podido prevaricar, e a sua prevaricação operou uma mudança tão considerável que o Criador foi forçado a mudar a operação da criação geral e particular. Pela criação geral deve entender-se a terra, e pela criação particular, todos os menores que a habitam, tanto no corpo terrestre como celeste. Sim, é esta prevaricação que não podeis ignorar, embora não conheçais ainda bem o gênero, que obrigou o Criador a fazer força de lei divina na sua criação.

Sabeis que o Criador emanou Adão, homem-Deus, da própria terra, e que ele estava incorporado num corpo de glória incorruptível. Sabeis que, quando ele prevaricou, o Criador o amaldiçoou pessoalmente, mais a sua obra impura, e em seguida toda a terra. Sabereis, pois por mim que todas estas coisas não teriam podido servir à natureza geral e particular, se o Criador não tivesse suspenso e guardado em si, por um tempo, os poderes que dera ao seu primeiro homem no seu estado de justiça. A mudança que se fez em Adão, de corpo de glória em corpo de matéria terrestre, anunciava as novas leis que o Criador lhe daria quando ele fosse reconciliado. Chegada a altura desta reconciliação o Criador abençoou a sua falta, mas a potência que lhe devolveu foi inferior à que ele possuía antes do seu crime. Isto, aliás, representa-se clara e fisicamente em natureza sensível nas diferentes leis que Moisés trouxe da montanha. Moisés negou ao povo de Israel as primeiras tábuas da lei; a prevaricação deste povo levou Moisés a partir as tábuas e privar assim os Israelitas dessa lei divina que eles desejavam receber com tanto ardor. Moisés, após o sucedido, reconcilia-se com o seu povo e promete-lhe obter do Eterno uma segunda lei: lei dada conforme o assentimento do Eterno em conceder-lha pela reconciliação que fizera com seu povo eleito. Esta reconciliação não podia vir diretamente apenas da vontade e faculdade de Moisés; ela vinha, sim, da potência do Criador. A prova está em que todos os poderes de um homem só não bastam para reconciliar vinte pessoas pela sua vontade; e se Moisés tivesse operado sozinho e sem o apoio de um ser superior, todas as suas palavras e todos os seus esforços teriam sido inúteis. Julguemos por comparação com os homens deste século, que tratam de

grosseiros os homens desses primeiros séculos. Que idéia podemos ter, e como reconciliar os homens do século presente, que jamais viram alguma manifestação física, espiritual ou divina operar-se perante eles, senão aqueles que se operam pelas leis imutáveis que devem acionar e prolongar a criação universal, durante o curso que lhe foi prescrito pelo Criador? Desejais talvez conhecer o tempo desse curso; mas não é este o lugar para dele vos falar. Vou prosseguir definitivamente a explicação do gênero da prevaricação de Adão, porque foi de lá que saíram todas as épocas, todos os tipos e todos os diversos sucessos desde o começo do mundo até nós e que se perpetuarão até ao fim dos séculos.

A dor que Adão sentiu por se tornar pensativo e pensante, não foi senão o que devia manifestar a primeira das épocas árduas que deviam suceder á sua posteridade, e foi aí que Adão concebeu mais fortemente a grande consequência da sua prevaricação. Concebeu-a pelo tumulto, a agitação e as diversas contendas que estavam nele, ao ser encerrado num corpo de matéria terrestre. Neste estado, queixou-se ao Criador; reclamou a clemência do Deus vivo que é Cristo, e do Deus vivificante. O espírito apresentou-lhe então na sua inércia o fruto da sua prevaricação, o que ainda mais o consternou e aumentou a violência do seu remorso ao considerar a sua obra. Concebeu então o que lhe pedia o Criador. Este pobre homem sentiu que precisava reconhecer sinceramente a sua falta e de confessá-la tal como a havia operado e como ela se lhe representava. Adão satisfaz a vontade divina; confessou com a máxima sinceridade a obra do seu maldito pensamento e a operação da sua própria vontade, que devia acorrentá-lo ao fruto do seu trabalho por um tempo imemorial. Confirmaram esta confissão dando ao fruto da sua prevaricação o nome de Huva ou Homessa, que significa carne da minha carne, ossos dos meus ossos, e obra da minha operação concebida e exercida por obra das minhas mãos conspurcadas. Eis o que procuráveis conhecer quanto ao gênero de prevaricação de Adão.

O que acabo de dizer-vos sobre a prevaricação de Adão e sobre o fruto que daí adveio, prova-vos claramente qual é a nossa natureza espiritual, e como uma e a outra degeneraram, pois a alma tornou-se sujeita ao padecimento da privação, e a forma tornou-se passiva, de ativa que fora se Adão tivesse unido a sua vontade á do Criador. Também aí podeis reconhecer sensivelmente o que nós chamamos espiritualmente *decreto pronunciado pelo Eterno contra a posteridade de Adão até o fim dos séculos*, o vulgarmente chamado *pecado original*.

Mas é preciso que concebais agora ainda melhor do que eu concebi a mudança das leis cerimoniais de operação da criação geral e particular, relativamente ao crime do primeiro homem. Mostrei-vos quais eram o poder, a virtude, o comando e a autoridade do primeiro menor emancipado no seu corpo de glória. Mostrei-vos como ele se transmutou, pelo seu crime, dessa forma gloriosa numa forma de matéria terrestre. Mas este corpo segundo de matéria terrestre tinha a mesma figura aparente que o corpo de glória no qual Adão tinha sido emanado. Não houve, pois mudança senão nas leis pelas quais ele se teria governado, se tivesse permanecido nesse primeiro princípio de justiça.

Quando um ser criado temporal muda de natureza de ação, ele muda necessariamente de leis de operação: quando o Criador reconciliou a criação geral universal e particular, houve mudança nas leis que dirigiam esta criação antes que ela fosse reconciliada. Assim foi com o primeiro homem; tendo mudado o seu estado de glória, era absolutamente necessário que o Criador mudasse também as primeiras leis de operação que lhe dera; essas primeiras leis não convinham mais á ação e à direção de uma forma corporal tão pouco extensa como aquela que Adão foi obrigado a se revestir por autoridade divina.

As leis que governam as formas corporais de matéria aparentemente passiva não são de modo algum, como deveis senti-lo, as que governam todo o espírito menor, possuidor e senhor de uma forma de corpo glorioso, cuja origem nada tem a ver com a matéria que vemos fisicamente condensada. A forma gloriosa nada contém do espírito menor ou de outro espírito em privação divina, pois ela é, como o menor e como qualquer outro espírito, deputado pelo Eterno para manifestar entre os homens

e onde aprouver ao Criador, a glória deste ser divino. Direi até mais: que Adão e a sua posteridade, sendo prisioneiros desta forma de matéria terrestre, não deviam prestar ao Criador o mesmo culto para o qual o primeiro homem tinha sido emanado. Se o primeiro menor mudou de forma, é absolutamente necessário que tenha mudado de operação. Esta nova operação era infinitamente limitada pela força das leis que o Criador exerceu contra Adão e que ele tornou reversível sobre toda a sua posteridade até ao fim dos tempos.

Esta operação limitada não deve surpreender-vos, visto o emprego iníquo que Adão fez do seu primeiro Verbo que o Eterno pusera nele, para que produzisse uma posteridade de Deus. Este Verbo, que porventura ignorais e que considerais como uma coisa incompreensível, é simplesmente a intenção e a vontade que deviam operar pela palavra potente desse primeiro homem. Mas para se conhecer mais claramente o Verbo da posteridade de Deus que Adão tinha inato em si, é preciso remontar até ao conhecimento dos diferentes Verbos que o Criador empregou para a sua criação universal, na qual consistem em geral e em particular, segundo a sua intenção, a sua vontade e a sua palavra, da qual toda a ação, toda a forma e todo o ser espiritual menor provieram.

É juntando estas três que as precedem, que farei conceber os três principais verbos da Criação de que o Eterno se serviu para criar todas as coisas. A intenção se junta à criação do universo, que é figurado por um círculo imenso, no interior do qual o geral e o particular são postos em ação e em movimento. A vontade se junta à criação geral ou da Terra, que é figurada por um triângulo, tal como devia ser representada a figura que o Criador concebera dela na sua imaginação pensante. A palavra junta-se à emanção particular dos menores espirituais, habitando na forma corporal particular terrestre, forma semelhante à da Terra, e que foi igualmente produzida conforme à imagem do pensamento divino.

É por isto e pelo que vai seguir-se que aprendemos a conceber o Verbo de Criação que estava no poder de Adão. Se o Criador não tivesse tido intenção, não teria tido vontade, não teria tido palavras e ações. Ora, sendo o ser espiritual menor o fruto da operação destes três princípios divinos, era preciso que o primeiro homem contivesse as marcas da sua origem, e que tivesse por consequência estes três princípios inatos em si, quando o Eterno o subtraiu à sua imensidão divina para ser homem-Deus sobre a Terra.

Vimos anteriormente que Deus não podia ser o autor do mal; assim Adão foi emanado no bem e na justiça. Adão tinha, em si um verbo potente, que devia nascer da sua palavra de comando, segundo a sua boa intenção e a sua boa vontade espiritual divina, das formas gloriosas impassivas, e semelhantes àquela que apareceu na imaginação do Criador. Estas formas gloriosas não podiam ser de natureza das formas de matéria terrestre, que só eram destinadas, segundo a vontade do Criador, a servir de prisão aos espíritos prevaricadores. Logo a forma na qual Adão foi posto era puramente espiritual e gloriosa, a fim de que ele pudesse dominar sobre toda a criação, e exercer livremente sobre ela a potência e o comando que lhe foram dados pelo Criador sobre todos os seres.

Esta forma gloriosa não é senão uma forma de figura aparente que o espírito concebe e engendra segundo a sua necessidade e segundo as ordens que recebe do Criador. Esta forma é prontamente reintegrada, logo que é engendrada pelo espírito. Chamamos-la de ativa porque não está sujeita a qualquer influência elementar, senão à influência pura e simples. Ela não é suscetível de nenhum alimento, senão daquele que o seu espírito lhe procura. Nenhuma partícula do fogo central atua sobre ela. Enfim, esta forma gloriosa teria sido perpetuada por Adão para a reprodução da sua posteridade espiritual, mas, todavia sem nenhum princípio de operação material, conforme o advento e a ressurreição de Cristo e a descida do espírito divino ao Templo de Salomão nos-lo mostraram concretamente.

Depois de tudo o que foi dito, não devemos mais duvidar das mudanças consideráveis das leis de operações resultantes da prevaricação do primeiro homem, quer sobre o corpo geral e particular, quer

sobre os menores, e nas operações que esses mesmos menores devem nos dias de hoje fazer, totalmente opostas àquelas para as quais eles tinham sido emanados. Tivemos ainda um vislumbre desse famoso número ternário da criação de qualquer forma, pela junção da intenção, da vontade e da palavra que engendra a ação divina, que é certamente o Verbo. Com efeito, para que serviria a intenção sem a vontade, a vontade sem a palavra, e a palavra sem efeito ou ação? Foi preciso a intenção, a vontade e a palavra para operar cada uma das três partes da criação, mas foi a palavra que determinou a ação da intenção e da vontade divina. Foi por esta determinação que o Verbo teve lugar: é certamente no Verbo do Criador e em mais nenhum lugar que existe o número ternário de criação geral universal e particular; é que a intenção, a vontade e a palavra produzem um efeito espiritual, ou uma ação; o que mostra que o Verbo de criação não é produto de si próprio, pois emanou da intenção, da vontade e da palavra do Criador.

É ainda pelo Verbo e pela sua emanação que temos por certo ser qualquer número ternário da criação coeterno em Deus, conforme segue: a intenção 1, a vontade 2 e a palavra 3, de onde resulta a ação ou o Verbo. Adicionai: nestes três números encontrareis 6, como segue: 1 e 2 fazem 3, 3 e 3 fazem 6. Assim se completam os seis pensamentos da criação geral e particular do Eterno. Este número encontra-se certamente na criação universal, geral e particular.

É por tudo o que acabo de dizer-vos que deveis conceber de onde provieram todos os seres criados, tanto espirituais como materiais, assim como a grande potência que possuía o primeiro homem, e a que ainda hoje se oferece à sua posteridade. Essa potência, todavia, será bem pouco sem a reconciliação do homem com o Criador. Ouso até dizer que não será mesmo nada, e que assim tem mais virtude o instinto passivo da besta que o menor espiritual degenerado, que se anula na inação espiritual divina a ponto de tornar-se a sepultura da morte. O que quero dizer com a expressão que aqui uso de “sepultura da morte” é que os infelizes menores não reconciliados se tornarão a presa dos espíritos perversos, que, pela junção com eles, os farão permanecer na sua reprobção por um tempo infinito.

Eis qual será a sorte dos menores que não tiverem seguido a justiça do Criador. Vede como devemos nos precaver, e procurar imitar Adão, o qual, tendo confessado o seu crime com sinceridade e com o arrependimento mais amargo, obteve do Criador a sua reconciliação e foi parte reintegrado nas suas virtudes e potências primeiras sobre os três gêneros de criação temporal, *na condição, todavia de a sua intenção e vontade ser de futuro conformes às leis da reconciliação*. Refleti sobre esta reconciliação, nela vereis constantemente o número ternário, a saber: Adão, Cristo e o Criador. Por aí vereis que esta tripla essência divina forma claramente os três princípios de toda criação, como segue: a intenção do Pai 1, a vontade de Cristo 2, e a palavra do menor espiritual resultante da intenção e da vontade dos dois primeiros 3. Incluo o menor no número das três primeiras essências divinas porque ele mesmo é produto da intenção do Pai, da vontade do Filho regenerador e da ação do Espírito Divino; explicarei isto mais claramente ao falar da quádrupla essência divina, que não quero deixar-vos ignorá-la, embora não a tenha ainda mencionado.

Vou continuar a falar da reconciliação perfeita do menor primeiro homem. Quando o Criador abençoou Adão e a sua obra impura, disse-lhe: “Adão, ilustra a tua obra, para que de vós resulte uma posteridade de forma particular na qual estará contida a figura universal geral em figura certa e indubitável, tal como se contém na forma que diriges pelo tempo que te prescrevo”. São as palavras que as Escrituras transcrevem: Crescei e multiplicai-vos. Isto é, quando Adão e Eva saíram do seu primeiro lugar operante, foi-lhes ordenado reproduzirem formas semelhantes às suas; Adão e Eva executaram esta ordem com tal paixão furiosa dos sentidos da sua matéria, que o primeiro homem comprometeu assim a sua completa reconciliação. Engendraram, no entanto a forma corporal do seu primeiro filho, a que puseram o nome de Caim, que quer dizer: o filho da minha dor. Este nome foi-lhe dado por Adão porque este sentira bem que operara neste filho uma operação levada por uma paixão desordenada e contrária à moderação de que devia usar. (Diga-se de passagem, que a ordem

enviada diretamente pelo Criador a Adão para a sua reprodução nos indica que o Criador fizera de Adão o guardião do seu sêmen reprodutivo).

Adão tinha toda a razão em chamar ao seu primogênito: o filho da minha dor, pois foi por essa obra que a sua reconciliação foi suspensa. Foi ainda por essa mesma operação, e pelo nome de Caim, dado ao seu primogênito, que ele profetizou a grande dor futura causada pela prevaricação da sua posteridade, que desrespeitaria as leis, preconceitos e mandamentos divinos; e por isso Adão foi reconhecido como o primeiro profeta por essa posteridade.

Entretanto, esse mesmo filho, engendrado por uma paixão contrária às ordens do Criador, devia contribuir para a reconciliação do primeiro pai, pelas vivas dores que lhe faria sentir repetindo a sua primeira negra prevaricação, pois Caim operou misteriosamente essa prevaricação na presença de Adão. Não podia haver golpe mais cruel e remorso mais amargo que se pudesse suscitar no coração do seu pai. É, impossível conceber quais foram a dor e a humilhação de Adão, ao ver o seu primogênito nas garras das potências demoníacas. Ninguém como o primeiro pai podia avaliar a sua própria dor, e a do seu filho, pois não havia muito que o próprio Adão fora retirado, pela pura misericórdia do Criador, das mãos desses mesmos demônios que acabavam de seduzir o seu primeiro filho, e precipitá-lo por uma eternidade na privação divina.

Com esta dupla pena, Adão fortaleceu-se na sua lei e na sua confiança no Criador. Queixou-se como nunca por ter cooperado na concepção desse filho infeliz, fora dos limites prescritos pelo Criador. Sujeitou-se voluntariamente, pelo seu juramento autêntico, à vontade do Criador, e prometeu nunca se afastar das leis, preceitos e mandamentos que lhe foram traçados pelo Criador, sob pretexto algum. Mas esta resignação do primeiro pai foi apenas aparente; não se mostrou perseverante como jurara; pelo contrário, concebeu com a sua companheira homessa ou Eva uma posteridade fêmea a que ambos puseram o nome de Cainã, que quer dizer: filha da confusão; é que esta concepção foi operada segundo as mesmas leis com que Caim foi concebido.

Cinco anos depois, os laços que via entre estes dois filhos fizeram-lhe crer que era chegado o termo de todas as suas penas. Na sua cegueira concebeu de novo com Huva ou Eva uma terceira posteridade, a qual era fêmea e que chamou Aba 1, quer dizer: filha da matéria ou filha de privação divina. Adão permaneceu então seis anos sem produzir posteridade, porque, durante esse intervalo e a começar da nascença do terceiro filho, caiu em profundo abatimento. Apoderou-se dele tal desgosto do seu ser que não sabia em que dar. Caiu na mais completa inação, seja para o espiritual divino, seja para o espiritual demoníaco, não sendo mais sensível a qualquer impressão, boa ou má. O que o pôs assim foi o conhecimento profundo que teve de todos os seus crimes passados contra o Criador. O espírito bom transmitiu-lhe este conhecimento, e fez-lhe entender claramente que a terra que cultivara até então, contra as ordens do Criador, só lhe traria dor e amargura, e seria o veneno da discórdia para toda a sua posteridade.

É esta a essência das ameaças do Criador a Adão, ao expulsá-lo do Paraíso Terrestre, segundo relatam as Escrituras: *“Vai cultivar a terra; ela só te dará espinhos”*. Pergunto se haverá espinhos mais agudos que os que infunde no coração de um bom pai uma posteridade criminosa. Eram esses os males anunciados pelo Criador ao primeiro homem, o que produziria a obra da sua operação de matéria terrestre; mas era através dessa negação que o Criador se dispunha a perdoar todas as faltas do primeiro homem dispondo-o, a ele e à sua companheira, a cooperar numa concepção pura e simples, sem participação de nenhum excesso dos sentidos da sua forma material. Assim, Adão não limitou a sua posteridade aos três filhos de que acabo de falar; teve ainda quatro filhos, dois machos e duas fêmeas, e foi o primeiro filho destes quatro que operou a reconciliação do seu pai.

Adão formou, com a sua companheira uma operação agradável ao Criador, e Eva concebeu o seminal que Adão derramara nas suas entranhas e que ela conservou felizmente até à sua completa maturidade.

Não era de admirar que Eva tivesse um cuidado particular com este novo fruto, que sentia nascer em si uma raiz de salvação. Acompanhemos então a posteridade de Adão.

Adão e Eva cuidaram especialmente deste quarto filho. Nunca o perderam de vista, embora não conhecessem ainda perfeitamente todos os frutos que dele haviam de obter em seguida um e outro. Não paravam de admirar a sua conduta com as duas irmãs e o irmão Caim, ou com os seus pai e mãe. Procurava conquistar-lhes a amizade desde a mais tenra idade, apenas com três anos, e foi sempre crescendo em bondade e em sabedoria, em virtude e em bom exemplo, enquanto permaneceu na Terra como homem-Deus justo entre os homens. Este bem-aventurado filho esforçava-se constantemente por dirigir ao Criador cultos espirituais que surpreendiam toda a sua família. Todas estas operações contribuía para aplacar a justiça de Deus em relação à sua primeira criatura menor e sua posteridade, conhecendo ele pelas suas operações quão fortemente essa posteridade iria ser marcada pela justiça divina. Enfim, Abel comportou-se como Adão deveria tê-lo feito no seu primeiro estado de glória em favor do Eterno: o culto que Abel prestava ao Criador era o tipo real que o Criador devia esperar do seu primeiro menor.

Abel era ainda um tipo bem marcante da manifestação da glória divina, que operaria um dia pelo verdadeiro Adão ou Cristo para a reconciliação perfeita da posteridade passada, presente e futura deste primeiro homem; isto, se a posteridade utilizasse bem o plano de operação que lhe seria traçado pela pura misericórdia divina, tal como o tipo de Abel já o predissera, por todas as suas operações, a Adão e aos seus três primeiros filhos.

Esses três primeiros filhos de Adão tiveram uma conduta completamente oposta à de Abel. Assim, Adão e Eva sentiam-se agora em paz. Eva inundava-se de uma alegria e satisfação inexprimível, ao contrário das vivas e cruéis dores que lhe haviam custado os seus três primeiros filhos. Esta diferença provinha dos dons que a graça do Eterno pusera na alma deste quarto filho. Esta alma comunicava à sua a inocência, a candura e a pureza. Também Adão ficou alegre e satisfeito, tornando maior ainda o contentamento de Eva. Eles consideraram, sobretudo com prazer o tempo durante o qual este último fruto foi engendrado. Foi no sétimo ano do intervalo que se passara desde que Adão tivera os três primeiros. Adão não pode deixar de louvar o Senhor por este sucesso, assim: *O Eterno Criador dos céus e da terra e do seu servidor Adão, ou régio, seja para sempre abençoado por tudo o que criou. A ele sou devedor de uma Quarta posteridade que me dará toda a satisfação no curso inferior e no que há por vir*

Ele deu a este filho o nome de *Aba 4*, que quer dizer: *filho da paz*, ou *Abel 10*, que quer dizer: *um ser elevado acima de todo o sentido espiritual*.

Tudo o que acabo de dizer se ensaiou na natureza física pelo meio do tempo com a gravidez de Maria e de Isabel; com o sobressalto que Isabel sentiu nascer na sua alma ao saudar a sua prima Maria que vinha visitá-la, e com a satisfação que os dois pais temporais sentiram, um pela própria operação física das suas obras, o outro unicamente pela operação espiritual que o Eterno manifestara a favor da mulher adotiva. Ver-se-á em outro capítulo a explicação de todos os tipos, ocupando os ângulos do altar ou o lado dos círculos, virado para o norte, e Caim, virado para o sul.

Tendo Abel cumprido as suas funções espirituais segundo as suas ordens, retirou-se da sua própria prostração, foi prestar contas a seu pai das coisas favoráveis que aprendera do Criador. Adão pôs então Abel no seu próprio lugar setentrional e foi em seguida fazer a sua prostração tal como fizera Abel. Tendo terminado, chamou os seus dois filhos, Abel à sua direita e Caim à sua esquerda, e nesta situação Adão transmitiu-lhes o que aprendera do Criador. “Previno-vos, disse-lhes, pelo Eterno Criador, que Dele obtive a graça: a sua justiça cessou de ser revertível sobre mim pela intromissão e o intermédio do meu filho Abel, do qual o Criador fez recair a santidade sobre mim. Vinde, meus dois filhos, que partilhe convosco a minha alegria, participando-vos as duas sensações que acabo de

experimentar, a do mal, e a do bem que faz a minha reconciliação perfeita com o Criador”. Depois, dirigindo-se a Caim, disse-lhe: Meu filho primogênito, que as tuas obras de futuro sejam as do teu irmão mais novo. Aprende de mim que o Criador entrega a sua confiança sem nenhuma distinção de origem temporal e espiritual, e que ele confere toda a potência superior àquele ou aquela que saiba merecê-la, e a quem ela seja devida. Que a tua vontade, Caim, seja de futuro a do teu irmão Abel, assim como a minha será de futuro inviolavelmente a do Criador.

O cerimonial começou ao meio-dia solar, e tudo não durou mais que cerca de uma hora de tempo. Quanto mais os sinais se manifestavam no seu filho Abel, mais os seus três primogênitos se tornavam inimigos do próprio irmão. Adão e Eva viram Abel como um intérprete espiritual divino, e observavam com rigor tudo o que ele lhes dizia e ordenava, em alegria e santidade. Os três primeiros, pelo contrário, se opunham a tudo o que Abel operava em favor dele e de seu pai e mãe; chegaram mesmo ao ponto de armar-lhe operações contrárias às suas, para o destruir e fazê-lo desaparecer fisicamente da presença deles, o que acabaram por realizar, como ides saber.

Adão propôs-se um dia prestar ao Criador, juntamente com os seus dois filhos, o culto de uma operação espiritual divina, mas, sendo excluída a assistência da sua posteridade feminina, devido às poucas virtudes e potências divinas inatas nas fêmeas e pouca força e firmeza delas em seguir tais operações, afastou essa posteridade feminina a uma distância de quarenta e cinco côvados do lugar escolhido para o seu trabalho. Tomadas todas as providências, Adão ordenou e consagrou o seu filho mais novo, Abel, para ser o primeiro a exercer as funções espirituais da operação que se propunha fazer. Abel entendeu logo o dever de executá-las; ele próprio elevou o altar ou os círculos indispensáveis, no centro dos quais ofereceu os primeiros perfumes. Esses perfumes eram a sua própria forma corporal que ele oferecia em holocausto ao Criador, prosternando-se humildemente. Submeteu ao mesmo tempo o seu Ser menor espiritual ao Eterno, para ser o receptáculo da justiça divina, pelo qual o Eterno manifestou a sua maior glória e misericórdia para com Adão, sua primeira criatura menor. Adão, terminado o trabalho, e os operantes retiraram-se cada um para o seu destino ordinário, Caim para junto das suas duas irmãs, Abel para junto do seu pai e de sua mãe.

Esta divisão de três pessoas de um lado e três do outro oferece-nos uma figura notável que não podemos deixar de observar; ela é o verdadeiro tipo da separação do bem e do mal; ela representa-nos ainda as três essências espirituais que compõem as diversas formas corporais de matéria aparente; tanto as do ser racional como do ser irracional. Juntai estes dois números ternários e vereis pelo seu produto senário o número da criação divina ou os seis pensamentos do Criador para a criação universal, geral e particular. Vede ainda que encontrareis, como no-lo ensinam as Escrituras, que três estão em cima e outros três em baixo. E mais vede qual é aquele dos dois números ternários que figura o mal. Enfim reflete sobre este assunto e procurai para vós as correções e as conseqüências convenientes.

Caim, tendo-se retirado para o lugar que Adão lhe destinara, participou às suas duas irmãs o suposto ultraje do pai, que lhe negava o direito de progenitura, para o reverter em favor do irmão mais novo Abel, e sujeitando-o à subordinação e à vontade desse mesmo irmão *Abel*. As duas irmãs de Caim comprometeram-no a usar de toda a sua potência e da sua força contra a de seu irmão e a de seu pai, e mesmo contra o Criador, que permitira tal delito, solicitado por um irmão mais novo que abusara da boa-fé do pai deles e corrompera o seu pensamento pela cerimonia de um culto falso e injusto. Em conseqüência, *Caim* concebeu operar um culto aos falsos deuses e ao príncipe dos demônios, para que eles lhe dessem uma potência superior àquela que o Criador dera ao seu irmão *Abel*, e sito para se vingar do suposto dano que recebera de seu pai por via do irmão. Fez assistir à sua operação as duas irmãs com ele, tal como Abel mais ele assistiram à operação do pai. Consagrou a sua irmã mais nova a funções idênticas às exercidas por Abel, e seguiu fielmente todo o primeiro cerimonial que vira executar. E quando foi a sua vez de fazer a sua prostração, cedeu a outra irmã o lugar que

ocupava no altar ou nos círculos e, tendo-se prosternado, ofereceu como vítima a forma e a vida de Abel (a forma é o corpo e vida a alma) ao príncipe dos demônios.

Após esta cerimonia, Abel apresentou-se a Caim, que o encheu de reprovações. Abel recebeu-os com pena e humildade, e respondeu então a Caim: “Não é a mim nem ao nosso pai temporal que deves querer mal, é a ti mesmo e ao que te governa neste momento que deves combater; porque te digo que acabas de operar um culto falso e ímpio diante do Eterno. A força do teu crime ultrapassa a do crime de Adão: ofereceste ao teu Deus das trevas um holocausto que não está à disposição nem tua nem dele; procuraste erradamente derramar o sangue do justo para justificação dos culpados”.

Abel voltou em seguida para junto de Adão e participou-lhe tudo o que se passara, o que afligiu muito o pobre pai e o mergulhou na maior consternação. Abel procurou então consolar Adão e fez-lhe perguntas a respeito da sua tristeza e do seu abatimento; mas Adão não lhe respondeu nada. Parecia que previa o que devia suceder a este filho bem-amado, e que não ousava dizer. Abel tranquilizou Adão de toda aquela inquietação e disse-lhe com voz firme: “Meu pai o que está nos desígnos do Criador em seu favor e da sua posteridade deverá ter a sua ação, seja para o bem, seja para o mal; que a criação geral que vêdes não é senão um vínculo que o Eterno reservou para fazer operar a manifestação da sua imensa potência, para a sua maior glória. É, meu pai, na vossa posteridade corporal que o Criador incluirá os indivíduos adequados, para serem os verdadeiros instrumentos de que se servirá para triunfo da sua justiça, vantagem dos bons e vergonha dos maus. É inútil para o homem ir contra o que está deliberado pelo Criador a favor ou contra a sua criatura espiritual”. “Ó Eterno! *Que o que é concebido pelo teu pensamento e pela tua vontade seja cumprido pelo teu pensamento e pela tua vontade seja cumprido pelo teu fiel servidor, pai da multidão das nações que habitarão e operarão no teu círculo universal: Amem!*”.

Em seguida *Adão e Abel* foram visitar Caim, que veio a eles com as suas duas irmãs. Assim que se acharam juntos, as filhas beijaram o pai e Caim beijou o irmão Abel, mas, ao abraçá-los, Caim deu em Abel três golpes com um instrumento de madeira feito em forma de punhal. O primeiro golpe atravessou-lhe a garganta, o segundo o coração e o último atravessou-lhe as entranhas. Este assassinio passou-se na presença de Adão sem que ele se apercebesse. Mas, mal o assassinio foi cometido, Adão sentiu uma comoção terrível; as duas irmãs de Caim e de Abel sentiram-na semelhantes; e os três, atingidos por esta comoção, caíram por terra exclamando: “O nosso conciliador, Senhor, é-nos arrebatado pela mão do ímpio! Reclamamos justiça e confiamos-te a nossa vingança”.

Vêde com que artifícios os súditos do demônio se disfarçaram aos olhos da criatura através de palavras espirituais e louváveis na aparência. Esta intimação, embora bem natural em pessoas como as três acima, e fundada na simpatia dos sentidos da matéria, provinha ainda de uma outra causa, assim como a queda que tiveram na natureza efetiva do menor e do maior espiritual de Abel, e que não puderam sustentar sem desfalecer. Adão foi o primeiro a levantar-se e foi-se, na companhia do maior e do menor de Abel, à procura de Eva, a quem fez saber tudo o que o Criador quisera exigir dele, para sua inteira reconciliação, que esses crimes acabavam de ser expiados pela vítima Abel, seu filho, e que assim tudo estava consumado.

Deixo-vos pensar qual devia ser a dor deste infeliz pai e qual foi a da sua companheira. Não são estes os famosos espinhos que rasgaram o coração de Adão? Foi Eva quem produziu, em Caim, o instrumento do flagelo do infeliz Adão, tendo concebido este filho com Adão por uma operação de confusão, como no-lo anuncia o número dois e que aqui vou detalhar profundamente.

O número de confusão é o que dirige o que chamamos operação simples e particular, que se faz da pura vontade do menor com o maior espiritual demoníaco. Estes dois sujeitos fazem apenas um pela íntima ligação do seu pensamento, da sua intenção e da sua ação. No entanto, são sempre dois sujeitos distintos um do outro, susceptíveis que são sempre de desunião; tal sucede quando um mediador mais

potente que eles entra no meio, e opera entre eles uma reação oposta à primeira. Por este meio, faz-se uma mudança considerável em favor do menor, contendo a ação do maior demoníaco que nós chamamos operação de confusão e que distinguimos pelo número dois.

Poderíeis perguntar-me se, quando o menor se junta ao maior espiritual bom, não faz igualmente o número dois ou de confusão? Mas responderei que não, visto o espírito bom que faz junção com um menor não pode juntar-se com este menor sem que de antemão tenha comunicado a este mesmo menor o seu espírito intelecto, que chamamos: potência espiritual menor, que prepara e dispõe a alma particular a receber a marca do espírito maior bom,, segundo a vontade e o desejo deste mesmo espírito maior e do menor espiritual. A alma, por esta junção, adquire o número dois, que, unindo-se ao espírito, forma primeiro um número ternário, a saber: a potência inata do menor primeiro, que é a alma 1; a potência menor do intelecto, 2; e a potência direta do espírito maior, 3. Eis como a alma menor faz o número ternário no seu princípio de junção espiritual. Não contamos assim a junção que se faz da alma com o intelecto demoníaco e depois com o espírito mau, porque, nesta junção, a alma abandona inteiramente a sua potência espiritual boa para ela mesma se tornar intelecto do demônio; ao passo que, na sua junção com o espírito bom, ela conserva e fortalece a sua potência espiritual divina, a qual merece, por conseqüência, ser contada na enumeração que fazemos.

Como o espírito maior bom, na sua ação imediata, depende da Divindade, a alma encontra-se consequentemente em correspondência regular com as quatro potências divinas, que designamos de quádrupla essência, como segue: a alma menor, 1, está em correspondência espiritual com o intelecto, 2; o intelecto com o espírito, 3; e o espírito com a Divindade, 4. Eis o que nos prova a exata correspondência de todo o ser espiritual com o Criador eterno.

Quero também dar a conhecer a correspondência do coração do homem com todos os seres espirituais. O Corpo do homem é o órgão da alma; é por ele que o menor dá a entender a todos os semelhantes a sua intenção e a sua vontade de ação espiritual, pelos diversos movimentos e diferentes operações que imprime à sua forma. A alma menor é o órgão do intelecto; o intelecto é o órgão do espírito maior, e o espírito maior é o órgão do Criador divino. Tal é a bela harmonia orgânica dos principais seres espirituais, seja na forma particular do homem, seja na forma geral e universal, e o que nos leva a conhecer como certo tudo ter sido verdadeiramente emanado do primeiro ser necessário a todos os outros, quer espirituais, quer temporais.

Com efeito, através dos números de que me sirvo, deveis aprender a conhecer a tripla e a quádrupla essência divina. Estes são os números de que se serviu o Eterno para operar a criação universal, geral e particular, e a emanação dos espíritos, tantos os que se tornaram maus, como os que conservaram a pureza da sua natureza espiritual divina. O número ternário ajudará a conhecer a unidade ternária das essências espirituais de que o Criador se serviu para a criação das diversas formas materiais aparentes; e o número quaternário ajudará a conhecer o número espiritual de todos os seres espirituais de vida, que são os espíritos maiores, viventes, que são os dados a Cristo, e de privação, que são os demônios e os menores sujeitos à sua potência.

Foi esta virtude dos números que levou os sábios de todos os tempos a dizer que nenhum homem pode ser conhecedor, tanto no espiritual divino, como no celeste, terrestre e particular, sem conhecimento dos números. Uma coisa é o conhecimento das leis da natureza espiritual, outra o conhecimento das leis de ordem e de convenção dos homens materiais. As leis dos homens variam como a sombra; as da natureza espiritual são imutáveis, sendo tudo inato desde a primeira emanação.

Sereis ainda mais amplamente instruídos destas verdades pelo que segue neste tratado.

Observemos a reconciliação de Adão e Eva:

NÚMEROS

- 1 - Unidade, primeiro princípio de todo o ser, tanto espiritual como temporal, pertencente ao Criador divino.
- 2 - Número de confusão pertencente à mulher.
- 3 - Número pertencente à terra e ao homem.
- 4 - Quádrupla essência divina.
- 5 - Espírito demoníaco.
- 6 - Operações mutáveis.
- 7 - Espírito santo, pertencente aos espíritos setenários.
- 8 - Espírito duplamente forte, pertence à Cristo.
- 9 - Demoníaco, pertencente à matéria.
- 10 - Número divino.

Adão e Eva tendo sofrido a dor cruel a que já nos referimos, e nada conhecendo de positivo anunciado nesse acontecimento, quer para eles, quer para a posteridade primeira e seguinte, prostraram-se no maior sofrimento e depositaram toda a fé no Senhor, pedindo-lhe perdão e misericórdia pelo crime que Caim cometera na pessoa de Abel, não tendo em si o poder ou a força de vingar com a sua própria autoridade o sangue do justo com a efusão do sangue do culpado, e sabendo ainda que a vingança pertence apenas ao Criador. O Eterno escutou os rogos e os lamentos de Adão e Eva sobre a morte do filho Abel; enviou-lhes um intérprete espiritual que lhes apareceu e lhes explicou o tipo do crime cometido por Caim, dizendo: “Tendes razão em considerar o assassinato de Abel como uma perda considerável e como uma marca da cólera de Deus que abrangerá os vossos descendentes até ao fim dos séculos. Deveis ainda considerá-la como um resto do flagelo da justiça divina para a inteira remissão do vosso primeiro crime, e para a vossa perfeita reconciliação; mas o Criador, sabedor da vossa total retração e resignação, envia-me junto de vós para acalmar-vos as penas e estancar-vos as lágrimas pelo triste acontecimento que julgais irreparável. O Criador diz-vos, pela minha palavra, que se um e outro produzistes essa posteridade de Abel foi para ser o verdadeiro tipo daquele que virá no seu tempo, para ser o verdadeiro e único reconciliador de toda a vossa posteridade. Ficai ainda sabendo um e outro que Caim, que considerais com razão como um criminoso, não o é tanto como o foi Adão para o Criador. Caim apenas atingiu a matéria, mas Adão tomou o trono de Deus pela força: vede qual de vós é mais criminoso. O vosso filho *Caim* é ainda um tipo de prevaricação dos primeiros espíritos que seduziram Adão e que lhe deram realmente a morte espiritual, precipitando o seu menor numa forma de matéria passiva, o que o tornou suscetível de privação divina, e mudou a sua forma gloriosa numa forma material sujeita a ser aniquilada, não podendo ser restaurada na sua primeira natureza de forma aparente, após a sua reintegração no primeiro princípio das formas aparentes, que o eixo central dissipara tão prontamente quanto o formou. Sede firmes e perseverantes na vossa confiança no Eterno; o termo da vossa reconciliação está cumprido. “Adão respondeu: “Que a vontade do meu Criador seja a minha!”

Vou agora entrar na explicação dos tipos verdadeiros que fazem todos os acontecimentos que relatei. Adão, pela sua posteridade temporal, figura o Criador; e essa posteridade de Adão figura os espíritos emanados do Criador para sua maior glória, e para lhe prestar um culto espiritual. Vistes que esses espíritos podem considerar-se antepassados de Adão, visto terem sido emanados antes dele. Sabeis também que, tendo esses espíritos prevaricado, o Eterno os afastou da sua presença, e que emanou e emancipou da sua imensidade divina um ser espiritual menor para os conter em privação, e que este menor a que chamamos Adão o Régio era por consequência o segundo desses primeiros espíritos nascidos espiritualmente, e que saía tal como eles do pai divino Criador de todas as coisas.

Quero, fazer observar que Caim, primogênito de Adão, é o tipo desses primeiros espíritos emanados pelo Criador, e que o seu crime é o tipo daquele que esses primeiros espíritos cometeram contra o Eterno. Abel, o segundo filho de Adão, imita pela sua inocência e santidade o tipo de Adão, emanado

após esses primeiros espíritos, no seu primitivo estado de justiça e de glória divinas. E a destruição do corpo de Abel, operada pelo seu irmão mais velho, Caím, é o tipo da operação que os primeiros espíritos fizeram para destruir a forma de glória de que o primeiro homem se revestia, e torná-lo por este meio suscetível como eles de se encontrar em privação divina. Eis a explicação exata do primeiro tipo, que Adão, Caim e Abel formam, com os tristes sucessos que os acompanharam.

O segundo tipo que formam estes três menores não é menos considerável, quer pela sua relação com todos os seres corporais, celestes, gerais e terrestres, quer pelos acontecimentos que eles anunciavam dever suceder à posteridade do primeiro homem. Para nos convenceremos disso, devemos observar que Adão, pelos três princípios espirituosos que compõem a sua forma de matéria aparente, e pelas proporções que nela reinam, é a exata figura do templo geral terrestre, que sabemos ser um triângulo equilátero, como se verá fisicamente a seguir.

Adão tinha em seu poder uma vegetação corporal, tal como é da natureza da terra vegetar. Adão só pôde vegetar de duas formas: a masculina e a feminina. A terra só pode igualmente produzir essas duas espécies de vegetação quer nos animais passivos, quer nas plantas e outros vegetais. Mais vos direi que, além do poder que tem o corpo do homem de se reproduzir corporalmente, tem ainda o de vegetar dos animais passivos, que estão realmente inatos na substância dessa forma material.

Quando o ser agente espiritual abandona a sua forma, esta forma entra em putrefação. Realizada essa putrefação, saem da forma corporal seres corporais que chamaremos de répteis, que subsistem até que os três princípios espirituosos, que cooperaram na forma corporal do homem, sejam reintegrados. Não é de admitir que essa putrefação surja por si, nem diretamente da forma corporal, mas sim que o seminal de todas as coisas sujeitas à vegetação está inato no invólucro, seja terrestre ou aquático. Assim sendo, o corpo do homem proveniente da terra geral, e tendo inatos na sua forma de matéria três princípios que cooperaram nele a formar o seu invólucro, quer terrestre, quer aquático, não admira que resida ainda nesta forma particular um seminal de animais susceptíveis de vegetação. É através desse seminal que a putrefação penetra no corpo, após aquilo a que se chama vulgarmente de morte.

Os três princípios que chamamos de *Enxofre*, *Sal* e *Mercúrio*, operando pela sua reintegração, entrecrocam, pela sua reação, os ovários seminais espalhados por toda a extensão do corpo. Esses ovários recebem assim um novo calor elementar, que despe a espécie animal réptil do seu invólucro, e este invólucro, assim dissolvido, liga-se intimamente com o húmido grosseiro do cadáver. É a junção deste invólucro dos répteis com o húmido grosseiro do cadáver que opera a corrupção geral do corpo do homem, e que a seguir põe fim à sua forma aparente. É, sempre pela reação dos três princípios operantes que se verifica a putrefação e essa putrefação produz a explosão dos animais répteis cujo seminal se acha esparso pelo corpo geral do homem.

É indispensável que esta última operação seja feita por ele; e eis aquilo que se chama o sofrimento e o trabalho do corpo. Eu vos farei ainda notar que os animais répteis, provenientes do corpo, só tem ação no húmido radical e mais essencial que se contém no cadáver. A vida e a ação que os animais tem no húmido radical resultam unicamente da operação do eixo do fogo central, que retira, pela sua última operação, todas as impurezas que envolvem as três essências espirituais ainda contidas na forma do cadáver. O seu fogo elementar, juntamente com o fogo central, sustenta a forma da figura aparente desses animais répteis, pela operação de refração dos seus raios de fogos espirituosos, que a seguir se refratam, não encontrando mais fluidos para operar, isto é, quando tudo foi inteiramente consumido por eles. Pode verificar-se isto na forma de um cadáver, onde se verá operar a verdade do que digo a respeito da putrefação. Ao explicar-vos o modo como estes animais répteis chegam à vida, é geralmente o mesmo da vida e da forma corporal de todos os outros animais irracionais, cujo ser provém destes dois fogos, isto é tudo sobre a putrefação. Vou prosseguir na explicação dos tipos dos filhos de Adão.

Além do tipo de prevaricação dos primeiros espíritos, e do tipo do ataque vitorioso deles contra o primeiro homem, Caim representa ainda o tipo da sedução ímpia e funesta de que usaram esses maus espíritos contra as posteridades futuras de Adão, tal como este fizera com a sua primeira posteridade. Vemo-lo no primeiro crime cometido sobre o irmão Abel, e na sedução usada com as irmãs, quando as induziu a presenciarem o que ia efetuar na pessoa do seu irmão, tal como haviam projetado em conjunto. Caim, após a sua prevaricação, foi obrigado a ir viver com as suas duas irmãs na parte meridional, para onde foi relegado com residência fixa por ordem do Criador e autoridade de Adão. É esse o tipo do lugar para onde foram relegados os demônios para aí serem sujeitos a operar a sua vontade e a sua intenção maldosa contra os menores dos dois sexos, sendo o homem e a mulher susceptíveis de conservar a impressão do intelecto demoníaco. Esse lugar meridional é ainda do tipo da parte universal onde o Criador manifestará a sua justiça e a sua glória no fim dos tempos. É também nesse lugar que os justos manifestarão as suas virtudes e potência, para vergonha dos espíritos perversos e dos menores réprobos.

Essa parte meridional terá sido amaldiçoada pelo Criador e marcada pelas Escrituras para asilo dos maiores e menores que tenham prevaricado; direi mais ainda que estas três pessoas: Caim e as suas duas irmãs, pelo seu número ternário, anunciam a prevaricação da forma terrestre do homem, que o intelecto demoníaco seduz pela junção que faz com os três princípios espirituosos que constituem todas as formas corporais. Destes três indivíduos é que extraímos o número novenário das matérias prevaricantes, quer dos demônios, quer dos menores, como vou mostrar.

Sabeis que o número ternário é dado à Terra, ou a forma geral, e às formas corporais dos seus habitantes, assim como às formas dos habitantes celestes. Este número ternário provém de Três substâncias que compõem quaisquer das formas que designamos princípios espirituosos: Enxofre, Sal e Mercúrio, emanados da imaginação e da intenção do Criador. Tendo estes três princípios sido produzidos num estado de indiferença o eixo central dispô-los e operou-os para os fazer adotar uma forma ou uma consistência mais consolidada; e é desta operação do eixo central que provém todas as formas corporais, assim como aquelas de que devem revestir-se os espíritos perversos para sua maior sugestão.

Era também, por conseguinte, destas mesmas substâncias que se compunham as formas corporais de Caim e das suas duas irmãs, que explicamos anteriormente.

A respeito do número novenário, direi, que não é de pasmar os espíritos maiores perversos e os seus agentes preferirem habitualmente a forma humana a qualquer outra; é que essa forma humana tinha sido primeiramente destinada para eles. Vemos, aliás, uma prova da íntima ligação dos espíritos malignos com o corpo do homem nas palavras que Cristo dirigiu aos seus apóstolos, ao cabo da sua última operação temporal no Jardim das Oliveiras. Quando voltou para junto deles, achou-os adormecidos e acordou-os dizendo-lhes: “Não durmais, que a carne é fraca e o espírito está pronto”. Foi por essa facilidade com que o espírito maligno se comunica à forma corporal do homem que as três pessoas de que falamos deixaram corromper os princípios espirituosos que tinham inatos nas suas formas. O intelecto demoníaco insinuou-se e uniu-se inteiramente à forma desses três menores; e daí veio a seduzir o agente espiritual que nelas estava encerrado e que devia dirigir e governar essa forma ao modo do Criador.

Essa insinuação produziu tal revolução nos três menores, que não tiveram mais poder para se livrar da íntima correspondência que reinava entre eles; pela perfeita simpatia que tinham todos os três contraído com o intelecto demoníaco, para eles era tudo uma só intenção, um só pensamento e uma só ação. Nunca se viu tal união entre os homens de todos os séculos, e é impossível que três pessoas diferentes e livres ajam de tal modo, a não ser aconselhadas e conduzidas por um bom ou mau espírito.

É, destas três pessoas, possessoras do princípio dos demônios, que extraímos, conforme disse, o número novenário de matéria, ou seja: adicionando os três princípios espirituosos e essências primeiras, as suas três virtudes e as suas três potências demoníacas, como vai a seguir:

1º - Três princípios de Caim, três princípios da irmã mais velha, três da irmã mais nova = 9.

2º - Três virtudes de Caim, três da irmã mais velha, três da irmã mais nova = 9.

3º - Três potências de Caim, três da irmã mais velha, três da irmã mais nova = 9.

Mas para vos convencer de que o número novenário de matéria vem dos seus menores, basta ver a sua primeira operação demoníaca, e como perpetuaram as suas operações criminosas até ao justo castigo que o Criador exerceu sobre toda a sua posteridade, castigo que as Escrituras nos dão a conhecer mostrando-nos que o Eterno condenou toda a Terra e os seus habitantes ao flagelo das águas, e que, por este meio, a posteridade culpada destes três menores, assim como os homens que eles tinham seduzido, foram aniquilados. Data dessa época o conhecimento do número novenário, assim como a misteriosa adição que se segue:

3

3

3 ____ Adicionai o produto de todos estes números, que é 27 e achareis 2 e 7, que fazem 9.

3

3

3 ____ Multiplicai 27 por 9, a soma dos números do produto fará ainda 9.

3

3

3 ____ Se multiplicardes indefinidamente esse produto, obtereis sempre 9.

27

Era o que vos queria dizer sobre o número novenário. Como quero dar-vos a conhecer os outros tipos consideráveis que Caim representa neste universo, dir-vos-ei que Caim é o tipo de eleito de profeta que o Criador devia enviar através dos tempos à posteridade de Adão. Foi-vos ensinado que, quando Caim destruiu o indivíduo do seu irmão Abel. Caim respondeu com brusquidão: *Porquê entregaste-lo à minha guarda?* Perante esta resposta, o espírito arrebatou-o tão fortemente, quer seu corporal, quer seu ser menor, que ficou logo caído por terra; e nesta situação implorou ao Criador dizendo: *Senhor! os que me encontrarem me matarão.* Perante isto, o Eterno, pai de misericórdia, vendo a consternação de Caim e querendo preservá-lo do reproche e da vingança que a sua posteridade teria podido exercer contra ele, fê-lo marcar com um selo preservativo, e o espírito que o marcou disse: “Pelo Eterno, aquele que ferir Caim de morte será punido de morte sete vezes”, Caim retirou-se em seguida com as suas irmãs para o lugar onde fora relegado pelo Eterno. Teve nesse lugar uma posteridade de dez machos e de onze fêmeas. Construiu nesse lugar uma cidade a que pôs o nome de Enoch. Lembrou-se, para cooperar na sua empresa, de cavar nas entranhas da Terra, e preparou as matérias que dela retirou a fim de dar-lhes as formas convenientes para o uso que delas queria fazer, e fez esta operação com o seu primogenito, a quem chamara *Enoch*. Deixou o seu segredo, quer para a fundição dos metais, quer para a descoberta das minas, ao seu filho chamado Tubalcaim. Daí vem dizer-se que Tubalcaim foi o primeiro a descobrir a fundição dos metais.

Caim, que era um grande caçador, tinha igualmente educado todos os seus filhos mancebos para a caça, sobre tudo o seu décimo, no qual pusera toda a sua dedicação. Não deu a este filho outro talento senão o da caça. Os restantes eram mais dados aos trabalhos de imaginação e às obras manuais. Caim

deu a este décimo filho o nome de *Booz*, que quer dizer filho da ocasião. Foi este último filho que levou à morte o seu pai Caim, o que sucedeu deste modo: Caim, tendo resolvido ir à caça dos animais ferozes, acompanhado pelos dois filhos de Enoch, seus netos, não preveniu o seu filho Booz da caçada que projetara para dentro de dois dias. Booz, por sua vez, projetou, com dois dos seus sobrinhos, filhos de Tubalcain, ir à caça no mesmo dia que o seu pai, mas igualmente sem preveni-lo do seu projeto. Booz, que não tinha filhos, pusera toda a sua amizade nos dois sobrinhos. Partiram juntos para a caça; mas Booz, sem saber, foi pelo mesmo caminho que o seu pai Caim; e, encontrando-se ambos numa mata que costumavam caçar, Booz notou a sombra de uma figura através dessa mata chamada Onam, que quer dizer dor, e lançou uma flechada que foi trespassar o coração do seu pai, que tomara por uma fera. Julgai quanta foi a surpresa e a agitação de Booz, ao chegar ao lugar que a flecha atingira, vendo o seu pai morto pelas suas próprias mãos. A dor de Booz foi ainda maior por saber da punição e da ameaça que o Criador lançara contra aquele que tocasse na pessoa de Caim. Ele sabia que o infeliz seria sete vezes vítima de penas mortais, ou seria punido sete vezes de morte. (Explicarei mais adiante a punição de sete vezes morte).

Booz chamou os dois sobrinhos e pôs-os adiante do cadáver. Mal eles reconhecerem a forma e a figura de Caim, lançaram um grande grito de exclamação e deu mostras do seu horror, o que fez aumentar ainda mais a desolação do infeliz Booz. Tendo contado como era ele a causa inocente da destruição da forma corporal do seu pai Caim, disse-lhes: “Meus amigos, vós sois testemunhas do meu crime; embora involuntariamente, transgredi as ordens e a proibição do Criador, sou culpado perante as ordens e a proibição do Criador, sou culpado perante o Eterno e perante os homens. Sou o mais jovem dos filhos de Caim; o último da sua posteridade, o mais culpado e o mais criminoso. Vingai, na pessoa deste último nascido, a morte do seu pai, e o escândalo que acaba de vos dar”.

O intelecto demoníaco, que conhece a fraqueza dos homens em aflição, suscitou logo uma paixão exaltada de vingança aos dois sobrinhos de Booz pela morte de Caim. Armaram os seus arcos com flechas para lançá-las sobre o tio. Mas quando estavam para soltar o arco, fez-se ouvir uma voz que disse: “*O que ferir de morte aquele que matou Caim, será punido setenta e sete vezes de morte*”. (O que também explicarei adiante). Perante esta terrível ameaça espiritual divina, os dois sobrinhos de Booz tombaram inanimados, mas, tendo recuperado os sentidos, entregaram as armas a Booz dizendo: “O Criador perdoou-te, Booz, pela morte que deste ao teu pai Caim. Nós somos agora os mais culpados perante o Eterno, pois concebemos voluntariamente executar sobre ti o nosso pensamento vingativo. Booz respondeu aos seus dois sobrinhos: “Que seja feita a vontade do Criador!”.

Após esta resignação de Booz, retiraram-se todos para a cidade de Henoque. A tristeza e o abatimento com que se apresentaram na cidade puseram a posteridade de Caim na maior consternação. Esta dor redobrou quando a posteridade soube que a destruição da forma do seu pai Caim fora feita pelo último nascido desse mesmo pai. O pobre Booz, vendo-se reduzido à animosidade geral de toda a posteridade primeira de Caim, foi forçado a abandonar essa horda de possessores de intelecto demoníaco e retirou-se para o deserto de Jeraniaz, que quer dizer: escutai o Criador. Foi neste lugar que Booz acabou os seus dias em contição e penitência.

Eis como Caim foi o verdadeiro tipo de profecia, quando disse, após o crime que cometeu contra o seu irmão Abel: “Os que me encontrarem, Senhor, me matarão”. Não foi encontrado pelo seu filho no mato? Não foi efetivamente morto por um homem, como dissera? O que forma realmente o tipo de profecia, é que o encontro das duas pessoas, Caim e Booz, não é premeditado, e que um e outro se encontraram, sem se conhecer, no lugar onde Caim recebeu o golpe mortal.

Quero que repareis como é ridícula e absurda a observação que os homens de nossa época fizeram sobre esse parricídio de Caim pelo seu filho Booz. Este tipo, ignorado pela maior parte dos homens de hoje, levou-os a julgar e até a afirmar que Adão não é o primeiro homem, pois, dizem eles, quando Caim matou o seu irmão Abel, disse ao Criador: “Senhor! Que vai ser de mim? Os que me

encontrarem me matarão“. Se esses homens tivessem sido instruídos do tipo que faziam estas palavras dirigidas ao Criador, teriam visto claramente que era o dos profetas, tal como o vimos efetuar-se realmente entre os homens da terra e no próprio Caim. Mas, me direis, como podia depois o Criador mandar profetas junto dos homens para os guiar nas suas ações pelas leis que lhes dera, se dizeis que o Criador não toma qualquer parte nas causas segundas que operam entre os homens? Eu responderei que o Criador não pode ignorar o ser pensante demoníaco que opera continuamente fatos sedutores e perniciosos para o menor espiritual, tal como já sucedera na sedução de Adão e da sua posteridade. O Criador, por consequência, julgou necessário, para vantagem do homem, eleger espiritualmente seres menores, e dotá-los de espírito profético, não só para manter o homem nas leis, preceitos e mandamentos que lhe dera, mas ainda para maior moléstia dos espíritos malignos e para manifestação da maior glória divina. O pensamento do ser espiritual bom ou mau, como a ação boa ou má perante o Criador, eis como o Eterno conhece as causas segundas.

Vejamos agora qual é o tipo que faz a retirada de Booz para o deserto de Jezanias. Sendo Booz o último filho da posteridade direta de Caim e completando pelo seu nascimento o número denário, é provável que fosse dotado de alguns dons espirituais divinos, para ser uma figura e um exemplo real da grande misericórdia que o Criador concede em quaisquer circunstâncias, para vantagem do ser menor espiritual e maior perverso, quando os espíritos sinceramente reclamam dele. Deveis compreendê-lo muito claramente pela graça que o Criador concedeu a Booz, que era duplamente criminoso; em primeiro lugar, por Ter assistido ao culto dos demônios de preferência ao do Criador, tendo tido um conhecimento perfeito de um e do outro, e por se Ter deixado levar pelo exemplo e hábito falso contraído junto da posteridade de Caim; e ainda por receio das penas temporais que essa posteridade lhe faria sofrer, e para sua própria satisfação pessoal. Em segundo lugar, Booz foi criminoso por ter matado seu pai Caim, e ter faltado assim às prevenções que o Criador fizera de antemão à posteridade de Caim, após o crime cometido na pessoa de Abel. Não é que o Criador tenha por isso previsto a conduta futura das causas segundas que operavam entre essa posteridade (sabeis o que já vos disse a esse respeito); mas essa proibição, que conhecia a conduta deles todos, e que queria prevenir os homens das abominações que estes últimos poderiam operar contra eles, como já haviam operado para a queda de Adão e da sua posteridade primeira. Daí que os homens tenham sempre julgado a conduta futura. Sabemos aliás que o Criador é mais forte e mais potente que os demônios, e que a maior das raivas demoníacas não faz senão engendrar novas maldições quando se eleva contra o Criador ou o justo menor, cujo edifício é inquebrantável, desde que assente na mínima base espiritual divina. Sabemos enfim que o guardado pelo Senhor está bem guardado. Era nesta potência invencível e na justiça imutável do Criador que se fundavam todas as ameaças que ele fez à posteridade de Caim.

Gostaria de fazer uma pequena dissertação sobre tudo o que acabo de dizer-vos, a fim de vos ajudar a compreender a conduta atroz preferida dos espíritos demoníacos, contra a forma do menor e contra o próprio menor. Os espíritos demoníacos preferem a forma do menor à da besta, porque a forma do homem é a imagem e o ensaio geral da grande obra do Criador. O homem traz na sua forma a figura real da forma aparente que surgiu na imaginação do Criador, e que foi em seguida operada por obreiros espirituais divinos, e unida em substância de matéria aparente sólida, passiva, para a formação do templo universal, geral e particular. Esses espíritos interessam-se ainda mais pela forma do homem porque esta forma contém um ser menor espiritual mais potente que eles, que o procuram continuamente seduzir e desviar do Criador. Eis porque o príncipe dos demônios faz atacar pelos seus espíritos intellectos a forma corporal do homem de preferência à da besta, porque a besta não faz figura nenhuma da grande obra do Criador, e não contém nela nenhum ser espiritual divino sobre o qual os espíritos demoníacos possam exercer a sua impressão.

Convém saber que o espírito demoníaco, sempre procurando perseguir os menores, começa por atacar as formas com o seu mau intellecto. Este mau intellecto torna a vida do homem passiva, suscetível de ser vida espiritual demoníaca, quando sucede fazer junção completa com a forma. Daí resulta que

este espírito intelecto ataca o menor espiritual divino, a fim que este possa receber impressão da vontade do príncipe dos demônios à ordem do qual age este intelecto, e que fez jura de dar luta a toda a forma de operação espiritual tendente à glória do Criador. É deste terrível combate que provém a boa ou má reintegração da forma corporal do ser menor. Tudo depende da firmeza deste menor em rechaçar este ser que lhe é estranho e à sua forma, ou da sua fraqueza em consentir nas insinuações do espírito malévolos. Não será difícil convencer-nos que esta espécie de combates se dá antes na forma do homem que na forma dos animais. Observemos as ações, os movimentos e as operações desses animais. Têm elas combinações e reflexões para a destruição ou conservação da sua forma corporal? Têm um culto? Têm leis para se manterem entre elas em boa ou má inteligência? Não vemos pelo contrário que tudo se opera nestes animais pela única ação da pura natureza que as mantém durante toda a duração temporal? Mas as ações do menor, os seus movimentos, as suas operações, mostram-se de um modo totalmente oposto ao dos animais, e a diferença entre eles é tão considerável que é impossível negá-la. Sim, parte do animal racional está sempre acima do irracional; e isto porque a forma corporal do homem é suscetível de conter três espécies de vida diferentes, o que vos informarei a seguir:

A primeira é a vida da matéria, a que chamamos instinto ou vida passiva, que é inata na forma do animal racional, como na do irracional. A segunda é a vida espiritual demoníaca que pode incorporar-se na vida passiva. A terceira é a vida espiritual divina que preside às duas primeiras. Não encontrareis a mesma coisa entre as bestas; nelas há apenas um ser de vida passiva, proveniente da operação espiritual divina do eixo do fogo central, que dirige dia a dia a sua ação sobre todas quaisquer formas corporais de matéria aparente consolidada por essa mesma operação. É por essa ação e essa operação que todas as formas da matéria aparente são mantidas durante o curso da sua duração temporal fixada pela vontade do Criador.

Tal é a diferença que subsiste entre os seres racionais e os seres irracionais, e tal é a razão pela qual as operações demoníacas atacam antes a forma corporal do homem que a das bestas. Não é necessário um mediador para repor estas bestas nos princípios das suas leis naturais quando a sua paixão pura e simples as afasta dessas leis pelo seu próprio movimento. Não é necessário mediador, pois as suas disputas não vêm de um conselho estranho àquele que a natureza lhes dita.

Eis a dissertação que me propunha a fazer. Queria explicar-vos o tipo da retirada de Booz para o deserto de Jezanias; e isto me deu a ocasião de vos instruir nas coisas mais essenciais e de maior consequência para o Homem de Desejo.

Por esta retirada de Booz devemos compreender que está no poder do menor espiritual divino separar-se, quando entender, da profissão e das correspondências contraídas com o príncipe dos demônios pelo órgão do intelecto demoníaco. Não entrarei aqui no detalhe dos diferentes tipos que faz a posteridade de Caim, devendo ocupar-me disso adiante. Devo, aliás, dar-vos ainda aqui uma explicação sobre o tipo do nascimento de Abel, tal como voltarei a dar-vos outras quando se apresentar a ocasião.

Dir-vos-ei, que Adão e Eva cooperaram na forma do seu filho Abel por uma operação muito sucinta de matéria, isto é, sem excesso dos seus sentidos materiais. Eles tinham-se, aliás, submetido inteiramente ao Criador por uma resignação perfeita e espiritual. O Criador não pôde recusar-se a corresponder à operação deles, constituindo assim para a forma que eles tinham operado um ser menor, dotado de toda a virtude e sabedoria espiritual divina. Esse ser espiritual devia ser o tipo da manifestação da justiça divina para vantagem dos menores e vergonha dos demônios, assim como foi o principal instrumento da reconciliação de Adão e de Eva. Este tipo que representava Abel em favor de toda a posteridade de Adão até ao fim dos séculos não era a única figura espiritual que este ser menor nos representava; ele servia ainda de tipo para a vantagem geral e particular de todo e qualquer ser espiritual. Além disso, esse mesmo Abel era um verdadeiro tipo dos menores dotados da graça

divina, que o Criador faria nascer entre os homens, para serem instrumentos espirituais da manifestação de sua justiça.

Entre os menores destinados a estas espécies de operações espirituais, consideramos em primeiro lugar Enoch, o sétimo da posteridade daquele que substituiu Abel, isto é, de Seth. Ele representa, pela primeira vez desde a nascença, o verdadeiro tipo do espírito divino, para apoio, condução e defesa dos menores contra as perseguições dos demônios. Representa por outro lado, pela sua missão, suas obras e operações, e pelo culto que professou, o verdadeiro tipo da ação direta do espírito duplamente potente do Criador, que devia prescrever aos homens desse tempo a conduta a seguir para se preservarem dos ataques dos seus naturais, temporais e espirituais, e servir-lhes de base fundamental para se perpetuar no cerimonial do seu culto de operação de correspondência divina.

Examinemos, qual o culto que Enoch professou entre os descendentes de Seth. Ele foi o primeiro a erguer, chamados pelo espírito santo nas ciências que possuíam pelo poder e ministério de Enoch, um tipo de reconciliação do gênero humano.

O número dos prosélitos tornou-se em pouco tempo bastante considerável, mas esses novos prosélitos não se mantiveram todos igualmente nas suas virtudes e potências. O que perverteu vários foi a conduta atroz de um dos dez chefes admitidos por Enoch à reconciliação divina, que suscitou a dissensão entre os êmulos e espalhou uma vaga de desprezo sobre as instruções que tinham recebido de Enoch. Este espírito de revolta tornou-se tão forte entre os novos chamados que estes se entregaram inteiramente ao abandono do Criador e ao gozo da matéria sob a condução do chefe prevaricador. Ficaram, apenas em número de nove sobre a terra. Estes nove justos encheram-se de forças e dos conhecimentos que tinham recebido do santo homem Enoch e pediram-lhe que se juntasse de novo a eles, para substituir aquele irmão que o demônio lhes roubara.

Enoch, sensível aos rogos deles, fez com os nove justos uma assembléia na qual lhes comunicou inteiramente seu segredo. Foi aí que fez a sua eleição particular para substituir o prevaricador; mas acrescentou que aquele que escolhera para este fim só entraria na virtude e potência divina quando eles tivessem feito a expiação dos seus pecados durante a sua vida temporal, e quando a justiça divina tivesse punido os criminosos. O coração de aqueles nove justos foi tão abalado que ficaram numa espécie de aniquilamento ou de torpor que durou cerca de uma hora. Durante esse tempo, Enoch fez a sua invocação ao Criador em favor destes nove discípulos, que viram então, na situação em que se achavam, todos os flagelos de que o Criador deveria servir-se para castigar a Terra e o resto dos seus habitantes. O horror assim concebido por estes nove justos, fê-los voltar do seu abatimento; soltaram um imenso grito ao ver Enoch, e disseram-lhe: “Como é possível, mestre, que tudo o que acabamos de ver possa suceder nesta Terra? Não poderíeis aplacar com as vossas orações a fúria daquele que vos enviou entre nós, e retirar os flagelos que ele se propõe lançar sobre a Terra e sobre os seus habitantes? A visão que tivemos não é falsa: o Criador é justo, e vós sois santo, forte e invencível”.

Enoch respondeu-lhes: “Quem vos instruiu então acerca de mim? Sede todos como um só homem, sereis igualmente santos. Sede todos uma mesma lei, sereis todos fortes. Sede todos submissos à mesma regra de vida, que vos prescrevi, e sereis eternamente menores espirituais invencíveis. Tal é a vontade do Pai e do seu Espírito Santo sobre o seu filho. Sede todos filhos do Todo-poderoso aqui em baixo, e sabereis que aquele a quem chamastes Enoch é o espírito do Pai que está no alto”.

Mal Enoch acabara de falar e benzera os nove discípulos, e uma nuvem de chamas desceu do céu e arrebatou esse espírito santo para conduzi-lo ao seu destino. Os seus discípulos ao perdê-lo de vista lamentaram-se e disseram: “Que será de nós, ó Eterno, sem a assistência do nosso mestre Enoch! Por que o arrebatas do seio dos seus irmãos e discípulos? Se a Terra é culpada, de que é que nós, homens corporais, devemos ser responsáveis, senão do sangue material que dela recebemos, e que

abandonamos à tua justiça? Escuta, Senhor, as nossas súplicas, e tem piedade dos teus filhos e dos teus servidores”.

Enoch devia voltar a ser um novo tipo da vontade do Criador, tal como já vimos que houve vários se sucedendo desde os tempos passados até esse dia. O primeiro princípio da religião espiritual divina, estabelecido entre a posteridade de Seth, foi conservado e voltou a vigorar pela potência de Noé, que é ele próprio outro tipo de eleição espiritual para a reconciliação geral e particular; isto veremos claramente ao examinarmos a sua entrada na arca com as diferentes espécies de animais; o repouso e a serenidade dessa mesma arca durante o dilúvio; as instruções espirituais que Noé dá aos seus filhos legítimos; enfim toda a conduta que ele adotou para preservar aqueles que lhe estavam confiados do flagelo terrível de que Deus se serviu para exterminar a Terra e todos os seus habitantes. Sem entrar no detalhe da conduta particular de Enoch com seus discípulos e da sua eleição secreta, basta observar o que acaba de ser dito para se ver claramente que o verdadeiro Messias esteve sempre com os filhos de Deus, embora não se dando a conhecer. Encontraremos também nesta mesma explicação a interpretação do que quis dizer o profeta Daniel, ao pensar emblematicamente, numa das suas profecias, o cativo de Israel em número de setenta semanas, convertidas em setenta anos de servidão sob Nabucodonosor, profecia que foi confirmada pela escravidão dos israelitas e de que foram libertados pelas potentes operações de Zorobabel, após os setenta anos de servidão a que condenara o Criador, pelas faltas que haviam cometido contra ele e contra os próprios.

Mas não é somente pelo advento de Enoch, de que iniciei a explicação do tipo, que achamos provas da presença de Cristo entre os filhos de Deus. Abel, que tinha feito o tipo dos menores indicados para a manifestação da Justiça divina, fazia também o verdadeiro tipo do Messias. Reconhecemos esta verdade pelas operações de todos os menores eleitos que exerceram as suas potências e as suas virtudes espirituais junto dos homens dos séculos passados, e que operam ainda entre os homens dos nossos dias. Esses menores eleitos desde *Abel e Enoch são Noé, Melquisedec, José, Moisés, David, Salomão, Zorobabel e o Messias*. Todos estes indivíduos indicados para a manifestação da glória divina formam o número completo denário espiritual divino, do qual resultaram todas as coisas, tanto espirituais como materiais, como explicarei a seguir ao falar dos tipos e das épocas sucedidas ao corpo geral e particular, assim como aos menores que acabo de mencionar. Será, com efeito, nestas explicações que vos poderei convencer da verdade do que disse com a igualdade, a semelhança e a relação das operações destes menores com as operações de Abel, o que vos fará conhecer claramente que Abel fez a verdadeira figura das operações de Cristo; tal como vistes Caim figurar verdadeiramente as operações do príncipe dos demônios. Com efeito, Caim, ao matar o seu irmão Abel, representa-nos claramente a raiva dos demônios, que juraram dissolver e destruir toda a espécie de criação; e isto se servindo dos próprios homens, nos quais insinuam uma infinidade de paixões materiais que sabem ser conforme a fraqueza dos sentidos da vida material e espiritual; e, por meio dessas insinuações, operam nos menores, ações opostas umas às outras e mantêm-nos assim na confusão.

Vemos assim que não há, entre os homens de matéria, dois pensamentos, duas ações, duas operações que possam concordar. A sanha com que os demônios semeiam as dissensões entre os homens faz nascer nestes, pensamentos desmedidos de orgulho e de ambição, de modo a viverem continuamente numa discórdia espiritual, sem saberem o motivo e a causa da perturbação e das penas a que são condenados, e perdendo inteiramente a idéia do culto que deviam prestar ao Criador.

Eis as abominações que foram figuradas pelo crime de Caim. Abel era verdadeiramente o seu irmão temporal, tendo saído ambos do mesmo homem, mas não havia nenhuma comparação a fazer entre as operações que haviam cooperado na formação de um e de outro. A forma de Caim tinha sido concebida no excesso da volúpia dos sentidos da matéria, e retraçavam-nos sensivelmente a prevaricação do primeiro homem. A de Abel, pelo contrário, foi concebida sem excesso dos sentidos materiais e com toda a pureza das leis da natureza; assim esta forma era mais espiritual que material,

e é por essa concepção espiritual que vemos a forma de Abel como uma verdadeira figura da forma de Cristo, resultante espiritual de uma forma ordinária, sem o recurso das operações físicas materiais e sem a participação dos sentidos da matéria.

Por outro lado, esta formação corporal de *Cristo* retraça-nos a incorporação material do primeiro homem, que, após a sua prevaricação, foi despojado do seu corpo de glória, e tomou-se ele próprio um de matéria grosseira ao precipitar-se nas entranhas da Terra. É que, antes que este espírito divino duplamente potente e superior a todos os seres emanados viesse a operar a justiça divina entre os homens, ele habitava o círculo puro e glorioso da imensidão divina. Mas, ao ser escolhido pelo Criador, abandonou essa morada espiritual para se projetar no seio de uma jovem virgem. Ora a ausência deste menor Cristo da sua verdadeira habitação não nos lembra a expulsão do primeiro homem do seu corpo de glória? A entrada deste maior espiritual, ou verbo do Criador, no corpo de uma jovem virgem, não nos lembra claramente a entrada do primeiro menor nos abismos da Terra, para se revestir de um corpo de matéria? As diferentes dores e as revoluções que sofre o corpo desta jovem virgem na gravidez e no parto, são a figura da sujeição e das revoluções espirituais demoníacas que o corpo geral terrestre padecerá e é obrigado a padecer relativamente à prevaricação de Adão.

Tendo então Deus amaldiçoado a Terra e tendo-a entregue a rigorosos padecimentos, as perseguições que as diferentes nações fizeram ao corpo da virgem e ao seu fruto representam-nos as que os demônios das diferentes regiões fizeram e fazem ao corpo geral terrestre e particular, assim como aos menores nele contidos.

O desastre do corpo de Cristo, destruído pelas mãos dos homens, bem nos prova ainda que os demônios têm o poder sobre as formas corporais de matéria aparente; mas convém saber que estes mesmos demônios não podem impedir a reintegração das substâncias espirituais que compõem as formas, visto essas substâncias não serem deles provenientes. Eles podem também destruir a forma particular, mas não a forma geral terrestre, que só terá fim no tempo prescrito e limitado pelo Criador.

A perda do indivíduo corporal de Cristo, operada pelos homens na presença das duas mulheres, Maria de Zebedeu e Maria Madalena, tinha sido figurada pelo crime de Caim contra o seu irmão Abel na presença das suas duas irmãs. As duas mulheres que acabo de nomear acompanharam a Cristo em todas as suas operações espirituais divinas, tal como as duas irmãs de Caim tinham seguido o seu irmão em todas as operações demoníacas.

Não ficam por aqui as relações que podemos reconhecer entre as operações de Cristo e as operações dos primeiros menores. Não podemos ignorar que o sangue que jorrou do justo Abel é o tipo e perfeita semelhança de aquele que devia derramar o Cristo e que efetivamente derramou. Esse sangue de Abel, espalhado pela Terra, é o verdadeiro tipo e a reação da ação da graça divina, que deu paz e misericórdia à Terra e aos seus habitantes. Era igualmente o tipo da aliança que o Criador devia fazer com a sua criatura após a reconciliação, como vimos foi o primeiro homem a entrar na graça do Criador logo após o sacrifício de Abel. Isto se repetiu claramente com a circuncisão de Abraão, pela qual esse pai de imensa prole obteve a sua reconciliação perfeita com o Criador, e foi pela efusão do seu sangue que este patriarca conheceu a aliança que o Eterno fazia com ele. Não é notório que a efusão do sangue de Cristo é a confirmação de todos estes tipos que precederam, pois a efusão desse sangue, fazendo tremer a Terra, fez sentir em toda a natureza a sua reconciliação e a aliança que o Criador fazia com ela e com os seus habitantes?

Já que comecei a falar-vos dos acontecimentos que acompanharam as operações de Cristo, explicando-vos o tremor de terra que então sucedeu, poderíeis também me pedir a explicação do escurecimento do sol que sucedeu pela primeira ocasião. Eu vos direi que o eclipse que aconteceu na parte celeste é o tipo real do flagelo sucedido aos espíritos demoníacos que Cristo, pela sua operação, reduziu ainda mais baixo do que estavam na sua privação de potência contra a criação geral e

particular. Este eclipse lembrava também as trevas da ignorância, em que os Hebreus se acharam mergulhados quando se lhes eclipsaram da memória os santos nomes divinos que até então conduziam todas as suas operações naturais, temporais, espirituais e divinas. Ele figurava também a cegueira dos incrédulos, que ficam e ficarão até ao fim dos séculos na privação da luz divina.

Este eclipse faria enfim o verdadeiro tipo da matéria geral, que se eclipsará inteiramente no fim dos tempos, e se apagará da presença do homem como um quadro se apaga da imaginação do pintor. Por esta última comparação podeis entender que o princípio da matéria do corpo geral não é para o Criador senão um quadro espiritual concebido na sua imaginação. Assim, neste quadro espiritual estavam incluídos todos os seres corporais, todavia sem substância de matéria. Este quadro continha principalmente o menor espiritual que devia contribuir para a formação dos corpos.

Já que expliquei, direis, o eclipse considerável acontecido pela morte de Cristo, bem poderia também vos explicar qual é o tipo da ruptura do véu, que sucedeu ao mesmo tempo. Aceito na esperança de que tal vos seja proveitoso conforme ao vosso bom desejo; dir-vos-ei, pois que a vossa ruptura do véu do templo é um tipo considerável em proveito do menor espiritual que terá a felicidade de ser incluído nas fileiras de àqueles a quem o Criador recompensará com a sua maior glória espiritual divina. Esse véu rasgado é o verdadeiro tipo da libertação do menor privado da presença do Criador. Ele explica a reintegração da matéria aparente que vela e separa todo o ser menor do conhecimento perfeito de todas as obras consideráveis que operam a cada instante o Criador para a sua maior glória. Ele explica o rasgar e a descida dos sete céus planetários, que velam, com o seu corpo de matéria, aos menores espirituais a grande luz divina que reina no círculo celeste. Ele explica ainda a ruptura daquele que escondia e velava à maior parte dos menores o conhecimento das obras que o Criador opera para sua maior justiça em favor da sua criatura.

Moisés fez-nos conceber claramente esta última figura dando aos Hebreus o conhecimento da lei divina, que lhes recitou com a face coberta por um véu vermelho. Este véu vermelho, que escondia do povo a face de Moisés e as tábuas nas quais estavam escritas as intenções e a vontade do Criador, representam perfeitissimamente os espíritos perversos que servem de véu escandaloso a todos os menores que entraram em função com eles. A cor vermelha do véu representa a insinuação do intelecto demoníaco nos principais sentidos da forma do menor, que o priva de toda a comunicação dos sentidos espirituais divinos, e o torna incapaz de reter qualquer impressão espiritual, quer por tipo, quer por mistério, quer ainda em natureza pura e simples espiritual. A face de Moisés velada anunciava o estado de privação dos conhecimentos divinos a que Israel ia ser reduzido pelas suas alianças, que Moisés via que o povo ia fazer com o príncipe dos demônios, e a ignorância, em que este povo ia cair, do tipo espiritual que Moisés operava diante dele.

Foi pelas suas alianças criminosas que os Hebreus foram chamados depois: filhos das trevas e filhos do sangue da matéria, e que foram substituídos por aqueles que são chamados: filhos da graça divina. Mas estes filhos não deverão deixar-se adormecer pela graça obtida em prejuízo do povo hebreu: a reprovação deste povo era apenas um tipo notável da realidade de um fato que deverá suceder um dia à face do universo e de que falarei na explicação das revoluções últimas que hão de sobrevir à criatura lá para o fim dos tempos.

Já me alonguei bastante na explicação dos tipos de Caim e Abel; vou agora vos falar da posteridade subsequente de Adão. Mostrei como Adão tinha sido perfeitamente reconciliado por meio de Abel. Concebeis facilmente que, sem esta reconciliação, a natureza universal, geral e particular, não existiria da maneira que existe hoje, embora o tempo da sua duração tivesse sido o mesmo. Mas como o Criador tinha posto em Abel todos os dons necessários para operar, em toda a sua extensão, a manifestação da glória divina para vantagem da criatura e vergonha dos demônios, era preciso, após a morte de Abel, que todos esses dons revertessem sobre um outro menor. Os decretos do Criador operam-se e sempre se operarão com uma imutabilidade irretocável. Adão concebeu segundo a

vontade do Criador, uma terceira posteridade, a que chamou de Seth, que uzer dizer admitido à posteridade de Deus. Foi este ser menor espiritual que herdou todos os dons potentes que possuía Abel, porque Abel devia ser apenas um tipo simples de reconciliação espiritual, ao passo que Seth tinha não só esse tipo a operar, mas ainda o da estabilidade das leis da natureza, do curso das suas diferentes revoluções e dos sucessos temporais que nela passarão, no momento em que se apagar dos olhos daquele que a fez nascer na sua imaginação divina.

Para esse efeito, o Criador instruiu ele mesmo, pela via do seu enviado espiritual Heli, o bem-aventurado homem Seth dos secretos recursos espirituais divinos que continham e dirigiam toda a natureza, tanto material como espiritual. Ele recebeu diretamente do Criador, pelo espírito, todo o conhecimento das leis imutáveis do Eterno, e por aí soube que toda a lei de criação temporal e toda a ação divina se vaseavam em diferentes números. O mesmo Heli ensinou-lhe que todo o número era co-eterno com o Criador, e que era por meio desses diferentes números que o Criador formava todas as figuras, todas as suas convenções de criação, e todas as suas convenções com a criatura. Para que não duvideis desta verdade, dar-vos-ei conhecimento dos números co-eternos que estão inatos no Criador. Sabeis sem dúvida que todos os sábios passados e presentes sempre tiveram o número denário na conta do respeitável sob todos os aspectos. Se os sábios passados e presentes sempre tiveram o número denário na conta de respeitável sob todos os aspectos, se os sábios tiveram e têm tanto respeito por este número denário é porque aprenderam a conhecer-lhe a força pela perseverança nas operações espirituais divinas, por meio das quais obtiveram os mesmos dons que haviam sido dados a Seth. Estes sábios adquiriram esses dons para sua posteridade carnal, que a maior parte não teve, embora unidos a menores femininos segundo a vontade do Criador; mas eles só empregavam esses dons para a educação e instrução dos filhos espirituais que o Criador lhes assinava, para assim os dispor a tornarem-se instrumentos da manifestação da glória divina.

Foi entre essa posteridade espiritual que eles perpetuaram o conhecimento desse notável número denário, no qual se continha toda a espécie de número da criação, e de onde tiveram a faculdade de tirar todos os números terrestres, menores, maiores e superiores que aí estavam expostos, como foi ensinado ao bem-aventurado Seth, e que me foi dito para ensiná-lo ao Homem de Desejo. Eu vos direi segundo o que sei dos que foram encarregados de me mostrar, que o número denário completa os quatro números de potência divina. Disponho perante vós o número denário em quatro figuras diferentes de caracteres de aritmética: 1, 2, 3, 4. Adicionai estes quatro caracteres desta maneira: *1 e 2 são 3, 3 e 3 são 6, 6 e 4 são 10*, encontrareis o vosso número denário que é a grande e primeira potência divina, na qual os três outros números estão contidos, tal como podeis ver pelas adições seguintes: 3 e 4 produzem o número 7, que faz a segunda potência do Criador; 1 e 2 são 3, 3 e 3 são 6, eis a terceira potência do Criador; enfim, adicionai 1 e 3 e tereis 4; e é o número quaternário que termina e conclui as quatro potências divinas do Criador contidas no seu número co-eterno *denário*.

É conveniente, para vossa maior instrução, que vos dê a aplicação desses quatro números, a fim de vós poderdes conhecer o uso a que cada um deles foi destinado pelo Criador para a criação universal, geral e particular. Dir-vos-ei, que o número denário é um número indivisível ou que não pode sofrer nenhuma divisão. É ele que completa, divide e subdivide todo o ser de número inato no templo universal, geral e particular, corporal, animal, espiritual e divino. Eis porque este famoso número foi sempre tido pelos sábios como o número único, o representante da quádrupla essência divina, e, em consequência, com respeito a todos os seres espirituais provenientes desse mesmo número. Eis também porque este número só pode ser operado pelo Criador, e não por nenhum ser espiritual duplamente potente e, simples e menor, e porqe atentando nisto nenhum sábio fez uso desse número, reservando-o sempre, por respeito, à Divindade.

Eis qual o emprego do número denário ou da primeira potência divina, que se figura assim: 10 ou Φ ; e foi por esse número que a imaginação pensante divina concebeu a criação espiritual divina, temporal.

Passemos ao número setenário.

O número setenário, extraído do número absoluto denário, é o número mais que perfeito que o Criador empregou para a emancipação de todos os espíritos do seio da sua imensidão divina. A classe de espíritos setenários devia servir de primeiro agente e de causa certa, para contribuir a operar toda a espécie de movimento nas formas criadas no círculo universal. Que observamos em todas essas formas? Som, movimento, ação e reação. Todas estas diferentes qualidades e propriedades das formas não nos seriam sensíveis, se essas formas não contivessem um ser inato a que chamamos partícula do fogo incriado excentral, que as torna susceptíveis de todas as ações que nelas observamos.

Mas todas estas ações e movimentos das formas não podem resultar unicamente deste princípio inato, e este princípio ou esta partícula de fogo incriado não produziria jamais coisa alguma nas formas corporais, se não fosse reacionado por uma causa principal e superior que o opera e o torna apto ao movimento e à conservação das mesmas formas. Essa causa superior, como vemos, são precisamente esses agentes setenários divinos, que presidem como chefes às diferentes ações e aos diferentes movimentos de todos os corpos, aos quais fazem operar os pensamentos e a vontade segundo o que tenham concebido. Isto figura-se-nos realmente pelo que ficou ensinado anteriormente, que a forma corporal humana era o órgão da alma do menor, e não se pode conceber melhor as faculdades e o poder destes agentes setenários sobre os seres corporais senão pelas diferentes operações que os próprios menores produzem pelas suas ações sobre as suas próprias formas, e que se passam aos olhos dos seus semelhantes. Eis qual a virtude e a faculdade de potência do número setenário, a sua emanção do número denário, e o emprego que o Criador dele fez para a eman-cipação dos espíritos formados à sua semelhança; e este número é *a segunda potência da Divindade*.

A terceira potência divina, ou número senário, é igualmente emanada do notável número denário. Este número senário não é tão perfeito nem de tão potente virtude espiritual como o número setenário, e isto porque o número senário pode dividir-se em duas partes iguais ou duas vezes três, o que não se pode fazer com o número setenário sem o destruir e o desnaturar. O número senário é aquele pelo qual o Criador fez sair do seu pensamento todas as espécies de imagens de formas corporais aparentes que subsistem no círculo universal. Não nos ensina o Gênesis que Deus criou tudo em seis dias? Não devemos ver nisto um termo imposto pelo Gênesis à potência da Divindade, limitando-lhe o tempo a seis dias, ou anos. O Criador é um puro espírito superior ao tempo e a duração sucessiva, mas pode ter operado seis pensamentos divinos para a criação universal, e este número seis pertence efetivamente à criação de qualquer forma de matéria aparente. Por este mesmo número, o Criador faz sentir a sua criatura, tanto espiritual como temporal, a duração de tempo que deve subsistir a criação universal. Eis qual a virtude do número senário e o uso que dele fez o Criador. Foi assim que os sábios obtiveram o conhecimento do princípio das formas e dos limites impostos pelo Criador à duração do seu curso; daí também sabermos que todo ser corporal se reintegrará no seu primeiro princípio de emanção pelo mesmo número que o produziu. E chegamos ao número quaternário, ou quarta potência do Criador.

O número quaternário, aquele que completa a quádrupla essência divina é infinitamente mais perfeito e mais considerável que o número senário, porque é ele que contribui para a perfeição das formas extraídas da matéria indiferente, porque dá o movimento e a ação à forma corporal, e porque preside todo o ser criado como sendo o principal número de onde tudo resultou. Chamamos-lhe assim número tornado potente do Criador, como contendo em si toda a espécie de número da criação divina, espiritual e terrestre, tal como vos fiz compreender pelas diferentes adições dos quatro caracteres que compõem este número quaternário, e pela adição total destes menores, que vos dá o número denário.

É por essas diferentes adições que são designadas as diferentes faculdades e as diferentes potências pelo homem recebidas do Criador. Eis porque no número quaternário o homem deve aprender a

conhecer todos os números de potências espirituais nele inatos, pois teve a infelicidade de ser privado desses conhecimentos. O número quaternário, enfim, é aquele de que se serviu o Criador para a emanação e emancipação do homem ou do menor espiritual; o que faz que a alma seja chamada vida eterna ou ativa, como vou passar a explicar-vos.

Deveis saber quão importante foi sempre considerada a figura triangular entre os sábios das diferentes nações. *Adão, Enoch, Noé, Moisés, Salomão, Cristo*, fizeram grande uso desta figura nos seus trabalhos. Vemos mesmo ainda hoje o cuidado observado em colocar esse triângulo nos nossos palácios, no cimo e nos frontões dos edifícios. Pergunto se esta figura pode ser o fruto da imaginação do construtor. Tal não é possível, pois lhe é anterior e existe em natureza no nosso próprio corpo. Não se pode também aceitar que esse triângulo seja a figura da Trindade, embora se dê aos três ângulos de um triângulo equilátero os nomes de Pai, de Filho e de Espírito Santo, porque enfim a Trindade não pode ser figurada por nenhuma forma sensível aos olhos da matéria. Esta figura representa, somente as três essências espirituais que cooperaram na forma geral terrestre, sendo esta a figura: ∇ o ângulo inferior representa o Mercúrio; o ângulo a sul representa o Enxofre, e o ângulo a norte representa o Sal. Ora, foi só a junção do princípio espiritual ou do número quaternário a estas três essências que lhes deu uma união íntima, e lhes fez tomar uma só figura e uma só forma, que representa verdadeiramente o corpo geral terrestre dividido em três partes: *Oriente, Norte e Sul*.

Eis como, pela junção do número 1 com o número 3, demonstramos a grande potência do número quaternário que completa perfeitamente a quádrupla essência divina. É do centro desse triângulo que as três pontas angulares emanam. Esse centro compõe-se de quatro letras; vemos muito claramente que todo o ser de criação se submete e provém da quádrupla essência divina, e que o espírito menor, pela sua emanação quaternária, contém realmente o nome dessa quádrupla essência.

Tais são as sublimes instruções que Seth recebeu do Criador pela via de Heli. Foi assim que ele adquiriu toda a potência e o completo conhecimento das operações divinas, e não, como já foi dito, que tenha sido instruído em todas as ciências espirituais e naturais pela via do seu pai Adão. Tal não podia ser de modo algum, pois Adão, pela sua prevaricação, apenas obteve uma simples potência menor, que não podia ainda transmitir por si, mas só pela autoridade suprema da divindade. *Adão* só pôde comunicar a *Seth* o custoso cerimonial que aprendera a conhecer por um longo trabalho do corpo, da alma e do espírito, e nunca os frutos espirituais provenientes das suas operações temporais espirituais.

Adão, no seu primeiro estado de justiça, como acabo de dar a entender, recebeu verdadeiramente do espírito divino todas as ciências e todos os conhecimentos espirituais; isto é, a via certa e um plano exato de todas as operações espirituais divinas para as quais fora emanado; mas, tendo feito um uso criminoso dos seus poderes, o Criador retirou-os de imediato e deixou esse desventurado Adão, mesmo após a sua reconciliação, suscetível de ser homem de erro em todas as suas operações humanas, espirituais e temporais, o que sucede ao homem todas as vezes que não opera exclusivamente em virtude dessas três potências ternárias que são: Potências do ar, *da terra e do fogo*. É perigoso para o Homem de Desejo usar estas três potências seja em que operação for, sem previamente ter obtido do Criador a potência quaternária que nos é retirada pela prevaricação de *Adão*; e é a falta desta potência quaternária que nos faz sentir que o homem, desde a prevaricação de Adão, é homem de erro; e é ainda a falta desta potência quaternária que nos faz sentir que o homem está verdadeiramente em privação espiritual divina. É verdade que o homem pode sair por vezes dessa privação durante a duração do seu curso temporal, mas nunca é por muito tempo, pois o Criador, que é imutável, disse expressamente ao seu homem reconciliado que nenhum conhecimento das ciências divinas lhe seria dado enquanto não o tivesse ganho através dos trabalhos que lhe foram prescritos pela segunda vez. E desde essa época que o homem é ignorante e limitado; isso não lhe teria sucedido, se tivesse dirigido a sua potência quaternária segundo as instruções do Criador. Além dos tipos notáveis que *Seth* fizera da reconciliação espiritual e da estabilidade das leis da natureza, ele fazia

ainda verdadeiramente o da misericórdia divina, pois substituiu Abel, pois implorou a graça para o seu irmão Caim, que parece ter obtido, ou pela expiação que Caim fez do seu crime pelo gênero de morte que o atingiu, ou pela penitência que fez Booz do crime involuntário que cometera sobre a forma desse mesmo Caim. Não deveis duvidar que esses dois menores tenham obtido misericórdia do Criador, pela virtude e santidade do bem-aventurado Seth. Se me perguntardes que prova física poderá levar-vos a acreditar no que digo a este respeito, dir-vos-ei que, quando tiverdes a felicidade de conhecer o gênero de trabalho de Seth e aquele que os sábios operaram depois, assim como os trabalhos de Moisés e de Cristo, não mais me fareis semelhante pergunta. Se tivésseis freqüentado esses sábios célebres, não falaríeis desse modo. Ter-vos-íeis contentado com admirar os fatos, sem procurar entender o que diziam, vos teria sido tão difícil entender as suas questões e discursos, como os fatos que se operavam naturalmente diante dos presentes.

Esse respeitável Seth, como posteridade de Deus pelo seu nascimento, foi encarregado de instruir os seus descendentes acerca do culto divino. Ele transmitiu ao seu filho Enos, que quer dizer fraco mortal, toda a cerimônia de operação divina, espiritual e terrestre, celeste, aquosa e fogaosa; recomendou-lhe, sob as penas mais terríveis, de não abusar nunca dos conhecimentos que lhe haviam sido confiados pelo Eterno, assim como dos frutos provenientes dos seus trabalhos espirituais; proibiu-lhe, entre outras coisas, qualquer ligação com os profanos, ou com os filhos dos homens, quer dizer, as filhas concubinas da posteridade de Caim, e que essa raça nunca se unisse com os filhos de Deus, que eram a posteridade de Seth. Era nesta posteridade que o Criador devia fazer nascer os menores designados para a manifestação da sua glória, como já deixei entrever no tocante à eleição de Enoch, e como mostrarei mais claramente com a enumeração de todos os menores eleitos. Vereis que esta posteridade de Seth e de seu filho Enos não tardou a corromper-se, pelas suas alianças com a posteridade de Caim, e que assim decaiu de todos os conhecimentos espirituais divinos que Seth lhe comunicara. Esta posteridade de Enos subsistiu assim na abominação até a sétima geração, de onde provém o patriarca Enoch, de quem já falei, como acabo de dizer-vos, e que vou tratar mais amplamente.

Eis o que tenho de interessante a dizer-vos sobre Seth, não julgando dever entrar nos detalhes dos acontecimentos particulares dele e da sua posteridade, acontecimentos que não manifestam qualquer utilidade para as coisas que deveis desejar.

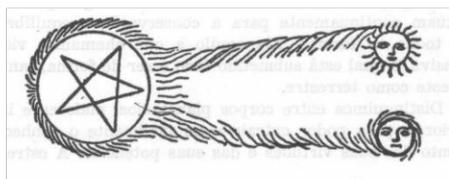
Enoch veio ao mundo na posteridade de Seth e teve como pai, *Jared* ou *Ared*, que quer dizer homem iluminado por Deus. Este pai deu ao seu filho o nome de Deliacim, que significa: *ressurreição do Senhor na posteridade de Seth*, e pôs-lhe o apelido de Enoch, com E e não com H. Este nome Enoch significa: consagração. Todos estes nomes e o tipo que fez Jared na posteridade de Seth ou de Enos eram uma verdadeira figura do passado, do presente e do futuro. Jared era um homem justo aos olhos do Criador; ele era mais potente em virtude divina que os outros patriarcas, pela força do culto divino que exercia para expiação dos crimes da posteridade de Enos. As luzes que recebia em cada dia do espírito divino preparavam-no para ser o precursor de um ser justo que lhe ensinara o espírito dever dele emanar pelo mesmo espírito. Foi esse espírito que lhe ensinou o tipo maravilhoso que o seu filho Enoch devia fazer do espírito divino, e da própria ação da Divindade, para a condução e defesa dos menores contra os ataques dos seus inimigos, tal como já dissemos precedentemente falando da eleição de Enoch.

Jared soube enfim do espírito as obras potentes e espirituais que o seu filho Enoch devia operar e que realmente operou entre a posteridade de Caim e de Seth e a posteridade feminina de Adão, que formam as três nações habitando a face da terra. Não passarei este último ponto sem vos fazer observar que a convenção dos homens distinguiu: Ismael, Israel, os Cristãos e os Idólatras ou os incrédulos, que, a pretexto de honrar e elevar a Divindade, não conhecem outro Deus senão a matéria; mas, sendo essa divisão em quatro partes proveniente da convenção dos homens sem a participação divina, ela não pode ser senão falsa e enganosa, pelas razões que sdamos a seguir.

Adão, que fora emancipado da circunferência divina unicamente para ser o rei da terra e ter uma posteridade de Deus, não devia, pela sua primeira natureza de espírito, participar em nenhuma divisão dessa mesma terra. Mas tendo-se tornado homem de matéria pela sua prevaricação, tiveram na sua posteridade carnal três filhos homens, *Caim, Abel e Seth*. Abel, que surgira unicamente por ordem do Criador, e para simples manifestação espiritual divina, não devia gozar de qualquer porção de matéria, nem participar de modo algum da divisão da terra, a qual só devia ser distribuída à posteridade dos homens resultantes dos sentidos da matéria. Assim este menor justo foi prontamente subtraído do número dessa posteridade material após ter cumprido a sua missão segundo a vontade do Criador. Ficaram apenas três pessoas: Adão, Caim, Seth; Adão, segundo a ordem recebida do Eterno, fez a divisão da terra em três partes, e não em quatro. Isso não podia ser de outro modo, me direis vós, pois não havia então mais de três pessoas. Mas vos responderei que, tivesse embora Adão cem filhos, não poderia ter dividido a terra em mais de três partes, não tendo a terra mais partes e sendo a sua forma perfeitamente triangular. Assim Adão dividiu-a em todo o seu conteúdo de regiões como segue: o Oriente a Adão, o Sul a Caim, e o Norte a Seth. Assim como não há senão três círculos esféricos: o sensível, o visual e o racional, também só há três ângulos terrestres e se divide a criação universal em três partes.

O que nos prova não poder a criação universal ser dividida senão em três partes, é nela não podermos encontrar o que se chama a *quadratura do círculo*, ou divisão do círculo em quatro partes. É por todas estas operações que rejeitamos a quarta parte que o vulgo admite na divisão da Terra. Assim, não pode haver nessa mesma Terra senão três nações principais, das quais toda a nação composta e convencional de nome são emanadas. Essas três nações foram representadas pelos três filhos de Noé, para quem essa mesma Terra foi ainda dividida em três partes iguais, a saber: *Cham ao Sul, Sem a Ocidente, e Jafet a Norte*, como direi adiante. Acrescentarei aqui que a ordem que Adão recebeu do Criador para fazer esta divisão da Terra, foi para ele muito dolorosa, pois lhe lembrava a diferença do seu estado de glória e do seu estado de reprovação. Dir-vos-ei ainda que esta partilha da Terra anunciou a divisão que depois reinou e reinará até o fim dos tempos entre os homens; estado de guerra e de dissenção no qual Adão mergulhou toda a sua posteridade. Voltemos a Enoch.

O nascimento de *Enoch* causou uma grande satisfação espiritual entre a posteridade de *Seth*. Ele trazia na figura o caráter do que era e da sua missão, e a sua passagem pelo mundo foi marcada nos céus por um sinal planetário que muito admirava a posteridade de *Seth* e mais ainda a de *Caim*. Este sinal, que se fez conhecer a toda a Criação, foi, sobretudo sensível no Sul, onde habitava a posteridade de Caim. Esta posteridade foi, com razão, mais alarmada que a de Seth pela aparição deste sinal, porque compreendeu que ele era o prognóstico do flagelo que o Criador ia lançar sobre ela, e sobre todos os habitantes dessa região meridional. Esse sinal não era senão uma estrela extraviada do seu círculo planetário; ela descera mais perto da Terra que o seu habitual, e tinha por esse meio uma luz diferente daquela que recebia na ordem do seu curso natural; de tal sorte que pareceu oposta e diferente das outras estrelas que lhe eram iguais naturalmente. Esta aparência diferente levou-a a ser chamada pelos homens: *Lathan*, que quer dizer *sinal de confusão e dor terrestre*, e é o que o vulgo chama cometa. Eis qual era a figura desse sinal:



Para que concebais perfeitamente o que é um sinal planetário, deveis aprender que todo o corpo celeste seja maior, superior, ou inferior, é formado de matéria que, em princípio, é suscetível, no seu conteúdo de forma corporal, de ter seis divisões. Um círculo planetário compõe-se de seis estrelas principais iguais em grandeza, em virtude e em potência, as quais recebem a ordem de ação, de

movimento e de operação da estrela superior que está no centro das seis componentes do círculo planetário. Nos intervalos dessas estrelas, há uma infinidade de outros corpos que chamamos: *sinais ordinários planetários*, vulgarmente chamados: *pequenas estrelas*. Estes sinais seguem, no seu arranjo, a mesma ordem que reina entre as estrelas do círculo planetário; quer dizer, estão unidos sete a sete. Cada um destes sinais tem sete virtudes aderentes às principais estrelas do círculo planetário, e, além disso, cada um destes sinais contém ainda em si sete outras virtudes, o que os torna susceptíveis de serem multiplicados pelo seu próprio número de figuras e de virtudes, que é sete vezes sete, cujo produto é $49 = 7 \times 7 = 49$. É por este número que ficamos sabendo que os corpos planetários, superiores, maiores e inferiores, são realmente constituídos em vida espiritual divina e em vida corporal passiva, assim como todos os corpos permanentes no círculo universal, tudo distintamente. Os irracionais têm a vida e o instinto passivos, e os racionais têm além do instinto a vida espiritual ativa.

Sabeis que todo o ser de forma corporal nasceu de três essências espirituais: *mercúrio, enxofre e sal*, que os espíritos do eixo puseram em ação para cooperar na formação de todos os corpos; eles cooperaram nessa formação inserindo nas diferentes essências um veículo dos seus fogos, e é sobre esse veículo dos seus fogos que eles atuam continuamente para a conservação e equilíbrio de todas as formas. Eis aquilo a que chamamos vida passiva, à qual está submetido todo o ser de forma, tanto celeste como terrestre.

Distinguimos entre corpos planetários, maiores e inferiores, para poder extrair mais facilmente o conhecimento das suas virtudes e das suas potências. A estrela do centro é o ser superior planetário; é esta estrela que governa estes corpos planetários maiores e inferiores, e ela é chamada superior porque é sobre ela que vai imediatamente reverter a influência solar. Esta estrela superior comunica o que recebeu às estrelas maiores planetárias que ornaram o seu círculo: as maiores comunicam-no a uma infinidade de pequenas estrelas que se acham em união com elas, a que chamamos sinais, ou corpos, interiores planetários; e estes sinais inferiores, tendo recebido a ação influente dos superiores e dos maiores, difundem-na com exata precisão pelos corpos grosseiros terrestres.

Eis um pequeno quadro da composição de um círculo planetário e dos seus habitantes, que se podem imaginar como sendo em número infinito, dada a multidão de seres animais, espirituais menores, e espíritos puros e simples divinos que habitam esses círculos planetários, onde encontramos a vida espiritual ativa. Não seria mal, para o homem e para todas as formas, tanto a geral como as particulares, se os círculos planetários fossem apenas habitados por seres tais como aqueles de que acabo de falar; mas eles são ainda susceptíveis de serem habitados por seres espirituais malignos, que se opõem às potências e combatem as faculdades das ações influentes boas, que os seres planetários espirituais bons estão encarregados de espalhar por todo o mundo, segundo as leis da ordem neles inatas para o sustento e a conservação do universo.

Daí nasceu o provérbio entre os homens de que há más influências planetárias, e isto é muito positivo, como mostrarei claramente ao detalhar os princípios dos diferentes corpos celestes e terrestres, e dar um conhecimento positivo de todas as virtudes e potências de Saturno, do Sol e dos outros círculos planetários. Duvidais talvez da junção que se faz dos espíritos maus com os espíritos bons planetários, e é pelo pouco conhecimento que tendes destes espíritos bons e das suas ações, não julgando possível que eles sejam interrompidos nas suas funções naturais pelos espíritos maus. Isto não pode, no entanto ser de outro modo, pela razão que vos vou dizer.

Vós não ignorais o nascimento de Adão numa forma gloriosa; não ignorais a sua prevaricação e a sua degradação de toda a potência espiritual. Deveis ser bastante instruídos a este respeito, mas o que vos falta é saber se o demônio se achava numa forma corporal quando tentou o primeiro homem. Visto que o ignorais, vos direi que o demônio estava então num corpo de glória, ou forma gloriosa; e isto

porque seria impossível que de espírito a espírito puro e simples houvesse tentações, embustes, ou seduções, a não ser revestidos os espíritos de uma forma corporal.

Não se dá com o espírito puro e simples o que se dá com o homem corporal: todo o homem tem a liberdade de comunicar ou de esconder os seus pensamentos aos seus semelhantes; mas, entre os espíritos puros e simples, um ser espiritual não pode conceber um pensamento sem que os outros espíritos recebam comunicação dele. Tudo se passa às claras e tudo se faz sentir simultaneamente entre os seres libertos da matéria, e o privilégio do espírito puro e simples é de poder ler no espírito graças à sua correspondência natural espiritual. Daí nada poder escapar ao conhecimento do espírito, ao passo que se dá o contrário com os menores incorporados numa forma de matéria aparente.

Posto isto, deveis compreender que todo o espírito planetário superior, maior e inferior, encerrado numa forma corporal para aí operar conforme à sua lei durante o tempo que lhe for prescrito, está sujeito como o resto dos humanos a ser atacado e combatido nas suas operações diárias. Mas a diferença que há entre estes espíritos e o homem é que eles não sucumbem aos combates desencadeados pelos demônios, e por uma razão bem natural: estes seres espirituais não são susceptíveis de corrupção ou de sedução, e as formas que os habitam não são susceptíveis de putrefação. Estes seres atuam com exatidão segundo as suas leis de natureza nas diferentes formas que habitam. Assim a sua reintegração tanto espiritual como corporal será muito sucinta. O homem, pelo contrário, afasta-se dia a dia das leis espirituais que são as suas, não podendo assim esperar a reconciliação senão ao cabo de um longo e penoso trabalho, e a reintegração da sua forma corporal será operada por meio de uma putrefação inconcebível aos mortais. É essa putrefação que degrada e apaga inteiramente a figura corporal do homem e aniquila esse miserável corpo, tal como o sol faz desaparecer o dia da face terrestre, ao privá-la da sua luz.

Tal não sucedeu, quer ao ser espiritual, quer à forma corporal, de *Cristo, Abel, Elias, Enoch*. Dirvos-ei ainda, a respeito de *Enoch*, que o seu advento no mundo predizia o de uma reconciliação universal; o sinal que surgiu no seu nascimento predizia o que surgiu no nascimento do mesmo reconciliador, e o seu tipo é o das três operações distintas que Cristo devia fazer entre os homens para a manifestação da glória divina, para a salvação dos homens e para a danação dos demônios. As três operações são: a primeira, feita para a reconciliação de Adão; a segunda, para a reconciliação do gênero humano, no ano 4000 do mundo; a terceira, que deve surgir no fim dos tempos, e que repete a primeira reconciliação de Adão, reconciliando toda a sua posteridade com o Cristo, para máxima mortificação e humilhação do príncipe dos demônios e dos seus aderentes.

Esses espíritos perversos reconhecerão então o seu erro e as suas abominações, permanecendo por um tempo imemorial à sombra da morte e na privação divina e nos mais terríveis padecimentos. Será então para eles um trabalho ainda mais penoso e mais considerável que em toda aquela duração de séculos temporais.

Não entrarei aqui no detalhe do gênero de trabalho que devem fazer os espíritos perversos, nem na explicação do número 49, devendo abordar esses dois pontos em outro lugar. Deverei falar-vos em outra ocasião do tipo de *Enoch*, quando entrar na narração das épocas; fico-me assim pelo que vos disse até aqui, e passarei à explicação do tipo de *Noé*.

Noé é um tipo considerável e impressionante da criação universal, terrestre, geral e particular de todas as formas corporais aparentes. Ele é pelo seu número *denário* o tipo do Criador, tendo sido o décimo dos patriarcas e o último dos chefes, pai de famílias da posteridade de Adão anterior ao dilúvio; e é ele quem, pela sua posteridade, perpetuou a de Adão, que o dilúvio apagara da face da terra.

Antes de continuar, devo entrar nos detalhes dos motivos que ocasionaram o dilúvio. Os pretensos sábios que não concebem a sua possibilidade, e que ignoram porque enviou o Criador este flagelo

sobre a Terra, não hesitam em negar este fato. Eles põem em ridículo os que acreditam, e têm na conta de personagens imaginários aqueles a quem o Criador prevenira deste acontecimento e do decreto que fizera na sua imensidão. Sem me deter com tão pouco sólidas objeções, dir-vos-ei que este decreto foi lançado para a manifestação da justiça divina contra os chefes demoníacos que tinham inteiramente revoltado o Criador pelas perseguições sem fim que exerciam sobre os menores. As conquistas imensas que tinham feito sobre estes infelizes menores tinham de tal modo enchido de orgulho os chefes demoníacos que eles se julgaram invencíveis, e até mais poderosos que o Criador.

Deveis facilmente conceber quanto da parte deles era irrefletido este orgulho. Todas essas conquistas provavam antes, com efeito, a fraqueza dos demônios, como vos darei a entender. Não é de crer que a terra fosse então consideravelmente povoada. Os homens, na sua superfície eram em tão pequena quantidade que não se podia contar mais que um punhado de habitantes, por assim dizer, e, no entanto, para sujeitar esse pequeno número de menores, foi necessário que o chefe dos demônios usasse não só de toda a sua potência, mas ainda de todas as suas infinitas legiões, e mesmo assim, se os menores tivessem feito bom uso da sua liberdade, todas as insinuações e todas as operações dos demônios de nada teriam valido contra eles. Todas as vitórias dos demônios se limitam, pois a ter subjugado a débil posteridade de Caim, e uma parte da de Seth. Seguramente que esta fraca conquista não era capaz de manifestar no demônio uma potência absoluta e superior à do Criador sobre todos estes menores, que se tinham deixado vencer pela vontade deles. De que preço seria para ele uma tal vitória, se as conquistas que fizera não deviam ficar em seu poder, e se não podia assegurar a sua posse e gozo dela enquanto quisesse? Assim, fora como se nada tivera conquistado. Travou grandes combates e teve grandes trabalhos e cuidados, e, no entanto nada prospera nem resta sob a sua dominação. Eis quais foram as vitórias do chefe dos demônios sobre os menores desses primeiros tempos e quais são as obtidas depois e poderão ser as do futuro.

Quanto mais os príncipes dos demônios usam das suas potências contra o Criador, mais eles são humilhados e punidos. Quanto mais vitórias eles obtêm sobre os menores espirituais, mais são atormentados e desesperados, porque o Criador lhes rouba, para grande vergonha deles, a presa, recuperando para a justiça divina os menores que eles haviam subjugado, e não permitindo nunca uma vitória completa desses espíritos perversos ou das suas legiões. São dadas a esses espíritos leis imutáveis, e toda accção, movimento e autoridade potente para agir segundo a sua vontade contra todos os seres espirituais emanados, assim como contra todos os seres de forma corporal. Mas apesar de toda a obstinação, nenhuma das suas obras alcança o fim a que se tinham proposto chegar.

Ireis talvez me perguntar qual é o fim a que se propunham os demônios chegar. É o de ultrapassar os limites que lhes são prescritos seduzindo sem descanso não só os habitantes da Terra, como os dos diferentes corpos celestes, e lançando ataques mais fortes que aqueles que cabiam à sua potência ordinária; e também fascinar o entendimento dos menores, a fim de poder passar aos olhos deles pelos verdadeiros deuses dos céus e da Terra, prometendo obter para eles a mesma potência e as mesmas faculdades que possui a Divindade, e que, se esses menores quisessem segui-los e reconhecê-los como chefes, logo poderiam agir livremente sobre qualquer ser. Mais ainda, esses espíritos perversos foram a ponto de persuadir os menores que a criação universal era falsamente atribuída à Divindade, que o Deus que tinham ouvido outrora não passava de um deles, que dirigia toda a Criação e o próprio homem desde o seu advento na Terra, e que, em consequência, vindo a emanação dos menores do grande príncipe *meridional*, chefe principal de todo o ser material e supramaterial (que quer dizer *veículo do fogo eixo central incorporado numa forma*), tinham de reconhecê-lo e obedecer-lhe cegamente em tudo o que ele inspirasse aos seus agentes inferiores, e que então veriam com satisfação manifestarem-se as suas potências com sucesso idêntico ao do seu chefe, o grande príncipe *meridional*, que se operavam todos os dias perante eles.

Um príncipe regionário da parte do ocidente, ou príncipe maior dos demônios terrestres, dizia a esses menores, mostrando o Sol: “Vede o olho desse grande príncipe universal, ele é a morada daquele que

dirige toda a extensão que a vossa vida e a vossa imaginação podem aperceber e compreender”. O príncipe regionário setentrional terrestre dizia pelo seu lado: “Instruo-vos, meus queridos aliados, da parte do Altíssimo e poderosíssimo príncipe que viveu e viverá eternamente convosco e conosco, de que tendes a ouvir o que o vosso e meu mestre vos diz pela minha palavra. Virai a face para essa principal morada, mostrando-lhes o corpo *lunar*; essa morada é onde habitam todos os espíritos maiores como eu, inferiores e menores; é lá que se manifesta a glória do nosso grande príncipe; a ela deveis recorrer para obter do grande príncipe todos os meios e todas as faculdades que vos são necessários para igualar a vossa à nossa potência”.

Esses chefes perversos não ficaram por aí; ensinaram, aos pobres menores que tinham seduzido, a forma como deviam operar comunicação com os habitantes dessas duas moradas que lhes tinham feito considerar como as duas maiores e as duas mais consideráveis, a saber: a Lua, a maior casa do círculo sensível ou terrestre, e o Sol, a maior casa dos céus; recomendaram-lhes que não fizessem nenhum trabalho ou operação sobre essas casas senão quando elas se achassem em conjunção e em oposição perfeita, o que forma os eclipses de Sol e de Lua; porque então obteriam dos principais chefes habitantes dessas casas tudo aquilo de que precisassem, quer para eles diretamente, quer para aqueles que tivessem trazido para a proteção do seu príncipe todo-poderoso.

Os dois outros chefes regionários fizeram um discurso quase idêntico, de modo que os desventurados menores, seduzidos por todas estas promessas, empregaram com zelo e precisão todas as faculdades e potências que tinham recebido dos chefes demoníacos. Estes homens possessos fizeram grandes progressos na perversão e corromperam também dali a pouco a posteridade de Caim e uma grande parte da posteridade de Seth.

Observai aqui que os discursos dos chefes demoníacos deviam ser bem cativantes para perverter em tão pouco tempo quase todos os habitantes da Terra; isto deve ser como uma advertência para que estejamos prevenidos e de pé atrás; não há nada que esses espíritos perversos não inventem para corromper o menor e o confundir com eles. É pelas suas ações que nós nos apercebemos do que chamamos vulgarmente o pró e o contra, ou ação e reação que se operam diariamente no universo. Para concebermos qual a sutileza das tentativas deles, é preciso sabermos que se ocupam sem descanso na degradação das formas e corrupção dos seres espirituais, esperando sempre chegar aos seus fins de uma maneira ou de outra. Perseguem os menores logo que eles começam a entrar neste mundo e que nem podem ainda utilizar os sentidos corporais, o que se pode facilmente notar pelos diferentes movimentos, os gritos e as agitações dos recém-nascidos. Vemos todas estas coisas confirmadas pelo nascimento de Cristo, pelo seu advento numa forma corporal, pelas perseguições e sofrimentos que suportou durante a sua vida; não podemos assim duvidar de que os demônios envolvam a forma corporal mal o menor é nela incorporado. Daí veio o uso dos patriarcas exorcisarem a sua posteridade com a bênção, a fim de afastar os espíritos perversos que rodeiam a forma corporal. Daí também resultou a circuncisão ou batismo de sangue, pelo qual foi revelada a aliança a Abraão. Daí, finalmente chegamos ao batismo da graça dos recém-convertidos a Cristo.

Poderíeis perguntar-me a este respeito o que teria sido feito do mundo presente se Adão não tivesse obtido a sua reconciliação. Mas a esta questão responderei apenas dizendo que o decreto do Criador era imutável quanto à molestação dos demônios. O Eterno previu a operação segunda destes maus espíritos pela qual pretendiam acabar de confundir inteiramente o menor com eles, a fim de se oporem à justiça que devia exercer-se contra eles e contra os seus aderentes.

O Criador tomou, a defesa do menor e, por este meio, todas as tentações dos demônios contra as suas leis imutáveis se tornaram impotentes. Eles foram assim contidos numa maior privação, e não lhes ficou mais que uma potência simples espiritual, que Deus não pôde retirar-lhes, para agir superficialmente no universo. É por isso que eles não podem exercer a destruição total sobre o que o Criador deliberou, e que não podem parar o curso e a duração que o Criador fixou a cada coisa. É por

isso enfim que os demônios não puderam impedir que o mundo seja o que é, depois da mudança da forma gloriosa do homem em forma de matéria.

Direi aqui que não se deve ver esta forma corporal como um corpo real de matéria existente: ela provém unicamente das primeiras essências espirituais destinadas, pelo primeiro Verbo da criação, a conter as diferentes impressões adequadas às formas que deviam ser empregues na criação universal. Não é possível ver as formas corporais presentes como reais, sem se admitir uma matéria inata no Criador divino o que repugna a sua espiritualidade. Ele é chamado Criador, porque do nada criou tudo, e porque toda a criação provém da sua imaginação; e é porque a sua criação provém da sua imaginação pensante divina que é chamada de *imagem*.

A mesma faculdade divina que tudo produziu, tudo tornará ao seu princípio, e assim como toda a espécie de forma teve princípio, assim ela se dissipará e reintegrará no seu primeiro lugar de emanação; o que será tratado adiante.

Vistes as felonias iníquas que os demônios tinham operado contra os menores dos primeiros tempos para os desviar do culto de Deus, e uni-los ao príncipe *meridional*, como único chefe divino. Deveis ainda saber que esses espíritos perversos lhes tinham sempre falado sob aparências espirituais, dizendo-lhes que seriam eternos como eles; que, mesmo abandonando a sua forma corporal não deixariam de existir, e lhes seria sempre possível fazerem-se conhecer e sentir pelos seus semelhantes. Mas foram os menores seduzidos com belas aparências pelos demônios, que os tinham arrastado às mais horríveis abominações.

Perguntarei, no entanto se, apesar da força de tanta perseguição demoníaca contra o primeiro povo, ou a posteridade de *Caim* e de *Seth*, não terá havido alguns homens justos que se defenderam da insinuação do mau intelecto e se afastaram inteiramente das abominações em que caíram os outros menores. Não podeis negar que tenha havido alguns, quanto mais não fosse os nove patriarcas que são seguidos de Noé, pelo qual o numero *denário* se completa. Mas se vos fizesse a mesma pergunta acerca dos homens de hoje, e se vos pedisse que me achásseis um justo neste século, ficaríeis embaraço, e, com efeito, não o encontraríeis; é que os homens provenientes desde a última época de Cristo, não tendo mais diante deles as manifestações divinas que se operaram nos primeiros séculos, perderam de vista o conhecimento do grande culto divino, já não vendo mais se perpetuem os prodígios da justiça do Criador, que se passavam diariamente sob esses primeiros povos e em Israel.

Os homens de hoje entregam-se facilmente à dúvida, que apenas resulta dos seus maus hábitos e da sua ignorância. Não é pois surpreendente que os intelectos demoníacos façam hoje entre os menores um progresso ainda mais considerável que no passado. Não é verdade que, quanto mais nos afastamos de um objeto, mais ele se apaga da nossa vista, e que, se nos afastamos de uma coisa a que estávamos ligados, ela sai insensivelmente da nossa memória, a ponto de ser muito difícil, para não dizer impossível, retomá-la com o mesmo gosto e o mesmo ardor que no primeiro princípio? Pois bem, quero com isto fazer-vos conceber o que precisamente sucedeu aos homens deste século: eles afastaram-se de todo o conhecimento divino sob pretexto de uma pretensa fé cega que lhes fez perder totalmente a ideia da fé verdadeira. A fé sem as obras não pode ser olhada como verdadeira fé, embora se possa muito bem ter as obras da fé sem ter a própria fé. Direi mais, que as obras que o homem pode produzir pela fraca fé, que é inata em todos os homens, não podem considerar-se como pertencentes verdadeiramente à fé: a fé do homem não pode ser viva e perfeita, se não é acionada por um agente superior; e é então que o homem produz obras que já não são tidas por suas, e que manifestam toda a força da fé que atua em si. Abandonaram as ciências espirituais para se entregarem ao negócio e à cupidez dos bens da matéria; isto cobriu-lhes os olhos com um véu tão espesso que se acham quase todos na mesma cegueira em que estava a posteridade de *Caim* e a maior parte da de *Seth*.

Sabemos que esta cegueira das primeiras posteridades, assim como a de Israel, era uma repetição notável da privação em que se achava Adão durante todo o tempo em que o Criador exerceu a sua justiça contra ele; esta inação espiritual é a punição de todo o espírito que se afasta do Criador, porque nenhum ser espiritual em privação divina pode operar o culto divino enquanto não tiver recebido do Eterno a sua reconciliação, tal como no-lo representa Adão e vários representaram depois dele pelos seus tipos e pelos seus símbolos. Um tipo diz mais que o símbolo; um tipo é uma figura real de um fato passado, assim como de um fato que está para acontecer. O símbolo apenas dá indicações sobre o tipo do que está para acontecer. Um tipo é enfim superior à profecia, pois os profetas apenas fazem ameaças sobre o futuro, que podem retirar-se pela misericórdia do Criador e pela mudança da conduta do povo sobre o qual recai a profecia, ao passo que um tipo anuncia um acontecimento infalível e que se acha sob os desígnios imutáveis do Criador.

Não podemos ignorar que esta primeira posteridade tenha sido atingida e punida horrivelmente, assim como o povo de Israel, pelo abandono que tinham feito do Criador e do culto para o qual haviam sido formados.

Perguntarei agora: em que situação estava o mundo quando do advento de Cristo entre os homens? Qual era o culto que eles prestavam ao Criador? Não tinham feito do Templo um mercado público? Que outro Deus conheciam além da matéria? De onde vinham as suas mercadorias? E: esses negócios materiais não os mergulhavam na idolatria? É tanto mais fácil acreditarmos nestes fatos quanto os vemos repetir-se aos nossos olhos entre os homens de hoje. Admite-se entre eles que se esqueça o Criador para enriquecer temporalmente. Estes homens representam-nos perfeitamente as duas épocas passadas, a saber: a da posteridade de Adão e a de Israel. Vemos fisicamente a mesma conduta, o mesmo exemplo, os mesmos hábitos entre os homens deste século. O império dos demônios triunfa em prejuízo dos fracos menores. Estes menores afastaram-se de tal modo do culto divino e tornaram-se tão sujos e impuros pela aliança contraída todos os dias com os espíritos perversos, que devem contar com nunições infinitamente mais terríveis que as lancadas sobre as primeiras posteridades, pois a posteridade presente viu e ouviu falar diretamente Aquele que operou toda a reconciliação espiritual, Aquele em quem o Criador manifestou todas as suas obras aos olhos da criatura.

Quanto não fez este ser regenerador? Quanto não disse ele para dissipar a insinuação demoníaca de que os menores estavam impregnados? Quanto não sofreu ele para rechaçar os ataques que os demônios faziam contra os menores? Não mostrou ele a esses menores que o que eles operavam não vinha deles, dando-lhes a conhecer quem os fazia agir contra a vontade divina, e os meios que os demônios empregavam para os fazer renunciar a si próprios e à sua alma? Se uma parte desses menores adotou os conselhos dos demônios e a outra os rejeitou, esta diferença de pensamento e de vontade não anunciava a estes homens que havia neles um ser livre e espiritual, e que, se assim não fosse, os demônios não os teriam perseguido tão fortemente?

É pela ignorância de todas estas coisas que os menores emanados desde a época de Cristo repetiram as abominações das primeiras posteridades. Eles negaram a sua alma, e, negando a sua alma, negaram a Divindade, porque não se pode admitir um Criador sem admitir criaturas puramente espirituais. A posteridade de Caim tinha levado o erro até esse ponto, de não admitir nem Deus nem alma; a maior parte da posteridade de Seth admitia uma alma, mas não o Criador divino, apenas o espírito demoníaco que os dirigia, e admitia o universo eterno, coisa que a posteridade de Caim não admitia, porque o primeiro pai os instruíra do princípio de todas as coisas criadas, fazendo-lhes professar a fundição dos metais, e pelas formas que eles próprios lhes davam compreendiam que o universo e tudo o que ele encerra se formara e tornaria ao seu primeiro princípio de indiferença.

Se considerarmos Israel, não veremos aí os mesmos erros e os mesmos crimes que existiam entre essas primeiras posteridades? No entanto este povo é que deu o testemunho da manifestação de toda a justiça e de todas as potências divinas. Foi para ele que o Criador prodigou todas estas maravilhas,

e, no entanto, ele caiu sob a potência dos demônios, e chegou à ousadia de repudiar o Criador eterno para preferir falsos deuses. Os restos infortunados desse povo provam, pela sua conduta, as prevaricações em que caíram os seus pais. O culto que exercem mostra que são conduzidos por falsos princípios e pelo príncipe das trevas. Eles são escravos da figura do cerimonial da lei, mas não o são da verdade da sua alma e das leis do Criador. Eles só se deixam sujeitar pela cupidez dos bens da matéria.

Apesar desta conduta errada dos homens provenientes da posteridade de Caim, de Seth e de Israel, e de aqueles que vieram depois de Cristo, vimos em todos os tempos manifestar-se a misericórdia do Criador. Embora a sua criatura permaneça sob o peso da justiça divina, ele nunca a priva da sua indulgência; pelo contrário, procura todos os meios que julga necessários à sua satisfação, quer temporal, quer espiritual.

Ismael é um desses que nos dão as provas mais vivas dessa misericórdia divina. Como primeira posteridade natural de Abraão, ele era o símbolo de eleição de Israel; a sua saída da casa paterna representa a vergonhosa saída de Israel do templo, em privação divina; a sua fuga para os países estranhos, fora da terra de seu pai, representa a expulsão de Israel da presença do Criador e a sua dispersão por todas as partes da Terra. A sua mãe *Agar* apenas levava como alimento para ambos um pão e uma bilha de água, segundo o testemunho das Escrituras, e, tendo consumido tudo no primeiro dia, encheu-se de desespero ao ver o seu filho *Ismael* quase a expirar de fome e de sede. Mas, nesta aflição, não esqueceu o Criador; e assim também não a esqueceu o Criador; o anjo do Senhor apareceu e disse-lhe: “Mulher! O teu recurso ao Eterno para expiação das tuas faltas foi escutado: ergue-te, pega o teu filho, e segue-me”. Tendo o anjo satisfeito a fome e a sede de *Ismael* e da sua mãe, abençoou os dois em nome do Eterno e ensinou-lhes o caminho que deviam seguir para irem fixar-se na terra que o Criador lhes destinara, dizendo a *Agar*: “O Eterno tomará conta do teu filho; ele prosperará na terra em tua presença, e dele nascerão doze príncipes da terra, doze chefes de tribos”.

Este exemplo mostra-nos que devemos confiar no Eterno, seguros de que ele nunca deixará de nos tornar perfeitamente felizes.

Não falarei mais aqui de *Ismael*, devendo falar dele na explicação dos tipos e das épocas sucedidos temporalmente. Vou enfim entrar na explicação do grande tipo de *Noé* que já vos anunciei.

Tendo as posteridades de *Caim* e de *Seth* levado já as suas abominações não só ao abandono do Criador e do seu culto, mas até a cometer as fornicções mais imundas, e nas quais não se pode pensar sem estremecimento, o Criador elevou-se contra estes prevaricadores e contra os demônios que os haviam seduzido. Suscitou a *Noé*, seu fiel eleito, a disposição de construir uma arca em madeira de cedro, na qual ficaria encerrado o testemunho da justiça divina que ia exercer-se contra a Terra e seus habitantes. Essa nave tinha o nome de Arca porque flutuava sobre as águas, e as suas fundações tinham a forma semelhante à quilha de um pato. Essa arca não tinha mastro nem velas, nem remos; todas estas coisas não teriam servido à arca nem aos que nela estavam encerrados, porque esta arca era dirigida pelo esforço das águas ao sabor do Criador. Quando chegou o tempo em que as criaturas deviam manifestar a justiça divina sobre toda a Terra, enviou ao seu eleito *Noé* um anjo que lhe disse, da sua parte, de que maneira devia fazer a sua entrada na arca com a mulher, os filhos, e as mulheres dos filhos. Foi avisado igualmente dos mantimentos que devia levar para os animais racionais e irracionais que seriam encerrados como ele na arca. Esses mantimentos não eram coisas raras e delicadas como seriam a mais pura farinha e outras coisas escolhidas e suscetíveis de agradar ao gosto. Eles consistiam apenas em simples frutos ordinários da terra, e sobrou ainda mais de dois terços na arca quando todos saíram dela; é que *Noé* e toda a sua família tinham ficado tão atemorizados pelo horrível castigo de que tinham sido espectadores, que mal puderam pensar na sua vida corporal.

Noé viu, com efeito, manifestar-se a justiça divina sobre o corpo geral e sobre o corpo particular, permanentes no círculo universal, que ficaram todos durante este tempo em privação espiritual divina; e Noé foi tão marcado por este acontecimento que não pôde mais que se ocupar da vida espiritual dos animais racionais e da vida corporal dos animais irracionais. Foi por isso que lhe ficaram tantos mantimentos após o dilúvio.

Durante esta época do dilúvio, Noé fazia o verdadeiro tipo do Criador; ele flutuava sobre as águas como o Criador antes da separação do caos, segundo as palavras do Gênesis. O véu aquático grosseiro que cobria toda a Terra, e assim a escondia da face do Criador, faz alusão aos céus supracelestes, a que a maior parte dos filósofos chama: *céu cristalino*, que separa o Criador da corte divina da sua criação universal temporal.

A obscuridade em que ficaram os corpos luminosos durante este acontecimento faz alusão à privação da luz espiritual dos corpos católicos (*sic* para os católicos) que não haviam ainda recebido leis de ordem para agir segundo a resolução do Criador para servir de ornamentos e de agentes no círculo universal da Criação. Esta privação da claridade divina dos corpos católicos repete-se diariamente pela concepção de uma forma humana no corpo de uma mulher. Nós dividimos a carcaça inteira de uma forma humana em três partes, a saber: 1º a cabeça; 2º o tronco; 3º e os ossos ilíacos. Não se pode discordar que estas três partes sejam diferentes nas suas figuras e nas suas proporções; elas são muito distintas umas das outras, e pode-se muito bem distingui-las sem fazer fratura em nenhuma, apenas rompendo os ligamentos cartilaginosos que unem todas as três; de modo que essas três coisas fazem só uma por esta íntima ligação. No entanto elas têm cada uma propriedades e faculdades diferentes, e essas diferentes faculdades fazem uma perfeita alusão aos três reinos que conhecemos na natureza: *animal, vegetal e mineral*. Estes três reinos estão contidos na forma terrestre, assim como as três partes do corpo humano de que falei estão contidas no invólucro que rodeia toda a forma. Não faço aqui menção aos quatro membros: os dois braços, as duas coxas com as suas pernas, porque não passam de aderências ao corpo e devo tratar em outro lugar das suas propriedades particulares. Estas três partes principais do corpo humano fornecem-me ainda uma ocasião para vos explicar as três ações principais que deram explosão a todos os corpos católicos. A primeira ação é a descida do menor geral na forma corporal geral terrestre; a segunda é a junção do espírito divino maior com o menor ou alma geral; a terceira é o limite da extensão que o próprio espírito maior fixou ao corpo geral e aos corpos particulares, tanto celestes como terrestres, por ordem do Criador, assim como as diferentes faculdades e propriedades que deu a todos os corpos.

Ele prescreveu igualmente a virtude e a potência de todo o ser espiritual maior, inferior e menor, que devia acionar, quer na forma geral e particular, quer exteriormente a essas formas. Prescreveu ainda o poder e a faculdade dos habitantes do *eixo central* e viu que todas as coisas eram conformes à vontade divina. Foi por estas três operações que a criação universal recebeu as leis, preceitos e mandamentos, e se deu a explosão do caos. Então cada forma corporal contida no caos teve a sua ação e operou segundo a ordem recebida. Não é de admitir que a explosão do caos se tenha dado pela descida do espírito menor, nem pela junção do espírito maior com ele, mas unicamente pela retração que fez esse espírito maior ou duplamente forte do invólucro caótico para ir reunir-se ao seu pai; e só então todas as coisas se apresentaram em natureza passiva e ativa aos olhos do Criador, conforme à imagem que ele delas formara.

Isto deve ainda fazer-vos conceber o sentido destas palavras das Escrituras: *a luz estava nas trevas e as trevas não a compreenderam*. Toda a forma corporal é sempre um caos para a alma espiritual divina, porque esta forma de matéria não pode receber a comunicação do intelecto espiritual divino, não passando ela de um ser aparente. O menor, pelo contrário, pela sua emanção, é suscetível de receber, em cada instante, essa comunicação, porque é um ser eterno.

Vemos claramente que o corpo não passa de um caos para a alma ou o menor, pela maneira como o menor vive a sua vida temporal no corpo da matéria em punição do crime do primeiro homem. Pois não vive ele metade dessa vida na tênue luz que não passa do reflexo da luz espiritual divina, e a outra metade nas trevas medonhas? É ao que nós chamamos luz e trevas elementares, ou dia e noite; mas quando o menor é separado da sua forma caótica, deixa para ele de ser questão de trevas temporais elementares: goza plenamente da luz ativa espiritual e inalterável que lhe é inata, como no-lo ensina o Criador, que o Espírito lê, vê e conhece tudo pela sua própria claridade, sem recurso a outra luz que não a sua própria.

Porque então, direis vós, rezam as Escrituras que os réprobos viverão em tais trevas e serão privados de toda a luz? Responderei que as trevas com que as Escrituras ameaçam os réprobos não significam uma privação de claridade e de luz, mas somente uma privação de ação espiritual divina na imensa circunferência celeste onde os verdadeiros espíritos reconciliados irão fazer a sua feliz reintegração. Não pode ser outro o significado das Escrituras neste ponto, pois todo o espírito, seja ele bom ou mau, leva sempre consigo a sua própria luz. Se duvidásseis que a explosão do caos se fez como vo-la relatei, bastaria atentar no anjo que abre a porta da arca para que saiam os animais e dispô-los no cimo do monte, para logo se testemunhar a manifestação da justiça divina, e verdes claramente que é a verdadeira figura da saída do espírito maior do invólucro católico, que expôs face ao Criador todos os seres de criação temporal.

Vou agora vos falar do tipo figurativo desta arca misteriosa. Esta arca misteriosa, na qual estavam contidos os diferentes seres animais, explica realmente o invólucro caótico que continha todo o princípio de criação de formas corporais. Os quarenta dias durante os quais estes animais foram privados da luz elementar, figuram claramente a operação física que os homens são obrigados a sofrer na sua reprodução corporal. O seu fruto não pode ter vida passiva, ativa, espiritual, senão ao cabo de quarenta dias. Não adiantarei mais a este respeito; as operações da natureza podem amplamente instruir-vos. A descida e a junção das águas rarefeitas com as águas grosseiras vos lembrarão a descida do primeiro menor num corpo material terrestre; e os quarenta dias que estas águas rarefeitas levaram a descer representavam os quarenta anos de penas e padecimentos que Adão viveu na sua alma e no seu espírito após a sua prevaricação.

Não se pode conceber quais eram as penas que sentia Adão, quando após ter sido inteiramente livre e sem entraves, pela sua natureza de ser puro, espiritual, pensante, se achava numa prisão de matéria e sujeito ao tempo. Ele levou, com efeito, quarenta anos a gemer pelo seu crime, refletindo sobre aquilo que fora no seu primeiro princípio, sobre aquilo em que se tornara e sobre aquilo que viria ainda a ser. Com os seus lamentos, dispôs-se a obter a misericórdia do Criador, e obteve-a, com efeito, ao cabo de quarenta anos de penas e de sofrimentos necessários para operar a sua expiação. Ele só podia obter a sua reconciliação ao cabo desses quarenta anos, pois era ao cabo desse tempo que devia nascer, dele e de Eva, o holocausto espiritual que apagaria o horror do seu crime e puniria a abominação dos demônios sedutores. O padecimentos que Adão suportou durante esse tempo são-nos claramente figurados pelos padecimentos suportados pelos animais enquanto estiveram sob a justiça divina, e pelos quarenta dias que Noé passou com estes animais sobre o monte *Ararat*, chamado monte da Armênia, tempo que Noé passou todo a prestar graças ao Criador por ter consentido em perservá-lo, a ele e ao resto dos animais, do flagelo que acabara de cair sobre a Terra e sobre todos os seus habitantes.

Poderíeis perguntar-me o que tem de comum a prevaricação dos animais racionais com a conduta dos animais irracionais, e porque são uns e outros confundidos na mesma punição. Responderei a isto que não só os homens daquele tempo tinham abjurado o Criador e adotado inteiramente as insinuações dos demônios, como tinham levado a abominação a ponto de desfrutar das bestas como das mulheres, e desfrutar igualmente entre eles das paixões contra-natura. Estes crimes foram-nos depois relatados por *Sodoma* e *Gomorra*, que deram os seus nomes a essas horríveis prevaricações. Vede agora se é

razão para admirar que o Criador tenha exercido a sua justiça tanto sobre os animais racionais como sobre os animais irracionais. O Criador fez a mesma coisa ao punir as duas cidades que acabo de mencionar e ao lançar sobre a Terra o dilúvio; sabeis ainda que o fogo que o Eterno fez cair sobre as duas cidades anuncia aquele que deve pôr fim à criação universal, como explicarei adiante.

Para que vos convençais que a reconciliação de Adão se fez só ao cabo de quarenta anos, bastará considerardes a esterilidade em que ficou mergulhada a Terra durante quarenta anos após a permanência das águas à sua superfície; ela ficou como um cadáver; e, maior vegetação, só retomou ao seu primeiro vigor e as suas primeiras propriedades de reprodução após voltar a ser abençoada pelo Criador. Foi igualmente só ao fim de quarenta anos de sofrimentos e de penas temporais que Adão e Eva foram repostos numa potência espiritual divina temporal. O flagelo das águas fez-se sentir por tanto tempo na Terra para ficar como um exemplo imemorial para o resto dos mortais desses tempos, a fim de eles transmitirem à sua posteridade, de geração em geração, a lembrança do crime do primeiro homem e do da sua posteridade primeira sob *Caim*, e da sua posteridade segunda sob Seth, sendo a de *Noé* a terceira, na qual este bem-aventurado *Noé* foi considerado justo perante o Criador.

Eis como este castigo alastrou-se por toda a Terra e separou a criação universal da corte espiritual divina. Ele repete ainda o caos no qual estavam encerradas as três essências fundamentais de todos os corpos que deviam servir à formação deste universo. Essas essências estavam numa indiferença que as tornavam susceptíveis de receber a impressão dos agentes exteriores, para operar segundo a intenção do Criador. Este terrível acontecimento assinalava duas coisas muito importantes; a primeira: a punição geral de toda a criatura corporal e a de todo ser espiritual menor; a segunda: que seja qual for a criação ela provém diretamente do Eterno, e que era impossível a qualquer outro ser criar um tal universo com todas as maravilhas que nele se contêm.

Quando Noé saiu da arca, falou assim ao resto das criaturas que estavam com ele: “Escutai, Terra, e vós, homens, entendei-me e compreendei-me com o entendimento do vosso ser espiritual, e não com o da vossa matéria. Digo-vos a todos que o Criador é o soberano senhor de tudo o que existe no círculo universal; que tudo veio dele e tudo está sujeito à sua justiça. A sua bondade divina tomou-nos todos para testemunhas da manifestação da sua glória invencível, exercida contra toda a Terra e contra todo o resto dos seus habitantes. Louvemos do fundo da nossa alma este supremo pai de misericórdia para a criatura que põe nele toda a sua confiança. Que os despojos deste triste flagelo, expostos aos vossos olhos, façam que, ao contrário dos vossos predecessores, aprendais a nunca pecar contra o espírito criador de todas as coisas, e a nunca abjurar da sua suma potência eterna. Eles consideraram o corpo geral terrestre com o eterno, nunca tendo tido princípio e não devendo nunca ter fim”. Consideraram ainda que ele dera sozinho princípio a todas as coisas, e admitiram que todos os seres dele provieram, não conhecendo eles próprios nada superiores à forma corporal, e não se tomando por seres espirituais divinos.

Eis o que fez desabar sobre eles um flagelo tão temível. O Criador permitiu que os seus cadáveres ficassem esparsos e confundidos com os cadáveres das bestas brutas, para mostrar quão irritado estava contra eles, e para ser um exemplo imemorial das posteridades seguintes, de geração em geração, tanto para os animais irracionais como para os animais racionais, e enfim para que a memória da justiça divina jamais se apague de sobre a Terra. Considera, Terra, considerai, homens, este rigoroso castigo com que tremeram os habitantes dos céus, vibrar de horror por este medonho suplício, e, sobretudo ao ver que o Criador não fez nenhuma diferença entre os homens e os animais. Sim, era justo que o Criador lhes fizesse sentir quão tamanha era a sua potência, pois eles a tinham negado ao pai; era justo que fossem confundidos com as bestas, pois não reconheciam para eles outra origem que não fosse a das bestas. Que espírito empedernido, querer extrair um ser puramente espiritual de princípios espirituais que não podem senão produzir formas materiais, que ainda permaneceriam no nada se um ser espiritual divino não as tivesse de lá tirado! Que contração não operou o demônio

sobre a Terra para reduzir os seus habitantes a tal ignorância! Cuidai de vós, e fugi dos exemplos que repugnariam ao vosso ser menor espiritual. Defendei-vos das ciladas que vos lançarão os vossos semelhantes, e que, a pretexto de vos perpetuar no temor do Criador, vos precipitarão na senda geral da matéria; isso provocaria sobre vós e sobre a vossa posteridade a maldição do Eterno, e vós e os vossos descendentes seríeis dispersos por todas as nações que no porvir habitarão as três regiões terrestres. Eis, Terra e homens, o que vos diz o Criador pela minha boca. A minha palavra é simples e pura. A Verdade enunciada pelo meu Verbo é sem ornato e sem artifício, que dispensa para se fazer entender por aqueles que a desejam de boa fé. Ela dá-se a si mesma ao Homem de Desejo; ela fala-lhe uma linguagem que ele não pode ignorar, porque ela não tira nada da matéria; ela é una, ela é sem limites, ela não mudará jamais; ela é toda espiritual, sendo emanada diretamente do Criador. Ela não pode comunicar-se aos animais irracionais, mas somente aos menores espirituais, emanados como ela do princípio eterno. Assim, a besta bruta ficará agora impune do seu desvario, porque ela não é suscetível de recompensa. O primeiro exemplo deve ser imemorial entre todos os habitantes dos céus e da Terra. Eis o que tenho a dizer-vos da parte do Eterno. Um maior que eu, que deve nascer entre as vossas posteridades, vos instruirá mais particularmente da justiça e da recompensa que reserva para a criatura no fim dos tem-pós, segundo a confiança que depositou no seu Criador“.

Após esta exortação, Noé partilhou a Terra entre os seus três filhos, do que falarei na sequência da explicação do tipo de Noé, da sua arca e do dilúvio.

Os menores razoáveis que estavam encerrados na arca e o tempo que eles aí permaneceram em privação da luz elementar, figuram-nos a retirada dos menores reconciliados e dos justos, sob as sombras da grande luz, onde repousarão efetivamente um intervalo de tempo à espera, não tendo mais que se operar neles nenhuma ação temporal. Embora estes seres justos sejam consolados nas suas aflições e assegurada a sua reintegração, tal não impede que sejam consideráveis os seus tormentos por não poderem gozar perfeitamente da vista do espírito consolador que lhes fala. Eles sentem, todavia, que tudo o que passam é justo, relativamente à prevaricação, do primeiro homem, e à promessa feita pelo Criador de que nem o primeiro homem nem nenhum da sua posteridade serão reintegrados no círculo divino antes do grande combate que deve travar-se, pelo verdadeiro *Adão*, ou *Régio*, entre a Terra e os céus, com maior vantagem para os menores. O lugar onde repousam os justos chama-se filosoficamente *círculo racional* ou *círculo saturnário*. É apenas ele que serve de escabelo para os círculos supracelestes e é a ele que as Escrituras fixam como lugar de repouso dos Santos-Padres enfim reconciliados com o Criador. Daí ficam sabendo que não basta, para a reintegração dos seres reconciliados, o tempo que eles accionam e operam no círculo sensível terrestre. É de toda a necessidade que eles accionem espiritualmente em todos os espaços do círculo universal, até terem terminado o curso que o Criador fixou aos menores emanando-os de si e emancipando-os da sua imensidão divina.

Eis o segundo tipo que fazem os animais racionais que estavam encerrados na arca, e que foram salvos do flagelo da justiça divina segundo as suas boas obras espirituais temporais.

Noé, que quer dizer *repouso* ou *consolo* operou ao sair da arca um culto divino, de dez em dez dias, completando os quarenta dias durante os quais Noé permaneceu sobre o monte Ararat. Este culto era a verdadeira figura daquele que operaria o homem divino para a reconciliação do primeiro menor a fim de que a criação universal não mudasse de forma, tal como Adão mudara de corpo. Foi por este culto do homem divino ou *Cristo* que o Criador voltou a abençoar a criação universal, abençoando de novo a Adão, que amaldiçoara como chefe principal de todos os seres criados e como homem divino da Terra, e foi isto o que verdadeiramente Noé repetiu. Ele intercedia, pela sua invocação, junto da misericórdia divina do Criador, para que ele reconciliasse a Terra com o resto dos habitantes que haviam obtido a sua graça.

Noé obteve a graça que pedia, e a Terra foi reconciliada com os homens, sendo reposta ao cabo de quarenta anos no seu primeiro princípio de vida vegetativa. “Sim, Eterno, disse Noé ao Criador, os homens infelizes que confiaste à minha condução, sob a tua proteção, estão claramente instruídos de que podes mudar num instante, se te apeter, a face da criação universal, como acabas de mudar a da terra reduzindo-a ao nada. Sim, Criador todo-poderoso, a tua justiça é perfeita e como tal celebrada por toda a criatura espiritual, tanto celeste como terrestre. O espírito mais justo perante ti não pode suportar a luz sem tremer, e como poderiam os fracos mortais deste vale de lágrimas mostrarem-se dignos da sua reintegração divina sem o socorro da tua graça? O Criador vivificante! Vivifica o corpo geral sobre o qual a tua criatura deve operar o teu culto divino, e que nós vemos como o receptáculo geral ou altar universal sobre o qual deve ser oferecido o holocausto pacífico da reconciliação”.

O corpo saiu da arca antes que se descobrisse a Terra para nos lembrar a prevaricação de *Caim* e profetizar claramente a de *Cham*. Dirigiu-se para o sul para mostrar-nos o lugar do retiro de *Caim* e para onde se retiraria *Cham* e toda a sua posteridade. Ele não voltou a juntar-se aos da arca para mostrar a separação que o Criador fez da posteridade de *Caim* e dos filhos de *Seth*, e ainda para mostrar-nos o abandono que os homens do porvir fariam do culto divino para se votarem unicamente à matéria.

A pomba que saiu e circundou pela primeira vez em torno da arca, e lá voltou a pousar, é a verdadeira figura do espírito evangélico divino que dirigia e conservava a arca e tudo o que ela encerrava e que dava parte a Noé da vontade do Criador, a respeito da manifestação da sua justiça. Esta pomba figura ainda o espírito companheiro dos menores que os envolve com o seu círculo espiritual, para defendê-los do choque demoníaco que os espíritos perversos operam a cada passo contra eles. A forma e a proporção da arca dão, pelo seu produto, um numero que indica ser esta casa a morada da confusão, como vedes a seguir.

A arca tinha de comprimento	300 côvados
A arca tinha de largura	50 côvados
A arca tinha de altura	30 côvados

	380 côvados = 11

Este numero onze opõe-se a qualquer espécie de forma corporal completa, análoga ao corpo terrestre e a tudo o que dele provém.

A reconciliação universal foi profetizada a Noé, antes que se descobrisse a Terra, pelo sinal espiritual vulgarmente chamado *arco-íris*. Com efeito, os sete principais espíritos universais apareceram-lhe num grande sinal de fogo de diferentes cores, e formado em semicírculo, com uma extremidade no cimo do monte *Ararat* e a outra extremidade pousada na Arca. Noé contemplou este sinal com grande atenção, não podendo ler as intenções e a vontade do Criador sem um exame muito particular do que se podia conter nesse sinal profético. Foi então que a pomba abandonou inteiramente a arca, até desaparecer no monte *Ararat*. Voltou de lá com um ramo de oliveira que deixou cair na presença de Noé, o qual compreendeu assim que a sua libertação estava próxima. Esse ramo de oliveira, trazido pela pomba de preferência a qualquer outra árvore, ensinava aos homens o fruto de que eles se serviriam para a unção e a marca dos potentes assinalados, designados pelo Criador para a manifestação do seu culto, como se praticou em Israel e entre todos os sábios. A partilha que fez Noé de toda a Terra pelos seus três filhos repete a que Adão fizera igualmente pela sua posteridade. Ele relegou *Cham* para a parte sul, lugar para onde *Caim* fora já relegado. Deu a *Sem* a parte do oriente que fora dada a *Abel* e a *Japhet* coube a parte setentrional que fora a de *Seth*. Quanto a Noé, permaneceu com a sua mulher no centro da Terra. Esta divisão da Terra, feita em diferentes ocasiões,

em três partes ou regiões, anuncia-nos bem que a forma da Terra é triangular: mas me farei melhor compreender quando explicar os princípios da matéria aparente.

Eis o que disse ainda Noé antes de retir os habitantes da arca, para irem ocupar cada um o lugar que lhe era destinado: “Lembra-te, Terra, e vós, animais racionais e irracionais, que o terrível flagelo de que fostes testemunhas serviu de punição aos crimes contra o Criador; e, ao mesmo tempo, lembrai-vos da misericórdia e da bondade divina que vos preservaram desse terrível castigo. As águas que se elevaram até às portas do firmamento, e que ocultaram toda a natureza aos vossos olhos, representam-vos o nada em que estava a natureza universal antes de o Criador ter concebido, na sua imaginação, a operação da criação, tanto espiritual como temporal. Ele faz-nos ver claramente que todo o ser temporal provém imediatamente da ordem do seu pensamento e da sua vontade, e que todo o ser espiritual divino provém diretamente da sua emanação eterna. A criação pertence só à matéria aparente, que, não resultando de nada, senão da imaginação divina, deve regressar ao nada; mas a emanação pertence aos seres espirituais que são reais e imperecíveis”.

Todos os espíritos quer maiores, quer menores, existirão eternamente numa personalidade distinta, no círculo da Divindade. O Eterno é chamado Criador, não só por ter criado, mas também porque Ele não cessa, nem cessará nunca, de criar virtudes e potências de ações espirituais a favor dos eleitos que Dele emanam. Esses seres espirituais são certamente inatos na Divindade, como o seminal da reprodução das formas é inato no corpo geral e particular do universo. Não podeis recusar à Divindade este privilégio de emanação espiritual, pois tendes diante dos olhos uma prova física de que essa lei subsiste na reprodução das formas. Não percais nunca de vista o que fez por vós o Criador. Vós sois as verdadeiras testemunhas da manifestação da sua glória e da sua justiça. Não admitais nunca senão ele como motor criador de tudo o que se apercebe aos vossos olhos corporais e espirituais, e convencei-vos de que nada existe, existiu, ou existiria sem a sua vontade. Nunca esqueçais que tudo veio dele, e não desses malditos espíritos tentadores que, pelas suas insinuações demoníacas, precipitaram os vossos semelhantes nos medonhos abismos da matéria, tendo tido o orgulho de se fazerem considerar pelos homens como os verdadeiros deuses, vivificantes, viventes e de vida eterna. Permaneci em paz sob a proteção do Criador na porção de Terra que vos cabe a cada um em partilha; sede os guardiões dessa herança, assim como o será a vossa posteridade, de geração em geração, até ao fim dos séculos. Ai daquele de vós que apagar da sua memória os preceitos, leis e mandamentos que o Criador dá pela segunda vez à criatura universal e àqueles que estão inatos em todo o ser espiritual da sua emanação! Entre estes seres espirituais, os maiores são aqueles de que o Eterno se serve para instruir os homens da sua vontade, e têm a sua moradia junto ao trono da dominação divina. Os inferiores são os que acionam, em toda a extensão da criação universal, quer no corpo terrestre, quer no aquático ou no fogo, o eixo central. Lembrai-vos que o Criador, ao regenerar a terra, igualmente vos regenerou. Ele repetiu, perante vós, o tipo da criação universal, a fim de vós instruídes às vossas posteridades de que todos os habitantes da Terra foram confundidos nos abismos do seu Deus de matéria com o restante das bestas. Faça o Criador todo-poderoso que vós e a vossa posteridade não deis nunca semelhante exemplo! É que não voltaria a haver menores preservados pela regeneração da Terra e dos seus habitantes: tudo seria reduzido a pó e cinza; tudo tornaria ao nada, e os menores espirituais seriam precipitados por uma eternidade na privação divina. Ide e desfrutai em paz da bênção que lanço sobre vós, em nome e pela suma potência do Eterno!”.

Após esta insinuação, Noé emancipou todo o seu povo dos seus cuidados espirituais, a fim de que cada qual fosse livremente desfrutar das suas virtudes, das suas faculdades e da sua potência no seu destino terrestre. Ele ficou, com a sua mulher, no centro da Terra, como já disse, e aí teve numerosa posteridade. Eu vos explicarei, a seu devido tempo, o tipo da residência de Noé no centro da Terra. Já vos instruí bastante como Noé fez o tipo do Criador, o da sua justiça pela construção da arca, e o da regeneração pela força da sua invocação, que reconciliou toda a terra com o Criador, assim como os menores preservados do castigo universal. Vou falar-vos agora da posteridade que Noé teve no lugar da sua residência. Ela foi em número de dez filhos, sete filhos e três filhas. Foi sob essa

posteridade que o culto do Criador se regenerou e que foram oferecidos holocaustos puros ao Eterno, só pelo interesse da sua glória e santificação dos menores. Cada um desses sete filhos de Noé recebeu do Criador um dom particular. Um tinha o dom de operar espiritualmente, ao modo do Criador, para vantagem e instrução dos seus irmãos; outro o dom de profetizar; outro ainda, o dom da interpretação, e assim por diante. As Escrituras falam amplamente dos diferentes dons que o Criador pôs em certos homens dele emanados para a manifestação da sua glória. Foi por estes diferentes dons que os filhos de Noé regeneraram os diferentes cultos de que haviam necessitado para a sua missão espiritual e temporal. Foi esta mesma segunda posteridade que restabeleceu os diferentes cerimoniais, as diferentes orações e invocações necessárias ao culto a operar; e foi ainda ela que restabeleceu os tempos, as horas, os dias, as semanas, os meses, os anos, segundo o seu primeiro curso ordinário, embora não se calculem hoje essas coisas como foram calculadas nos primeiros tempos.

Não surpreende que Noé tenha tido esta segunda posteridade a que chamou: *homens-deuses da Terra*, ele próprio fizera o tipo do Criador. Também não admira que essa posteridade tenha só operado obras puramente espirituais e não materiais-temporais, pois não tivera qualquer parte na partilha da Terra. Eu sei que as Escrituras não dizem uma palavra sobre esta segunda posteridade; mas nós não podemos ignorar que Noé nos traçou o tipo de Adão na sua primeira prevaricação, e na da sua posteridade segunda e primeira, *Caim* e *Seth*. Não podemos também duvidar que Noé nos tenha repetido o tipo desse mesmo Adão na sua reconciliação e na reprodução de uma posteridade espiritual, tal como vos mostrarei. Adão, tornado impuro perante o Criador pela sua incorporização material, não podia ter uma posteridade senão de matéria, condenada de geração em geração, a operar um culto misto do espiritual e do material. Noé repetiu a mesma coisa na sua posteridade primeira de três filhos que teve antes da sua eleição e da manifestação da justiça divina. Embora esses três filhos não tivessem cometido abominações entre as posteridades prevaricantes em que viveram, foram, no entanto manchados pelos crimes que se tinham cometido na sua presença. Eles purificaram-se pelo jejum, a oração e as dores que sentiram nos seus corpos e almas, à vista do castigo universal que se abatia sobre a Terra. Esta expiação era para nos ensinar que, por muito justo que seja o menor perante o Criador, ele precisa sempre de ser purificado pelo fogo espiritual da mancha que contraiu pela permanência numa forma de matéria, mesmo que tenha rechaçado todos os ataques que o mau intelecto lhe quisera lançar, o que veremos mais em detalhe, quando falar da matéria e das formas corporais.

Mas, tendo Adão obtido a sua reconciliação, teve uma posteridade espiritual a que foi colocado o nome de *posteridade de Deus*. De igual modo, Noé, após a sua eleição espiritual, teve uma segunda posteridade destinada, como dissemos, a operar simplesmente puras obras espirituais.

Estes sete filhos da segunda posteridade de Noé compreenderam perfeitamente que o culto que tinham de operar era o mesmo que o Criador devia esperar do seu primeiro homem. Eles tornaram-se, pelos seus trabalhos e pelos dons que haviam recebido, as sete colunas espirituais divinas que deviam sustentar o universo e preservá-lo dos flagelos de Deus, suscitando, pela justiça das suas obras, a misericórdia divina pelos prevaricadores dos séculos vindouros. Mas esses sábios não exerceram por muito tempo a sua missão. Os homens que eles instruíram entregaram-se a toda espécie de paixões e de cupidez criminosa, apesar das instruções e dos exemplos que tinham diante dos olhos: isto obrigou esses sábios a deixá-los cair nas garras do demônio e sob o flagelo da justiça divina. Esta justiça não se operou somente sobre os homens prevaricadores, mas também sobre as cidades e suas casas, que foram exterminadas pelos flagelos que o Criador mandou lançar pelos seus anjos exterminadores. Tal foi a sorte da cidade de Enah, construída por Caim, das cidades do Egito, de Sodoma e de Gomorra, de Jericó, de Jerusalém e de tantas outras. A destruição destes monumentos provava que estes trabalhos dos homens não passavam de obras materiais operadas segundo o pensamento do intelecto demoníaco; e todas essas cidades foram destruídas porque a palavra dos justos não pôde nunca aí se fazer ouvir o bastante para operar toda a sua potência espiritual a favor de todos os seus habitantes. Isto não deve surpreender-vos. Nenhum homem justo nascera nessas cidades; pelo contrário, os seus

habitantes tinham sempre feito esforços para exterminar inteiramente aqueles ou aquelas que professavam a instrução espiritual, ou entre as nações da sua correspondência material. Se olharmos em nossa volta, percebemos a mesma coisa no presente século. Basta refletir sobre as cidades atuais, os seus habitantes e as obras diárias dos homens, tanto interior como exteriormente: veremos facilmente reinar a mesma cupidez que aí reinava nos primeiros séculos.

Não se julgue, no entanto que os mesmos flagelos que caíram sobre as cidades antigas, cairão hoje sobre as nossas cidades, embora elas sejam igualmente criminosas e construídas pela mão dos homens. Assim como está no poder do Criador dar continuamente novas recompensas aos fiéis menores, também está no seu poder exercer novos castigos e flagelos desconhecidos dos prevaricadores, o que nos prova que é impossível subtrair-se à justiça divina. Observe-se ainda que essas cidades antigas foram assim atingidas só porque o número perfeito setenário dos homens justos deixara de existir sobre a terra, tendo o Criador retirado a sua maior parte: e tratava-se bem do aviso de que o Criador ia abandonar os homens daquele tempo à sua infeliz sorte. Estes flagelos, aliás, tinham sido anunciados pelo flagelo geral que caiu sobre a posteridade de *Caim* e sobre a maior parte da de *Seth*, pois não se encontraram outros justos nessa posteridade de Seth além do bem-aventurado *Noé* e seus filhos.

Vimos que os filhos da segunda posteridade de Noé tinham recebido cada um dom espiritual divino para dele fazerem uso segundo as instruções da Divindade. Vimos também que eles fixaram os diferentes intervalos de tempo convenientes para operar os seus diferentes cultos. Mas para fazer esta divisão espiritual do tempo, das horas, dos dias, das semanas, dos meses, dos anos, eles seguiram uma regra de cálculo completamente diferente daquela seguida pelos irmãos mais velhos temporais para as suas operações mistas do espiritual e do material terrestre. Deveis compreender que isto não podia ser de outro modo: não é verdade que, para a simples cultura da terra, há que observar intervalos de tempo, de dias, de semanas, de meses, de *lua*, e que é preciso empregá-los de diferentes modos? Não é verdade que se o agricultor descure a observância de todas estas coisas terá semeado em vão e retirará do seu trabalho uma colheita bem medíocre, em comparação àquela que teria retirado se tivesse seguido todas as formalidades necessárias? Esta lei é indispensável e vem do próprio Criador, que a prescreveu ao homem quando o condenou à cultura da terra, e vêmo-la a executar-se e cumprir-se fisicamente sob os nossos olhos. Como poderíeis então não querer que o culto espiritual fosse igualmente sujeito a uma lei, a um cerimonial exato e a uma fiel observância dos tempos e das estações?

Sabei que, sendo o culto divino de uma natureza bem diferente da cultura da terra, não é surpreendente que os filhos da segunda posteridade de Noé tenham ordenado todas as coisas relativas ao seu culto espiritual de um modo diferente dos seus predecessores, que, como já disse, operavam um culto misto do espiritual e do material terrestre. Esta razão mesma não vos prova que a segunda posteridade de Noé devia ser mais instruída e mais experimentada no culto divino que a primeira posteridade? Aquele que queira exercer dois talentos ao mesmo tempo não poderá exercer nenhum na perfeição; mas aquele que tem um só talento e que o exerce com precisão é garantido que chegará a possuí-lo mais perfeitamente do que qualquer outra pessoa. Eis porque os filhos da segunda posteridade de Noé brilharam no culto espiritual e ultrapassaram neste gênero os seus irmãos mais velhos. Não deve, admirar-nos que estes homens-deuses tenham estabelecido um cerimonial e formalidades diferentes para o culto que tinham a cumprir. Não cabe ao homem temporal e terrestre condenar este uso, ele não pode ter um conhecimento perfeito da missão dessa posteridade espiritual, e, se tivesse esse perfeito conhecimento do culto divino, abster-se-ia certamente de condená-lo.

A segunda posteridade de Noé de que estamos falando fazia o grande tipo dos sete principais espíritos superiores divinos; e, pela sua grande virtude, sua potência e sua sabedoria, fazia ainda o tipo dos sete principais seres espirituais maiores que operam para a conservação e apoio deste universo. Se estes dignos sujeitos eram pelo Criador destinados apenas a operar espiritualmente, não admira que a sua

conduta em todas as suas operações espirituais seja um mistério para os homens temporais terrestres ocupados unicamente no culto da terra. Esses sábios, no seu estado de justiça divina, relativamente à sua missão espiritual, não podiam ser limitados por um tempo de trevas temporais, como são os mortais ordinários. Essas trevas chamadas noite não teriam existido para o homem, se o primeiro pai não tivesse prevaricado. Se de Adão só tivesse havido uma posteridade de Deus, como era intenção do Criador, todas as ações dessa posteridade se teriam operado independentemente das trevas da natureza elementar, todavia a prevaricação de Adão fez dele nascer uma posteridade material e homens de trevas.

Mas a segunda posteridade de Noé foi verdadeiramente uma posteridade de Deus, concebida como foi sem o excesso dos sentidos da matéria. Assim, embora esses seres fossem encerrados numa forma corporal, gozavam das mesmas virtudes e potências de que gozava Adão no seu estado de glória. Ocupados estes homens apenas das operações divinas que tendiam à maior glória do Criador, foram-lhes fixados os instantes em que deviam operar as suas ações espirituais segundo o querer da Divindade. Eles receberam ao mesmo tempo todas as leis de ordem imutável que teriam de observar, em seguida, nas suas diferentes operações, e cada um segundo o seu dom particular, como vou detalhar.

O primogênito desta posteridade fez no seio dos seus seis irmãos o tipo do espírito intérprete: recebeu para este efeito o dom de interpretar para os seus irmãos os dons resultantes das suas operações; foi também ele que começou primeiro a operar a potência e a virtude que lhe vinham do Criador. Não se separou nunca do seu pai Noé, até o levar o Eterno, após ter acabado o seu tempo prescrito de ações espirituais divinas temporais. Este primeiro sábio fixou o intervalo dos tempos necessários para a operação que tinha a fazer, e, segundo a ordem que recebeu, fixou esse intervalo em um quarto dos dias ordinários que vemos presentemente circular entre nós. Embora fosse um ser pensante no qual não existiam quaisquer trevas, a fim de dar aos seus irmãos uma regra fixa e para os seus discípulos vindouros os intervalos que eles deviam usar nas diferentes operações do culto divino. O segundo só fez a sua operação espiritual assim que o primeiro terminou a sua. Embora esta segunda operação fosse à semelhança da primeira, o operante não pôde todavia conferir-lhe as mesmas intenções, nem nela empregar as mesmas palavras, porque o dom que recebera era diferente daquele que fora atribuído ao primeiro. Este dom era o da profecia para a manifestação da Justiça divina. Este segundo operante fixou a metade do tempo juntando ao primeiro intervalo, um intervalo idêntico de seis horas para o curso da sua operação. Não devo deixar-vos ignorar que o terceiro destes sábios recebera o dom da astronomia universal, geral e particular, e que o quarto recebera o dom do conhecimento do *Verbo* potente que o Criador empregou para toda a sua criação temporal. Assim este último operava pela conservação dos corpos humanos enquanto fosse o curso da sua duração, e daí é que saiu a arte de curar radicalmente as doenças, como vos farei ver em seguida quando vos falar dos diferentes acontecimentos que surgem nas formas corporais. Devo ainda dizer-vos aqui que os quatro primeiros sábios faziam o tipo dos profetas passados e vindouros.

Há que saber que um intervalo não pode fixar um tempo continuado e perpétuo senão quando o começo do segundo intervalo lhe fixou a extensão, e é quando os dois intervalos se acham assim reunidos que eles se comportam como a metade de um tempo, porque um tempo é composto de quatro intervalos. Foram assim os quatro primeiros nascidos da segunda posteridade de Noé que fixaram os quatro intervalos de um tempo, exercendo a sua operação espiritual cada um durante seis horas. Os dois primeiros operantes formam a metade do tempo diário e temporal, e os dois segundos formam a outra metade. Uns pertencem ao dia, os outros à noite; o todo forma o tempo justo e completo dos limites que o Criador fixou ao curso diário da sua criação universal. Embora os quatro primeiros sábios tenham fixado um tempo para as suas operações espirituais, embora tenha até daí resultado o presente dia de vinte e quatro horas no seu primeiro estado de natureza diária e noturna, não se pense, como já disse, que esses sábios estavam submetidos ao tempo que haviam fixado, e que o seu espírito estava sujeito aos limites e aos intervalos que acabavam de estabelecer.

Não se pode admitir um tempo para o espírito. Assim os intervalos que os sábios marcaram para as suas operações espirituais não podem contar-se relativamente à sua natureza de seres pensantes, e o dia temporal não podia ser um limite para o seu espírito, o que já é para a natureza corporal. Pelo contrário, traçando assim os seus intervalos espirituais, davam a entender que fora o próprio espírito que traçara os intervalos temporais. As nações por onde se espalharam esses sábios não souberam distinguir esta divisão espiritual do tempo da divisão ordinária que se faz diariamente segundo a natureza criada; foi o que as lançou em grosseiros erros de cálculo e as fez tomar um desses intervalos espirituais por um dos dias temporais de nós conhecidos.

Mas antes de entrar neste detalhe devo instruir-vos dos diferentes dons que receberam os três últimos nascidos da segunda posteridade de Noé. O quinto desta posteridade recebeu o nome de plantaço, de cultura terrestre. O sexto, o do conhecimento do carácter literal e hieroglífico celeste, terrestre espiritual, superior, maior inferior e menos divino. Este conhecia ainda perfeitamente todos os caracteres hieroglíficos de todo o ser espiritual demoníaco. O sétimo recebeu o dom de construir edifícios espirituais para a glória do culto do Criador, como haviam recebido Adão, Seth, Enoch e Noé, que elevaram altares ao Senhor.

Moisés deu-nos a conhecer que tinha o mesmo dom para a construção da arca misteriosa, do altar e do tabernáculo, assim como para os minerais, as madeiras e todos os outros materiais que foram preparados e trabalhados para efeito das operações espirituais de Moisés e de Bethzaleel. Moisés traçava o plano dos edifícios e Bethzaleel executava-os. Os três últimos sábios, filhos de Noé de que acabamos de falar, mostraram na sua operação espiritual a mesma conduta que tinham mostrado os quatro primeiros; mas como os seus dons eram diferentes, as suas intenções e as suas palavras não podiam ser as mesmas. Os quatro primeiros, que fixaram o dia por quatro intervalos de operações, não se casaram, consagrando-se inteiramente ao culto do Criador. Eles faziam um tipo real de aqueles que o Criador devia eleger para a manifestação da sua glória e da sua justiça. Eles figuravam ainda os justos do passado e do futuro, tais como Enoch, tão venerado pelas Escrituras, Melquisedeck, Elias e Cristo, tendo dois deles sido arrebatados do centro da Terra pelo fogo espiritual, e os outros dois foram-no em seus próprios corpos de glória espiritual divina, tal como o prova bem claramente Cristo com a sua ressurreição de homem divino.

Vimos anteriormente que Noé tivera a seu cuidado a emancipação dos três filhos que compunham a sua posteridade, a saber: *Sem, Cham, e Japhet*. Estes três homens limitaram-se a dispor e a cultivar a porção de terra que lhes coubera, a fim de prover o seu sustento e da sua família presente e futura. Eles permaneceram, por consequência, um longo intervalo de tempo sem meditar nas instruções espirituais que lhes dera Noé; eles não se preocuparam com a divisão do intervalo das horas, dos dias, das semanas, dos meses e dos anos. Enfim, todo o seu culto divino se limitava, a saber, que existia um ser de suma-potência sobre todas as coisas criadas, a que chamavam *Abavin* 8, que quer dizer, em língua Noechita, Espírito duplamente forte, pelo qual o Criador operou todas as coisas; é o que nós chamamos filosoficamente a ação divina do Criador. Esta palavra, embora *noechita* ou *chinesa*, é a mesma que proferiam outrora os Judeus, e que sabiam perfeitamente provir da sua língua. Os Hebreus conheciam também outrora esta palavra, e conhecem-na ainda hoje, porque sempre houve alguém entre eles possuindo uma parte do conhecimento desta primeira língua. Adão e a sua posteridade também pronunciaram esta palavra, tendo sido os primeiros a falar a língua hebraica, que a nação espiritual divina desde sempre reservara para a sua criação menor.

Faço aqui uma distinção entre a palavra Judeu e a língua judaica, por um lado, e por outro a palavra Hebreu e a língua hebraica. A palavra *Judeu* significa justo; e a língua judaica significa a *linguagem da santidade* do Espírito divino que dirige a operação destes homens justos. A palavra *Hebreu* significa a *poderidade de um homem sábio*, a que as Escrituras chamam *Heber*; e a língua hebraica significa a *linguagem da posteridade de Heber*. Mas esta língua é muito diferente da língua judaica,

porque não há, entre essa posteridade de Heber, nenhum desses verdadeiros homens justos ou judeus, e porque, desde esses tempos remotos, ninguém foi suscitado pelo Eterno para instruir perfeitamente essa posteridade da verdadeira língua por ela perdida, embora a julgue possuir e segui-la muito fielmente.

A língua Hebraica original é muito simples e sem a pontuação da convenção humana, que foi introduzida posteriormente. Os verdadeiros Judeus reconheciam que a origem alfabética da sua língua vem da parte celeste e não da convenção dos homens. Eles acharam todos os caracteres dessa língua claramente escritos no arranjo das estrelas, e foi de lá que os tiraram. Os Hebreus servem-se dos mesmos caracteres que os Judeus, mas as diferentes pontuações, os acentos e as marcas que acrescentam a esses caracteres fazem-nos pronunciar de uma maneira oposta ao que são na sua pura natureza de simplicidade. Sirvo-me aqui da palavra Israelita, embora o nome de *Israel* não fosse ainda conhecido no tempo de que falo. *Israel* significa *forte contra Deus*, e Israelitas significa *fortes em Deus*. Eis porque dou este nome aos sábios noechitas da posteridade de Noé. Tudo isto nos ensina, que a palavra: *Hebreu* quer dizer confusão como no-lo ensina perfeitamente o nome de Israel, dado a este povo por ordem do Criador, e que significa *forte contra o Eterno*. Nada neste mundo é mais agradável e mais forte para o Criador que a oração e a invocação dos Judeus, e nada mais indiferente e mais rapina que *o coração* do Hebreu. Isto não deve surpreender-vos, pois o povo já não possui as leis divinas e contenta-se com o cerimonial de uma lei que lhe foi arrebatada ignominiosamente. Prossigamos o detalhe dos eventos da posteridade de Noé.

Noé passou o primeiro século com a sua posteridade, e instruiu-a durante 130 anos com os seus cuidados temporais e espirituais. Educou os sete filhos homens dessa posteridade, segundo a lei do Criador. Entregou os quatro primeiros nascidos verdadeiros pensantes à única Divindade. Estes quatro sábios consagraram-se só ao culto divino, sem ter nenhuma participação no culto terrestre. Os três outros tiveram dois cultos para operar: um temporal terrestre, e outro espiritual simples; quer dizer que eles não participaram da operação do grande culto divino que era reservada aos seus quatro irmãos mais velhos. Com efeito, o primogênito desta posteridade fazia o tipo dos grandes sacerdotes e dos grandes sacrificadores vindouros: foi o primeiro dos homens desse tempo que recordou o primeiro sacrifício de Adão feito por Caim, seu primogênito, na pessoa do irmão Abel. O primogênito de Noé era, na sua qualidade de intérprete espiritual, o primeiro chefe de toda a espécie de operação divina; foi o primeiro a pegar no incensório e fez a oferenda do holocausto ao Criador. Era ainda ele quem fazia sozinho, em voz baixa, a grande invocação à descida do espírito na consumação do holocausto de expiação e de reconciliação. Ficava só no altar do sacrifício, com os seus três irmãos imediatamente a seguir, em linha reta, como principais assistentes à grande operação do culto divino. Isto o repetiu Moisés, assistido nas suas operações por *Aarão, Ur e Bethzaleel*. Aarão repetiu a mesma coisa servindo-se dos filhos para assisti-lo no seu trabalho. Foi seguida a mesma ordem no serviço do templo de Salomão, e a Igreja de Cristo mostra-o ainda hoje no sacrifício que oferece no altar de purificação, pela mão, intenção e palavra do celebrante, assistido pelo primeiro, segundo e terceiro diáconos. Deveis ver por aqui que todas as coisas desta natureza realmente chegaram pela sucessão dos tempos até nós; e que estas operações espirituais divinas não vêm da imaginação dos homens, mas certamente do Criador eterno.

Há que vos instruir agora do mandato que os três últimos filhos desta segunda posteridade de Noé receberam da parte do seu pai. Foi-lhes mandado visitar as três regiões terrestres conhecidas por *Ocidente, Sul, Norte*, e habitadas havia 141 anos pela primeira posteridade de Noé, chamada *Sem, Cham, Japhet*. Mal receberam as instruções necessárias para a sua missão e confirmaram a vontade do Criador com as suas operações espirituais divinas, partiram com as suas irmãs, que haviam tomado por mulheres, e de que tiveram posteridade. Não tinham necessidade de levar com eles quaisquer mantimentos, e acharam na terra com que prover à sua alimentação e a todas as suas necessidades corporais.

O mais velho dos três filhos foi, com a mulher e a posteridade, habitar a parte meridional; o segundo, a parte do ocidente, com a mulher e a posteridade; o terceiro foi, igualmente com a mulher e a posteridade, habitar a parte setentrional ou do Norte, conforme a primeira língua. Eles foram ter cada um a estas diferentes partes do mundo para perpetuar entre os irmãos, assim como na sua posteridade, o cerimonial do culto divino, a fim que esses povos não perdessem inteiramente de vista o culto que deles exigia o Criador, relativamente às graças e as misericórdias infinitas que tinham recebido do Eterno. Eles operaram tão grandes prodígios espirituais, que esses povos aceitaram sem dificuldade as instruções, os conselhos e as lições espirituais divinas espalhados pelos três homens sábios em cada região, de acordo com a missão e a ordem que tinham recebido. No entanto, era necessário começar por pregar a essas nações uma doutrina puramente temporal, a fim de situar-se ao seu nível, e elevá-los em seguida do culto temporal ao culto espiritual. O que eles efetivamente fizeram, tal como vo-lo darei a conhecer.

Estes primeiros povos não tinham acertado entre eles as horas, os dias, os meses, os anos e as estações; eles viviam quase à maneira das bestas, só que reconheciam um ser superior a eles, como já disse. Toda a sua ciência temporal e espiritual resumia-se a diferenciar o dia elementar e as trevas, a que nós chamamos noite, e compreender que as trevas lhes anunciavam o repouso e que o dia devia servir para a sua ação ordinária temporal nas operações terrestres.

Os três homens sábios, vindos para instruí-los, começaram por estabelecer entre eles uma medida de tempo, que acertaram pela divisão espiritual que os seus quatro primeiros irmãos tinham feito para as suas quatro primeiras operações do grande culto divino, isto é, estabeleceram nestas nações as mesmas regras que tinham visto observar e que eles próprios tinham observado junto do pai. Era a lei indispensável para estabelecer o culto divino entre essas nações. Estes três mestres espirituais começaram em seguida a obter a adesão de alguns dos habitantes dessas regiões: instruíam-nos nas ciências que cada um professava; faziam-lhes compreender que, embora a noite das trevas fosse feita para o repouso do corpo do homem, ela não era feita para o menor espiritual divino, visto que esse ser não podia estar sem ação relativamente à sua natureza espiritual, e que, em consequência, o Criador não pudera emanar do seu seio todos os menores, seus semelhantes, para os deixar, entorpecidos, aniquilarem-se como as suas formas corporais, seres passivos e aparentes, destinados a serem confundidos na imaginação divina que os fazia surgir tal como eram. Assim que estes sábios dispuseram os seus discípulos por via de tais instrumentos, propuseram-se admiti-los no trabalho do culto espiritual. Para este efeito, mandaram-nos observar as meditações, as orações e o cerimonial conveniente à preparação das diferentes operações que deviam fazer, e escolheram entre esses discípulos os quatro indivíduos mais capazes e mais instruídos, e que tinham maior desejo de chegar ao conhecimento das ciências divinas que os seus mestres professavam. Os três sábios, mestres espirituais, colocaram cada um os seus quatro sujeitos no seu círculo misterioso de operações e aí os mantiveram durante o espaço de tempo necessário para cumprir, sem demasiada precipitação, o trabalho espiritual que lhes estava indicado. O primeiro discípulo foi colocado no círculo misterioso, ao erguer do Sol, e aí ficou pelo espaço de seis horas do nosso dia ordinário. O segundo tomou então o lugar do primeiro e aí ficou pelo mesmo tempo. O terceiro e o quarto discípulos seguiram a mesma ordem dos dois primeiros, de forma que as quatro operações destes discípulos começaram ao erguer do Sol e só findaram ao erguer do Sol do dia seguinte. É desta primeira operação que começa o primeiro cálculo dos filhos de Noé, chamados Noechitas ou Chineses, porque a nação dos Chineses e dos Japoneses saiu diretamente da posteridade dos filhos de Noé, a saber, da primeira posteridade, Sem, Cham, Japhet, que habitaram cada um o seu ângulo desta região da China, de onde provieram todos os povos da Terra, e dos três filhos dos sete machos que, com as três fêmeas, formaram a segunda posteridade de Noé. Eu disse que as Escrituras não falavam sequer desta segunda posteridade: o silêncio das Escrituras a este respeito não é de estranhar; elas deixaram de lado assuntos muito interessantes para o Homem de Desejo; talvez haja para tanto razões muito legítimas, talvez também os tradutores não tenham achado estes detalhes muito necessários à instrução do homem

incapaz de satisfazer a sua curiosidade. Mas tornarei a isto em seguida, e também aos nomes dos sete filhos machos dessa posteridade.

A operação feita pelos quatro discípulos de que já falei, foi o princípio do seu cálculo diário; segundo a sua convenção misteriosa, espiritual temporal, cada uma das suas operações, efectuando-se num intervalo de seis horas, formava efetivamente um dia, relativamente ao culto espiritual divino que esses sábios professavam para a glória de Deus.

Estes primeiros povos, como se acaba de ver, não tinham acertado entre eles os dias de trabalho do espírito que o sábio sujeita pela força da sua operação, que não se calculam como os dias do trabalho material. Quatro intervalos de operações espirituais fixam um tempo completo ao espírito, a favor daquele que o opera e que o invoca; de tal sorte que as quatro operações destes primeiros discípulos dividiam os dias ordinários, por nós conhecidos, em quatro partes iguais, como nós próprios podemos dividir por quatro vezes seis horas da nossa convenção humana; e, deste modo, esses sábios faziam quatro dias de um dos nossos dias ordinários. Os chineses introduziram, no seu cálculo diário temporal, esse cálculo espiritual das operações do culto divino que os homens deveriam depois exercer, seguindo o exemplo misterioso que esses sábios davam cada um à sua nação; mas estes mesmos sábios fixaram ainda, com a sua divisão, o tempo que devia servir para assinalar os seus anos.

O que nos foi dado a conhecer da divisão do tempo do cerimonial da oração e do culto divino que exerceram *Abraão, Ismael, Isaac e Jacob*, na sua posteridade verdadeiramente israelita, não o vemos, aliás, observar-se ainda hoje nos seus quatro intervalos das orações em uso nas nossas igrejas? Isto mostra-nos que a origem do cerimonial dos diferentes cultos que se operaram e se operam cada dia na Terra vem dos quatro primeiros filhos da posteridade de Noé, que transmitiram e fizeram transmitir à posteridade dos seus primeiros irmãos, *Sem, Cham, Japhet*, o que a este respeito lhes revelara o Criador.

Depois de vos ter instruído acerca da regra e da fundação dos dias espirituais seguidas pelos *Noechitas* ou *Chineses* é por eles incluídas na sua história civil como dias temporais ordinários da natureza universal, vos ensinarei qual foi a fundação dos meses deles, não podendo instruir-vos acerca das semanas, que eles não tinham fixado pelo cálculo espiritual que lhes foi ensinado. Os três sábios mestres espirituais, vindos da parte de seu pai Noé, julgaram acertado acrescentar três outros discípulos aos quatro que tinham feito a mesma operação e marcado a divisão dos dias temporais em quatro partes. Esses três foram inteiramente adestrados e aperfeiçoados nos diferentes cultos divinos a que eram destinados pelos sábios. Deste modo tiveram os sábios cada um sete discípulos com que podiam contar quanto a exactidão, zelo e firmeza no cumprimento de tudo o que fosse conveniente e necessário às diferentes operações espirituais do culto divino. Eles fixaram também o número setenário entre os seus discípulos, seguindo o exemplo da posteridade segunda e setenária do pai deles, Noé, no número do qual eles próprios se achavam incluídos; eles fixaram ainda esse número setenário porque o Eterno operara seis pensamentos divinos para a criação universal e, ao sétimo dia, deu sete dons espirituais e afetou sete espíritos principais a toda a sua criação para apoiá-la em todas as suas operações temporais, segundo a duração setenária que lhe fixara.

Os sete primeiros sábios da posteridade de Noé, adotaram este exemplo para dirigir a sua conduta, a fim de perpetuar para os homens vindouros o conhecimento e a correspondência destes sete principais espíritos que o Criador acrescentara ao seu universo para instruir a criatura inferior e menor da sua vontade, e elevá-la, por este meio e pelo da inteligência espiritual, ao perfeito conhecimento das obras divinas. As Sagradas Escrituras ensinam-no ainda pelos sete anjos, sete arcanjos, sete serafins, sete querubins, sete lugares espirituais, sete tronos, sete dominações, sete potências, sete juizes de Israel, sete principais chefes sob Moisés ou Aarão, quatro filhos de Aarão e Bethzaleel, setenta anos de cativo de Israel, sete semanas de Daniel, sete dias da semana temporal, sete dons de Cristo aos

discípulos, de que saíram os sete principais primeiros doutores da Igreja cristã, que exerceram as sete ordens espirituais entre os discípulos, o candelabro de sete braços introduzido no tempo de Salomão e ainda representado na igreja de São Pedro em Roma. O número setenário calcula-se filosoficamente em sete mil anos quanto ao temporal e à duração; mas quando as Escrituras dizem que no sétimo dia Deus consagrou a si próprio a sua obra abençoando a criação universal, deve conceber-se esta bênção como a junção dos sete principais espíritos divinos que o Criador reuniu em toda a criatura cabendo ou contida em toda a sua criação universal. Esta junção dos sete principais espíritos é-nos indicada pela operação dos sete planetas que operam para a modificação, a temperatura e o sustento da ação do universo. Enfim o universo, tendo sido concebido na sua inteira perfeição pelo número setenário, será igualmente reintegrado por esse mesmo número na imaginação daquele que o concebeu.

Prossigamos a explicação da maneira como os Noechitas acertaram os seus meses, assim que os sábios tiveram completo o número setenário dos seus discípulos. Eles traçaram para cada um desses mesmos discípulos os quatro dias consecutivos de operações espirituais divinas, de tal sorte que cada um deles era inteiramente consagrado, de um erguer do Sol a outro, ao culto do Criador para manter o espírito divino com eles. Por este meio, o culto divino operava-se do centro do repouso desses sete menores espirituais verdadeiros *Israelitas*. Sirvo-me aqui da palavra *Israelitas*, embora o nome de Israel não fosse ainda conhecido no tempo de que falo. *Israel* significa *forte contra Deus*, mas *Israelitas* significa *fortes em Deus*; eis porque dou este nome aos sábios noechitas da posteridade de Noé. Cada um dos sete discípulos, pela ordem que acabara de estabelecer-se, tinha durante seis dias ordinários temporais inteiros e consecutivos o repouso corporal, de forma que não podiam negar que o culto divino era menos penoso, menos fatigante e muito mais agradável que o culto terrestre.

Quando estes sete discípulos acabaram de operar segundo o que lhes fora ordenado pelos seus professores espirituais, eles enumeraram as suas operações e, tendo-as achado em número de 28 intervalos, refletiram que a Lua operava sobre a terra pelo mesmo número de 28. Então a igualdade de que se aperceberam entre o número das operações lunares e o das suas operações levou-os a adotar o número das suas 28 operações em 28 dias espirituais para um mês espiritual, que introduziram igualmente na sua história civil, como meses temporais ordinários. Eis como os Chineses fizeram quatro meses para um de aqueles que nós empregamos hoje para formar o nosso ano.

Os sábios noechitas tendo refletido seriamente sobre os diferentes cursos de operações que o astro lunar fazia sobre eles e sobre a Terra, e tendo encontrado uma relação perfeita com as suas operações espirituais, acharam acertado contar o número de 28 operações da Lua ou de 28 dias ordinários temporais da Lua para fixar os seus anos espirituais, que introduziram igualmente na sua história civil, como haviam feito com os meses. Foi assim que os Noechitas ou Chineses comportaram no seu cálculo anual treze anos para um dos nossos anos ordinários, e seguiram este cálculo durante os quatro primeiros da sua fundação de ações espirituais.

Não vos esconderei que o cálculo lunar é o primeiro que foi dado ao homem pelo Criador, e que o cálculo solar quase só é adotado pelos Cristãos. Foi pelos sábios de que acabamos de falar que o cálculo lunar se conheceu, e é ele que eleva o homem ao mais alto conhecimento da natureza universal e das suas revoluções. Não tendo em conta o erro de cálculo dos Chineses, é essencial que o Homem de Desejo, quer espiritual, quer terrestre temporal, seja instruído dos quatro diferentes modos de calcular os diferentes dias que a Lua opera em todo o universo elementar pelo seu renovar, seu primeiro quarto, plenitude e seu último quarto, o que explicarei logo que tratar dos diferentes corpos planetários.

Vou instruir-vos acerca do modo como os Chineses fixaram o seu segundo cálculo de tempo. Tendo-se tornado extremamente numerosa a posteridade dos três primeiros filhos de Noé e dos três profesoress espirituais, e consideravelmente aumentado o número dos discípulos, ele foi suscitado entre os filhos carnais desses três professores, um de cada linhagem, que recebeu, por ordem do

Criador, a sucessão do seu pai temporal e espiritual temporal. Estes três chefes receberam do seu pai toda a instrução espiritual divina sobre os diferentes cultos aos quais eram destinados pelo espírito da verdade, e, tendo recebido a última ordenação e a bênção espiritual, puseram-se zelosamente à cabeça dos discípulos que se achavam então confiados aos seus cuidados. Fizeram claramente reconhecer as virtudes e as potências que lhes eram atribuídas pelo Eterno, e, como o dever e direito desses chefes era fazer uma eleição espiritual, escolheram, a exemplo dos seus predecessores, os sete indivíduos mais zelosos e mais instruídos que acharam entre os discípulos e empregaram-nos nas operações do culto divino.

Após terem feito esta eleição, eles acharam por bem mudar o tempo das suas operações e operaram apenas uma vez por semana, de modo que aumentavam os seus anos de sete dias e, fazendo-o em sete semanas durante as quais cada um dos discípulos escolhidos operava uma vez, incluíram igualmente esse cálculo na sua história temporal e seguiram-no durante um século e meio do nosso tempo ordinário. Após esta época surgiram outros sucessores professores espirituais que foram suscitados por Deus como os precedentes; mas a sua posteridade aumentava então cada vez mais nas três partes da Terra. Os três novos chefes foram obrigados a fazer uma eleição mais considerável que os primeiros. Eles elevaram o número a vinte e um indivíduos, o que fazia ao todo o número de sessenta e três. Os sete principais operantes foram sempre reservados ao grande culto de ambas as partes, e os restantes catorze indivíduos destinados à instrução espiritual do povo.

Estes últimos sucessores de que falamos mudaram ainda o tempo das suas semanas, de forma que só havia nessas nações duas operações em cada mês lunar. Estas operações faziam-se no começo e no fim da Lua crescente, isto é, no renovo e um pouco antes da Lua cheia; e, como cada um dos principais operantes operava uma só vez, o tempo das suas sete operações correspondia mais ou menos a três meses da nossa combinação ordinária. Foi esta uma nova regra para fixar-lhes o ano espiritual, e que sabemos eles terem seguido ainda durante mais um século e meio. Tendo falecido o primeiro desses três sucessores, que ocupava a parte do ocidente, o que o substituiu passou a operar o grande culto uma só vez em cada quatro estações, a saber, no equinócio de Março de cada ano, e o resto do tempo foi igualmente consagrado à instrução. Mas o segundo desses sucessores, ou aquele que ocupava a parte meridional, assim como os que vieram depois dele, não quiseram mais mudar o cálculo; ele perseverou em solicitar à nação de Cham, que instruiu, que nunca perturbasse a ordem que ele estabelecera para fixar os dias, os meses, os anos, por autoridade divina, ameaçando esses povos com a maldição do Criador se seguissem o exemplo das duas outras nações, ou seja, a de Sem e a de Japhet. Estas três nações seguiram cada uma a convenção do seu último cálculo espiritual: Cham tomando as quatro estações por quatro anos; Japhet começando no equinócio de Março, até o equinócio do mês de Março seguinte; Sem, tomando os dois equinócios por dois anos. Estas três nações introduziram igualmente este cálculo na sua história civil, e perseveraram com teimosia após as iníquas operações de Nemrod na Babilônia, até terem sido separadas vergonhosamente do culto divino e dispersas por todos os povos. Destas nações é que vieram, em todos os povos do mundo, os conhecimentos da astronomia e das faculdades da potência dos astros planetários sobre a criação geral e particular. E pelo que acabo de dizer sobre as divisões que fizeram os Noechitas dos seus dias, meses e anos, que se vê qual a razão por que eles se dizem mais antigos que Adão 15.000 ou 20.000 anos e mais antigos do que nós em 25.000 anos. Não deve surpreender-nos que as nações não vejam o dilúvio como universal, e pretendam mesmo nunca tê-lo visto. Os três homens, de que saíram as três posteridades que formaram as três nações, eram os únicos de todos esses povos a terem sido testemunhas do dilúvio. Eles não podiam pensar nesse flagelo sem estremecer, eles usaram de todos os meios possíveis para apagar este acontecimento da sua memória; eles nunca falaram à sua posteridade do que quer que fosse relacionado com as coisas horríveis e medonhas que haviam visto, isto para não atemorizar os homens deles emanados, e não expor aos seus olhos o detalhe dos males que os prevaricadores tinham feito recair sobre a Terra.

Esta conduta era tanto mais culposa quanto o pai Noé lhes recomendara a instrução da posteridade acerca da manifestação da justiça divina, e que eles mesmos lhe haviam prometido em juramento seguir com rigor as instruções recebidas do seu pai por ordem do Criador. Mas a fraqueza destes três homens repete-se nos seus descendentes noechitas ou chineses, que vivem com um medo terrível dos seres hediondos, utilizaram cultos à animais e se cercaram de superstições para evitar os males que julgavam poderem fazer-lhes os tais monstros, que contemplam como deuses ou como demônios. Eis o que nos ensinam todos os relatos e que não posso ignorar, tendo-o visto e sabendo-o por mim mesmo. Não entrarei no detalhe da confusão surgida entre essas posteridades, não tendo nada em comum com as coisas maravilhosas da natureza espiritual divina e da natureza universal criada de que quero instruir-vos.

Refleti bem sobre tudo o que vos disse no tocante às diferentes regras da divisão do tempo para as operações do culto divino estabelecido nas três primeiras nações. Não é verdade que os sábios do Egito eram notáveis em astronomia e que o que eles operavam era mais considerável que o que se operava entre os Chineses? Não era o culto divino que Adão operou superior ao que operavam os sábios do Egito? Não superou Moisés com as suas operações a Abraão e aos sábios do Egito? Não é superior a todos os precedentes o culto que se exerceu no templo de Salomão? Enfim, não operou Cristo um culto infinitamente maior que todos os outros de que falei? É este último que nos prova claramente terem todos os cultos do passado sido meras figuras do que ele fez. Não entrarei em outros detalhes a este respeito, tendo-vos dito bastante para vos convencer que o cerimonial, assim como o tempo conveniente às operações do culto divino, foram desde o início acertados e fixados entre os homens; que todas estas coisas foram transmitidas pelo espírito divino, e que elas não provêm das convenções humanas. Com efeito, Cristo deixou aos seus discípulos, por sua instituição espiritual divina, a oração e a invocação diária de seis horas que completam o dia ordinário de 24 horas. Esses mesmos discípulos, que compõem a Igreja cristã, fazem ainda hoje a sua oração e a sua invocação quatro vezes ao dia; isto recorda a primeira ordem espiritual do culto divino estabelecido entre as nações noechitas pelos sábios filhos de Noé.

Além disso, Cristo fixou aos seus discípulos o tempo em que exerceriam os quatro grandes cultos divinos e a Igreja cristã observa rigorosamente esta instituição com as suas quatro grandes festas anuais, das quais duas se fazem pelos dois solstícios e as duas outras pelos dois equinócios. Isto evoca a segunda ordem espiritual do culto divino estabelecido nestas primeiras nações, sobre o qual já nos alongámos bastante.

Falarei agora do papel que fez Abraão neste universo. Sabeis que o nome de *Abrão* foi mudado para *Abraão*. O primeiro nome significa um pai carnal terrestre, erguido acima dos pais ordinários das posteridades materiais terrestres; assim não houve nunca entre os pais temporais particulares um homem mais elevado em posteridade carnal que Abraão. Eis porque as Escrituras lhe chamam *Abrão* pai elevado, e não *Abraão*, pai elevado em imensidão da posteridade em Deus, como devia ter sido operada por Adão no seu estado de glória, mas que, pela sua prevaricação, se tornou pai elevado em posteridade material terrestre. É verdade que Abraão sucedeu nisto ao defeito de Adão, pois de *Abraão* saiu verdadeiramente uma posteridade de Deus. Foi, com efeito, na sociedade de *Abraão* que o Criador fez a sua eleição geral e particular: a primeira, para manifestar a sua justiça, e a outra, para manifestar a sua glória.

As Escrituras dão ainda a *Abraão* o nome de “pai elevado em imensa confusão”. Estas três diferentes explicações provêm das três primeiras posteridades de *Abraão*, que são *Ismael*, *Isaac* e *Jacob*. *Ismael*, que vos apresentei anteriormente como um tipo de misericórdia divina, faz igualmente aqui o tipo da operação física de Adão para a reprodução da sua posteridade carnal, operação que *Abraão* repete de acordo com a sua concubina. O filho deles, *Ismael*, fruto da cupidez dos seus sentidos materiais, foi excluído da casa paterna porque fora concebido sem a participação da vontade divina, somente pela concupiscência dos sentidos da matéria.

O pão e a água que Ismael e Agar, sua mãe, receberam de Abraão e com que foram até onde a sorte os devia conduzir, representavam o último alimento espiritual e temporal que recebiam desse patriarca; este tipo repetia ainda o último alimento que Caim recebeu, depois de ter concebido cometer o assassinio do irmão Abel.

Tendo feito o tipo da irmã de Caim, sua cúmplice, e mais culpada, a falta de alimento material em que se achou Agar mais o filho, e que os levou a implorar ao Criador, representa a dor e a consternação que atingiram Caim e a sua irmã, mal foi conhecido o assassinio do irmão deles Abel e que se viram assim excluídos de toda a participação das ciências e sustentos espirituais divinos.

O anjo que apareceu a Agar e a Ismael, que lhes saciou a sede e a fome e lhes indicou o lugar onde o Eterno lhes fixara a morada, lembra-nos a graça que o Eterno concedeu a Caim e à sua irmã, mandando o seu anjo marcá-los na testa com o selo invencível da Divindade, que anunciava a um e a outro terem obtido misericórdia do Criador e que desfrutariam mais uma vez do alimento espiritual divino que lhes fora retirado devido ao seu crime. O lugar da residência de Agar e de Ismael era o mesmo que aquele para onde Caim e a sua irmã haviam sido relegados.

Eis o que nos faz conceber que Abraão e Ismael são tipos de Adão e de Caim nas suas operações materiais. Abraão foi elevado em posteridade de matéria pelo seu filho Ismael. Adão também o foi, como afirmamos repetidas vezes em tudo o que precedeu. Abraão, pelo seu filho Ismael, surge como o pai de doze tribos, tal como o Anjo anunciara a Agar. Houve também doze tribos em Adão, se lhes juntarmos os seus três filhos e os oito Patriarcas que vão de Seth a Noé. As doze tribos de Ismael foram o tipo do advento das de Israel e de Cristo: elas concentraram-se em si mesmas e não tiveram nenhuma correspondência com as de Israel, porque Ismael, pai dessas doze tribos, repete o tipo de prevaricação e de reconciliação, repetindo o tipo de Caim.

Estas tribos Ismaelitas conservaram-se sob a proteção divina enquanto observaram o culto que o Criador lhes destinara pelo seu anjo; mas, mais tarde, tendo feito aliança com a posteridade de Cham e de Chanaã, foram esquecidas pelo Criador, e, pela sua prevaricação, tornaram-se semelhantes à posteridade de Enoch, quando esta se ligou à posteridade de Caim, que o Criador excluira da sociedade dos filhos de Deus.

Vede como, por este encadeamento, todas as épocas e as eleições primeiras se repetem entre os homens, e nos dão a conhecer que se repetirão até o fim dos séculos. A sequência deste tratado o dará a entender ainda melhor, quando mostrar claramente que no fim tudo tornará como no começo. Passemos à segunda posteridade de Abraão.

Abraão, após ter sido reconciliado em parte com o Criador, teve, por autoridade divina, um filho com sua mulher Sara, embora, devido à idade avançada, ela já não estivesse em estado de conceber. Este filho concebido sem a paixão dos sentidos materiais foi chamado *Isaac*, o que repete perfeitamente o nascimento da segunda posteridade de Adão no seu filho Abel. Isaac seguiu exatamente as instruções espirituais divinas que lhe deu o seu pai Abraão sobre os diferentes cultos que devia executar, o que repete ainda o tipo de Abel sob a direção espiritual de Adão.

Isaac chegara à idade de trinta anos, e, estando perfeitamente instruído quanto às ciências espirituais divinas, testemunhou ao seu pai o desejo que tinha de operar o grande culto divino para a glória do Criador. Disse-lhe, segundo a instrução interior que recebera do intelecto espiritual divino, que era tempo de usar de todas as ciências divinas de que fora instruído e de oferecer um sacrifício ao Eterno. Abraão respondeu-lhe: “Que seja feito, meu filho, tal como o desejas, e que o sacrifício que te propões oferecer ao Criador sirva de expiação aos homens da Terra, para que sejam restabelecidos na graça, voltem às suas virtudes primeiras, e operem eficazmente o culto divino para o qual foram criados”.

Abraão tendo consentido nos desejos do seu filho Isaac, partiu com ele ao erguer do Sol em direção ao monte de *Morijá*. Esta palavra divide-se em duas partes: a primeira, *mor* significa *destruição das formas corporais aparentes*, e *ijá* significa *visão* do Criador. Eles conduziram para longe da montanha os dois servidores para figurar-nos o afastamento e o abandono que as duas nações, a de Ismael e a de Israel, fariam de futuro do culto divino, para caírem na privação espiritual divina, como vimos suceder depois. Abraão e Isaac levaram o burro com eles, para mostrar-nos a ignorância em que ficariam um dia essas duas nações, e que em prejuízo delas a luz seria transportada para o meio das trevas e dos povos gentios. Foi o que Cristo efetivamente nos representou ao entrar em Jerusalém montado num burro.

Quando Abraão e Isaac chegaram ao cimo da montanha e tudo ficou preparado para o sacrifício, Abraão fez a sua invocação ao Criador para o exortar a estar presente em natureza divina no holocausto que lhe fazia do que tinha de mais caro no mundo. Ofereceu-lhe do mais fundo da sua alma e com uma inteira resignação o seu filho, o justo Isaac, do qual devia todavia provir uma posteridade divina na qual seria fundada a eleição espiritual divina. Após a sua invocação, Abraão lança os olhos sobre o seu filho Isaac; o filho, sabendo que era ele que o pai escolhera para ser a vítima, oferece-se generosamente e põe-se logo na postura conveniente para ser imolado. Abraão pegou na faca e estava para vibrar o golpe; mas o espírito do Senhor, que estava verdadeiramente presente a esta operação e que lia a pureza da intenção destes dois homens, fez uma tão forte atração sobre Abraão que o deitou por terra, impedindo-o de terminar o sacrifício. O mesmo espírito falou-lhe em seguida e disse-lhe que o Criador estava satisfeito pela sua boa intenção e do seu filho, e que ia transmitir ao Eterno um bom testemunho daquela operação.

Abraão retirou o filho de cima da pira e disse-lhe: “Lembra-te, meu querido filho, que o maior sacrifício que se pode fazer ao Criador é o da palavra e da intenção. O Eterno conhece perfeitamente a boa e a má conduta, assim como as operações do menor espiritual. O bom pensamento do menor faz conceber a glória do Eterno, e o mau pensamento faz manifestar a sua justiça sobre os Impios”. Isaac voltou-se então para o seu pai e disse-lhe: “O Senhor, convencido da tua firme resolução e do teu filho, elevou-te ao mais alto grau da sua glória e elegeu-te pai acima de qualquer sentido de ser material. Louvemos o Senhor por ter restituído a graça ao pai das multidões terrestres, e assim ter acolhido a sua posteridade”. Notaram então um cordeiro que andava ali pelo mato; pegaram ele e ofereceram-no em sacrifício para cumprir a sua operação. Foi então que tiveram um conhecimento perfeito da vontade do Criador quanto aos diferentes cultos gerais e particulares, que eles e a sua posteridade deviam operar sobre a Terra, assim como das diferentes espécies de animais que deviam servir de holocausto nas diferentes operações do culto divino. O que nos mostra que o verdadeiro culto do Criador sempre subsistiu entre os homens.

Embora o sacrifício de Abraão seja a figura do que foi feito na pessoa de Abel, há, no entanto uma grande diferença, pois que Abel foi verdadeiramente imolado para cumprir-se a completa reconciliação de seu pai Adão, ao passo que Isaac só foi imolado em pensamento e intenção de seu pai Abraão. Esse pensamento e essa intenção foram suficientes para que Abraão ficasse perfeitamente reconciliado com o Criador. Isto não deve surpreender-vos, posto que o crime de Adão, bem maior que o de Abraão, exigia uma expiação considerável.

Devo também vos explicar o tipo da montanha a que subiram Abraão e Isaac, da madeira que eles empregaram para o seu sacrifício espiritual, e o que fez Abraão ao retirar o filho da fogueira. A montanha significa o asilo espiritual onde os menores falecidos deste nosso mundo irão cumprir, em privação divina, o restante das suas operações espirituais simples, segundo o decreto do Criador, o que se chama vulgarmente de purgatório. Esta montanha representa ainda o círculo sensível de que já falei, e é o que Abraão nos figurou subindo com seu filho esta montanha que é a mais elevada acima dos sentidos materiais. A lenha, sobre a qual estava deitado Isaac, dá a conhecer o gênero de

madeira que se usaria no futuro para inflamar o holocausto e para oferecer o perfume necessário às operações dos diferentes cultos que são:

- 1º culto de expiação
- 2º culto de graça particular e geral
- 3º culto contra os demônios
- 4º culto de prevaricação e de conservação
- 5º culto contra a guerra
- 6º culto para se opor aos inimigos da lei divina
- 7º culto para propiciar a descida do espírito divino
- 8º culto da fé e da perseverança na virtude espiritual divina
- 9º culto para reter o espírito conciliador divino em si
- 10º culto anual ou de consagração de todas as suas operações ao Criador.

Todos estes cultos foram incluídos nos dois que foram operados por Moisés em Israel e por Salomão no templo, onde as diferentes madeiras e os diferentes perfumes aos sacrifícios foram postos em uso. O tempo em que cada um destes cultos se operava era o da Lua Nova, e, desde que os homens existem, sempre se operou este culto entre eles.

Abraão, que retira o filho de cima da fogueira, representa o espírito que o Criador envia aos menores enquanto eles pagam tributo à justiça divina pelos seus diferentes cursos de operações nos três círculos, que já distingui sob os nomes de *sensível*, *visual* e *racional*, círculos estes em que a mudança de ações espirituais dos menores é figurada pela mudança que se fez da matéria corporal de Isaac contra uma vítima animal passiva, não devendo esta última ser senão a sombra e a figura que seria mais tarde oferecida em natureza efetiva, tal como o predissera a oblação de Isaac pelo seu pai. Eis a explicação do primeiro tipo que fazem Abraão e Isaac neste nosso mundo.

O segundo tipo é o da aliança divina com os homens. Tendo Abraão feito o tipo da reconciliação primeira de Adão pelas graças que recebeu do Criador, ao sair da casa paterna onde se operava um culto demoníaco, instruiu-o o Criador das suas vontades, deu-lhe o conhecimento perfeito da lei divina e instruiu-o da sua conversão espiritual como instruíra o primeiro homem. Abraão, acabava de ser vítima dos demônios, testemunhou ao Criador a alegria da sua reconciliação divina, e, para marcar a sua fé e a sua perseverança nesta reconciliação, pediu ao Criador que fizesse com ele uma aliança. Foi então que lhe foi dito pelo espírito divino: “Abraão! Circuncisa a tua carne, e o sangue que derrames na terra perante o Senhor será uma prova segura da aliança que o Criador faz contigo”. É o que se chama vulgarmente: “*batismo de sangue*”.

Esta aliança, do Criador com Abraão, explica claramente aquela que o Criador está sempre disposto a fazer com a sua criatura menor, quando esta criatura o deseja e se torna digna dela. A circuncisão observou-se entre a posteridade de Abraão e o próprio Cristo, na sua qualidade de homem-deus e de homem-divino, nos confirmou, pela circuncisão que sofreu, a aliança do Criador com Adão, Noé, Abraão e toda a sua criação. Eis como o segundo tipo de Abraão nos prova a graça da bondade e da misericórdia do Criador pela criatura.

Isaac, como vimos, faz o tipo de Cristo; é que Abraão, como recompensa pela sua grande fé, foi dotado pelo Criador de todas as virtudes potentes de que gozara Adão no seu estado de glória. Ele foi chamado pelo espírito: homem-deus perfeito da Terra, porque dele nasceria uma verdadeira posteridade de Deus sob uma forma corporal aparente terrestre. Abraão era também o tipo do Criador; em consequência, dele nasceu um justo puro e santo, que foi chamado, *Iaac*. Este nome significa *riso* ou *regozijo*. Abraão fez de novo o tipo do Criador ao querer imolar o seu próprio filho, e esse filho, como dissemos, era o verdadeiro tipo daquele que o Criador enviaria à Terra para operar o verdadeiro sacrifício. Eis o segundo tipo que fazem Abraão e Isaac neste universo.

O terceiro acha-se na posteridade de Isaac. Vós sabeis que ele teve dois filhos gêmeos, sendo um chamado Jacob e o outro Esaú. Jacob era o primeiro concebido, Esaú era o segundo. Estes dois homens, vindos de um pai tão justo, estavam destinados a fazer um tipo essencial e muito instrutivo para todos os homens da Terra. Não entrarei no detalhe da usurpação que Jacob fez sobre o seu irmão Esaú: basta a referência às Escrituras, que até por esse motivo deram a Jacob o nome de suplantador, e o fato é fácil de conceber na medida em que o vemos operar-se diariamente perante os nossos olhos entre os homens que procuram apenas suplantarem-se uns aos outros. Eu vos direi que Abraão fez o tipo do pai divino e Isaac o de filho da Divindade. Igualmente estes dois filhos de Isaac fazem os tipos da primeira e da segunda emanção espiritual feitas pelo Criador e as dos espíritos que prevaricaram. Jacob, embora nascido em segundo lugar, foi o primeiro concebido por Isaac. A segunda emanção, que foi feita após a prevaricação dos primeiros espíritos, é a do menor espiritual a que nós chamamos *Régio*, *Ruivo* ou *Adão*: Esaú, embora nascido em primeiro lugar, foi o segundo filho concebido por Isaac. Tendo os primeiros espíritos prevaricado contra o Criador, o menor ou primeiro homem suplantou-os espiritualmente e tornou-se assim o primogênito. Jacob, como se ve claramente, faz, pela sua ordem de concepção, o tipo dos espíritos prevaricadores, e Esaú, pela sua ordem de concepção, faz o tipo do menor.

Mas a verdadeira prevaricação de Jacob foi ter surpreendido a boa-fé de seu pai, ter empregado todas as suas faculdades e todos os meios possíveis espirituais e temporais para ler o pensamento do seu irmão Esaú, ter querido opor-se a boa ação desse pensamento vantajoso para o seu irmão, tê-lo suplantado por esse meio em todos os seus direitos espirituais, e tê-lo reduzido, a ele e a toda a sua posteridade, à sujeição e à privação divina. Vemos, aliás, em Jacob a dupla prevaricação dos demônios, a saber, a que exerceram contra o Criador e a exercida contra a criatura e a sua posteridade. Não prevaricou, com efeito, Jacob em primeiro lugar contra o seu pai e em segundo lugar contra o seu irmão mais novo Esaú, tal como o demônio prevaricou contra o seu pai divino e contra o menor seu irmão espiritual? Não nos retratam os homens todos os dias a mesma coisa com a sua conduta errada perante o Criador e perante os seus Irmãos? De resto, não deve surpreender-vos que Jacob se tenha assim comportado com Esaú. Esaú preferiu o culto terrestre ao culto do Criador; ele ocupava-se inteiramente da caça e da destruição dos animais selvagens, em lugar de procurar combater o intelecto demoníaco que se apoderara de seu irmão Jacob. Assim, o abandono em que deixou o culto espiritual divino para entregar-se aos cuidados unicamente materiais, atraiu sobre ele as punições que merecia e fê-lo despojar de todos os seus direitos espirituais. Esaú, concebeu, pela misericórdia divina, o alcance das suas prevaricações, e, vendo-se destituído de todos os seus direitos espirituais, divinos e temporais, caiu na mais profunda consternação. Não pode deixar de queixar-se ao seu pai pela usurpação que lhe fizera o seu irmão Jacob; ele fez-lhe conceber a dor que era a sua por ter sido o primeiro a vir ao mundo e se achar o último quanto aos bens espirituais. Era já mostrar uma figura real do que viria a suceder com Israel, que, primogênito espiritual no mundo e primeiro herdeiro da lei divina, seria suplantado por aqueles que deveriam vir depois dele, e confirmar-nos assim aquele prenúncio das Escrituras de que os primeiros serão os últimos.

Esaú, depois de ter inutilmente feito todas as suas representações ao seu pai e vendo que não podia demovê-lo, disse-lhe com o verbo exaltado: “Vós não reservastes diretamente para mim alguma bênção?” Sob o nome de bênção, Esaú pretendia obter de seu pai algum poder ou qualquer dom espiritual, não se encontrando em estado de operar nenhum culto divino para a glória do Criador. Isto mostra-nos que Deus dá aos seus eleitos, sem nenhuma distinção temporal, o conhecimento dos seus dons espirituais para vantagem dos homens encarnados, assim como ordena a esses mesmos eleitos que não transmitam os seus dons e as suas virtudes senão àqueles que forem dignos de uma tal herança. Esaú, vendo que nada podia obter do espírito de seu pai, falou-lhe uma segunda vez e disse-lhe: “Já que não te resta nenhum dom espiritual de que possas dispor em meu favor, rogo-te ao menos, por tudo quanto sou, que me abençoes em nome do Eterno”. Isaac respondeu: “Destinei o teu irmão para senhor dos homens desta terra; sujeitei todos os seus irmãos ao seu domínio; fortaleci-o na

possessão das operações espirituais temporais e espirituais divinas. Nada mais me resta em meu poder para ti”. Esaú soltou um grande grito; verteu lágrimas e contentou-se com gemer amargamente. Não respondeu mais nada ao seu pai, que estava a ponto de ser chamado pelo Criador desta vida para a outra. Mas Isaac, sentido com a triste situação do seu filho, fê-lo aproximar de si e disse-lhe: “Esaú, escuta com atenção o que tenho para dizer-te. As bênçãos que me pedes estão no húmus da terra por causa da tua prevaricação”. Abençoou-o em seguida, dizendo-lhe: “A bênção que lanço sobre ti vem do Eterno, como o orvalho que vem do alto cobre as plantas para as substanciar”. Esaú retirou-se muito mais satisfeito com o seu pai do que antes.

Eis as coisas que tinha para vos dizer no tocante ao tipo de Esaú; vede se a conduta do pai com ele não é um verdadeiro tipo da imutabilidade do Criador nos seus decretos de justiça para com os culpados, tanto no presente século como nos passados. Vede ainda como a misericórdia que Isaac exerce para o fim dos seus dias sobre o seu filho Esaú representa perfeitamente a misericórdia do pai divino para com a sua criatura, quando esta recorre diretamente a ele. Isto representa-nos ainda a grande reconciliação que está para vir; mas falarei deste ponto na sequência do meu tratado, devendo instruir-vos neste momento do tipo de Jacob. Jacob teve uma posteridade numerosa, e, vendo-a prosperar consideravelmente nas coisas temporais, inspirou-lhe facilmente a ambição das coisas da terra. Mas, para se entregar a essa afeição criminosa, eles todos esqueceram o culto divino, de modo que não sobrou deste o menor vestígio na memória de Jacob nem da sua posteridade. Jacob deixou-se então persuadir pelo espírito demoníaco de que o proveito dos bens da terra lhe vinha do grande príncipe dos demônios, e que, em conseqüência, seriam recompensados conforme o culto que lhe prestassem, ele e a sua posteridade, a esse grande príncipe. Jacob, que se tornara em extremo ávido de bens materiais, acatou facilmente esta insinuação.

Ele perdera de vista a sua origem espiritual divina que o Criador lhe apagara da memória: abjurou da sua primeira emanção e do próprio Criador, considerando-se e a sua posteridade como eleitos passivos. Neste sentimento, entregou-se por completo às ciências materiais demoníacas e, tendo-as logo conhecido, propôs-se passá-las à prática e operá-las. Em conseqüência, resolveu ir até o país de Haran e, tendo sido surpreendido pela noite no caminho sobre a montanha de *Morija* ou de *Mahanaim* (esta palavra significa *os dois campos*, o dos demônios e o do Criador), preparou-se para operar sobre essa montanha o pensamento que concebera contra o Criador. Era cerca da hora sexta do dia e quando o Sol se ia pôr e que ele fez a sua invocação. Logo que a sua invocação foi feita, o Senhor fez-lhe surgir um anjo sob a aparência de um homem. Sabeis que o homem corporal não podia sustentar a vista do espírito puro sem morrer ou que a sua forma corporal fosse logo ali consumida. A presença deste espírito fez uma tal impressão ou eletrização sobre as essências corporais e animais espirituais de Jacob que ele foi lançado por terra.

Então Jacob reclamou do Criador e abjurou perante Ele uma vez por todas de tudo o que adotara da parte demoníaca. O anjo falou-lhe em seguida e censurou-lhe a sua conduta horrível, tanto passada como presente, para com o Criador, o seu pai, o seu irmão, a sua posteridade e ele próprio. Jacob, apavorado e irritado pelas terríveis ameaças que lhe fazia o anjo, lançou-se sobre ele e combateu-o durante toda a noite até de madrugada. Mas quando o combate terminou, o anjo perguntou-lhe qual era o seu nome. Jacob repetiu a mesma resposta. Tendo enfim o anjo perguntado a Jacob o seu nome pela última vez, ele respondeu-lhe que se chamava Jacob. Tendo o anjo admitido o seu nome, disse-lhe: “Jacob, usurpador contra o Criador abjurando o espírito do Senhor”. Ao findar estas palavras, o espírito fez uma tão forte atração sobre a pessoa de Jacob que lhe secou o tendão de Aquiles. Tu te chamas Jacob e no futuro te chamarás *Israel* ou *forte contra o espírito do Criador*. Separaram-se, e Jacob ficou todo confuso por se achar assim marcado pelo espírito que abjurara.

Esta marca de Jacob fica na sua posteridade, por um tempo imemorial, como prova da prevaricação de Israel. É desde esse tempo que foi proibido por parte do Eterno, quer no templo de Moisés ou no de Salomão, que nenhuma pessoa marcada pela letra B de nascença fosse admitida ao culto divino,

sob qualquer pretexto que fosse. Esta lei que implicava as penas mais severas foi confirmada por Cristo, a fim de que todos aqueles que fossem ou que são hoje encarregados de fazer operar o culto divino no seu templo espiritual observassem esta ordem com o maior rigor.

Jacob, atravessado pela dor, lembrava no seu espírito todo o horror da sua conduta. Ele lembrou-se de que quando projectara usurpar os direitos do seu irmão Esaú dera um beijo a seu pai Isaac, a fim de melhor surpreender a sua boa-fé. Enfim, passou em revista todas as suas prevaricações contra o Criador e contra as leis da natureza, e essa lembrança tornou-o tão inconsolável que julgou não mais poder cair na graça do Criador nem ser incluído no número dos mortais que participariam da misericórdia divina. Eram, sobretudo as palavras do anjo que o tinham mais afectado, assim como o resultado inesperado que recebera da sua operação demoníaca. No entanto, apesar do seu abatimento e da tristeza das suas reflexões, Jacob formou um verdadeiro desejo de cair na graça do Criador, e não cessou de pedir-lhe a sua reconciliação perfeita. Uma visão natural que se lhe ofereceu sob uma forma humana certificou-o de que as suas súplicas eram escutadas. Aquele que lhe aparecia era o mesmo espírito que o marcara no tendão da perna direita. Ele ensinou a Jacob os meios para obter do Criador o que desejava. Para este efeito o espírito abençoou-o verdadeiramente e ordenou-o de novo. Por este meio, Jacob foi restabelecido em potência espiritual divina para operar quarenta anos após a sua ordenação os diferentes cultos divinos, o que efetivamente fez ao cabo desse tempo de quarenta anos no cume da mesma montanha de Moriija onde estivera da primeira vez. Dirigiu-se para essa montanha à hora sexta, como era seu costume, e tendo tudo preparado iniciara a sua operação, repetiu a sua oração desde a hora sexta até o meio da noite. Então fez as invocações necessárias para suspender definitivamente os efeitos da justiça com que o Criador o fizera ameaçar pelo seu anjo. Realizou-se segundo o seu desejo, e quatro anjos vieram instruí-lo do que tinha ainda a operar para obter do Criador a sua inteira reconciliação, que, com efeito, obteve, como vou explicar-vos. No oitavo dia após esta última operação Jacob pôs-se a caminho para voltar ao cume da montanha, e tendo aí chegado ao fim do nono dia, ao pôr do Sol, preparou-se como de costume para cumprir a sua última reconciliação. No meio da noite do nono dia e a caminho do décimo, Jacob recebeu a certeza da sua reconciliação perfeita, mas o fruto da sua operação atormentou-o tão fortemente que não pôde mais se manter de pé. Deitou-se então sobre o lado esquerdo, e, tendo apoiado a cabeça sobre uma pedra, considerou nesta postura tudo o que lhe provinha do seu trabalho espiritual divino. Viu sete espíritos que subiam e desciam sobre ele. Dentre esses espíritos reconheceu aquele que o ferira e cujas ameaças o tinham tão fortemente apavorado. Reconheceu também os quatro anjos que tinham vindo instruí-lo do que lhe restava fazer para entrar inteiramente na graça do Criador. Avistou ainda a glória do Criador no lugar de onde saíam e onde entravam os anjos. Foi então que Jacob ficou convencido da sua reconciliação divina. Assim disse Jacob: “É aqui o lugar da visão perfeita, que vi o Eterno na minha presença. É aqui o centro do universo e da terra que está diante do Criador, e é aqui ainda que assinalarei o lugar da casa que se construirá para o Criador”. Ele marcou efetivamente com três pedras colocadas triangularmente o lugar fixado para a construção do templo do Senhor, sobre a montanha de *Moriija*, o qual foi executado por Salomão, *Chiram* ou Hiram, rei de Tiro.

O lugar que Jacob assinalou com três pedras triangulares figurava a forma corporal da Terra. Ele ficou no meio do triângulo para mostrar que o Criador colocara o homem-Deus no centro do universo, para comandar e governar todos os seres emanados e criados. Ele mostrava ainda que era ali o verdadeiro lugar onde o Criador se comunicava efetivamente e manifestava a sua glória ao seu primeiro menor enquanto este se mantinha dentro da justiça. Por tudo isto o espírito suscitou a Jacob que designasse esse lugar para ser construído o templo, como sendo o lugar onde fora construído o corpo de glória de Adão, que foi chamado de templo espiritual da Divindade. Neste templo espiritual estava verdadeiramente encerrado o espírito divino. A mesma coisa representou-se em natureza na construção do templo de Salomão, em que o espírito divino desceu sob a forma de névem. Jacob, estando plenamente convicto da sua reconciliação, sujeitou-se a operar no futuro exatamente o culto divino. Ele fixou o tempo em que ele e a sua posteridade o operariam. Fez para esse efeito, num mesmo dia ordinário, quatro operações divinas, por quatro intervalos, de seis em seis horas. Fez em

seguida, durante seis dias consecutivos, uma operação de vigília espiritual divina; o que faz ao todo dez operações em sete dias de tempo. O total destas operações inclui o número denário consagrado à Divindade e o número setenário consagrado ao espírito. Nas quatro primeiras operações, Jacob apelou unicamente para o Criador, invocando-o pelo seu primeiro nome inefável, e depois disse: *A mim, Deus de Abraão!* Invocou o Criador pelo seu segundo nome inefável, e disse: *A mim, Deus de Isaac!* Invocou-o finalmente pelo seu terceiro nome inefável, e disse: *A mim, Deus de Jacob!* que é o mesmo de Abraão e de Isaac, que opera divinamente em nós três, como nós operamos os três Nele, na nossa unidade de potência espiritual divina. Nesta invocação, Jacob reconhece verdadeiramente Abraão como o tipo do Criador pela infinidade das potências espirituais que lhe foram dadas. Ele reconhece Isaac como o tipo do Filho divino ou da ação divina na grande posteridade de Deus que dele proveio, na qual a eleição e a manifestação da glória divina se operaram. E em si mesmo Jacob reconhece o verdadeiro tipo do Espírito, pelas grandes maravilhas que o Criador fizera para ele, pondo-lhe a descoberto a glória divina.

Este último tipo repete ainda o da misericórdia que o Criador exercerá até ao fim dos séculos sobre a sua criatura, tal como Jacob no-lo mostrou com a sua última operação, em que invocou o Criador para se manifestar na sua posteridade pervertida pelo seu exemplo, e livrá-la assim da servidão dos demônios, o que efetivamente o espírito santo operou pela palavra de Moisés. Assim nos foi ensinado que Deus era em três pessoas, isto porque o Criador operou três ações divinas e distintas umas das outras a favor dos três menores que acabamos de falar, conforme os tipos que eles devem formar no universo. Essas três pessoas só existem em Deus relativamente às suas ações divinas, e não se pode concebê-las de outro modo sem degradar a Divindade, que é indivisível e que não pode ser suscetível, por razão alguma, de conter em si diferentes personalidades distintas umas das outras. Se fosse possível admitir no Criador pessoas distintas, devia então se admitir quatro em vez de três, relativamente à quádrupla essência divina que deveis conhecer, a saber: o espírito divino 10, o espírito maior 7, o espírito inferior 3, e o espírito menor 4. Por aí concebemos a impossibilidade que há de o Criador ser dividido em três naturezas pessoais. Que aqueles que querem dividir o Criador na sua essência se conformem ao menos em dividi-Lo dentro do conteúdo da sua imensidão.

Para vos observar definitivamente todos os tipos que fazem Abraão, Isaac e Jacob, vos direi que estes três menores eram a verdadeira figura de Adão, Abel e Seth perante o Criador. Tanto os três primeiros como os outros três tinham visto a glória do Criador. Noé, Sem e Japhet tinham tido a mesma honra. Quanto a Esaú, que fica sem herança particular, faz o tipo de Caim com Adão, o de Cham com Noé, e o seu próprio tipo com Abraão, Isaac e Jacob. Abraão, Isaac e Jacob foram os tipos da ação divina operada pelo espírito divino entre os menores passados e presentes, e mais ainda entre os menores vindouros. Adão, Noé, pela sua posteridade, tinham anunciado todos estes tipos. Cristo, Moisés, Elias confirmaram-nos com as suas operações no monte Thabor, onde todos eles tiveram a visão da glória do Criador. O beijo que Jacob deu a Isaac quando concebeu suplantar seu irmão, anunciava a traição que o homem-Deus deveria sofrer da parte de um dos seus irmãos e discípulos chamado *Judas Iscariotes*: um é suplantador da matéria, o outro da parte espiritual. Evitai que a cupidez da matéria vos leve a repetir um tipo iníquo. Eis o que tinha de mais interessante a dizer-vos sobre as pessoas de Abraão, de Isaac e de Jacob, sem que entre no detalhe da conduta temporal que levaram neste mundo: as Escrituras dizem bastante a este respeito.

Vou falar-vos agora do grande tipo que Moisés representa no universo. Vereis por aqui a verdadeira relação que há com todos os tipos passados, o duplo tipo do Criador e o de todos os espíritos de que o Criador se serve para a manifestação da sua justiça; aprendereis assim se é possível duvidar da verdade dos fatos espirituais que se operaram desde o princípio do mundo, que se operarão até ao fim dos séculos, e dos que foram operados desde a prevaricação dos primeiros espíritos até à do primeiro menor. Vós julgareis enfim se digo a verdade ou se uso de subterfúgios e de sofismas a fim de surpreender a boa-fé do Homem de Desejo. Não está no meu feitio, nem no meu gosto. Sempre tive horror, desde a minha infância, à mentira e ao orgulho; abjurei deles para apenas fazer profissão da

verdade das coisas divinas e espirituais temporais. Assim não deveis reear de mim que vos fale a linguagem do erro.

Começarei por vos dar a interpretação da palavra Egito, onde sabeis ter nascido Moisés. Esta palavra significa *lugar de privação divina ou terra de maldição*. Era aí que os Inimigos da vontade divina tinham sido precipitados com os seus seguidores. As nações que residem neste país, e cuja terra cultivam segundo a própria vontade, representam os primeiros espíritos prevaricadores que sempre operaram e operam ainda segundo a sua vontade, independentemente do Criador. Os primeiros espíritos foram relegados para a parte meridional, e é nessa parte que o Egito está situado. A posteridade de Abraão, de Isaac e de Jacob, tendo prevaricado, caiu sob a potência dos habitantes do Egito e aí permaneceram durante 430 anos. É a verdadeira figura dos menores espirituais que sucumbem sob a potência dos demônios. Vamos agora a Moisés.

Tupz, a quem as Escrituras chamam *Amram*, da tribo de Levi, e *Maha*, sua mulher, a quem as Escrituras chamam *Jocabed*, da própria casa de Levi, foram eleitos, embora na escravidão da terra do Egito, para deles fazerem nascer uma posteridade de Deus que havia de regenerar a posteridade de Adão. *Tupz* significa *cúmulo de bondade divina* e leva o número senário. *Maha* significa *fecundidade espiritual divina* e leva o número quatro. Ambos tiveram numa idade tardia a sua posteridade, que consistia em dois filhos e uma só filha. O pai teve em primeiro lugar *Merian* aos 66 anos de idade, que dá 3. Assim esta filha foi chamada *Merian*, que significa terra virgem. Esta filha foi versada em conhecimentos espirituais divinos, e fez o sacrifício da sua virgindade para operar o verdadeiro culto permitido e ordenado ao seu sexo. *Tupz* teve em seguida *Aarão* aos 79 anos de idade, que dá 7, e *Moisés* aos 82 anos, que dá 10. *Maha* gerou *Merian* aos 48 anos (3); *Aarão* aos 61 anos (7); e *Moisés* aos 64 anos (10). *Tupz* e *Maha* morreram algum tempo antes da saída de *Moisés* da terra do Egito, sem que me ocupe de fixar-vos a data das mortes deles, absolutamente inútil para os fatos de que vou aqui explicar. *Moisés* veio ao mundo no dia 14 da Lua de *Nisan* ou de *Março*. Ele foi metido numa espécie de berço ou de arca na qual flutuou durante algum tempo sobre as vagas do Nilo: esta palavra significa princípio de ação e de operações espirituais temporais. O advento de *Moisés* na terra do Egito, onde toda espécie de nações viviam na confusão e nas trevas, representava o advento do Espírito divino no Caos, onde ele prescreveu a todas as coisas que aí estavam contidas: as leis, as ações e ordens espirituais que lhes eram convenientes. É-vos dito que as trevas não entenderam nada da luz divina; também o caos do Egito e os seus habitantes das trevas não entenderam nada do nascimento e advento de *Moisés* no meio deles. Esses povos não tinham nenhum conhecimento do verdadeiro culto. Todas as suas ações e todos os seus cuidados limitavam-se a satisfazer a cupidez dos seus sentidos materiais, apegando-se apenas a esse instinto que é inato em todo ser passivo. Embora os animais racionais estejam sujeitos às mesmas leis que os animais irracionais, pelo instinto natural e inato neles em toda a forma corporal, não pode no entanto negar-se que se afastar delas seja antes de tudo um suplício. Vemos provas claras disto entre os homens que estão ligados à vida temporal. Se algum sucesso natural ocasiona sobre a sua forma, alguma contração que lhe altera as leis de ordem, proclamam o fenômeno, ficam apavorados, e, por ignorância, entregam-se aos cuidados e ao instinto de um dos seus semelhantes que, quase sempre, é tão ignorante como eles e que se acharia em maiores cuidados que o aflito se semelhante acidente o vitimasse. Esta conduta não surpreende naqueles que, em tal caso, não recorrem ao seu primeiro princípio espiritual divino, o único médico que cura radicalmente. Falarei disto mais amplamente quando tratar dos diferentes fatos sucedidos em Israel.

Moisés, flutuando sobre as águas, faz verdadeiramente o tipo do espírito do Criador que flutua sobre o fluido radical para o deslindar do caos. Vós sabeis que apenas as leis de ordem e de ações foram dadas a todas as coisas contidas na massa caótica. Noé, que fora testemunha da manifestação da justiça e da glória divina, fizera já o tipo da glória do Criador universal; vos farei, observar que todos os tipos que fez este patriarca foram repetidos pelas observações espirituais de *Moisés*. Eles flutuaram ambos sobre as águas. Noé reconciliou o resto dos mortais com o Criador; *Moisés* reconciliou a

posteridade de Abraão, de Isaac e de Jacob com a Divindade. Noé regenera o culto divino na posteridade de Jacob. Noé conduz durante quarenta anos os homens que reconciliou com o Criador; Moisés conduz o povo judeu durante o mesmo tempo. Noé oferece um sacrifício ao Criador em ação de graças; Moisés ofereceu igualmente sacrifícios com o povo reconciliado. Nunca mais acabaria se fosse detalhar-vos todos os tipos que Moisés repetiu, tanto de Noé como dos patriarcas passados e futuros. Eu me contentarei em exortar-vos a fazerdes sérias reflexões sobre a grandeza do tipo de Moisés. Vós ficareis, a saber, que este Eleito representa perfeitamente, pelas suas operações, a tripla essência divina na sua criação universal, geral e particular, como vedes a seguir: 1º O nascimento de Moisés representa a própria ação do Criador. 2º A reconciliação feita por Moisés representa a operação do homem divino ou do filho do Criador. 3º A conduta do povo confiado aos cuidados de Moisés representa o Espírito divino que conduz, governa e dirige todo o ser temporal e espiritual inferior a ele.

As Escrituras mostram-nos como uma filha do rei do Egito salvou o jovem Moisés das águas do Nilo e o criou secretamente para o subtrair às perseguições do Faraó e dos seus cortesãos, que tinham decidido exterminar todas as crianças do sexo masculino do povo hebreu. Essa princesa concebeu uma forte amizade pelo jovem Moisés, que era de uma grande beleza. Impressionava-a o ar pensativo que se anunciava nele em tão tenra idade, e que prometia todos os conhecimentos e toda a reflexão que o jovem Moisés mostrou efetivamente desde a idade de dois anos. A princesa escolheu para ama a mãe da criança; e, para ficar certa de que eram observadas exatamente todas as ordens quanto aos cuidados a ter, exigiu que a ama lhe apresentasse a criança todos os dias. Isto anunciava já a aliança que os idólatras fariam no futuro com as leis divinas, o que foi efetuado pelo restante dos egípcios, que, após a destruição do Faraó e do seu exército, se uniram à lei de Moisés. A ama executava pontualmente as ordens que recebera, e a criança ia aumentando em beleza. Certo dia, a princesa ficou tão encantada ao vê-lo, que, pegando nele no colo, resolveu ousar levá-lo à presença do Faraó seu pai. Para o efeito, passou por uma sala de audiências onde havia várias mesas. Sobre uma dessas mesas encontrava-se um coxim onde estavam pousados a coroa e o cetro do rei. Entre as pedras preciosas que ornavam a coroa do rei havia um escarbúnculo que emitia um brilho considerável. A princesa pegou no jovem Moisés e colocou-o de pé sobre a mesa onde estavam essas jóias, a fim de ver o efeito que fariam sobre ele, sabendo do que faziam sobre os homens feitos. Perante o aspecto brilhante de todos aqueles ornamentos, o jovem Moisés lançou um grande grito de alegria e pôs-se a saltitar como a maior parte das crianças da sua idade. A princesa levou a curiosidade até ao fim, aderindo ao desejo que a criança mostrava de pegar em todas aquelas jóias. Examinou a sala para ver se não era observada, e, não percebendo ninguém, empurrou Moisés para junto da coroa e do cetro. A criança agarrou-os avidamente, mas, não podendo erguê-los, a princesa ajudou-o e pôs-lhe a coroa na cabeça. Neste meio tempo, a criança deixou cair o cetro aos pés da princesa e quis em seguida tirar a coroa da cabeça. Deixou-a cair na mesa e pôs-lhe o pé em cima. Enquanto a princesa se divertia com o jovem Moisés, um camareiro do rei observara tudo de um esconderijo. O camareiro foi logo dar conta ao rei do que se passara e fez um relato odioso contra Moisés, a fim de que o rei o mandasse matar conforme a sentença que pronunciara contra os recém-nascidos de Israel. A princesa tendo repostado no seu lugar o cetro e a coroa pegou o jovem Moisés no colo e dirigiu-se ao aposento do seu pai para lhe mostrar. Mas o Faraó, que fora prevenido pelo camareiro, contra o costume acolheu a filha com um ar muito frio e de desgosto. A princesa, perturbada, pediu ao rei uma audiência particular para saber dele o motivo da sua frieza. O rei acedeu ao seu pedido e, logo que se achou a sós com ela, nem lhe deu tempo de falar, pronunciando imediatamente a sentença de morte contra Moisés. A princesa, ainda mais surpreendida, fez tudo para que o seu pai lhe desse a conhecer o motivo de uma ordem tão rigorosa, observando-lhe que nunca essa criança seria de recear para ele. Ela comoveu tanto o rei com os seus ditos e as suas lágrimas que ele não pôde evitar dizer-lhe o que o camareiro lhe contara. Só por isso? Disse a princesa. É verdade que a criança pegou no vosso cetro e na vossa coroa, mas não pode haver nenhuma má intenção da sua parte, e se os deixou cair, não foi certamente por desprezo ou maldade. No entanto, visto que está pronunciada a sentença, só me resta pedir-vos uma graça: é que seja suspensa a execução até que se faça perante vós uma experiência sobre esta

criança com o fogo. Tendo o rei consentido, a princesa mandou trazer diante dele, na presença da ama de Moisés, um grande caldeirão de fogo. Pousou-se o caldeirão numa mesa, com o cetro e a coroa do rei; então a princesa pôs a criança na mesa, como fizera da primeira vez. Mal o jovem Moisés deu pelo fogo, precipitou-se nele sem reparar no cetro nem na coroa, e pegou com a mão direita num carvão ardente que levou à boca, onde ele se apagou, tendo-lhe queimado uma parte da língua. Após esta experiência, a princesa, que o Criador suscitara para ser a protetora temporal de Moisés, pleiteou contra a relação temerária do camareiro e disse ao rei: “Se o relato que ele te fez contra esta criança fosse verdade e que ele tivesse agido por impulsão do Deus de Israel que guardas em cativeiro, essa inspiração teria ainda sido manifesta neste momento; mas vês que ele não fez caso nenhum do teu cetro e da tua coroa, e que preferiu o fogo apesar de todo o mal que podia sofrer, e que sofreu efetivamente. Vês pois qual é a intenção do teu camareiro que quis seduzir-te para te levar a fazer perecer esta criança. É da tua glória e da justiça que esse homem não fique impune”.

Logo o rei mandou o seu camareiro para um desterro perpétuo fora da terra do Egito, forçado a ir errante pelas outras nações. A princesa prestou graças ao rei e ordenou toda espécie de cuidados a favor de Moisés. É deste acontecimento que provém a causa da gagueira de Moisés, e foi por isso que ele estabeleceu, mais tarde, a circuncisão dos lábios. Não pretendo entrar aqui no detalhe dos tipos que fazem todos os acontecimentos que acabo de relatar. Basta refletir sobre todos os infortúnios que se abateram sobre o Faraó e o seu povo desde essa época. Lede ainda, com atenção, as Escrituras, e vereis claramente em todos estes fatos o tipo do advento de Cristo neste mundo. Vereis que a princesa representava a mãe de Cristo, ou essa bela jovem virgem que diz: *sou negra, sou bela*. Quanto ao camareiro, ele não errara ao dizer ao rei que o jovem Moisés agira sob a Inspiração do Deus dos Hebreus: esse homem contava-se no número dos magos impuros do Egito. Ele professava a ciência diabólica que lhe fazia conceber o espírito divino que operava em Moisés e na princesa, e era um tipo notável da contra-ação que o intelecto demoníaco opera contra o intelecto espiritual divino.

Moisés tendo perdido com a idade de sete anos a princesa sua protetora, permaneceu até a idade de vinte anos na proteção do rei, sob a direção do seu pai e da sua mãe, com Aarão, seu irmão mais velho. Não vos dei a explicação do nome de Moisés, mas basta-vos o que ensinam as Escrituras a este respeito, que o nome de Moisés lhe foi dado pela filha do Faraó porque ela o tinha salvo das águas. Moisés, apoiado pela proteção do rei, vivia em completa liberdade entre os seus irmãos hebreus e o povo do Egito; mas, passeando um dia num lugar ermo, avistou um dos seus irmãos Hebreus sofrendo maus tratos de um egípcio que estava quase a ponto de matá-lo. Moisés, que media seis pés e tinha uma força proporcional à sua altura, caiu sobre o egípcio e matou-o de um só golpe. Teve então de fugir da terra do Egito. Esta fuga não formou nenhum tipo espiritual, mas a morte do egípcio anunciava a força e a potência que o Criador daria a Moisés para a libertação do seu povo. Ela anunciava claramente essa libertação e a molestação dos Egípcios. Eis tudo que há de interessante acerca da origem e dos primeiros tempos da vida de Moisés. Podeis ver, contudo, que as suas primeiras operações repetem perfeitamente as de todos os eleitos precedentes. Ao cabo dos quarenta anos que passou fora do Egito, e ainda sob a proteção do Criador, Moisés ofereceu em sacrifício ao Criador o seu corpo e a sua alma para a libertação dos seus irmãos Hebreus. Invocou o Criador para saber se o sacrifício que acabara de fazer lhe fora agradável. O Criador enviou-lhe um anjo que lhe ensinou ao que estava destinado, relativamente à sua resignação, à sua firmeza e ao seu amor pelos seus Irmãos Hebreus. O anjo disse a Moisés: “Conduz o teu rebanho aos confins do deserto de *Madian*, e lá o Criador te fará conhecer a sua vontade”. Moisés fez uma segunda operação entre o deserto de *Madian* e o monte *Horeb*, na qual ofereceu pela segunda vez o seu corpo e a sua alma ao Criador com estas palavras: “Ó eterno! Criador de todas as potências! Aceita o sacrifício que te faço em toda a santidade e na pureza da potência divina que te aprouve dar-me na tua misericórdia e para tua maior glória! Submeto-me inteiramente à tua grandeza infinita! Dispõe de mim segundo a tua vontade: recebe o sacrifício que te faço da minha alma, do meu coração e do meu corpo, e de tudo o que me pertence espiritual e temporalmente; recebe-o para a expiação do pecado do pai dos homens e de toda a sua posteridade. Assim como tudo o que vem de ti, tudo voltará a ti”.

Tendo oferecido da segunda vez o sacrifício de si mesmo em três divisões distintas, o que não fizera da primeira vez, Moisés sentiu nele que a sua operação fora agradável ao Criador. Ele oferecera primeiramente a alma, porque nada mais perfeito pode ser oferecido ao Criador que o espírito menor semelhante ao espírito divino. Offerceu em segundo lugar o coração, ou a potência espiritual que a alma recebe no momento da sua emanção. Esta potência é figurada pelos quatro caracteres inscritos no coração do homem. Conhecem-nos os anatomistas, mas, não podendo interpretá-los, deixam-nos sem explicação: deles falarei em tratando da matéria. Por fim Moisés ofereceu o seu corpo, para exprimir as três essências espirituais de onde provêm todas as formas contidas no universo. Após esta segunda operação, o espírito divino chamou-o pelo nome de Moisés, o mesmo que recebera da filha do Faraó, o que o confirmou na crença do favor que o Criador lhe concedia de preferência aos seus irmãos. O Espírito instruiu-o da maneira como entraria no centro do esplendor do fogo divino que rodeava o monte Horeb: a esta montanha chama-se misteriosamente sarça ardente. Moisés, tendo nela entrado despojado de quaisquer metais e de qualquer matéria impura, prostrou-se com a cara na terra e o corpo estendido, figurando o repouso da matéria abatida pela presença do espírito do Criador, e o repouso natural que é dado a todas as formas após as suas operações temporais. Esta atitude figura ainda a reintegração necessária de todas as formas corporais particulares na forma geral, assim como a separação em suspenso que sucede à alma quando ela contempla o espírito, porque o corpo da matéria não pode ter papel algum no que se opera entre o menor e o espírito divino. É o que se confirma pelos sábios e fortes eleitos do Criador nos seus êxtases de contemplação divina, e o que o próprio Cristo nos mostrou claramente.

Esta Insinuação do corpo, quando a alma se acha em contemplação, não vos será difícil de conceber. Considerai um homem no sono. Não se pode então dispor da sua forma e mesmo destruí-la sem que o homem que está dormindo a possa defender? Não se diga que é porque este homem tem os olhos fechados, pois há pessoas que dormem com os olhos abertos e nem por isso estão em maior segurança. É, unicamente porque a alma suspendeu a junção que faz habitualmente das suas funções espirituais com as funções corporais da forma, e o corpo fica pela condução do agente corporal, que não pode ter conhecimento do que deve suceder-lhe de funesto ou de vantajoso se a alma não o comunicar. O mesmo sucede na contemplação, quando ela é bastante forte para afetar vivamente a alma: o corpo cai numa espécie de inação, não é suscetível de nenhuma impressão pela razão que a alma é toda transportada pelo objeto da sua contemplação espiritual. Não julguem por isso que a alma se separou do corpo. Ela apenas se separou em ação espiritual e não em natureza. Nós temos provas dessa insensibilidade corporal, quando a alma entra em contemplação, nos suplicios exercidos sobre o corpo de Jesus Cristo e de certos mártires. O corpo de Cristo não sofria nenhuma dor nos tormentos que se exerciam sobre ele. Se o corpo fazia alguns movimentos, era só em consequência da ação inata do veículo que se oprimia contra a sua lei natural. Aqueles que, a exemplo de Cristo, se expuseram a horríveis suplicios, gozavam da mesma graça que ele relativamente à sua missão, que só tendia para a glória do Criador. Cristo contemplava o espírito do Pai, e os ditosos mortais que o imitaram contemplavam o espírito do Filho divino. Eis o que nos faz conceber a suspensão da ação da alma, e a privação ou ignorância em que fica o corpo sobre o que se opera então à sua volta. Voltemos a Moisés.

Enquanto estava na sua prostração, ele recebeu do Criador as quatro potências divinas necessárias para ir operar contra as quatro regiões demoniacas, cujos chefes manifestavam toda a sua malícia na terra do Egito e contra Israel. Era por este sábio que o Criador devia manifestar a sua glória e sua justiça. Ele deu-lhe, em consequência, os mesmos poderes de que Adão fora revestido no seu estado de glória; o que nos mostra que todo Homem de Desejo pode perfeitamente obter do Criador essa quádrupla potência, embora revestido de um corpo material. Se Moisés opôs alguma resistência à vontade do Criador, não foi de modo nenhum por desobediência e por teimosia, era unicamente porque se achava incapaz de cumprir a missão que lhe dava o Criador, visto o defeito de articular que lhe ficara desde a experiência que a princesa sua protetora quisera fazer com ele na sua infância. Este

receio e esta desconfiança provam-nos que a lei perfeita não pode entrar em nós se não nos for dada do alto. O Criador respondeu-lhe que ele devia ter junto de si o seu irmão Aarão para interpretar as suas palavras, e que aliás teria *Ur* a assisti-lo para executar as suas operações espirituais. O nome de Aarão significa *homem elevado em graça divina* ou *profeta divino*, e o nome de *Ur* significa *fogo do Senhor* ou *espírito da Divindade*. Moisés disse então: “Que a vontade de Deus se cumpra segundo o que ele ordenou para a libertação do seu povo e a molestação dos egípcios!”

Ele dirigiu-se imediatamente para a terra de Egito com os seus dois assistentes, e, apresentando-se diante do Faraó, ordenou-lhe pelo Eterno que restituísse a liberdade aos Hebreus. O Faraó recusou. Moisés repetiu-lhe a ordem uma segunda vez, e depois uma terceira, e recebeu sempre a mesma resposta.

Vendo esta teimosia, Moisés retirou-se para o centro do Egito a fim de aí fazer uso de toda a potência de que o revestira o Criador. Ele fulminou o Egito e os seus habitantes com sete pragas horríveis que levaram ao extremo da desolação esses lugares de trevas. Podemos-nos guiar pelo que as Escrituras relatam sobre este ponto. Moisés deu então um aviso geral aos filhos de Israel para estarem prontos à hora de meia-noite, de 14 para 15 do mês da Lua *Nisan* ou de Março. Era o momento em que os Hebreus deviam ser libertados da servidão e porem-se à caminho da terra que o Criador prometera aos seus pais. O povo executou as ordens que recebera, e Moisés, por seu lado, preparou-se para fazer ao mesmo tempo a sua grande operação. Mandou apanhar, para o feito, um cordeiro branco de um ano, sem mancha exterior ou interior. O cordeiro, símbolo da vítima que devia mais tarde ser imolada para a salvação do gênero humano, representava também a pureza do corpo e da alma dos filhos de Israel. Degolado o cordeiro por Aarão, para servir de holocausto de expiação, Moisés recolheu o sangue e marcou em forma de receptáculo os quatro ângulos do lugar onde devia fazer a sua grande operação para atingir as quatro partes do Egito, e em seguida derramou o resto do sangue na terra. Moisés ordenara igualmente a todos os filhos de Israel que escolhessem um cordeiro semelhante ao seu. Os chefes de família deviam degolar esses cordeiros e marcar, com o sangue, em forma de receptáculo, a porta das suas casas. Era essa a marca da aliança do Criador com Israel, e do completo extermínio dos Egípcios.

Este receptáculo dava aos Israelitas um duplo ensinamento: primeiro, que esse sangue animal, tomado como símbolo de potência, representava-lhes a alma espiritual; segundo, que esse mesmo sangue era o tronco e o centro de onde essa alma preside e aciona todo o geral da forma particular que habita. Essa figura representava ainda as quatro regiões celestes de onde Moisés fazia sair, com as quatro potências divinas, os quatro anjos exterminadores que deviam molestar os Egípcios, e ao mesmo tempo cuidar da defesa do povo de Israel saindo do Egito. Moisés ordenara aos Israelitas que degolassem e esfolassem o cordeiro escolhido. Eles deviam em seguida coze-lo, comer toda a carne desde a cabeça até ao meio do corpo, e consumir o resto pelo fogo. Com a cozedura do cordeiro, Moisés figurava a Israel a purificação da sua forma corporal, para se dispor à comunicação do intelecto espiritual divino; e, com a ordem de queimar o que sobrasse do cordeiro, queria representar a reintegração das essências espirituais no eixo central de onde elas provieram. Porque, assim como o fogo elementar tem a propriedade de reduzir a cinzas tudo o que abraça, também o eixo central tem a faculdade de devorar e dissipar inteiramente tudo o que nele se reintegra, sem que nada fique de aparência ou de substância conveniente e capaz de ser habitada por um espírito. Moisés ordenou ainda aos Israelitas que as famílias que não tivessem cordeiros se unissem às que tivessem. Ele anunciava com isso a aliança que o resto dos idólatras do Egito fariam no porvir com a lei divina, o que efetivamente veio a dar-se.

Para vos instruir amplamente sobre todos os acontecimentos que precederam a libertação do povo hebreu da servidão, vou relatar-vos as operações espirituais que Moisés foi obrigado a opor às dos magos do Egito e dos sábios de Ismael que ele encontrou entre os Egípcios. Esses magos e esses sábios professavam secretamente no Egito, de geração em geração, a ciência divina, mas Moisés,

tendo-os descoberto, falou-lhes deste modo: “Eu vos digo, magos do Egito e sábios de Ismael, que estou aqui da parte do Eterno, para opor a minha potência à vossa para a glória do meu Deus, de quem tudo depende, e para a libertação do seu povo eleito. Por que ides contra a vontade do Criador, empedernindo a alma do Faraó e induzindo-o a rejeitar o pedido que lhe faço a favor de Israel?” Os sábios e os magos responderam-lhe: “Se o Deus a quem serves é tão potente como dizes, porque não opera ele por si próprio e pela sua própria vontade, sem o recurso de um ser como tu? Vá, o teu Deus não foi nunca como o dizes e a tua potência não passa de impostura”.

Moisés, chocado com este insulto, atirou ao chão a sua vara ou vergasta misteriosa que tinha na mão direita e ela foi logo convertida em serpente. Um dos sábios atirou também a sua vara, que foi como a de Moisés transformada em serpente. Estas duas serpentes fixaram-se uma à outra por todo o tempo em que Moisés interpretou para os magos do Egito o tipo desta metamorfose: “Magos do Egito e vós, sábios de Ismael, disse ele, conheço esta potência e os fatos que dela podem provir; ela é com respeito à minha o que a minha é com respeito à do Deus vivo de Israel. Estas serpentes que vês rastejar na terra explicam-te o abatimento e a derrota da potência orgulhosa dos demônios e dos homens que eles tornaram seus semelhantes. A serpente proveniente da minha vergasta e que procura devorar a que provém da tua anuncia-te que o homem não rastejará sempre pela terra, mas que um dia será revestido da sua potência primeira, e que então marchará erguido contra aqueles que o fizeram declinar. Mais te digo que essa mudança em formas horrendas sofrida pelas vergastas é a explicação real da mudança das formas gloriosas dos espíritos superiores demoníacos e dos números espirituais divinos em formas de vil matéria terrestre que os mantêm na privação. Senhor, acrescentou ele dirigindo-se ao Criador, *ergue-te e caminha diante de mim, a fim de que a tua glória seja manifesta diante do teu potente Eleito!*”.

Após esta invocação, Moisés pegou na cauda da serpente que estava ao lado dele, e na sua mão a serpente tornou a ser vergasta. O mago do Egito fez logo ali a mesma coisa. Moisés falou-lhe em seguida e disse: “Estas serpentes que viste dissiparem-se diante de ti e voltarem à sua forma primitiva de vergasta, é para que vejas que todas as espécies físicas que agem neste universo não existem realmente por natureza, nem por si próprias, mas somente pelo ser que as anima, e tudo o que parece existir se dissipará tão prontamente como vistes dissiparem-se essa duas serpentes que agiam em aparência diante de ti. Fica sabendo ainda que o aniquilamento das formas dessas duas serpentes te anuncia claramente a destruição da terra que habitas e a dos seus habitantes. Evita ser confundido entre aqueles sobre os quais o Criador deve manifestar a sua justiça”. O mago inclinou-se perante Moisés e, não ousando mais operar diante dele, retirou-se para junto do Faraó, a quem todavia nada confiou acerca das ciências que Moisés possuía.

Não é necessário entrar no detalhe de todas as operações particulares que fez Moisés para contribuir para a libertação dos seus irmãos; as Escrituras falam claramente nisso, mas não devo deixar-vos ignorar o que nos ensinam os quatro sábios de Ismael e os três magos do Egito de que vos falei. Os quatro sábios ensinam-nos que o verdadeiro culto do Criador, assim como o seu cerimonial, permaneceu sempre entre os homens da terra e que aí permanecerá até ao fim dos séculos. Mas a fraqueza e a iniquidade dos homens fez-lhes muitas vezes abandonar esses conhecimentos divinos para se entregarem aos da matéria, e é o que os três magos do Egito nos representam. Estes três magos só se entregavam às operações demoníacas, e viviam em plena liberdade no seio da matéria. Eles foram assim incluídos no número dos infelizes que sucumbiram sob a justiça divina que o Eterno exerceu sobre o Egito.

Esses três magos combatiam continuamente a potência espiritual de Moisés, e não cessaram de opor-se aos seus trabalhos espirituais até à nona operação que ele fez para a glória do Criador. Esta repetição de operação da parte dos magos não deixou de inquietar Moisés e mesmo de abalar a grande fé que ele tinha no Criador. Ele exclamou então, com lágrimas nos olhos: “O Eterno, Deus de Israel! Em que sou culpado na missão de que me encarregaste? Porquê, Senhor, não fui prevenido de que

não era o único às tuas ordens na terra do Egito? Tem piedade do teu servidor, porque ele vai operar sem o teu auxílio”. Moisés, após esta prece, sentiu renascer na sua alma a mais viva fé. Achava-se no décimo dia, que devia pôr termo a todas as suas operações divinas. Convocou os quatro sábios e os três magos diante do Faraó, para que fossem testemunhas da sua décima e última operação. Assim que ficaram todos reunidos Moisés falou deste modo: “O Deus de Israel é aquele que tudo ouve e que tudo vê; ele viu os sábios de Ismael; ele ouviu os três magos iníquos do Egito, e um destes três últimos vai servir de exemplo a todos os outros”. Moisés fez então a sua operação com Aarão e Ur; mas um dos três magos mais ousado e mais temerário que os outros entrou no círculo. Logo Moisés o repeliu apoiando-lhe no peito dois dedos da sua mão direita. O mago saiu do círculo às presas, mas sem tirar os olhos de cima de Moisés, a fim de melhor compreender o que Moisés pronunciava contra ele e de melhor ver o que ia operar-se pela invocação que fazia Moisés nestes termos: “O Criador pôs toda a potência no seu servidor Moisés. Ele paga tributo ao seu servidor pela grande fé que este teve nele. Porque é que o Deus que este mago venera não pagaria igualmente tributo ao zelo do seu servidor? Porque o deixa tornar-se um exemplo imemorial da justiça divina à face de Israel e de todo o Egito?” Acabadas estas palavras, fez-se no corpo do mago uma mudança que espantou todos os espectadores. Foi a última operação espiritual divina na terra do Egito. Por tudo o que acabo de dizer, vós podeis ter a certeza que a potência dos demônios jamais prevalecerá contra a do Espírito divino. Por aí vedes ainda como tudo se opera no universo por ação e por contração; sem isso, nada teria movimento ou vida, e sem a vida, não haveria formas corporais. Igualmente, sem a reação demoníaca, não haveria vida espiritual fora da circunferência divina.

O Faraó, aterrado com todos os flagelos que Moisés provocara no Egito, foi forçado a aliviar o jugo dos filhos de Israel e entregá-los à condução de Moisés para irem oferecer um sacrifício ao seu Deus. Permitiu-lhes até que pedissem emprestados aos Egípcios vasos de ouro e de prata, diferentes utensílios de metais preciosos e todos os perfumes necessários para as operações do grande culto que Moisés operaria no meio do seu povo. Ele prescrevera-lhes um tempo para irem oferecer os seus sacrifícios; mas vendo que, esgotado esse tempo, os Hebreus não voltavam, o Faraó decidiu-se a persegui-los, não tanto para os trazer de volta ao primitivo cativo, mas para retirar deles todas as riquezas que tinham levado dos Egípcios.

A maioria dos homens, pouco instruída nos tipos espirituais que se operam no universo, tratou os filhos de Israel de ladrões e de pérfidos a propósito destes empréstimos; mas com que fundamento puderam esses homens ignorantes formular os seus juízos? Sabiam eles quais eram essas riquezas que os Israelitas pediram empréstimo aos Egípcios? Sabiam qual o emprego delas? Sabiam finalmente se esse pretensio mal manifesto se operou unicamente por vontade do povo de Israel, ou se esse povo agia ainda como no resto das suas operações espirituais, por ordem daquele que vinha livrá-los da servidão? Para vos convencer da ignorância desses pretensos sábios, vos direi que todas essas riquezas em questão eram simplesmente os ídolos materiais dos Egípcios. O desvio que se fez pela mão de Israel era uma verdadeira punição que a justiça divina exercia sobre eles, privando-os dos objetos mais preciosos da idolatria, e é a sorte inevitável de todos os que se entregam inteiramente à matéria. O príncipe dessa matéria favorece por momentos os seus prosélitos, a fim de afastá-los, quer em pensamento, quer em ação, do seu único princípio espiritual divino, mas mal os leva ao auge das suas satisfações, logo os deixa perdidos no meio dos laços que lhes armou e percipita-os assim no abismo.

Não se pode dizer que Israel tenha enriquecido com estes bens retirados aos Egípcios. A soma está avaliada em um milhão da nossa moeda. Isso chegaria para enriquecer cerca de um milhão e duzentos mil homens, sustentá-los durante os quarenta anos que passaram no deserto, e suportar as guerras consideráveis que eles tiveram de fazer? Longe de poder presumi-lo, nós vemos que Israel viveu de uma maneira celeste no deserto; que a guerra que sustentava contra os inimigos de Deus era uma guerra espiritual e que se fazia sem dinheiro; que os Israelitas não faziam qualquer uso entre si de moeda de ouro ou de prata, nem de nenhum outro metal para satisfazer as necessidades da vida. Vemos ainda que não fizeram no deserto, nem ao chegar à terra prometida, nenhuma espécie de

negócio nem de comércio de bens materiais com as riquezas trazidas do Egito. Isto mostra-nos a injustiça de aqueles que ousaram suspeitar da fidelidade de Israel e chamar-lhe ladrão. Tais reproches só podem ser ditados pela ignorância e pelo orgulho, e os que não se mostraram reservados ao expô-los facilmente seduziram e convenceram em aparência os outros homens com os seus discursos. Os que foram bastante fracos para se deixarem seduzir por eles, embora queiram fazer uso da razão e tenham obtido as luzes verdadeiras, são os primeiros a condenar. Mas para justificar plenamente a Moisés e ao seu povo por estas suspeitas vergonhosas basta instruir-vos do uso a que foram destinados os despojos dos Egípcios. Fiquem sabendo que todos esses vasos, todos esses metais e esses utensílios em ouro e prata apenas serviram em Israel para a decoração do templo ou da arca da aliança que Moisés elevou à glória do Criador, para aí operar os diferentes cultos divinos. Prossigamos a narrativa:

Moisés, sabendo que teria de fazer longas caminhadas para evitar as perseguições do Faraó, ordenou aos Israelitas que fizessem uma grande provisão de pão sem levedura para a sua subsistência até à entrada nos desertos de *Canaan*. Só depois dessa entrada Moisés lhes explicou o que significava esse pão sem levedura que tanto os intrigara: “Eu te digo, Israel, que esse pão ázimo que comeste com o cordeiro na terra do Egito, durante os últimos oito dias que lá permaneceste, te anuncia a vida espiritual, o alimento que o Criador resolveu dar-te durante todo o tempo que farás a guerra em Canaan. Ele anuncia-te ainda a reconciliação com o Criador e a libertação da servidão figurada pela mudança de alimento por meio da qual abandonavas os alimentos profanos aos Egípcios que o Criador devia exterminar”. Israel compreendeu tudo o que Moisés quisera dizer, quando após a passagem do mar Vermelho o maná começou a cair no acampamento. Falaremos disto ao seu devido tempo.

As diferentes marchas que o Faraó fez em perseguição dos Israelitas figuram-nos as manhas e os rodeios que emprega o espírito demoníaco para fixar o seu intelecto de abominação e destruir assim a potência do homem. Não passava da repetição das armadilhas que os demônios tinham outrora armado aos Israelitas, e com as quais eles tinham sujeitado aos Egípcios. Mas, como o espírito divino protetor e defensor dos homens usa dos mesmos meios para molestar o espírito demoníaco, ele serviu-se de Israel para operar a destruição do Egito.

Israel era o tipo do intelecto espiritual divino, e as diferentes andanças suas antes e depois da passagem do mar Vermelho não eram senão os meios espirituais que o espírito do Criador empregava para a inteira punição dos seus inimigos e para a libertação do seu povo eleito. Esta proteção divina foi claramente manifestada a Israel no deserto de *Phiahizoth*, entre *Magdal* e o mar Vermelho. O primeiro nome significa *regeneração de ação* e o segundo *aspecto de abominação*, e o mar Vermelho *abismo de amargura*.

Estando Moisés nesse deserto com todo o povo de Israel, avistou a cabeça do exército egípcio que marchava contra ele. Ele fez a sua última invocação para submeter Israel à condução do Criador, não julgando a sua potência suficiente para evitar as desgraças e a perdição que ameaçavam Israel. A sua prece foi escutada; o povo de Israel, que fora tomado de receio e de pavor à vista dos seus inimigos, encheu-se então de uma inteira confiança no Criador e no seu servidor Moisés. Esta fé foi confirmada por uma coluna de nuvens negras que vieram formar um reduto entre o exército de Israel e o dos Egípcios, que, por este meio, não podiam ver-se um ao outro, embora estivessem acampados no mesmo deserto. À vista desta coluna, Israel exclamou: “*Viva o Deus dos filhos de Israel que nos salvou da raiva dos nossos inimigos*”. Israel ficou ainda alguns dias no deserto ao abrigo da coluna de nuvens; mas, chegado o momento da passagem do mar Vermelho, o Criador fez subir a coluna a fim de que Israel pusesse a descoberto a manifestação da justiça divina contra os seus inimigos. Perante o aspecto do exército egípcio, Israel desconcertou-se de novo e encheu-se de um terror inconcebível: tranquilizou-se, no entanto, e, fortificando-se na sua fé, confiou-se à vontade do Criador e à de Moisés.

Moisés fizera o censo de todos os que se destinavam a fazer a guerra. Separou, segundo a ordem das tribos, as mulheres, as crianças e os velhos, e, dispondo-se a fazê-los passar em primeiro lugar o mar Vermelho, pôs-se à cabeça. Colocou em seguida o seu irmão Aarão à cabeça dos eleitos destinados à guerra, Ur no meio e Josué na cauda. Nesta ordem, ele pôs-se em marcha à vista do exército egípcio, a fim de que este se determinasse a perseguir os Israelitas até ao lugar designado pelo Criador para o extermínio do Faraó e do seu povo. Foi na noite do 14º ao 15º dia de Nisan ou de Março que Moisés chegou com todo o seu exército às costas do mar à cabeça de aqueles que deviam passar primeiro, a saber, as mulheres, as crianças e os velhos. Estendeu a mão sobre as águas e mergulhou nelas a sua vara. Logo as águas se afastaram para a direita e para a esquerda deixando a passagem livre aos Israelitas. À frente do povo marchava uma coluna de fogo, pelo caminho que traçara Moisés. Essa coluna marchava assim ordinariamente à frente de Moisés e do seu povo para lhes servir de guia, e para manter deste modo os inimigos deles numa maior obscuridade. Moisés foi com a sua divisão até ao meio do mar Vermelho, e, tendo chegado ao centro, esperou que as outras divisões se lhe juntassem. Depois continuou a sua marcha e conduziu os filhos de Israel ao outro lado do mar para os fazer regressar aos caminhos da terra de onde tinham partido.

O Faraó, que percebeu os Israelitas caminhando para os lados do mar Vermelho, redobrou a sua marcha para capturá-los, e, tendo-os perdido de vista na escuridão, ordenou ao seu exército que acendesse archotes para seguir os inimigos e procurar-lhes as pegadas; mas este recurso foi mais funesto que vantajoso para os Egípcios, porque o exército do Faraó, estando ocupado em seguir as pegadas do inimigo, não se apercebeu que abandonara a margem do mar e que marchava no meio das águas que estavam suspensas de cada lado. Na verdade o caminho traçado era bastante largo para não se dar conta do perigo e, sobretudo numa noite tão tenebrosa. Tendo enfim o Faraó e todo o seu exército chegado ao centro da passagem do mar de onde Israel já saira, reuniram-se as águas e tragaram todos os Egípcios. Esse centro era o lugar que Moisés assinalara aos espíritos exterminadores para a completa derrota dos seus inimigos. Os Israelitas estavam já acampados do outro lado do mar, na verdade já dispostos sem ordem e sem distinção. Ao cabo de duas horas de repouso, Moisés acordou-os para os fazer meditar sobre a bondade infinita do Criador, da qual acabavam de receber tão grandes provas. Mandou-os dar graças ao Eterno, e, ao terminar a ação de graças, começava a surgir a madrugada do quinquagésimo dia da luta. Foi nesse momento que eles viram cair o maná pela primeira vez. Moisés preveniu-os de que o Criador, que lhes enviava esse alimento, confirmava com tal favor a sua graça e a sua reconciliação. Advertiu-os de que cada um deles podia tomar uma porção desse maná para o seu sustento diário, mas que não lhes seria permitido guardar para o dia seguinte; que, se fossem contra essa lei, o maná que tinham querido guardar se corromperia e ficaria perdido para eles. Disse-lhes ainda que todas as porções que viessem a tomar além do que lhes era permitido seriam deduzidas das reservadas aos outros Israelitas, de forma que ninguém podia tomar mais que a sua porção sem o prejuízo dos prevaricadores e mais ainda dos seus irmãos; e que, todavia, para que toda a punição recaísse particularmente sobre os culpados, estes seriam atacados pela lepra e ficariam em jejum e penitência durante sete dias. Foi também estabelecido que, durante os dias da sua expiação, a porção de maná que lhes cabia seria distribuída àqueles irmãos da mesma tribo que dele tinham ficado privados por causa da sua avidez, a fim de que essa tribo aprendesse a conhecer que havia entre ela prevaricadores que o Eterno tinha punido segundo o seu crime. Eis as primeiras instruções que recebeu Israel após a sua passagem do mar Vermelho, instruções que nos ensinam que o cuidado do nosso bem-estar quer temporal, quer espiritual, pertence mais à potência do Criador que à nossa e à de toda a nossa indústria demoníaca.

Após esta instrução, Moisés proibiu aos Israelitas que se lavassem na água do mar Vermelho, ou que dela se servissem fosse para o que fosse, porque ela estava suja com o sangue da abominação, e que nos seus abismos fora precipitada, por uma eternidade, a iniquidade do Egito e dos seus habitantes. Em seguida ele falou ao povo, dizendo: “Israel, o que te disse no tocante à manifestação da glória e da justiça divina, acha-se acima de tudo o que podes pensar. Que a lembrança desta glória do Criador nunca se apague da tua memória de geração em geração até o fim dos séculos, e que os flagelos de

que o Criador se serviu para manifestar a sua justiça estejam sempre presentes na memória dos habitantes dos céus e da Terra. Põe aí os teus olhos, Israel, onde o dia ilumina a orla do mar que passaste a vau, e reconhece o prodígio que o Criador operou para a tua libertação e a tua reconciliação”. Israel olhou para o lado do mar, e, tendo-o visto coberto de toda a tropa que compunha o exército do Egito, onde jazia também o corpo do Faraó, prosternou-se aos pés de Moisés exclamando: “Moisés, que o Deus de nossos pais que te escolheu para amparo dos filhos de Israel te ouça eternamente. Nós te rogamos, em nome de Deus, que nos fez transportar aqui, que lhe consagres as nossas almas em sacrifício e em ação de graças por todas as suas bênçãos a fim de que ele nos preserve para sempre dos terríveis flagelos da sua justiça”.

Os cadáveres dos Egípcios flutuaram por todo o dia 15 da Lua de Nisan. Ora eram transportados do lado da terra do Egito, ora passavam do lado onde estava Israel. Os cadáveres seguiram este caminho várias vezes a fim de que os restos infelizes dos Egípcios testemunhassem a glória do Criador e a justiça que ele exercia contra o Egito a favor de Israel. O corpo do Faraó foi o último sepultado sob as águas e ficou ainda um dia inteiro depois que os outros cadáveres foram dispersos.

Moisés começou logo a estabelecer o culto divino para Israel. Ele instituiu de novo as quatro vigílias diárias ou as quatro orações de seis em seis horas, e restabeleceu também as quatro operações anuais, representando a última a grande operação de Moisés em ação de graças pelas dádivas recebidas em pagamento dos pedidos que fizera ao Criador, quer nos seus trabalhos anuais, quer nos seus trabalhos diários. Moisés regenerou todos os diferentes cultos no espaço de quarenta e nove dias, e, no quinquagésimo, explicou assim aos Israelitas todos os prodígios que tinham acompanhado a sua libertação: “Eu te digo em verdade, Israel, que o Criador fez força de lei para a tua reconciliação espiritual. Ele opôs potência contra potência, tal como te fiz compreender pelas minhas operações contra os sábios de Ismael e os magos do Egito. Tudo se opera tanto para tua satisfação particular como para a glória do Criador e manifestação da sua justiça. Esse ser supremo é ao mesmo tempo o teu Criador, o teu libertador, o teu condutor e o teu defensor. Tu vês o tipo desse Criador no teu servidor Moisés, que contemplou na face a glória do Eterno, na qual entrou em espírito para receber as ordens da grande Divindade a respeito da tua libertação. Vês o tipo do teu libertador em Aarão, que representa a ação do Criador. Vês o tipo do teu condutor em Ur, e vês o tipo do teu defensor em Josué. É assim que os quatro indivíduos que cooperaram na tua libertação fazem um tipo cada um da quádrupla essência divina que o Criador empregou para a tua reconciliação. Escuta agora o que vou dizer-te no tocante aos fatos que se operaram a teu favor na terra do Egito: eles fazem alusão a três grandes virtudes e potências que o Criador devia manifestar a favor dos filhos de Israel e para o extermínio de todos os seus inimigos.

A primeira tinha-se dado a conhecer desde a infância do teu servidor Moisés: ele flutuou sobre as águas, privado do uso de todos os seus sentidos corporais e sob a tutela do Criador. Assim flutuava o espírito divino antes de separar a luz das trevas, e de cada coisa ter achado o seu lugar natural segundo a lei. Assim flutuava Noé com o resto do povo reconciliado. Era Noé que o Criador escolhera para ser testemunha da manifestação da justiça divina e para regenerar o culto divino sobre a Terra. Moisés foi igualmente escolhido para te lembrar que o Senhor é o único Criador de tudo quanto tem vida e ação neste universo. Quando Moisés flutuava sobre as águas, estavas ainda longe da sua eleição espiritual e ignoravas o tipo que o Eterno lhe fazia operar a teu favor.

A segunda virtude foi manifestada por todas as operações que fez com os quatro sábios de Ismael e os três magos do Egito. Os quatro sábios combateram a minha potência; eles fizeram as mesmas coisas que nas minhas quatro primeiras operações e só pude conhecer o espírito que os fazia operar depois de satisfeita a vontade do Criador; o que te prova que é impossível ao homem penetrar sozinho nas diferentes ações da Divindade. A mudança horrenda que se operou na forma corporal do primeiro mago do Faraó faz alusão à mudança da potência espiritual que os menores experimentaram nos três círculos: *sensível, visual e racional*, onde eram obrigados a agir durante *um tempo, dois tempos e*

metade de um tempo. O primeiro tempo é no sensível, o mais perto da matéria terrestre; o segundo tempo é no visual, o mais perto da matéria rarefeita; e o meio tempo é no racional, o mais perto do supraceleste. Eis exatamente o que te ensina o exemplo operado sobre o primeiro mago.

A primeira divisão israelita que passou o mar Vermelho representa a saída dos homens das três partes da terra, quando o Criador os libertar das trevas que habitam, o que se operará pela via do Messias. As três diferentes classes de pessoas que compunham esta primeira divisão significavam os três ângulos da terra: os velhos, o ângulo do ocidente; as mulheres, o ângulo do sul; as crianças, o ângulo do norte, o que te representa ainda a verdadeira forma da terra tal como Adão a representara no princípio pela divisão que fizera colocando Caim no ângulo do sul, Seth, que é o mais jovem da sua posteridade, no ângulo do norte, e pondo-se ele próprio no ângulo do ocidente no lugar de Abel. Os restantes Israelitas, que eram destinados à guerra e marchavam a seguir à primeira divisão, igualmente iluminados pelo clarão da coluna, a qual desapareceu logo que todo o exército de Israel acabou de passar, figuram pela sua eleição a que o Criador fez de um número de espíritos maiores para serem guias e defensores enquanto fizeres a guerra espiritual contra os inimigos, e esses eleitos não são mais que a sombra e os instrumentos dos espíritos maiores que o Criador pôs ao lado de Israel. Observa com cuidado a eleição que o Criador fez em ti, e segue-a com precisão em todas as circunstâncias se queres estar justificado perante ele.

A terceira virtude foi anunciada pelos diferentes circuitos fizeram nos desertos da terra do Egito, e pelas diferentes operações espirituais divinas que fizeram nas quatro partes dessa terra, para dividir inteiramente o seu ser de vida, segundo a ordem que receberam, e para que ela reste eternamente em operação de contração contra as leis ordinárias dadas ao corpo geral terrestre. É por meio desta ação contrária à verdadeira natureza que esta terra só terá uma vegetação impura e quase incapaz do sustento dos animais mais repugnantes que nela vão fazer o seu covil. Esta punição fez-se na tua presença, para saberes que pela terceira vez o Egito foi criminoso perante o Criador, pelas abominações que os homens cometeram no seu seio e que atraíram sobre ele e sobre os seus habitantes todos os flagelos da justiça divina. O último flagelo, sucedido diante de ti ao exército do Egito, fora predito pelo empréstimo pedido aos egípcios dos seus utensílios de ouro e de prata, para impedi-los assim de poderem efectuar qualquer culto à falsa divindade. Estes povos perversos não compreenderam de momento o tipo daquele empréstimo. Pelo contrário, julgavam uma lisonja que os seus utensílios pudessem servir para o culto do Deus de Israel. Mas era a própria justiça divina que os despojava de todos aqueles bens temporais de que não deviam mais fazer uso nenhum, pois iam ser inteiramente dispersos pelas nações e vergonhosamente destruídos pelo decreto do Eterno. Sim, Israel, digo-te que, ao dividir assim o ser de vida dessa terra criminosa, a fiz cair inteiramente sob a potência dos demônios, e que ela já só contém em si uma quantidade de intelectos demoníacos.

Que este exemplo te sirva para não abusar dos bens temporais que o Eterno te fará recolher na terra que, prometida aos teus pais, passará para as tuas mãos. Não abuses, sobretudo da potência espiritual que o Criador te concedeu, e medita nas punições tremendas que atingiram Adão e a sua posteridade, por terem profanado essa mesma potência de que a sua alma era revestida. Nunca esqueças que tudo o que acaba de se operar na tua presença, na terra do Egito, é uma exata repetição de todos os flagelos que o Criador lançou sobre a Terra para expiação do crime do primeiro homem e dos seus descendentes.

O flagelo acontecido à Terra pelo crime de Adão não era o mesmo que foi enviado contra a sua posteridade no tempo de Noé, porque o crime de Adão não era o mesmo que o dos seus descendentes. Adão cresce em orgulho até pretender ser o criador. Ele próprio alia a sua potência divina com a do príncipe dos demônios, e efectua uma criação de perdição. Após esta traição, ele degenera do seu estado de glória e torna-se o opróbrio da terra, sujeito à justiça divina, à inconstância dos fenômenos temporais e dos corpos planetários outrora inferiores a ele. Fica, assim como toda a sua posteridade, em privação divina num círculo de matéria: tal é a punição do Adão. A sua posteridade prevarica e

prostitui a sua potência, associando-se aos demônios para viver em liberdade no meio das suas paixões materiais. Esta posteridade rejeita absolutamente as leis divinas que recebera para se conter na reconciliação feita com os seus pais; ela ultraja a Divindade com os mais horríveis flagelos. Assim, esta posteridade foi atingida com os flagelos mais cruéis e mais vergonhosos; ela foi tragada pelas águas; ela foi confundida sem distinção com o resto dos animais, e a terra tornou-se o receptáculo abominável dos cadáveres de todos os menores iníquos e prevaricadores dessa posteridade. Não podes duvidar de todos estes fatos, conforme as instruções que te foram dadas pelos teus pais, a quem o Criador as comunicara. Vejamos então o crime e a punição dos Egípcios.

O Faraó, tipo do primeiro príncipe dos demônios, empederniu o coração do seu povo contra Israel. Ele opôs-se a tudo o que o enviado de Deus queria operar a favor dos seus eleitos; mas armar-se assim contra Israel era armar-se contra o próprio Deus, era confirmar as blasfêmias, a horrível impiedade e todos os vícios da matéria em que os Egípcios andavam há muito metidos, era abjurar enfim de toda a potência divina e atacar diretamente o espírito do Deus vivo. Assim estes povos criminosos foram tragados pelas águas do mar Vermelho, depois de muito terem flutuado, para serem um exemplo imemorial de horror à vista dos céus e da Terra e à vista de Israel. Foi assim que foram punidos esses povos que tinham prevaricado contra o espírito do Criador. Que tudo o que acabo de dizer-te, Israel, sobre os três gêneros de prevaricação que os homens da Terra cometeram contra o Criador, assim como os diferentes atos de justiça que o Deus de Israel exerceu contra todos esses culpados se não apaguem nunca da tua memória nem da tua posteridade, de geração em geração. Estremece a todos estes exemplos e evita tu próprio vires a ser o quarto exemplo da funesta manifestação da justiça divina, que o flagelo que a justiça divina lançaria sobre ti seria sem limites e sem medida; serias tão prontamente despojado da lei divina que o Criador te confiou, como foram os Egípcios dos seus bens temporais.

Esta lei que o Criador estabeleceu em ti, de preferência às outras nações, é uma prova evidente da confiança dele em Israel; mas, se Israel esquece o Criador, aquele que lhe deu a lei a tirará sem que se aperceba, sem ruído, sem clamor e sem se utilizar das guerras temporais entre os homens. Não se tratará então de combates de potência contra potência, mas unicamente da operação da justiça contra a injustiça, e nesse tempo Israel cairá na confusão; a sua memória será tão obscurecida que não conservará mais nada do que pertence ao culto divino. O nome do Senhor ser-lhe-á retirado e passará durante uma eternidade aos estrangeiros. É entre essas nações estrangeiras que Israel será disperso para aí viver em servidão e em privação divina até ao fim dos séculos. É então que Israel será o opróbrio dos homens e de todo o universo. “Eis, Israel, o que devo comunicar-te da parte do Eterno”.

Tais são os fatos que o Criador operou no universo para a manifestação da sua glória e da sua justiça pelo meio de *Moisés, Aarão, Ur e Josué*. É assim que ele operará eternamente a favor ou contra a sua criatura espiritual superior, média, inferior e menor. Eu não me deterei a detalhar-vos todos os fatos particulares que se passaram com os Israelitas desde a saída deles do Egito. As Escrituras falam amplamente das caminhadas e acampamentos deles. Volto ao que se passou no Monte *Sinai*, nome que significa *altura e elevação da glória divina*. Moisés deu suas ordens temporais e espirituais ao seu irmão Aarão, a quem confiou na sua ausência todos os filhos de Israel. Estes prometeram seguir cegamente tudo o que Aarão lhes ordenasse. Moisés tendo ordenado tudo no acampamento, pôs-se a caminho acompanhado por Josué em direção à montanha. Quando chegaram ao meio do caminho, viram um e outro a glória de Deus abrir-se diante eles. Então Moisés disse a Josué: “Fica aqui, que o Criador chama-me para junto dele”. Logo a nuvem desceu até o meio da montanha e separou Moisés de Josué, que só voltou a vê-lo quarenta dias depois, quando Moisés desceu trazendo no braço direito as duas tábuas que o Criador gravara pelo seu espírito santíssimo. Quando Moisés chegou junto de Josué, caminharam ambos até ao acampamento, Josué à direita de Moisés, que era o lado onde ele levava as tábuas da lei. Mas não tinham ainda feito um terço do caminho, até onde ficara Josué, e já um grande grito de regozijo se fazia ouvir no acampamento. E logo uma voz disse a Moisés: “Vem ver o teu povo que acaba de me ultrajar; ele é o teu povo e não o meu”. Moisés e Josué aceleraram o

passo, e, tendo chegado ambos à entrada do acampamento que era no sopé da montanha, deram com os filhos de Israel a dançar, mais Aarão, em torno de um bezerro de ouro.

Moisés ficou tão perplexo que quebrou as tábuas da lei que trazia da montanha e, dirigindo-se em seguida a Aarão, disse-lhe: “Por que dançou este povo diante de um falso Deus, e por que não o contiveste dentro dos limites espirituais que lhe fixara quando o confiei aos teus cuidados? O quê! Tu próprio verteste no cadinho a matéria com que esse falso Deus foi formado e assim votaste esse povo à mesma abominação pela qual os Egípcios acabam de ser exterminados!” Aarão respondeu: “Tem, Senhor, o furor e a raiva dos filhos de Israel. Eles ergueram a pedra contra mim na tua ausência, e fui forçado a aderir aos desejos deles para os preservar de um mal maior”. Moisés, ainda mais excedido com a resposta do seu irmão Aarão, disse-lhe: “Vai daqui a pouco à parte do acampamento de Israel virada ao poente, e lá verás o justo castigo que o Criador reservou para o crime dos Israelitas”. Moisés fez em seguida a sua operação e a sua invocação ao Criador para dele obter a eleição espiritual do número dos eleitos vingadores dos ultrajes feitos ao Eterno. Foi-lhe mandado que tomasse quinze homens da tribo de Levi. Ele partilhou-os em três bandos de cinco homens cada um, e disse-lhes em seguida: “Que aqueles que amam o Criador empunhem a faca que trazem à ilharga esquerda”. Os quinze eleitos logo empunharam as facas na mão direita. Moisés fez a bênção delas, e depois disse aos eleitos: “Que o primeiro bando, onde estão Simeão e Levi, caminhe do sol nascente para o ocidente, o segundo do sol nascente para o sul, e o terceiro do sol nascente para o norte. Os três bandos irão e circularão três vezes através do acampamento de Israel. Eles passarão pelo fio das suas armas todos aqueles que encontrarem, sem consideração de idade nem de parentesco, e em seguida voltarão a mim acompanhados de Aarão”. A ordem de Moisés foi executada, e por ela pereceu uma multidão de israelitas, assim como de recém-convertidos à lei de Moisés. Por este meio foi purificado. O acampamento de Israel, e a efusão do sangue dos culpados trouxe para os Israelitas o perdão do Eterno.

Não vos será difícil apreciar a relação destes últimos acontecimentos com os que se passaram desde Adão até Noé, de Noé a Abraão, de Abraão até à saída dos filhos de Israel da terra do Egito, desta saída até Cristo, e ainda com os que se passaram depois de Cristo e que durarão até ao fim dos séculos. Moisés reuniu o restante dos filhos de Israel que tinham sido preservados da justiça divina operada pelos quinze eleitos da tribo de Levi; e, antes de voltar a subir à montanha para ir buscar novas tábuas da lei, deu ao povo as instruções sobre tudo o que acabara de se passar.

“Escuta, Israel! Eu sempre te instruí da misericórdia infinita que o Criador teve por ti, relativamente ao amor que teve pelos teus pais que foram justos perante Ele: o Senhor teve a mesma misericórdia pelo seu servidor Moisés e tornou-o susceptível de ser admitido entre os pais de Israel. Sim, sou o pai temporal dos filhos espirituais dos filhos de Israel, e não dos seus filhos carnis e materiais. Tu foste testemunha da manifestação da glória e da justiça divinas a teu favor, pela força das minhas operações. Vistes claramente manifestar-se a ação e a vontade do Criador em tudo o que fiz por ti. Vistes, em mim a semelhança do pensamento do Eterno, que o li na sua glória e o vi diante dos meus olhos. Esta montanha espiritual que me vistes subir anunciava-te a distância que vai do Ser Criador à criatura geral ou à Terra. Existem por cima desta montanha quatro círculos imperceptíveis aos mortais ordinários, e que separam a corte espiritual divina e a criação universal. Esta montanha é o quadro real do universo inteiro. Ela divide-se em sete partes conhecidas pelo nome de sete céus celestes universais, e os quatro círculos de que acabo de falar-te são chamados supracelestes porque contêm e dirigem a ação dos sete principais agentes da criação universal. É no supraceleste que se operam o pensamento e a vontade divinos, é de lá que provêm a ordem, a virtude e a potência de ação de todos os espíritos que acionam no universo. Os sete céus recebem do supraceleste todas as suas virtudes e todos os seus poderes, e comunicam-nos em seguida ao corpo geral terrestre. Tal é a ordem que reina entre estes três mundos. Quando subi à montanha espiritual divina, deixei Josué para trás a uma distância bastante considerável, porque ele não podia ainda caminhar comigo à presença do Criador. A nuvem que me cobria com a sua sombra e me ocultava de Josué e de ti, Israel, é a mesma que te

ocultava dos Egípcios no deserto de Phiahizoth. Fica sabendo que essa nuvem não era senão a sombra do espírito do Criador, que continha o exército demoníaco do Egito e o seu rei Faraó na privação do uso dos seus sentidos corporais e espirituais. Por este meio, só operavam obras de confusão, e tudo o que faziam era em pura perda pelas espessas trevas de que se achavam rodeados. Embora essa nuvem te parecesse opaca, ela não era semelhante às nuvens materiais e elementares submetidas às leis que dirigem o curso ordinário da natureza. As nuvens materiais são compostas de um misto grosseiro e sutil proveniente do corpo geral terrestre. Elas formam-se por ação dos agentes dos diferentes corpos planetários entre os quais os agentes solares são os principais que agem particularmente sobre essas mesmas nuvens. Estas espécies de agentes, pela sua forte atração, elevam a uma certa distância dos seus círculos os húmidos grosseiros e sutis, e, quando tudo está assim ligado, isto forma um corpo impenetrável ao homem de matéria, a quem esta nuvem esconde a vista do que se passa além dela, e o priva do gozo da ação solar.

A utilidade destas nuvens no universo é de modificar e de temperar a força das influências planetárias, a fim de que elas se comuniquem mais benignamente ao corpo geral terrestre e a todos os seus habitantes. Para mais, toda a espécie de qualquer corpo é formada por um número de glóbulos completos e perfeitos. E, depois, não pode existir nenhum corpo sem que tenha em si um veículo de fogo central sobre o qual os habitantes deste eixo atuam continuamente como se resultassem de si próprios. Ora, é no veículo dos corpos de nuvens que se opera a mais forte ação e reação, e isto porque é preciso que todos os seus glóbulos estejam perfeitamente divididos, a fim de que este corpo de nuvens, assim dissolvido, possa melhor espalhar-se por toda a extensão do círculo que descreve sobre a Terra. É assim, Israel, que se formam as nuvens de onde provém o maná ou a chuva, sobre o corpo geral terrestre; mas não é assim com a nuvem que te furtou à vista dos teus inimigos. Esta famosa nuvem, que te serviu de muralha no deserto do Egito, era um corpo aparente produzido pela ação de uma multidão infinita de espíritos puros e simples, que eram um aspecto do espírito divino Criador, extraída pelo Eterno do círculo denário. Este espírito divino caminhava diante de Israel numa coluna de fogo, e a coluna de nuvens seguia o seu rasto com precisão e exatidão segundo as leis da ordem, da ação e da reação, da criação e da atração, que o espírito divino operava sobre todos esses espíritos conforme a vontade do Criador a favor de Israel e em prejuízo dos demônios. Esta nuvem, sendo formada pela potência dos espíritos, sem recurso a nenhuma espécie de matéria, era um verdadeiro corpo de glória. Os agentes do eixo central não podiam operar sobre esta nuvem espiritual como operam sobre as nuvens grosseiras e materiais, e, embora essas espécies de corpos de glória sejam ainda mais impenetráveis aos olhos corporais dos homens ordinários que as nuvens elementares, esta nuvem espiritual, no entanto, não privou nunca Israel do gozo da ação solar como o fazem as nuvens materiais. E tampouco durante todo o tempo em que o Criador manifestou a sua justiça contra o Egito, nunca Israel se achou em privação da luz temporal. Os Egípcios, pelo contrário, foram mergulhados em espessas trevas que os conduziram e fizeram precipitar nos abismos do mar Vermelho por um tempo imemorial.

Foi, esse mesmo corpo de nuvem gloriosa que me separou de Josué e de Israel, assim que cheguei ao cimo da montanha espiritual de Sinai. Prostrei-me no centro dessa montanha e, durante a minha prostração, a alma ficou-me suspensa do corpo e tornou-se num verdadeiro ser pensante. Nesse estado, o meu ser espiritual recebeu as ordens que lhe dera o Criador na sua presença, Eu te digo, Israel, que pelo cume da montanha espiritual, deves entender o tipo do círculo racional mais elevado de todos os círculos celestes. Este círculo racional é chamado círculo de Saturno ou Saturnário I. Este círculo superior planetário separa todos os outros círculos planetários celestes dos quatro círculos supracelestes. A distância que ia do cimo da montanha onde estava até o lugar onde me separei de Josué, representa o círculo planetário solar que se chama círculo visual 6; e todos os outros círculos planetários inferiores são incluídos na imensidão do círculo sensível 3. Esses círculos inferiores são: Mercúrio, Marte, Júpiter, Vénus e a Lua e tal é a ordem destes círculos planetários: Saturno 1º; o Sol 2º; Mercúrio 3º; Marte 4º; Júpiter 5º; Vénus 6º; a Lua 7º. Essa famosa montanha espiritual ensina-te, a distância da corte espiritual divina à parte celeste, e da parte celeste à parte terrestre. Vês que se

pode dividir essa montanha de duas maneiras, primeiro em três partes e segundo em sete outras partes. A primeira divisão é a dos três diferentes círculos onde os espíritos menores cumprem as suas operações espirituais puras e simples, segundo a ordem imutável que receberam do Criador, para alcançarem a sua reconciliação e a sua reintegração no supraceleste. Não viste que marquei a tua morada e que pus limites ao teu acampamento? Este círculo material terrestre que habitas é o tipo real do círculo sensível no qual todo o menor paga tributo à justiça do Eterno, e os diferentes lugares que eu e Josué ocupávamos na montanha explicavam-te bem claramente essas diferentes operações a que os menores estão sujeitos durante o seu curso temporal nos três círculos: o *sensível*, o *visual* e o *racional*.

Disse-te que o corpo que habitas era o tipo do círculo sensível, porque, com efeito, ele lhe era imediatamente aderente. Este círculo sensível é aderente ao círculo visual; este adere ao círculo racional, e o racional ao supraceleste. Isto pode dar já um vislumbre da universalidade do famoso número quaternário, que domina, preside e dirige todas as coisas. A segunda divisão da montanha em sete partes é a dos sete círculos planetários que encerram os sete principais agentes da natureza universal. Eu te ensinarei ainda que, juntando a divisão ternária à divisão setenária, acharás o número denário do Criador, do qual todas as coisas criadas provieram; reconhecerás ainda que essa montanha espiritual, que leva o número denário ocupa o centro do receptáculo geral, e que, visto a Terra ter uma forma triangular, essa montanha deve ser para a Terra o que o ponto central é para um triângulo. Sabes que essa montanha se apoia no corpo geral terrestre; isto faz-te conhecer que esta Terra encerra nela mesma um ser vivo emanado do Criador e semelhante ao que está encerrado na forma aparente de todos os menores. O que confirma o que te digo, é a regularidade e a ordem infinita de tudo o que se opera sobre este corpo geral terrestre.

As virtudes e as potências do Eterno operam-se e operar-se-ão até ao fim dos séculos sobre a montanha espiritual de que te falei, e, daí, espalham-se sobre o corpo geroi terrestre para se fazerem sentir às três partes desta Terra e às formas de todos os seus habitantes, quer no geral, quer no particular. Aqui a palavra geral está ligada aos animais irracionais, e a palavra particular aos animados por um ser espiritual divino, tanto celeste como supraceleste.

Após as coisas sublimes de que falei e que deveriam ser inteligíveis a todo o ser espiritual menor, instruir-te-ei sobre as leis imutáveis que governam todo este universo. Não há um ser, quer criado, quer emanado, que possa existir ou ter ação neste círculo universal sem estar sujeito a essas mesmas leis.

Para melhor me fazer entender, vou tomar-te como exemplo e perguntar-te se, quando estavas no seio do Egito, não eras dirigido por nenhuma lei, ou se, tendo uma, era a do espírito divino ou a lei dos animais que seguias. Eu sei que não poderás responder claramente à minha questão, porque ignoras em que estado estavas durante a tua permanência nesse país de abominação. Fica então sabendo por mim que estavas confundido na extensão do círculo demoníaco com o príncipe dos demônios e seus aderentes. Não existias pela tua própria vontade. Não tinhas em ti uma vida e uma ação particular. Não podias ser conduzido pelas leis divinas, pois por tê-las abjurado é que tinhas sido precipitado nos abismos do Egito. Não te conduziás tampouco pelas leis puras e simples da besta, nesse tempo, as bestas brutas viviam e agiam com uma inteira liberdade e com toda a extensão das faculdades do seu instinto, e não podem nem poderão nunca se afastar dessas leis imutáveis que as conduzem. Acavaste, abaixo das próprias bestas, e, no entanto tinhas leis, Mas as leis que te dirigiam eram leis materiais e inteiramente demoniacas. Elas eram diretamente opostas às leis espirituais divinas do ser menor. Elas eram mesmo opostas às leis naturais e humanas. Eram leis de privação e absolutamente perniciosas para aqueles que a elas aderem. Tu próprio podes julgar do perigo dessas leis de abominação por tudo o que o Criador operou contra eles, contra os seus chefes e contra os seus seguidores. Nada citarei a este respeito que não tenhas visto com os teus próprios olhos; mas sabe por mim que os príncipes dos

demônios, apesar de serem chefes das suas próprias leis de convenção abominável, estão, no entanto eles próprios sujeitos à lei imutável do Criador, segundo a qual tudo é Dele emanado.

Sem esta lei divina, eles não existiriam; sem princípio de ordem espiritual, eles não teriam pensamento, vontade, ou ação, e é por não poderem subtrair-se à lei eterna da sua emanção que não podem evitar a justiça essencialmente inerente a essa mesma lei. Essa era a justiça divina a que estavas exposto durante a servidão no Egito; mas a misericórdia do Criador repôs-te no teu primeiro princípio, no teu primeiro grau de glória, e devolve-te a essa sublime lei divina que rejeitaras e que te fora retirada. Vistes tudo o que fiz para obter do Criador que Ele te restabelecesse nos teus direitos. Sabes Israel, que sou deputado do Eterno para a manifestação da sua glória e da sua justiça. Podes me considerar como o tipo da vontade do Criador. Levando comigo para a montanha a Josué, que deve suceder-me, segundo a ordem que recebeu do Eterno, figurei-te o tipo do espírito maior divino, para te fazer compreender que todo menor será assim conduzido diante do Criador pelo seu espírito particular. Ao trazê-lo de volta, figurava ainda o espírito maior que o Criador destacado do seu círculo espiritual divino para ser o guia, o apoio, o condutor, o conselho e o companheiro do menor que emana e desce da imensidão para ser incorporado no círculo de matéria elementar; e Josué, descendo comigo dessa montanha, fazia perfeitamente o tipo do menor espiritual que o Eterno emancipa da sua imensidão para ir operar segundo o seu livre arbítrio no círculo terrestre.

Mas o que a misericórdia divina fez de mais notável a teu favor, foi ter-te enviado através de mim as duas tábuas da lei que trouxe da montanha espiritual. Essas tábuas sobre as quais a lei estava escrita, era a figura do corpo do homem, no qual estão impressos os caracteres da lei do Criador. O espírito do Eterno gravara Ele próprio os caracteres dessa lei sobre as tábuas que trouxe; igualmente o menor espiritual traça no coração da sua forma corporal os caracteres da lei potente que recebeu do Criador desde a sua emancipação divina. No entanto, apesar de toda a vantagem que devias retirar das leis gravadas nessas tábuas sagradas, a tua prevaricação forçou-me a quebrá-las na tua presença, e delas não resta mais diante de ti que o que há de ficar da criação universal quando esta for reintegrada no seu princípio de emanção.

O Israel! Será a tua alma sempre obstinada contra o Criador? Ficarás sempre empedernida depois das graças com que ele a cumulou? Ainda não acabaste de sair da servidão e da escravidão dos demônios, e fazes já todos os esforços para te submeteres à lei deles; buscas criar um Deus que te conduza e governe segundo a sua vontade e o teu capricho: serviste-te para esse efeito de uma matéria impura e proibida pelo Eterno; solicitaste ao Criador que operasse a favor da tua iníqua perversidade; tentaste Aarão, a quem fora entregue o cuidado da tua condução espiritual; Israel em peso ergueu a pedra contra Aarão e ameaçou-o de morte, se ele mesmo não pusesse no cadinho os metais que destinasas à tua iníqua operação. Mas qual era o sucesso que dela esperavas, e qual a que obtivestes? Contavas produzir por esse meio uma figura semelhante à do homem, para erguê-la em seguida como Deus! Não sabias que nenhuma forma física pode existir, senão procedente das leis da reprodução que o Eterno deu à Natureza? Foi o que te mostrou o fruto inesperado da tua prevaricação. Contavas ver nascer uma forma à imagem do Criador, vendo-a nascer à tua semelhança. O teu orgulho foi humilhado ao encontrares uma forma inanimada de besta, e sem qualquer substância de ação.

Eis, Israel, tudo o que nunca poderás esperar do intelecto demoníaco e do príncipe dos demônios; e, no entanto é com eles que procuras incessantemente ligar-te, para viver eternamente sob leis abomináveis e contrárias às do Criador e da humanidade espiritual divina. Essa forma corporal de bezerro, que resultou da tua operação, ensina-te qual o animal que oferecerás de futuro em sacrifício ao Criador para expiação do teu pecado, bem grande perante o Eterno, e é preciso que o sangue desse animal se espalhe sobre Israel, e depois pela terra, para que Israel seja lavada da sua mancha, e que a terra seja purificada do pecado que Israel cometeu sobre ela.

É preciso agora que te instrua das faculdades e da potência do grande príncipe dos demônios sob os quais ficaste em escravidão no Egito. A prevaricação do chefe demoníaco fê-lo cair numa tão grande privação que não pode mais receber nenhum intelecto divino, mas resta-lhe e sempre lhe restará a faculdade do pensamento; e a vontade que corresponde a esse pensamento forma o seu intelecto demoníaco geral. Pela sua palavra de mando, que deve ser considerada a sua ação, ele insinua esse mau espírito nos seus espíritos aderentes, que em seguida os comunicam aos menores que o príncipe dos demônios procura sem cessar reduzir e submeter às suas leis.

Estes maus espíritos seguidores, embora inferiores, têm a mesma faculdade que o príncipe dos demônios, porque são, como ele, seres pensantes e isentos de qualquer forma material; eles têm, por consequência, o seu intelecto particular, que emana imediatamente deles mesmos, como o mau intelecto geral emana do seu chefe o grande príncipe dos demônios. Vês assim que o espírito mau só tem em seu poder duas potências: a sua, pura, determinada, e a dos espíritos inferiores seus seguidores. Vês ainda que o príncipe demoníaco tem sob sua autoridade o mau intelecto espiritual geral. Fica sabendo, Israel, que é esse instinto particular que envolve todo o ser de corpo criado e todo o menor imediatamente emancipado do círculo da Divindade; é ele que tenta, ataca e combate os menores espirituais e a maioria das vezes o faz sucumbir segundo o seu desejo perverso, como tu próprio podes julgar pelo teu último sucesso. E digo-te ainda, independentemente das ciladas que armam aos menores os espíritos inferiores perversos, esses mesmos menores sofrem as arremetidas incessantes do chefe principal de toda a corte demoníaca, de forma que toda a vigilância será pouca para os perigos infinitos que te rodeiam.

Os espíritos maiores espirituais bons têm igualmente as faculdades do pensamento e da vontade que formam o intelecto espiritual bom; eles têm ainda a faculdade de transmitir esse intelecto a seres espirituais bons que os comunicam aos menores; mas, como esses espíritos maiores divinos têm uma perfeita correspondência com os espíritos superiores, e estes com a Divindade, não há qualquer comparação a fazer entre as faculdades dos maiores bons e as potências limitadas do príncipe dos demônios. Para te instruir perfeitamente acerca desta correspondência, que reina entre todos os seres espirituais bons, voltarei aos quatro círculos supraceleste de que já falei. Estes quatro círculos são também chamados espirituais divinos, porque aderem ao círculo da Divindade e apenas contêm seres espirituais desprovidos de corpo material. Estes espíritos não são denários, mas cada ser espiritual que habita esses círculos recebeu, no instante da sua emancipação, as leis divinas particulares pelas quais deve operar a sua potência. Assim, nenhum ser que habita um dos círculos opera as mesmas ações ou as mesmas potências que os habitantes dos outros círculos. Considera, Israel, a figura que te apresento: nela reconhecerás as coisas que compõem a corte da Divindade, aí verás claramente como se opera a quádrupla essência do Criador, não só em todos os seres espirituais Dele emanados, mas ainda em toda a sua criação universal; por aí aprenderás a conhecer que o Eterno tudo criou e emanou, e que Ele cria e emana de Si a todo instante todas as coisas segundo regras fixas e imutáveis, isto é, com peso, número e medida. Estas três coisas significam a lei, o preceito e o mandamento dados aos seres espirituais divinos; elas significam ainda a virtude, a faculdade e a potência que o Criador deu ao seu menor, desde a sua emancipação, para que ele opere segundo o seu pensamento, a sua intenção e a sua palavra nas quatro regiões celestes e nas três terrestres. Tudo será ensinado por esta mesma figura; te convencerás de que não fostes até o presente senão um ser de trevas, a quem o Criador quis devolver a luz espiritual que perdera por completo; te convencerás de que a tua emanação espiritual, assim como a tua potência, são infinitamente mais consideráveis do que as de todos os seres espirituais emanados antes de ti. Escuta Israel, com atenção, a demonstração e a explicação que vou dar-te dos diferentes círculos e das diferentes partes que compõem o quadro geral.

Não me alongarei sobre a imensidão divina, porque era preciso ser a própria Divindade para poder viver nesse lugar, onde nem os seres espirituais mais perfeitos podem penetrar, mas apenas o próprio Deus. A primeira parte deste quadro compõe-se de quatro círculos: o primeiro círculo, que leva o número denário (10) é o círculo espiritual divino: o centro deste círculo é a figura da Divindade de

onde provêm toda a emanção e toda a criação. Vês sair do centro uma forma triangular que tem dois círculos postos nas suas extremidades inferiores; vês ainda, diante deste círculo denário, um quarto círculo, do centro do qual sai igualmente uma forma triangular. São estes quatro círculos que são o verdadeiro tipo da quádrupla essência divina, a saber: o primeiro círculo, pelo seu número denário 10, representa a unidade absoluta da Divindade. Foi desta unidade que saiu todo o pensamento de emanção espiritual e de criação de potência espiritual temporal, assim como o princípio da ação de todo o corpo de matéria aparente. O segundo círculo, que leva o número 7, é o dos espíritos maiores: é a primeira emanção espiritual que o Criador emancipou do círculo da Divindade. Enfim, o quarto círculo, que leva o número 4, e que se acha diante do número denário, é o dos espíritos menores. É a terceira emanção emancipada do círculo da Divindade; assim estes espíritos são portadores do mandamento espiritual divino. Eles têm toda a potência sobre todos os seres espirituais emancipados pelo Criador na imensidão celeste. Não te será difícil, Israel, conceberes como a potência deste espírito menor é superior à de todos os espíritos emanados e emancipados antes dele, quer dos que operam na imensidão supraceleste, quer dos que operam na imensidão da criação universal. Para esse efeito, considera a posição dos dois ângulos de que te falei; vês que, do centro do círculo quaternário, ou círculo menor, emana um triângulo cujos dois lados vão ter às extremidades da base do primeiro triângulo; e vês que nas extremidades desta base se acham dois círculos, a saber: o dos espíritos maiores 7, e o dos espíritos inferiores 3. Isto prova-te bem claramente a potência da palavra do mandamento que é dado ao menor sobre os habitantes destes dois círculos. Podes ver a sujeição destes dois círculos ao ser espiritual menor pela junção íntima que há da base do triângulo superior com a base do triângulo interior; e esta junção ensina ainda a conhecer a perfeita correspondência que todos estes seres espirituais têm com o Criador do qual são emanados.

Essa superioridade da potência do menor não surpreenderá, se refletires com que espírito ela lhe foi dada pelo Criador; os dois círculos, comandados pelo menor, tinham sido manchados pela prevaricação dos espíritos maiores que foram expulsos do seu círculo, arrastando com eles uma grande quantidade de espíritos dos círculos maior 7 e inferior 3. Eles foram expulsos da sua habitação espiritual por terem causado uma disputa horrível com os crimes que aí tinham tentado operar, e por terem seduzido com a sua intenção criminosa a maior parte dos habitantes destes dois círculos que acederam à vontade dos principais espíritos demoníacos. Mas a corrupção não se tinha comunicado até ao círculo quaternário do menor, pelo que o Criador deu a este ser menor uma potência absoluta sobre os dois outros círculos, e ao mesmo tempo porque Ele o destinava a manifestar a glória e a justiça divinas contra os espíritos prevaricadores. Mas o Criador não ficou mais satisfeito com a preferência que tinha dado ao seu menor do que com a que tinha dado aos primeiros espíritos perversos. Pelo contrário, o primeiro menor tornou-se infinitamente mais culpado do que haviam sido os demônios, o Criador fizera cessar a ação e a operação do pensamento dos demônios, mas Ele não interrompeu a ação nem a operação iníqua do primeiro menor; este menor agiu e operou tudo o que o seu mau pensamento concebera, foi o que o tornou tão criminoso perante o Criador; daí os menores se terem tornado sujeitos aos indivíduos que tinham estado sujeitos à sua potência e ao seu mandamento de seres espirituais menores, o que não teria sucedido ao primeiro menor, nem à sua posteridade, se não tivesse executado o seu pensamento iníquo e contrário à vontade do Criador. Sim, Israel, é a vontade pura que te fala; no teu primeiro princípio de ser menor, ora a favor, ora contra todo ser espiritual que habita o supraceleste, e no universo, a tua potência elevava-se até à mais alta região da glória do Criador; o teu lugar era diante da Divindade, como te assinala o círculo menor que se acha diante do círculo denário ou círculo divino. Não é de admirar que esse círculo menor fosse tão elevado em potência, pois que jamais fora manchado e que só o foi pela prevaricação do primeiro homem. Aprende que esse lugar existe e existirá com toda a sua propriedade eternamente; ele foi manchado pela prevaricação de Adão, mas foi purificado pelo Criador, como te prova a reconciliação do primeiro homem.

Sim, é nesse santo lugar que a posteridade menor espiritual de Adão deverá ser reintegrada; é a primeira capital que o menor habitou desde a sua emancipação divina, e que a prevaricação do

primeiro homem dela excluiu por toda a duração do tempo. Observai, pois aqui que é a emancipação deste círculo menor que designa e completa a quádrupla essência divina sem a qual o menor não teria qualquer conhecimento perfeito da Divindade. A emanação deste círculo não se teria dado sem a prevaricação dos demônios; sem esta prevaricação, não teria havido criação material temporal, terrestre ou celeste; não tendo havido nem uma nem outra não teria havido imensidão supraceleste; toda a ação de emanação espiritual se teria feito na imensidão divina, assim como toda a criação de potência para os espíritos emanados dessa imensidão.

Considera, pois o que ocasionou a prevaricação dos maus espíritos; reflete sobre essa criação, reflete sobre a tua emanação; aprenderás a conhecer a necessidade de todas as coisas criadas, e a de todo ser emanado e emancipado; verás que todas essas coisas são ordenadas pelo Criador para ser e agir numa íntima correspondência, tal como ensina a linha direta do centro do círculo denário e que corresponde com precisão desde o supraceleste e o celeste até o corpo geral terrestre e ao centro do eixo do fogo central, fogo que é o princípio da vida de todo ser material, fogo que mantém todas as formas, quer a geral, quer as particulares, em equilíbrio; sem o que nenhum ser pode ter vida e movimento, fogo que limita a imensidão do universo e o curso do movimento e da ação de todo o ser contido na criação universal.

Mas é preciso que te instrua como tudo o que existe neste mundo provém dessa quádrupla potência divina. Observa a correspondência e a íntima ligação que há entre o círculo de Saturno, do *Sol*, de *Mercúrio*, e de *Marte*, e vê como todos eles repetem a verdadeira figura do supraceleste. Assim, estes quatro círculos são chamados círculos maiores celestes, mais fortes em ação e reacção que os três círculos planetários que se acham abaixo deles. Isto se dá devido à imediata proximidade dos quatro planetas maiores com o supraceleste. Não admira então que eles influenciem e governem, pela sua potente virtude, os três planetas inferiores ligados aos três ângulos do último triângulo celeste. É por estes três últimos planetas, que se chamam vulgarmente *Júpiter*, *Vênus* e *Lua*, que o corpo geral terrestre é substanciado, para operar segundo a sua natureza, e que é mantido no movimento e ação próprios e convenientes à vegetação que lhe é natural. *Júpiter*, como chefe dos dois outros planetas, colabora na putrefação, visto não haver nenhuma produção sem putrefação. *Vênus* coopera na concepção, visto que, sem a concepção, o seminal reprodutivo de cada ser material fica sem efeito. E a *Lua*, círculo sensível, ou invólucro úmido, coopera, pelo seu fluido, a modificar e mitigar a ação e reação dos dois principais animadores da vida corporal temporal, que são o eixo central e o corpo solar. Estes dois chefes, pela sua ligação e íntima correspondência, são os primeiros a cooperar na ação de todos os corpos que decoram este universo.

O principal deles dois é sempre o eixo, fogo incriado, que dá a vida e o movimento a toda a espécie de corpo, sendo o segundo o *Sol*, que aciona e vivifica a vegetação de todos os corpos particulares e do corpo geral terrestre. O *Sol* é considerado neste universo como o astro superior, superior a todos os astros, e isto porque ele é o astro mais apto a ser o aspecto do fogo, eixo incriado. Daí poder dizer-se que o Criador pôs o seu tabernáculo no *Sol*, o que não surpreende, pois o *Sol* é o astro que divide a distância que vai do círculo divino, ou denário, ao planeta mais inferior, que é a *Lua*, como podes ver. Não se encontra ele abaixo de todos os círculos espirituais supracelestes? Não se encontra ainda abaixo do círculo de Saturno? Não leva o número seis pelo lugar que ocupa a partir do supraceleste? Se começares a contar pelo círculo lunar, encontrarás ainda para o *Sol* o número seis. E por via desse lugar e desse posto senário que o *Sol* faz o complemento dos seis pensamentos que foram usados pelo Eterno para a Sua criação universal. Já aprendestes que o Criador concluiu todas as suas obras no espaço de seis dias, e que, ao sétimo, toda a criação foi tornada perfeita; também o *Sol* torna perfeita a vegetação proveniente do círculo terrestre, porque se une aos seis outros círculos planetários e acha assim uma ação setenária, tipo e figura do setenário que o Criador utilizou para o cumprimento de todas as coisas temporais.

O nome de *dias*, que dou às seis operações da criação, não podem pertencer ao Eterno, que é um ser infinito, sem tempo, sem limites, e sem extensão; mas esses seis dias anunciam a duração e os limites do curso desta matéria, isto é, que esta matéria durará seis mil anos em toda a sua perfeição; e, ao sétimo milênio, cairá numa terrível ruína, em que subsistirá até à sua inteira dissolução. Concebe pelo que acabei de dizer-te, que o número setenário, que deu a perfeição a todo ser criado, é o mesmo que destruirá e abolirá todas as coisas. Assim como ele operou no princípio para fazer subsistir tudo o que existe neste universo material, também ele operará no fim para a demolição da sua obra. Recorda ainda que os seis mil anos que dei à duração da criação universal são muito curtos para ti, e ainda mais curtos para o Eterno, pois que para Ele mil anos são como um dia. Mas, repito-o, não olhes esse dia como um tempo, nem como um dos dias temporais a que o Criador não pode estar sujeito. Cada um desses dias ou desses mil anos deve considerar-se apenas como a duração da operação dos seis pensamentos divinos. Quando se cumprir o efeito ou a operação de cada um desses pensamentos, o Criador há de retirá-los para si com a mesma prontidão e facilidade com que os concebeu para a Criação da sua obra. Assim, tal como tudo terá subsistido numa sucessão, de grau em grau, pela ordem divina, também tudo se aproximará do seu fim gradualmente e voltará ao seu primeiro princípio.

Fiz-te ver que o Sol levava o número senário, conotando desde o círculo divino até ele: se contares agora do círculo terrestre a subir até Mercúrio, encontrarás igualmente seis; adiciona estes dois números seis, obterás 12. É por este número que aprenderás a conhecer os intervalos dos nossos dias, das nossas semanas, dos nossos meses, das nossas estações e dos nossos anos, que foram sempre da mesma natureza que lhes conhecemos, o que será explicado adiante. Foi a partir daí que Adão e a sua posteridade acertaram os tempos e as estações para o culto divino; o número 12 dá 3, número que é o princípio de toda a vida corporal, tal como indica o último triângulo da figura, apoiado *no eixo do fogo central*.

O Sol é ainda visto justamente como o principal agente da perfeição de toda a vegetação, pois só graças a ele é que nós recolhemos os frutos da nossa terra e os desfrutamos, como à face do eixo do fogo central; é ainda ele que sustenta o princípio da vida passiva de todos os corpos particulares esféricos inferiores a ele; é também pela sua ação potente que nós distinguimos os corpos mais elevados do firmamento, e, sem isso, tudo seria uma privação de luz elementar. Mas para te convencer de que este eixo é, depois do *eixo do fogo central*, o principal agente deste universo, fica sabendo que é ele próprio que dirige e governa o curso de todos os astros, em combinação com *Saturno* e o eixo do fogo central; e é principalmente por estes três agentes que operam todas as leis dadas pelo Criador para a duração da criação universal. Aprende aqui a reconhecer a relação desta harmonia com a nossa, pois que, tendo estes seres uma correspondência com a Divindade, porque não seria a nossa alma igualmente capaz de corresponder com o Criador? Todos os seres têm uma faculdade e uma propriedade diferentes umas das outras; eles receberam uma lei diferente para operar cada um segundo os diferentes usos a que o Criador os destinou. Mas é sempre deste mesmo Criador que provém todo o princípio de vida, corporal ou espiritual, de tudo o que pode existir. O eixo do fogo central é aquele que pode melhor fazer sentir esta verdade, esse eixo central que é o agente geral particular e universal, aderente aos círculos supracelestes e órgão dos espíritos inferiores que o habitam e que operam nele sobre o princípio da matéria corporal aparente. Este corpo não encerra um veículo desse fogo eixo incriado que é o princípio da vida material? Ele deve ter a mesma orgânica que o eixo central de onde proveio essa vida passiva. Assim, o teu corpo torna-se um órgão necessário da tua alma espiritual, como o eixo central o é dos espíritos inferiores que o habitam; ora a tua alma é o órgão do espírito maior, e o espírito maior é o órgão da Divindade. Entras em ti a repetição desse número quaternário que te faz corresponder com o teu Criador; tens pois a mesma faculdade e a mesma propriedade que esse eixo central universal, e tendes ambos o número quaternário, a saber: *1 o eixo central, 8 o órgão dos espíritos inferiores, 3 o órgão dos espíritos maiores, 4 os espíritos maiores órgãos da Divindade*. De igual forma, Israel, o teu corpo 1, órgão da tua alma 2, a tua alma órgão do espírito maior 3, e o espírito maior órgão da Divindade 4. Adiciona estes números de ambas

as partes e verás claramente que tudo resulta e que tudo existe pelo famoso número divino, que é o denário.

Disse-te que, indo do círculo terrestre até o círculo divino, acharás o número 12, que foi o princípio da divisão do tempo, e o número 3, que foi o princípio de toda forma corporal. Se multiplicas o número 3 pelo quaternário de que acabo de falar, e que se acha exatamente nos mundos terrestre, celeste e supraceleste, terás como produto esse mesmo número 12, ou 3, que confirmará que a forma corporal de todos os seres existentes nestes três mundos provém de três princípios; enxôfre, *sal* e *mercúrio*, de que já te instruí. Com efeito, nenhum ser pode revestir-se da substância de uma forma aparente sem que ela se componha destes três princípios. Poderias admirar-te por falar de forma corporal para os habitantes do supraceleste; deves sentir, no entanto que todo ser emancipado, para operar temporalmente as vontades do Criador, produz um invólucro corporal que serve de véu à sua ação espiritual temporal. Sem este invólucro, ele nada poderia operar sobre os outros seres temporais sem os consumir pela faculdade inata do espírito puro de dissolver tudo aquilo em toca. Esse invólucro corporal glorioso de que se revestem os habitantes espirituais do supraceleste e do terrestre, não é mais que a produção do seu próprio fogo. Esses seres espirituais têm, neste particular, a propriedade que os espíritos do eixo central, que tinham o poder de fazer emanar do seu fogo os três fundamentos dos seus próprios corpos, ou forma gloriosa. A operação de uns e de outros, quanto a este objeto, é absolutamente a mesma; todavia há uma grande diferença na ação destas três espécies de espíritos: os espíritos do eixo só têm uma ação cada um; assim eles só podem operar uma espécie de forma, e somente após a operação imediata de um ser superior que os dirige e dispõe à sua vontade, e segundo a vontade do Criador. Mas os seres espirituais que habitam os três mundos, tendo para operar ações mais consideráveis e mais extensas, podem produzir a cada instante novas formas e variá-las sem fim segundo a sua necessidade e segundo o objeto que têm a cumprir. É verdade que estes seres espirituais não podem agir, tal com os espíritos do eixo, sem ter recebido ordem do Criador; mas, assim que a recebem, têm neles tudo quanto precisam para executá-la por si mesmos, ao passo que os espíritos do eixo são simples sujeitos que só agem quando são conduzidos, porque não têm inteligência.

É isto o que deve fazer conceber que as essências e as formas corporais dos seres espirituais, habitantes dos três mundos, são mais puras e mais sutis que as que provêm dos espíritos do eixo. Poderias perguntar-me ainda se essas mesmas essências espirituais existem igualmente na imensidão divina onde reside uma infinidade de espíritos. Eu responderia que as quatro classes de espíritos superiores maiores, inferiores e menores terrestres, habitando na imensidão divina, nunca operam nesse lugar senão ações e operações espirituais divinas, sem qualquer mistura de operação material. Por isso jamais alguma essência espiritual pôde existir nesse lugar divino que é a residência dos espíritos puros, onde se opera toda a emanção divina e de onde provém toda espécie de emanção.

Destas quatro classes de espíritos puros, a superior e a maior não têm nunca em si qualquer lei de produção de essências espirituais; assim, estes seres são chamados espíritos superiores e maiores puros e divinos, e a sua ação é infinitamente mais considerável que a ação das duas outras classes, como o ensina a sua denominação. Os espíritos destas duas últimas classes, pelo contrário, tinham em si essa lei de reprodução de essências espirituais temporais; mas eles só receberam a potência de operá-la no momento da sua emancipação, para a formação do mundo temporal que devia servir à molestação dos espíritos prevaricadores, o que explicarei depois de vos instruir sobre os diferentes espíritos emancipados da sua imensidão; sabes que a primeira classe desses espíritos é a superior; assim, leva o número *denário*; a segunda é a maior: o seu número é o *setenário*; a terceira é a inferior: o seu número é o *ternário*; e a quarta é menor e o seu número o *quaternário*; estas quatro classes todas juntas ensinam-te que o quaternário pertence diretamente ao Criador, e que todos os seres emanados e emancipados, assim como as suas leis e as suas potências, provêm desse mesmo número quaternário, ou da quádrupla essência Divina, que tudo encerra. Se juntares este último número quaternário ao número 12, produto do quaternário de 3, acharás o número 16, ou 7, produto espiritual

que prova que nada existe nem pode existir senão pelo espírito, e que prova ao mesmo tempo em que a emanação é espiritual.

Vistes que os espíritos, que residem na imensidão divina, têm em si ações e potências puramente espirituais, e que isso não pode ser de outro modo, dado que todo o espírito que age e opera em face da Divindade não pode estar sujeito ao tempo; mas os espíritos que agem e operam no supraceleste, no celeste e no terrestre, estando destinados a cumprir a manifestação temporal da justiça e da glória do Criador, têm potências e operações espirituais temporais limitadas pela sua sujeição ao tempo. Passado o tempo, não passarão esses espíritos; eles apenas mudarão de ações e de operações, isto é, serão reunidos ao seu primeiro princípio de operações puramente espirituais divinas, como os espíritos que habitam atualmente a imensidão divina.

Não julguemos que o lugar que esses espíritos, hoje temporais, ocupavam na imensidão divina antes do estabelecimento do tempo, tenha ficado vazio após terem sido emancipados pelas suas operações espirituais temporais. Não pode subsistir vazio junto do Criador, nem na sua imensidão; sendo sem limites a imensidão, todos os espíritos encontram aí facilmente o seu lugar ao serem emanados do seio do Criador; e assim a imensidão se prolonga na medida em que o Criador emana espíritos do seu seio. Isto faz ver que é impossível admitir o pleno ou o vazio na imensidão divina, que cresce e ainda crescerá pela emancipação infinita que o Criador opera e operará continuamente. Não se julgue tampouco que os espíritos incessantemente emanados do seio do Criador se dispõem sem ordem e confusamente, sem comparação, como um bando de homens ou de animais esparsos ao sabor do seu capricho; esses seres divinos recebem, com a emanação, leis e potências, segundo as suas faculdades de operações divinas espirituais: eles vão em consequência tomar o seu lugar nas diferentes classes espirituais de que falamos, e onde cumprem cada um em particular as suas diferentes operações. Eis o que constitui esta famosa imensidão divina, incompreensível não só aos mortais, mas mesmo a qualquer espírito emanado. Esse conhecimento pertence unicamente ao Criador.

Nota, Israel, que, dentre essas classes espirituais fundadas antes do tempo na imensidão divina, a classe menor ternária não era então a do menor espiritual divino quaternário, ou do homem. Com efeito, deves ser assim instruído para saber que o menor não fora ainda emanado, e que a ordem de emanação dos menores espirituais só começou após a prevaricação e a queda dos espíritos perversos. Para te fazer conhecer esta emanação espiritual, assim como a mudança que o crime dos demônios operou nas ações e operações dos habitantes da imensidão, te direi na verdade, segundo o Eterno, que mal espíritos perversos foram banidos da presença do Criador, logo os espíritos inferiores e menores ternários receberam a potência de operar a lei neles inata de produção de essências espirituais, a fim de conter os prevaricadores em limites tenebrosos e de privação divina. Recebendo esta potência, eles foram de imediato emancipados; a sua ação, que era pura espiritual divina, foi mudada assim que o espírito prevaricou; eles tornaram-se simplesmente seres espirituais temporais, destinados a operar as diferentes leis que o Criador lhes prescrevia para o inteiro cumprimento das Suas vontades. Foi então que os menores espirituais quaternários foram emanados do seio da Divindade, e que ocuparam na imensidão divina o lugar de onde os espíritos menores ternários acabavam de ser mancipados para operar temporalmente.

É preciso que saibas, Israel, que a mudança que operou a prevaricação dos espíritos perversos foi tão forte que o Criador fez força de lei, não só contra estes prevaricadores, mas mesmo nas diferentes classes espirituais da imensidão divina. Deves concebê-lo pela vida de confusão que levas neste mundo, pela criação do tempo, e pelas diferentes ações que se operam no supraceleste, no celeste e no terrestre, onde tudo te ensina a mudança universal produzida por esta prevaricação; mas, no entanto, como esta prevaricação sucedeu antes que os menores fossem emanados, eles não puderam receber dela qualquer mancha ou comunicação; não sucedeu assim qualquer mudança na sua classe e é por essa razão que eles foram os depositários da grande potência da Divindade. Sim, Israel, foi-lhes confiada a temível potência quaternária, e tal não podia ser de outro modo, sendo estes menores

espíritos puros e sem mancha emanados do seio da própria Justiça e da santidade, para manifestar a glória e a força do Criador; eles não tinham tido qualquer conhecimento do mal, direta ou indiretamente; era conveniente que o Criador cumlhasse de todos os dons aos Justos, e lhes desse poderes conformes à sua pura natureza espiritual e ao que Ele se propunha emanando-os do Seu seio. Eis de onde vem a grandeza da potência e da virtude do menor, e eis porque essas leis de ação e de operação não foram em nada alteradas pela mudança que a prevaricação dos espíritos perversos ocasionou nas outras classes da imensidão divina. Essa potência do homem era tão considerável que, apesar da sua própria prevaricação, ele é ainda superior a qualquer outro espírito espiritual, emanado ou emancipado. Podes ver, com efeito, pela figura que nenhum ser espiritual conservou tão distintamente com o espírito menor a correspondência direta e principal com o Criador: olha para a linha perpendicular que desce do centro do primeiro círculo supraceleste até ao centro do corpo geral terrestre representado pela figura triangular; é esta perpendicular que marca a superioridade sobre todos os seres. O Criador quis tanto conservar a autoridade potente do menor que, apesar de esse menor ter prevaricado, o Criador distinguiu a força da lei que usou com ele da que usou com os primeiros espíritos prevaricadores; estes foram condenados por um decreto do Eterno a só poder agir na privação divina durante toda uma eternidade temporal, e a não ter nenhuma comunicação do Criador, nem das suas inteligências; o menor, pelo contrário, não perdeu essa comunicação; ele conservou a faculdade e a primeira potência que recebera com a sua emanação no corpo universal. Mas o Criador, não podendo deixar impune a falta do homem, mudou verdadeiramente as leis de ação e de operação espirituais que os membros têm de fazer neste universo e foi nesta matéria que o Criador fez força de lei contra o Seu menor.

Se me pergatares que mudança é essa das leis de ação e de operação do menor, responderei que se deve entender por isso que o menor, desde a sua prevaricação, está sujeito a operar como um ser puramente espiritual temporal, sujeito ao tempo e à pena do tempo, ao passo que, no seu primeiro princípio, sendo homem-Deus da Terra e de toda a criação, não podia estar sujeito a essa pena do tempo. Depois da sua prevaricação, provieram dele formas corporais materiais, e sujeitas, como a sua, a pena temporal, ao passo que se tivesse permanecido no seu estado de glória só teriam emanado dele formas corporais espirituais e impassíveis da criação, forma cujo Verbo estava nele. Tal é a mudança que se fez nas leis de ação e de operação do primeiro menor; ele tinha a potência, no seu estado de glória, para usar das essências espirituais para a reprodução da sua forma, ao passo que, depois do seu crime, sendo condenado a reproduzir-se materialmente, apenas pode usar essências espirituais materiais para a sua reprodução. Dissemos que Adão tinha inato em si o Verbo potente de criação da sua forma espiritual gloriosa; podes facilmente reconhecê-lo se pensares que, para operar hoje a reprodução da forma material, precisas de ter em ti um Verbo que aciona, emana e emancipa de ti essências espirituais segundo a lei da natureza espiritual temporal; é que, para procriar a tua semelhança corporal, não dispões de outros princípios de essências espirituais além das que são inatas em ti; e se quisesses, por ti próprio, empregar princípios opostos à tua substância de ação e de operação espiritual divina e temporal, daí não resultaria reprodução, ou, se resultasse, seria sem participação de operação divina, e entraria na ordem das bestas; entraria na conta de ser sobrenatural e repugnaria a todos os habitantes da natureza temporal.

Não julgues agora, Israel, porque tens inato um Verbo de reprodução material, que o teu pai não teve um Verbo de reprodução espiritual e gloriosa. Essa mudança terrível a que o Criador sujeitou Adão, era a menor pena que ele podia infligir ao Seu menor prevaricador, pois o crime desse menor fora tão violento e considerável que a abominação e o escândalo dessa iníqua operação insinuaram-se até à corte divina. A prevaricação dos primeiros espíritos manchou essa corte divina, e, por consequência, essa mancha sujeitará todos os seres espirituais, habitando as diferentes classes dessa corte, a uma mudança na sua lei de ação e de operação. Mas sendo a prevaricação infinitamente maior que a dos demônios, esses mesmos espíritos, habitantes da imensidão, sentiram então uma atração ainda mais forte que da primeira vez, e essa maldita operação do homem obrou sobre eles uma nova mudança nas suas leis de ação e de operação, isto é, no instante do crime de Adão, o Criador fez força de lei

sobre os seres espirituais da Sua imensidão, e as suas leis de ação e de operação não foram mais as mesmas que eram, não só antes da prevaricação dos primeiros espíritos, mas quando da emanação do primeiro homem. Vê, quais foram às conseqüências dessa horrível prevaricação.

Não queiras nunca, Israel, comparar a força de lei que os homens usam entre eles com a que o Eterno empregou contra toda a Sua criatura espiritual temporal: a força da lei que os homens estabeleceram entre eles é toda material e fundada nas convenções humanas (isto é tão verdade que elas não podem nunca ter lugar sem o recurso de um número de homens proporcionado à intenção do chefe temporal, legislador do povo que ele governa). Assim, a execução desta força da lei temporal não é sempre inteira nem perfeita; mas a força da lei divina basta tão só a vontade do Criador para se ver realizada. O Criador, para pôr um ser qualquer em privação divina, não se funda nos recursos da Sua corte divina, nem de seres espirituais divinos temporais, e menos ainda no emprego dessa matéria grosseira usada entre os homens; bastam-lhe só o Seu pensamento e a Sua vontade para que tudo seja a Seu grado. Eis qual é a infinita diferença entre a força da lei divina eterna e imutável e a força da lei humana que passa e se apaga tão prontamente como a forma corporal do homem se apaga da face da terra mal o espírito menor se separa dessa forma.

Vais pedir-me sem dúvida, Israel, que te diga em que consiste a mudança das leis de ação e de operação ocorrida aos habitantes da imensidão, pela prevaricação dos primeiros espíritos, e também a todos os seres espirituais, divinos ou temporais, pela prevaricação do primeiro homem. Responderei que, como houve duas prevaricações, houve igualmente duas mudanças nas leis de ação e de operação dos habitantes da imensidão, mudança que consiste em que esses seres, que antes tinham funções puramente espirituais, se tornaram mais ou menos sujeitos ao temporal, o que explicarei.

Com a prevaricação dos primeiros espíritos, foram tirados o tempo e o universo; os habitantes das diferentes classes da imensidão foram empregues na manutenção e duração fixa do universo. Mas, com a prevaricação do homem, esses espíritos ficaram sujeitos a contribuir para a reconciliação e purificação dos menores, agindo sobre a alma espiritual dos homens e de outros entes espirituais que saberemos a seguir. É estas duas espécies de ações que são empregues em parte os espíritos divinos a favor do temporal, embora não estejam sujeitos ao tempo. Sim, Israel, sem a prevaricação do homem, os espíritos divinos teriam ficado sujeitos de um só modo ao temporal; mas sem a prevaricação dos primeiros espíritos não teriam ficado de modo algum sujeitos ao temporal. Não fora essa primeira prevaricação, nenhuma mudança teria acontecido à criação espiritual; não teria havido qualquer emancipação de espíritos a partir da imensidão; não teria havido qualquer criação de limites divinos, supraceleste, celeste ou terrestre, nem espíritos enviados para acionar nas diferentes partes da criação. Não podes ter dúvidas quanto a isto, pois os espíritos menores ternários não teriam nunca deixado o lugar que ocupavam na imensidão divina, para operar a formação de um universo material. Por conseqüência, Israel, os homens não teriam nunca sido possesores desse lugar, e não teriam sido emanados na sua primeira morada, ou, se tivesse o Criador desejado emaná-los do Seu seio, eles não teriam nunca recebido todas as ações e faculdades potentes de que foram revestidos de preferência a todo o ser espiritual divino emanado antes deles.

Para te convencer de que a faculdade e a potência do homem são tais como digo, recorda-te, Israel, de que o menor foi chamado pelo Eterno de homem-Deus e comandante de todos os seres espirituais e temporais; recorda-te de que o Eterno depositara sem reserva no homem toda a Sua complacência, e afeição, que Ele o revestira de toda a potência espiritual divina, como sendo o ato da quádrupla essência da Divindade. Observa pela figura, que ele se acha defronte do círculo superior denário e cujo centro corresponde à Divindade. É o que te prova que a potência do primeiro menor era bem mais considerável que a dos outros menores que habitam nos diferentes corpos planetários e no corpo geral terrestre. Observa, com efeito, as diferentes situações dos corpos que formam a figura universal, na qual opera toda a natureza espiritual, maior, menor e Inferior. Vês na verdade que, no mundo celeste, assim como no mundo terrestre, o círculo menor se acha defronte do seu superior; mas

nenhum deles se acha imediatamente defronte do círculo denário, do supraceleste; só ao homem ou ao menor espiritual divino é dado esse lugar pela Divindade. Vês assim que esse círculo menor forma o ângulo saliente do triângulo inferior supraceleste; os outros dois, o dos maiores 9 e o dos inferiores 3, se acham apenas perante si próprios a comunicar diretamente as ordens que recebem e receberão do Criador até o fim dos tempos quanto às suas ações espirituais temporais. Isto prova, não apenas a superioridade do homem sobre todos os menores habitando o corpo terrestre e os corpos planetários, mas ainda sobre todas as classes de espíritos. Conceberás sobretudo qual é a inferioridade dos espíritos maiores e inferiores de que acabo de falar-te, é preciso observar como se opera a sua potência de ação.

Estas duas classes de espíritos destinam-se particularmente à conservação do tempo e da matéria; é o que faz com que eles não possam operar senão em latitude universal. O menor, pelo contrário, não se destinam à conservação, nem à manutenção do universo, comandava mesmo a estas duas espécies de espíritos, e a sua potência estendia-se por toda a imensidão da longitude. Por isso, estes dois círculos maiores e inferiores estão fora da linha perpendicular, a qual pertence só ao círculo menor do homem-Deus. Mas, para acabar por convencer da inferioridade destes dois círculos, como ela é marcada pelos seus números: setenário e ternário, eles não podem completar cada um em particular o número perfeito denário do Criador. Para tal necessário se torna reuni-los do seguinte modo: $7 + 3 = 10$. O menor, pelo contrário, anuncia, pelo seu número quaternário, quanto a sua potência é inferior: com efeito, o menor, sendo emanado da quádrupla essência, leva necessariamente o número da sua emanção que o distingue de todas as emanções espirituais feitas antes dele e o colocava acima de qualquer ser espiritual emanado. Ele era o ser mais puro, o mais perfeito, sem falar todavia na ação do Eterno que é CRISTO, nem da Sua operação que é o ESPÍRITO SANTO; estes não estão incluídos em nenhuma espécie de emanção, nem de emancipação. A sua ação e as suas operações sempre foram e serão puramente espirituais, divinas, sem nenhuma sujeição ao tempo ou ao temporal.

O primeiro menor levava o número temível da sua origem, número co-eterno com a Divindade, e que represento aqui por uma só figura 4. Esta figura designa claramente o número quaternário pelas três bases e pelo ponto que se acha no centro. Subdividindo-se este número 4 pelos números que estão nele contidos, acha-se o número denário da Divindade, e se descobre fisicamente que é deste mesmo número denário que provém todo o ser maior, inferior e menor, assim como toda a lei de ação, espiritual ou espirituosa. A adição dos quatro números incluídos no quaternário dá 10, deste modo: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$; é pelas junções destes diferentes números que conceberás como se deu a origem de todas as coisas. A unidade pertence ao Criador, o número 2 é dado à *confusão em que se acham os espíritos perversos e os homens que se unem ao intelecto desses maus espíritos*; o número 3 indica as *três essências espirituais que constituem todas as formas*; indica ainda, pela origem dessas essências, a ação direta dos espíritos inferiores e ternários, pois deles emanaram *mercúrio, enxofre e sal* para a estrutura do universo. O número 4 indica-te o *menor*, a sua origem e a sua potência. Adicionando-se o número 2 e o número 3, obtém-se o número 5, aquele que serve aos demônios para operar a contração contra a ação puramente espiritual divina. O número dos espíritos demoníacos era, na sua emanção, um número quaternário como o do menor, a saber: o Pai Eterno 1, o Filho 2, o Espírito Santo 3, e a emanção proveniente destas três pessoas divinas 4. Mas os espíritos perversos juntaram, por sua autoridade privada e por sua única vontade, uma unidade arbitrária ao número quaternário da sua origem, o que desnaturou a sua potência espiritual e a transformou numa potência limitada e puramente material, conduzida por um chefe escolhido entre eles. Eis porque o número quaternário já não lhes pertence e porque o número quinário é o número dos demônios.

Adicionando-se o número 2 e o número 4, chega-se ao número 6, número dos pensamentos divinos que fizeram operar a factura da criação universal temporal. O número 3, junto ao número 4, resulta no número 7, que constitui a potência de ação do espírito maior, a qual é dupla, isto é, pelo número 3, ela age sobre as formas, e, pelo número 4, sobre a alma do menor. Adicione a unidade ao número ternário e acrescente o seu produto ao número quaternário, e obterás o número 8, número da dupla

potência espiritual divina que fora confiada ao primeiro menor, para que manifestasse a glória e a justiça do Eterno contra os espíritos prevaricadores. É esta potência divina que os teus pais conheceram sob o nome de Abraão, Isaac e Jacob. Mas Adão, com o seu crime tendo perdido esta dupla potência, foi reduzido à sua potência simples de menor; a sua posteridade tornou-se errante e tenebrosa como ele; o homem pode obter do Criador essa dupla potência mediante trabalhos infinitos e com penas do corpo, da alma e do espírito. Este número, enfim, é aquele que o Criador destinava aos Eleitos espirituais que ele pretende favorecer e pôr ao serviço da manifestação da Sua glória.

Juntar o número quinário ao quaternário, é obter o número da subdivisão das essências espirituais da matéria e da subdivisão das essências espirituais divinas; e isto ocorre pela junção do número quinário, imperfeito e corruptível, com o número quaternário, perfeito e incorruptível. É com esta junção que o homem degrada a sua potência espiritual divina, tornando-a espiritual demoníaca; foi assim que o crime de Adão se operou, crime que ocasionou uma revolução inconcebível entre todos os seres espirituais. Julga, Israel, por tudo o que acabes de ver, quanto a potência do menor era grande, pois ele era possuidor do número quaternário, do qual todas as coisas temporais e toda a ação espiritual provieram. Sabes que, no seu estado de glória, este primeiro menor não tinha em si qualquer ação ou operação espirituosa, e menos ainda material, mas tinha pelo contrário toda a espécie de ações e operações espirituais de formas gloriosas; sabes ainda que essas formas gloriosas não estavam sujeitas ao tempo, tal como Adão, embora Adão e todas as suas operações se consagassem ao temporal. Não esqueças, nunca tudo o que acabo de ensinar-te acerca da grande potência do primeiro homem e do seu número quaternário. Vou traçar os caracteres das diferentes coisas que provêm desse respeitável número; pois já que esse número te é dado, será mais fácil crer que é ele que te torna superior às bestas e a todas as criaturas; recorda ainda, Israel, que nenhum ser menor pode ser sábio sem um conhecimento perfeito desse grande número denário do literno e de todo o seu conteúdo de emancipação e de criação:

$$1 + 2 = 3$$

$$1 + 2 + 3 = 6$$

$$1 + 2 + 3 + 4 = 10$$

Deves notar, Israel, que a unidade apenas se junta ao ternário para formar com o quaternário o número da dupla potência.

$$10 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 = 30$$

$$30 + 7 + 8 + 9 + 1 = 55 = 5 + 5 = 10$$

Encontras, com a adição de todos estes números particulares provenientes do quaternário, o número 55 que te anuncia a divisão do denário em dois números quinários e demoníacos. Com efeito, a prevaricação dos primeiros espíritos consistiu em procurar dividir e subdividir a quádrupla essência divina, isto com a sua própria faculdade espiritual. Eles conceberam, pela sua própria vontade, uma intenção e um ato de pensamento contrários às leis de ação e de operação que lhes haviam sido fixadas pelo Criador quando da sua emanação; mas, longe de poderem operar este ato com sucesso, foram enganados, e muito surpresos ficaram ao descobrirem com certeza a impossibilidade que havia para eles e para todo o espírito de retirar da Divindade a quádrupla essência e o famoso denário nela inatos. Eles só reconheceram perfeitamente esta impossibilidade quando quiseram arrogar-se cada um em particular o produto da subdivisão desse famoso quaternário de emanação e de criação espiritual divina e espiritual temporal; que a sua intenção era fazer de todo esse produto uma só unidade quaternária ou uma só unidade denária. Longe disso, eles não acharam nem a unidade quaternária, nem a unidade denária pura e simples, mas somente dois números quinários na vez e lugar do denário divino que queriam submeter à sua posse e ao seu poder. Assim ficaram convictos do seu orgulho atroz e insensato e da impossibilidade de qualquer ser subdividir a quádrupla essência divina, assim como a sua unidade denária, direito reservado ao Eterno, que é só e sempre sem seu semelhante; é

por terem tentado esta operação oposta às leis imutáveis do Eterno Criador que os demônios se acham sem outra potência além desta potência quinária de confusão, e que são precipitados nos abismos da privação divina por uma eternidade. Treme de medo, Israel, com o relato destas horríveis operações! Receia sucumbir aos movimentos de semelhante orgulho e de semelhante ambição. Evita, sobretudo os que quiserem persuadir-te a apropriares-te dos diferentes atos divinos pela potência do número quinário. Se viesses a sucumbir a tal sedução, a ação espiritual divina, inata em ti, se tornaria toda material; teu ser menor se tornaria um intelecto do demônio, e todos os teus poderes seriam anulados para te deixar apenas o gozo da potência quinária dos espíritos perversos. Eis, Israel, como nasceu a potência quinária dos demônios; tal é o número que os distinguirá de todos os seres espirituais por toda a eternidade nas suas ações e operações espirituais temporais materiais; tal é o número pelo qual o menor, assim como todo o ser espiritual, aprende a conhecer a prevaricação dos espíritos perversos.

Vou agora te instruir, Israel, da utilidade da imensidão supraceleste. O Criador estabeleceu-a como tal para fixar a ordem e as leis cerimoniais que os espíritos emancipados têm de operar em toda a extensão dos três mundos temporais, em correspondência com os espíritos emanados na imensidão divina. O primeiro círculo, que é o ângulo saliente do triângulo superior, marca o chefe superior supraceleste e a imensidão dos espíritos superiores denários. Não se deve julgar que os espíritos que habitam este círculo sejam os mesmos, nem qualquer dos que foram emanados no primeiro lugar, logo ao pé da Divindade. Não, Israel, os espíritos denários divinos não saíram nunca do lugar que ocupam na imensidão divina: toda a mudança que lhes sucedeu com a prevaricação dos espíritos perversos e com a do primeiro menor, como já disse, foi terem-se tornado sujeitos ao temporal, embora não sujeitos ao tempo.

Portanto, o Criador apenas emancipou no círculo denário desse espaço supraceleste os espíritos maiores que revestiu de uma potência denária, pela qual as suas operações se distinguem das operações das três outras classes de espíritos da imensidão supraceleste. O segundo círculo, que está à direita, marca a imensidão dos espíritos maiores setenários, que, pelas suas ações e operações, se acham abaixo dos espíritos denários. O terceiro círculo, à esquerda, marca a imensidão dos espíritos inferiores que, pelas suas ações e operações, se acham abaixo dos espíritos denários e setenários; é por essas razões que eles são chamados inferiores. O círculo que está no ângulo saliente do triângulo inferior do supraceleste, em linha direta do círculo denário, marca a imensidão dos menores espirituais divinos. As suas ações e operações são superiores às de todos os espíritos do supraceleste, e por seu intermédio se opera a união entre o homem e Deus, estando sujeito tanto a um como a outro. A ordem e o arranjo espirituais divinos que reinam na imensidão divina são os mesmos que reinam na imensidão supraceleste. Por esta semelhança sabe-se essa imensidão supraceleste foi emancipada e fundada em força e potência pelo Criador e não pela vontade pura dos espíritos. O mesmo arranjo se repete, no celeste, pelos círculos de Saturno, do Sol, de Mercúrio e de Marte, pelos quais os quatro horizontes celestes são distintamente marcados. Não foi em vão, Israel, que o Criador estabeleceu esta mesma ordem nessas diferentes imensidades; não foi apenas para a conservação do tempo ou dos diferentes corpos permanentes do universo, nem para a conservação do ato e dos agentes espirituais temporais, nem enfim para a grandeza e a glória de todos os seres que acabo de nomear; foi unicamente para o homem que todas essas coisas foram assim dispostas; e, como elas deviam servir de limite aos espíritos perversos, ficaram sujeitas ao menor para que ele possa exercer sobre elas a sua potência e o seu mando, segundo a sua vontade e segundo as leis de ordem.

Eis, pois os privilégios concedidos por Deus ao homem. São estes três mundos, o *divino*, o *supraceleste* e o *celeste* que te dão a conhecer os três reinos da Divindade. O último destes mundos é que deveria ser a morada do primeiro menor; se esse menor não tivesse prevaricado, ele teria sempre ocupado o centro das quatro regiões, como ser mais potente; teria agido e operado nesse mundo celeste como puro espírito divino; todos os seres espirituais teriam obedecido ao seu pensamento e à sua vontade. Sim, se esse primeiro menor não tivesse prevaricado, nunca se teria tornado habitante do mundo terrestre material, não teria desvirtuado a sua potência divina quaternária para a tornar

simplesmente inferior e ternária, como se prova pelo simples triângulo sensível a que se ligam os três corpos planetários: a *Lua*, *Vênus* e *Júpiter*. Mas a prevaricação fez baixar o homem dessa superfície e precipitou-o num mundo completamente oposto àquele para que fora emancipado. O mundo celeste conserva sempre a forma da sua origem e a sua semelhança com o supraceleste e com o divino; mas o mundo inferior tem só uma forma material, diferente da dos três mundos superiores. É pela desunião que observas no duplo triângulo desse mundo sensível que podes conceber a privação do primeiro menor e dos que residem nesse lugar de trevas, privação que sujeita esses menores espirituais às penas do corpo e do espírito. Este círculo sensível é para os menores, desde a prevaricação do homem, o que a imensidão celeste e o espaço universal são para o demônio. Tu sabes, no entanto que a vantagem dos homens sobre os demônios consiste em poder, segundo a sua disposição e vontade, franquear os seus limites e agir como puros espíritos, embora sujeitos ao tempo.

Tal é a ideia que deves conceber da potência atual do homem. Quanto aos espíritos do supraceleste, devo a propósito instruir-te da sua emancipação, de suas diferentes faculdades e potência, a fim de que vejas claramente a verdadeira relação e a correspondência que possuem, tanto com a imensidão divina como com o mundo celeste e com os menores habitando esta esfera terrestre.

Fica sabendo, Israel, que a emancipação desses espíritos se fez imediatamente a seguir à prevaricação dos espíritos perversos. Apenas houve o intervalo do pensamento do Criador, por ordem do qual esses espíritos saíram da imensidão divina e fizeram executar na imensidão supraceleste as leis que lhes haviam sido dadas. Estas leis eram somente para sujeitar esses espíritos à correspondência do homem com o Criador, e para os fazer servir duplamente como limites às criaturas que governam os mundos celestes e materiais, nos quais estão encerrados os espíritos prevaricadores. O espaço que se acha entre a extremidade do mundo material e a extremidade do mundo celeste forma a longitude dos limites fixados a estes espíritos prevaricadores e onde eles operam as suas virtudes segundo a sua vontade. A extensão desses mesmos limites em latitude é toda a superfície horizontal do mundo material, e o mundo celeste é o invólucro do mundo material. É preciso compreender que a longitude que vai de um desses dois mundos ao outro é maior e mais considerável que na face horizontal do mundo material, tendo em vista que esse modo de matéria só tem três horizontes notáveis: *norte*, *sul* e *ocidente*, e que o mundo celeste tem quatro regiões sem horizonte. Eu digo que o mundo celeste não tem horizonte, porque, com efeito, os horizontes só pertencem ao mundo material, cujos habitantes estão sujeitos a serem alimentados e substanciados pelos elementos materiais e estão expostos à mudança das estações; mas os habitantes do mundo celeste, sendo de outra natureza, têm também outras faculdades diferentes das dos habitantes do mundo material, e não tem as mesmas sujeições: longe de terem necessidade dos elementos materiais, são eles que contribuem para a ação dos elementos; eles gozam em permanência da mesma temperatura: eles não recebem nenhum alimento das produções e das vegetações da matéria, que os seus corpos não estão formados para se alimentar assim.

Os corpos desses habitantes do mundo formam uma esfera que é mantida e substanciada diretamente pelo fogo dos espíritos do eixo de onde esses corpos são emanados. Por isso a sua duração é fixada por um número do tempo que é como uma eternidade em comparação com a duração do corpo dos habitantes do mundo material. Concebe ainda, Israel, que a extensão terrestre e a extensão celeste, onde residem os habitantes materiais e espirituais, formam o que deves chamar de mundo, e não que esses habitantes de que te falei possam eles mesmos formar o mundo. Tu deves saber que esses habitantes materiais ou espirituais são simples seres particulares, e que, nos dois espaços que ocupam, se acham ainda seres espirituais simples que devem igualmente desempenhar a sua missão no universo, segundo as leis divinas que receberam para cumprir as suas operações a favor dos habitantes espirituais do mundo celeste e dos habitantes materiais do mundo terrestre. Deves fazer a mesma diferença entre o mundo supraceleste e os seus habitantes.

A faculdade que tem o mundo supraceleste de servir de duplo limite aos espíritos malignos, ser-te-á ainda mais inteligível observando quais são as operações deste mundo supraceleste. Eles agem no mundo celeste e no mundo material, como te disse, e ainda no círculo do eixo universal. Tu deves, com efeito, conceber quanto é necessário que tudo seja contido por espíritos superiores aos que estão constituídos e aos que são destinados à conservação e à duração da forma universal, onde os espíritos perversos se acham detidos em privação. Eis porque deves reconhecer nos espíritos supracelestes a faculdade de uma dupla ação. Mas não é apenas por esta dupla ação dos espíritos supracelestes sobre a forma universal que se prova neles a faculdade, é ainda porque, pelo seu lugar e pela sua missão, eles possuem o ato de dupla potência, porque estão todos sob o domínio e o comando da ação direta do Eterno, e porque é nesse mundo supraceleste que residem toda a ação e operação a favor ou contra a criatura puramente espiritual, a espiritual temporal divina, e a espiritual material. Sim, são esses habitantes do supraceleste que servem de dupla muralha à atrocidade das operações demoníacas; em verdade te digo que eles possuem a faculdade da dupla potência porque são santificados. Assim, os demônios não poderão nunca manchar este mundo supraceleste como mancharam os habitantes da imensidão divina; daí dizer-se que os demônios nunca prevalecerão contra o pensamento, a ação e a operação do Criador. O que te digo aqui foi verdadeiramente representado por Abraão, Isaac e Jacob, que são figuras temporais do pensamento, da ação e da operação da Divindade. Desde que estes três menores obtiveram a sua reconciliação e a sua santificação, o demônio não fez mais nenhuma impressão sobre eles, e não pôde opor-se às ações espirituais divinas que se operavam por estas três pessoas no Eterno, depois que foram santificadas. Tu vês, Israel, que a ação dos habitantes supracelestes é infinitamente mais considerável que a de qualquer ser espiritual ocupado nas ações e operações dos dois mundos inferiores o que é demonstrado pelos raios de fogo saindo das diferentes circunferências que constituem a imensidão do supraceleste; esta superioridade não te deve espantar, pois o espaço da imensidão supraceleste é mais extenso que o espaço dos dois mundos inferiores que, mesmo reunidos, não bastariam.

Devo dizer-te, Israel, uma verdade da qual tens debaixo dos olhos a certeza e a prova física: é que, entre os habitantes dos diferentes mundos, não há dois que sejam perfeitamente iguais em faculdades e em potência espirituais; eles são todos diferentes uns dos outros neste particular, o que te é ensinado verdadeiramente pela diferença que reina entre todas as formas corporais e entre todas as ações que essas diferentes formas operam diante de ti. Não foi pela observação material que esta certeza veio ao meu conhecimento, mas devo-a ao próprio Criador, que me fez ver claramente que essa diferença de faculdades de potência existia igualmente entre os habitantes espirituais da imensidão divina que, pelo decreto divino, tinham ações e operações distintas e superiores umas às outras. Digo-te ainda que esse decreto divino existirá eternamente e que se observará com igual precisão por toda a duração dos tempos entre os espíritos emancipados, embora as virtudes e as potências desses espíritos emancipados já não sejam as mesmas que eles tinham na imensidão divina antes da prevaricação dos espíritos perversos, sendo forçados, por essa prevaricação, a partilhar entre o espiritual e o temporal a sua ação que deveria ser puramente espiritual, como tudo o que se opera à tua vista te faz conceber.

Para que melhor compreendas o que anteriormente te disse da mudança verificada nas virtudes e potências dos espíritos emancipados da imensidão divina, digo que o Criador emancipa do Seu círculo septenário divino um número de espíritos suficiente, que sujeita a operar no supraceleste ações espirituais temporais. As leis de potência relativas a estas operações foram distribuídas por esta ordem aos espíritos setenários emancipados; uma outra parte recebeu a faculdade da potência setenária; e uma outra, enfim, recebeu a da potência inferior ternária. A estas três classes de espíritos juntou-se o menor, que, pela sua potência e virtude, lhes era infinitamente superior, porque, como já te ensinei, esse menor era um ser puro que nenhum escândalo espiritual manchara. Assim, ele era o único dessa imensidão a ter a potência quaternária, e a sua ação era muito diferente das três outras classes do supraceleste. O Criador não colocou nessa imensidão supraceleste uma classe particular de espíritos octenários, como havia outrora na imensidão divina; esta classe não se encontra mais na imensidão divina, isto porque, no seguimento da prevaricação dos primeiros espíritos, o Criador, fazendo força

de lei sobre toda a criatura espiritual, emancipou a sua ação dupla potência para ir operar a sua justiça e a sua glória nas três diferentes imensidões, indistintamente. Daí ser-te ensinado que o espírito duplamente forte entra em ti quando o mereces e de ti se afasta quando te tornas indigno da sua ação duplamente potente. Tu viste essa dupla potência operar-se no Egito a teu favor e para tua glória; ela dividiu a sua ação em duas partes: uma para exterminar os teus inimigos, e a outra para velar pela tua conservação espiritual e corporal. Era o que te figuravam as duas colunas que avançavam sempre contigo e que te seguiam em todos os teus triunfos. E eis por que meio esse espírito duplamente potente não tem mais morada fixa na imensidão divina.

Tu não ignoras, Israel, que a imensidão supraceleste é à imagem da imensidão divina, e que as mesmas faculdades de potência espiritual se encontram numa e noutra imensidades. Mas com a diferença de que os agentes espirituais divinos a operam na imensidão infinita do Criador, ao passo que os agentes supracelestes operam numa imensidão limitada. Assim esta imensidão supraceleste é passiva, porque sujeita ao tempo; tal como o pensamento ou a potência do Criador, também ela não pode ter limites, e, segundo o que disse dessa respeitável imensidão, ela consiste na multidão dos espíritos que o Criador emana do Seu seio. É continuidade dessa emanação espiritual o que torna essa imensidão divina e infinita. Cada espírito, no momento em que emana do Criador, encontra um lugar e um espaço convenientes ao seu ser para pôr em ação e em operação a potência que recebeu do Eterno. Com efeito, o Criador não pode emanar do seu seio um espírito, sem lhe criar uma potência; e esta potência não poderia pôr-se em ação com distinção se cada espírito emanado do Criador não tivesse o seu espaço particular, o que te levará a pensar que, tal como a emanação, a imensidão divina deve também ela crescer continuamente. Se isto não fosse assim, a potência de todos esses habitantes da imensidão divina operaria em confusão, assim como os habitantes do mundo material operam a deles. O que gera a confusão no meio dos habitantes dos mundos materiais é o seu espaço limitado, que apenas pode conter um número fixo; mas a multidão dos habitantes da imensidão divina cresce e crescerá sem cessar até ao infinito sem jamais encontrar limites. Não é necessário tempo para a emanação desses espíritos, como fora para a emanação da criação temporal, porque os espíritos, recebendo com a sua emanação tudo o que lhes convém para agir segundo as suas leis, não têm nenhuma necessidade de usar a potência dos espíritos inferiores, como são obrigados a fazer os menores habitantes dos mundos temporais.

Vejaês claramente, Israel, que esta imensidão divina não pode de modo algum se considerar como finita, e é pela sua infinidade que te provo a eternidade do Criador, tal como a eternidade dos espíritos se prova pela sua emanação. Não incluo, todavia na eternidade dos espíritos a ação e a potência temporal que se operam hoje em dia perante os teus olhos. Tudo o que está sujeito ao tempo não pode ser visto como eterno; mas, assim como, pela prevaricação dos primeiros espíritos e do homem, se tornaram temporais as potências espirituais, também, após o juízo final, essas potências deixarão de agir temporalmente e serão repostas na sua primitiva força e primitivo vigor em toda a extensão das suas primitivas leis.

No entanto, Israel, o ser da dupla potência divina não voltará ao seu primitivo estado de estabilidade na imensidão divina, como estava antes da criação; este ser ficará eternamente ocupado a operar a sua dupla potência sobre as classes de espíritos que serão distinguidas por toda a eternidade, a saber: os espíritos justos, primeiros santificados; e os espíritos que serão santificados e reconciliados em último lugar. Esta distinção subsistirá perpetuamente ainda mesmo quando todos os seres espirituais forem reconciliados, e a santificação dos primeiros será sempre superior à dos últimos. Os menores, que no fim dos tempos ficarão para serem reconciliados, serão os últimos chamados pelo Eterno; e a justiça que Ele exercerá contra estes será infinitamente mais forte que a que ele exerceu e exercerá contra os demônios, porque o menor fora dotado pelo Eterno com uma autoridade e uma potência superiores às dos espíritos perversos e, quanto mais o menor tiver recebido, mais lhe será exigido. Isto para que saibas como o menor ímpio deve temer a Sua justiça. Concebe, Israel, por tudo isto que te disse, que a lei do ser de dupla potência não consiste em ser repostos no seu primitivo estado de

imutabilidade de ação espiritual divina, que este ser terá que operar eternamente as suas faculdades potentes nas diferentes classes onde ficarão colocados os primeiros e os últimos santificados e reconciliados.

Se tivesses um dia a desventura, Israel, de te veres incluído no número dos que serão os últimos reconciliados, não terias mais o tempo de renunciar às tuas abominações, e não mais estaria em teu poder reclamar ao Criador que abreviasse os teus sofrimentos; pois em verdade te digo que o Criador é imutável e que Ele não revoga jamais os seus decretos. Por isso, uma coisa é a faculdade do menor neste mundo, outra a sua faculdade quando ele é apontado à justiça do Eterno. Tu sabes sem dúvida, Israel, que é impossível ocultar a este ser supremo o uso que os menores terão feito da sua liberdade a favor ou contra as leis divinas que lhes couberam quando da sua emanação e da sua emancipação. É sobre essa liberdade que o Eterno julgará todos os menores, pois todo o ser espiritual foi emanado forte e duplamente forte. O Criador, não sendo um ser fraco, não pôde emanar de Si seres impuros e susceptíveis de ter na sua potência qualquer ato de fraqueza. Esta palavra fraqueza é aquela de que se reveste o homem ímpio e malvado, a fim de poder ligar-se, segundo a sua conveniência, aos pensamentos iníquos do intelecto demoníaco; mas todas as paixões e todos os vícios do homem operam nele pela sua própria liberdade, que lhe é inata. *A liberdade gera a vontade; a vontade gera o bom ou mau pensamento que ela concebeu; assim que dela obteve o fruto, o menor se debruça sobre si próprio e, meditando no produto da sua operação, torna-se ele próprio juiz do bem ou do mal que cometeu.*

Tu me dirás, para desculpar a tua prevaricação contra o Criador, que foi causa dela a tua fraqueza, e que esta fraqueza provém da tua forma corporal de matéria que te mantém. na privação da potência espiritual. Eu responderei que isso é muito falso, pois todos os menores que foram reintegrados nas suas primitivas potências e virtudes espirituais divinas e obtiveram graça perante o Eterno, tais como Adão, Abraão, Isaac, Jacob e vários outros, não voltaram a prevaricar após a sua reconciliação, embora, continuassem em formas corporais. Esses menores, ao serem santificados e reconciliados, devolveram a sua liberdade à potência de Aquele de quem a tinham recebido. Assim essa liberdade apenas gerou vontades puras; a vontade desses menores reconciliados só adotou os pensamentos mais espirituais, que lhes fizeram operar atos de potência surpreendentes e incríveis para os menores prevaricadores. Estes menores assim reconciliados não foram mais susceptíveis de sucumbir aos embustes do demônio, nem de adotar o seu intelecto de abominação; isto porque estes menores liam até o mais profundo do pensamento dos seres demoníacos, interrompiam-nos em todas as suas empresas criminosas e assim os privavam de toda a glória que esses seres perversos almejavam ao perseguí-los. Não julgues, Israel, que a fraqueza seja dada diretamente ao homem e que seja a sua forma corporal de matéria que o faça sucumbir à tentação. A esta forma não compete dirigir-se a si mesma; ela é apenas o órgão do menor; ela só opera as vontades boas ou más que o menor recebe do bom ou do mau espírito. Assim, quando o homem sucumbe, não deve imputar sua queda à sua forma corporal de matéria, mas atribuí-la unicamente à sua vontade. É certo, no entanto que existe inata no menor uma faculdade, um ato a que podemos chamar fraqueza; mas, como essa fraqueza apenas tende ao bem, ela não pode ser do desagrado do Criador. Ela provém de uma verdadeira humanidade espiritual que ensina a fazer o bem em vez do mal que os demônios fazem operar contra nós pelos nossos semelhantes caídos.

Tal é a fraqueza inata no menor. Isto é tão verdade que, se me fora permitido instruir-te de toda a caridade e de todas as fraquezas divinas que o Criador emprega a favor da sua criatura espiritual, estremecerias de vergonha. Mas o tempo virá em que serás instruído daquilo que não posso dizer-te agora; serás mesmo juiz das coisas que sou abrigado a dizer-te; conhecerás então claramente que não há outras fraquezas inatas no menor além daquela de que acabo de falar-te, e que mais mereceria o nome de misericórdia. Teme, sob pena de morte, olhar o menor como um ser fraco. Se assim fosse emanado do seio do Criador, inútil seria dar-lhe o Criador a liberdade. Se não tivesse nele a força para usar dela, não só seria um ser impuro e contraditório, mas sê-lo-ia o próprio Criador por

participar de duas ações opostas uma à outra, ao passo que no Criador há uma só ação que se subdivide até ao infinito para o bem e a vantagem da sua criatura.

Mas, para te convencer de que aquilo a que o homem malvado chama fraqueza inata no menor não provém da sua forma corporal de matéria, pergunto: os primeiros espíritos tinham formas corporais de matéria, quando prevaricaram? Tu deves saber que esses espíritos não tinham então forma, e que, no entanto tiveram a fraqueza de prevaricar. Não é, à forma desses espíritos perversos que deves atribuir essa fraqueza de que se revestem os menores corporizados. Além do mais, essa espécie de fraqueza não estava no seu poder, pois esses primeiros prevaricadores não eram suscetíveis de qualquer comunicação de intelecto bom ou mau, não a havendo então, e esses primeiros espíritos liam perfeitamente no pensamento do Criador enquanto estavam no seu estado de justiça. Não é, repito, da influência da fraqueza corporal, nem de nenhuma influência do intelecto bom ou mau, que provém a prevaricação dos primeiros espíritos; foram a própria liberdade e a vontade deles que os levaram a conceber o crime atroz pelo qual se acham em privação divina espiritual. Não me digas que não podes compreender como se operam todas as coisas de que acabo de falar quanto a liberdade e a vontade inatas no ser espiritual; isso seria próprio dos animais irracionais, e não de um ser que traz consigo a semelhança e a aparência das virtudes e dos poderes da Divindade. Tu não podes duvidar de teres em ti todas estas coisas, pois tudo o que me vês operar para a glória do Criador e para vantagem das suas criaturas menores é dado pelo Criador unicamente aos poderes desses mesmos menores, e não aos de todos os seres espirituais. Sim, Israel, o Criador sente mais satisfação pelas ações e operações boas do Seu menor em privação, que dos outros seres espirituais que são temporais sem estar sujeitos ao tempo. Esta diferença vem de que os menores são emanados e emancipados para satisfazer a justiça e a glória do Eterno, ao passo que os puros espíritos apenas têm a faculdade de contemplar e relatar ao Criador tudo o que se opera entre Ele e o menor. Assim os menores possuem virtudes inatas e potências superiores às de todos os outros espíritos. O Criador, me dirás, não podia fazer operar as mesmas coisas e dar as mesmas potências a todos os outros espíritos da imensidão divina, *denários*, *setenários*, ou *ternários*? Mas para que não fiques surpreendido por ter sido dada preferência ao menor, a este respeito, sobre todas as outras classes de espíritos, recorda-te que, embora lavada a mancha escandalosa que os espíritos puros receberam da prevaricação dos espíritos perversos, e santificados pela bondade infinita e pela potência do Criador os espíritos assim manchados, isso não pôs no entanto esses espíritos ao abrigo do temporal, e, que se encontravam assim sujeitos, o Criador deu a preferência ao seu menor, como a um ser perfeitamente puro e sem mancha, tendo a sua emanação sido posterior à prevaricação dos espíritos perversos. Não te admires se te digo que os habitantes do mundo divino se ressentem ainda da primeira prevaricação, e se ressentirão até o fim dos tempos, quando a sua ação deixará de participar do temporal, que não é o seu verdadeiro fim e para o qual não foram emanados.

Sim, Israel, digo-te na verdade que com este mundo divino é como com os habitantes espirituais do mundo geral terrestre; assim como estes pagam tributo à justiça do Eterno pela prevaricação do primeiro menor cometida no centro do universo temporal, também os habitantes do mundo divino pagam tributo à justiça do Criador para expiação do crime dos primeiros espíritos. Eu te direi a pura verdade no tocante aos diferentes tributos que essas duas classes de seres espirituais pagam e pagarão ao Criador até o fim dos tempos. O que ainda mais te surpreenderá é que todos os espíritos que o Criador emanou na imensidão divina desde essa prevaricação estejam sujeitos ao mesmo tributo. Para te convenceres, observa a emancipação do menor neste nosso mundo: é certo que, ao vir a ele, não se encontra com mancha, nem impuro; mas ao achar-se revestido de um corpo de matéria logo se torna sujeito à lei do tempo. Há sem dúvida uma grande diferença entre a sujeição em que se acha o menor e aquela em que se acham os habitantes da imensidão divina; o menor está numa privação e num sofrimento bem mais consideráveis, que não ignoras que a prevaricação do primeiro homem é infinitamente mais forte que a dos demônios. Assim, os menores estão limitados ao tempo e os espíritos divinos apenas ao temporal; o homem percorre as diferentes imensidões só em pensamento, mas os espíritos podem percorrer realmente e em natureza a extensão infinita da imensidão divina.

No entanto, apesar desta diferença de sujeição em que se acham estas duas classes de espíritos, a palavra do homem dá-lhe a superioridade sobre todos os habitantes do mundo divino; ela é mais forte e mais potente que a deles, e a extensão que ela pode ter ultrapassa a que percorrem os espíritos divinos.

Tal é, Israel, o estado atual dos espíritos divinos e dos menores; este estado de sujeição a que estão reduzidos os espíritos divinos e os menores não é nada em comparação com a privação horrível a que os espíritos perversos estão condenados. O Criador fez de tal modo força de lei contra eles, que são infinitamente mais atormentados e molestados que todos os outros espíritos. O seu tormento é serem sujeitos a operar o mal, condenados por decreto do Eterno a viver por uma eternidade temporal nas suas iniquidades sem poder alterar as suas ações más e contrárias à ação divina. Foi isto que o Criador quis dar a entender, quando pronunciou pelos seus deputados que os prevaricadores seriam punidos pelos seus próprios crimes. O menor, pelo contrário, embora na sujeição, tem no entanto a total liberdade de operar o bem ou o mal, e de mudar o mal em bem. Eis porque não há comparação possível entre a sua privação e a que sofrem os espíritos perversos que não têm senão poder para operar o mal.

Tendo Moisés acabado de dar ao povo estas grandes instruções, subiu de novo ao monte Sinai, de onde trouxe as segundas tábuas da lei. Ele recebeu também na montanha a ordem do Criador para a construção de um tabernáculo no qual seriam dispostas essas novas tábuas, e, tendo ele executado com o auxílio de Bethzaleel tudo o que o Criador lhe havia prescrito a esse respeito, dirigiu novamente a palavra ao povo, dando-lhes instruções acerca da forma e das proporções do tabernáculo:

“Escuta, Israel, o que tenho para te dizer sobre as diferentes proporções que observei na construção do tabernáculo de potência espiritual divina, e sobre as diferentes relações que ele tem com tudo o que existe. O tabernáculo, na sua perfeição, faz quatro espécies de alusões espirituais: a 1ª ao *mundo supraceleste*, a 2ª ao *mundo celeste*, a 3ª ao *corpo do homem*, e a 4ª ao *mundo ou círculo universal*”.

Tu reconhecerás a primeira observando que o interior é a verdadeira figura do supraceleste. É nesse santo lugar que vou operar uma parte da ação dos habitantes do supraceleste sem mistura de ação com nenhum outro espírito; assim, quando devo receber comunicação direta da vontade divina, o Criador sujeitou-me a entrar nesse santo lugar pela porta do Oriente, e por aí entro todas as vezes que tenho a pedir qualquer coisa a favor de Israel. Mas também o meu receio e o meu trabalho são infinitamente mais consideráveis para este gênero de operações que para todos os outros que poderia fazer a favor ou contra a vantagem de Israel, porque neste, conforme disse, recebo comunicação direta do Eterno e dos espíritos puros do supraceleste.

A segunda alusão, a da parte celeste, é figurada pelas quatro portas do tabernáculo, que representam as quatro regiões supracelestes. Destas quatro portas, uma está voltada para o *oriente*, outra para o *ocidente*, outra para o sul, outra para o *norte*; elas são as verdadeiras figuras das quatro potências espirituais que o Criador deu ao seu menor, e pelas quais este pode recorrer às dos quatro chefes regionários e a tudo o que deles depende. Por isso, quando estou no tabernáculo para ser instruído das coisas temporais espirituais celestes, deixo aberta a porta virada para a região celeste do chefe a quem devo dirigir-me. Tal é, Israel, a diferença das demandas e das operações que faço na parte celeste das que tenho de fazer na parte supraceleste. Os habitantes do supraceleste, operando em tudo o que existe espiritualmente, não são retidos pelos limites do universo e, não tendo para eles nenhum limite de matéria, não se pode sujeitá-los ou confiná-los em nenhuma região elementar. Portanto, quando trabalho com eles, não deixo aberta nenhuma das portas do tabernáculo, porque estas espécies de espíritos têm em seu poder afastar toda a espécie de limites de matéria para vir comunicar-se aos menores destinados à manifestação da glória e da justiça divina. Mas já não é o mesmo com os habitantes espirituais da parte celeste: como eles ocupam regiões e formas elementares, sou obrigado, ao dirigir-me a eles, a abrir o limite onde eles se contêm. Eis a verdadeira relação do tabernáculo com

o mundo celeste e o mundo supraceleste, cujos habitantes vêm cada um operar com distinção e sem confusão na presença daquele que detém a potência e a ação sobre eles por ordem do Criador.

A terceira relação é a que o tabernáculo mantém com o mundo particular, ou pequeno mundo, que não é outro senão o corpo do homem. Sim, Israel, esse tabernáculo que mandei construir por Bethzaleel na tua presença, e no qual encerrei a lei divina que o Criador me deu na Sua presença, é o verdadeiro tipo e a verdadeira semelhança do corpo do homem ou da forma corporal de matéria aparente, na qual se encerra o menor ou a alma espiritual divina. Assim como os habitantes do supraceleste, do celeste e do círculo universal operam cada um em particular no tremendo tabernáculo, também todos esses diferentes seres espirituais trabalham e operam no corpo do homem com o menor que ai se encerra.

Em quarto lugar, esse tabernáculo faz verdadeiramente alusão ao círculo universal, pois que todo ser espiritual Inferior, maior e menor realiza neste tabernáculo as mesmas ações de operação que na imensidão universal. Sim, Israel, este tabernáculo, construído pela faculdade do homem, revela a faculdade e a potência dos espíritos que cooperam na manutenção do universo, daqueles que cooperaram na sua formação dispendo a matéria-prima, de onde saíram todas as formas, a reter a impulsão que lhe deram os espíritos inferiores, de acordo com as ordens do Criador. Julga tu próprio: não é verdade que, quando desci da montanha, não trazia comigo nenhuma matéria própria e conveniente para a construção deste tremendo tabernáculo no qual deviam ser encerradas as leis divinas que o Criador se dignou confiar ao seu servidor Moisés? Mas não fui encarregado dessa construção. Eu era simplesmente o curador do Criador para transmitir a Bethzaleel a ordem da Divindade, e, em segundo lugar, a forma aparente que ele devia dar ao tabernáculo espiritual. Assim, tu não me viste sequer pôr a mão nesse edifício, ficando essa faculdade reservada para Bethzaleel e seus dois outros menores associados. Tu sabes ainda que em dando a Bethzaleel a ordem da Divindade e o plano do tabernáculo espiritual conforme à vontade e ao projecto do Criador, era como se traçasse para ti tudo o que se passou quando da formação do universo.

Tal como comuniquei a Bethzaleel as ordens do Criador para a construção do tabernáculo, também o Criador comunicou diretamente aos espíritos inferiores a lei de criação das essências espirituais; tal como dei a Bethzaleel o plano da sua obra, também os espíritos superiores receberam, por um deputado superior, a imagem da forma aparente do universo; tal como, enfim, Bethzaleel, tendo recebido a ordem de construir o tabernáculo, assim como o plano que o devia ordenar, encontrou sem esforço todos os materiais necessários para a construção do tabernáculo, também os espíritos inferiores, tendo recebido a ordem do Criador para a construção do universo, assim como a imagem da forma aparente que ele devia ter, produziram por si próprios as três essências fundamentais de todos os corpos com que formam o tempo universal. Fiz nessa operação o tipo do Criador e o do espírito maior, e Bethzaleel fez o do espírito inferior que tem no seu poder a construção das formas. Por isso é Bethzaleel chamado grande obreiro face ao Eterno. A matéria incorruptível de que se compõe este tabernáculo é o verdadeiro tipo dos espíritos menores que contribuem para a conservação e sustento do universo; este tabernáculo é incorruptível porque, tal como o universo, é sustentado e conservado por seres puramente espirituais. É por isso que estes dois templos subsistirão até o fim dos tempos. Procura, Israel, tornar igualmente incorruptível a tua forma particular, deixando-a entregue à direção e à potência desses mesmos seres espirituais que a conservarão em toda a pureza das suas leis por toda a duração do curso que lhe é fixado. Entenda que os três indivíduos que trabalharam na construção do tabernáculo, a saber: Bethzaleel e seus dois associados, fazem uma alusão verdadeira ao número ternário que constitui a faculdade potente dos espíritos inferiores produtores das três essências espirituais de onde provieram todas as formas corporais.

Tais são, Israel, as figuras importantes que podes descobrir em tudo o que diz respeito ao tabernáculo que foi construído diante dos teus olhos. Em todas as coisas não esqueças que este tabernáculo é, como te disse, a imagem da forma corporal do menor. Vê com efeito como o tabernáculo do menor

contém em si quatro portas que são figuradas no tabernáculo de Bethzaleel, e como há uma relação perfeita entre umas e outras. A porta do Oriente do tabernáculo de Bethzaleel, por onde entro para invocar os habitantes do supraceleste, representa o coração do homem; é pelo coração que o menor recebe as máximas satisfações assim como os máximos favores que o Criador lhe envia diretamente pelos habitantes do supraceleste. A porta do Ocidente do tabernáculo de Bethzaleel relaciona-se com a segunda porta do corpo do menor, que é o olho. A porta do Meio-Dia faz alusão à orelha; mas, apesar das relações que se acham entre as quatro portas destes dois diferentes tabernáculos, não creias que eles são iguais em virtudes e em propriedades. Não, Israel, o tabernáculo de Bethzaleel não passa de um tipo do tabernáculo do menor; foi no tabernáculo do menor que o Criador depositou toda a Sua afeição. Não é pois de admirar que ele seja superior em potência ao de Bethzaleel, que encerra com efeito a lei divina que o Criador confiou pela segunda vez ao seu servidor Moisés; mas essa lei sagrada não existe em natureza no tabernáculo do menor? Não creias também, Israel, que o tabernáculo de Bethzaleel faça alguma alusão ao tabernáculo de Adão, nosso primeiro pai, quando se encontrava em estado de glória. Sabes que Adão, nesse estado, era um ser puramente espiritual, e não estava sujeito a nenhuma forma de matéria, porque nenhum espírito pode ser encerrado num corpo de matéria, somente os que prevaricaram. Tu sabes ainda que Adão tinha a faculdade de construir a sua forma corporal gloriosa, de a dissipar, de a mudar a seu gosto e segundo as ações que tinha de operar conforme as ordens que recebia do Criador. Assim, tal forma, não podia ser considerada como o tabernáculo da lei divina inata no primeiro menor; o próprio primeiro menor, puro espírito, era o verdadeiro tabernáculo da lei divina que recebera, na emanação, ou durante a emancipação. Vês pois, Israel, que é impossível um tabernáculo de matéria grosseira, como o de Bethzaleel, fazer alusão ao tabernáculo espiritual do primeiro menor, espírito puro.

Darei instruções sobre as propriedades das quatro portas do tabernáculo do menor corporizado, as quais provarei serem superiores às do tabernáculo de Bethzaleel. A primeira dessas portas, ou porta oriental, é o coração do corpo do homem; é por esta mesma porta superior que o espírito de vida passiva entra no tabernáculo do menor para o dispor a receber e a suportar todos os efeitos de todas as operações espirituais divinas que ali devem ser realizadas cofijuntamente com o menor. É por esta mesma porta que penetram no homem os mais sublimes espíritos, bons e maus tendo disposto o tabernáculo convenientemente, segundo as suas leis, o menor junta-se a eles para operar a sua vontade boa ou má, conforme a sua liberdade. Os espíritos susceptíveis de operações divinas com o menor são todos os que habitam desde o mundo supraceleste até à extremidade de todos os mundos temporais. Tu vês, por aí, qual é a multidão infinita de comunicações espirituais, boas ou más, que o menor pode receber pela porta oriental do seu tabernáculo corporal. Sim, Israel, é no coração do menor que tudo se opera a bem ou a mal do menor.

As três outras portas do tabernáculo do homem não são menos importantes, mas igualmente superiores às que lhes correspondem no tabernáculo de Bethzaleel. Constituem os órgãos das principais funções do menor, a saber: o *olho* é o órgão da *convicção*; a *orelha*, o órgão da *concepção*; a *boca*, o órgão da *palavra potente do homem*. Estas três últimas portas, mais a primeira, ensinam-te a distinguir as quatro diferentes operações que o menor pode efetuar, pela sua potência, sobre o mundo supraceleste, o mundo terrestre e o mundo universal. Ocorre a mesma coisa quanto ao tabernáculo de Bethzaleel, que é a verdadeira figura desses quatro mundos; sendo cada um dos mundos um tabernáculo particular, é preciso que tenham cada um as suas operações espirituais divinas particulares; é o que representam as quatro portas do tabernáculo de Bethzaleel. Se me perguntas qual é a chave dessas portas, te responderei que não há outra senão o espírito que vela por cada uma delas, único que pode fechá-las ou abri-las para o bem ou o mal do menor. Mas embora não possa o menor abrir ele mesmo essas portas, pode mandá-las abrir ou fechar quando entender. Cabe ao menor de desejo espiritual bom ser o verdadeiro proprietário dessa famosa chave, e, desse modo, tornar-se depositário do bem espiritual e guardião dos espíritos prevaricadores contra a Divindade. Vês qual é a superioridade do tabernáculo do menor sobre aquele que mandei construir na tua presença. Ele foi o primeiro a ser construído e nada pode valer-se dele sem o consentimento do menor. Esse

tabernáculo, enfim, é o tipo real do mundo, porque contém na sua pequena extensão tudo o que o grande mundo contém no seu espaço imenso. O tabernáculo do menor está incomparavelmente acima dos tabernáculos particulares, porque o do homem encerra quatro coisas, e os outros só contém três. Essas três coisas que contém os tabernáculos inferiores particulares são: a *lei*, cerimonial do culto divino, o *preceito* e a *operação*; mas além dessas três coisas o tabernáculo do menor encerra uma quarta, que é a potência espiritual divina. Eis qual é a alusão do tabernáculo de Bethzaleel e do homem, e porque o deste é dito superior a todos os outros, o que será ainda mais amplamente explicado em seu devido tempo, segundo a vontade do Criador.

Israel, não te comuniquei o verdadeiro nome do obreiro construtor deste tremendo tabernáculo; tu só o conhecestes pelo nome temporal de Bethzaleel. Este apelido é convencional; anuncia apenas a origem reprodutiva das formas corporais e não o verdadeiro nome daquele ou de aqueles que os habitam. Devo dizer-te que o verdadeiro nome espiritual desse obreiro é *Beth*, que quer dizer *operando a ação do pensamento divino*, o que é indicado pela segunda letra do alfabeto hebraico; a primeira, *Aleph*, exprime o pensamento divino; a segunda, *Beth*, exprime a sua ação. Dir-te-ei a este respeito que os apelidos temporais não têm qualquer virtude ou potência espiritual, porque são dados pelos homens e não pelo Criador. Mesmo nunca vistes produzir obra espiritual temporal pelo próprio e privado nome dos corpos materiais, nem por nenhuma das faculdades do ser corporal, e, quando as formas operam algumas virtudes, não é por elas, mas pela propriedade potente do ser espiritual que nelas habita, isto é, pela faculdade ligada ao seu nome animal espiritual divino, como te vou passar a explicar a seguir:

Conheces o ato cerimonial da aliança que o Eterno fez com o homem, Deus da terra, assim como a que foi feita com a posteridade desse primeiro homem, após a sua primeira reconciliação. Esse homem-deus, no seu estado de glória tinha o seu nome próprio ligado diretamente ao seu ser espiritual. É pela virtude desse nome que ele manifesta no universo, segundo o seu desejo e para regozijo do Criador, toda a operação espiritual divina temporal. Mas, logo após a sua prevaricação, ele perdeu a lembrança do seu nome espiritual, e não foi mais que um ser material temporal e de sujeição espiritual divina e não demoníaca.

A mudança da sua forma operou a da sua lei; a mudança da sua lei operou a das suas operações ordinárias. Não te prova isto que todas essas mudanças devem ter necessariamente levado à mudança do nome próprio desse primeiro homem? Com efeito, o nome que o Criador deu a esse homem, depois de lhe ter atribuído a sua reconciliação espiritual temporal, e não espiritual pura, era na verdade muito potente; mas era no entanto inferior ao primeiro nome da sua emanação e da sua emancipação para conceber.

Ó povo querido do espírito, a mudança que te anuncio fora feita no nome da primeira criatura humana. Observa aquela que se fez no nome do pai temporal dos filhos de Israel. No princípio dessas operações temporais materiais, ele chamava-se *Abrão* que significa *homem elevado na matéria*. O Criador desse nome substituiu-lho por *Abraão*, que significa: *pai abundante em multidão espiritual divina*. Foi com efeito na posteridade única deste homem que a glória e a justiça do Criador se manifestaram de preferência a qualquer outra nação. Mas, Israel, não te orgulhes dessas vantagens; assim como o Criador mudou a faculdade espiritual menor e material de *Abraão* em espiritual superior, mudando-lhe o nome, também Ele pode anular todas as suas virtudes abandonando esse mesmo homem, e fazendo-o recair no mesmo grau de inferioridade de onde Ele o havia tirado. A este respeito, debes saber que todos os espíritos menores, ou todas as almas espirituais, têm verdadeiramente um nome que as distingue nas suas potências e virtudes, em relação à sua obra temporal. Assim, desde a primeira época do homem prevaricador, pela sua reconciliação, tendo o Criador mudado o seu primeiro nome de *ABA* (4) para *BIAN* (6), de apelido *Adão*, esse *Adão* mudou também o nome da sua terceira posteridade, dando-lhe o nome de *Seth*; este nome não vinha da simples vontade da

convenção do primeiro homem, mas foi-lhe sugerido no seu pensamento pelo espírito, tal como compreenderás pelo que segue.

A circuncisão ou a efusão do sangue de Abraão era um verdadeiro tipo da purificação da matéria corporal. Essa efusão de sangue servia ainda para purificar a vida passiva e dispô-la a reter a impressão das diferentes operações espirituais divinas que o Criador ordenara de novo ao Seu Servidor Abraão, a fim de o desviar do falso culto que ele operava em prejuízo do da Divindade. Não há dúvida que, por esta operação toda espiritual, a vida passiva ou a alma animal se tenha ligado inteiramente com a vida ativa ou alma espiritual ativa.

No entanto, apesar desta razão, a alma passiva e a alma ativa tinham sempre cada uma o seu número particular que as distinguia perfeitamente em todas as suas virtudes e potências temporais; prova-o a diferença do seu número. A alma passiva possui apenas o número imperfeito ternário 3, e a alma ativa possui o número quaternário 4, o que basta para demonstrar a sua diferença e a sua distinção particulares. Em seguida, para te fazer compreender que essas duas vidas, inferior e menor, passiva e ativa, provêm do puro espírito e que a sua ligação é íntima e perfeita, basta-te adicionar os dois números que as constituem nas suas faculdades espirituais temporais. Esta adição dará o número setenário 7 do espírito maior de que elas emanam.

Quanto à mudança de nome que te disse ter sido feita unicamente pela vontade do espírito do Criador, e não pela vontade do homem, não poderás duvidar quando observares que nenhum patriarca manteve o nome da sua origem material e que eles são todos diferentes uns dos outros. Há dez patriarcas, e há dez nomes espirituais que operam o culto da Divindade pelo seu próprio número denário. Observa ainda se, depois de Noé, encontras nos patriarcas algum nome original material, quer nessa posteridade de Noé, quer na de Ismael, quer ainda na de Heber, é isto que te mostra que a mudança do nome espiritual, na vez e no lugar do nome original do homem, vem de Deus.

O nome espiritual dado à alma ativa anuncia-te e faz-te ainda entender a junção de um ser distinto e espiritual, ou de um espírito particular setenário que o Criador sujeitou à virtude potente do espírito menor quaternário, como ele ensina que se uniu ao seu primeiro homem-Deus após a sua reconciliação. É ainda por essa junção que o Eterno Deus de Israel faz conceber a toda a sua criatura o preceito de que se deve amar o próximo como a si mesmo. Essa ligação, essa amizade, essa inteligência deve ser entendida de espírito a espírito, e não de matéria temporal ao espírito. Eis o verdadeiro próximo a quem deves querer e amar como a ti mesmo.

Digo-te em verdade, Israel, que esta operação de eleição ou de nome espiritual, dado à alma ou ao menor, se perpetuará, pelo Eterno, nos povos idólatras mais em privação do conhecimento do verdadeiro culto da Divindade, o que é claramente manifesto hoje em dia na Igreja cristã pelo sacramento do batismo em que o recém-nascido recebe um nome espiritual completamente diferente daquele que traz pela sua origem material temporal.

Depois de te ter explicado, Israel, a origem do nome espiritual, desejarias talvez que te desse a explicação do nome de Seth. Digo-te em verdade que esse nome significa: ser admitido ao verdadeiro culto divino ou executor perfeito da manifestação da glória e da justiça divinas. Assim a posteridade de Seth foi chamada: filhos de Deus e não filhos dos homens. Este título de filhos dos homens foi reservado à posteridade fêmea de Caim, engendrada pela operação dos demônios, porque a sua origem corporal primeira provêm da única faculdade da operação do primeiro homem, que foi o sujeito da sua prevaricação. Se quiseres saber ainda de mim porque foi que o homem construtor do tremendo tabernáculo operou todas as suas obras temporais sob um nome original, te direi que o nome original de Bethzaleel ficou assim para este homem dar a entender a toda a posteridade de Adão a ligação íntima do espírito com a matéria prima, sem todavia admitir a confusão entre ambos.

Isto explica-te a forma corporal do tabernáculo que esse grande obreiro construiu segundo o plano formado na sua imaginação para ser o habitáculo do espírito de santificação, do espírito de conciliação, do espírito de conservação e do espírito todo-poderoso, protetor e defensor dos filhos de Israel. Sim, Israel, o que te digo no tocante aos habitantes do tabernáculo, deve fazer-te conceber que o espírito menor que habita no seu tabernáculo corporal não está mais confundido na matéria do que hão de estar os espíritos 4e que te falei confundidos na matéria do tabernáculo espiritual que Bethzaleel construiu para a maior glória do Eterno e para a satisfação de Israel. É o que te mostra claramente que o tabernáculo de Bethzaleel é um verdadeiro tipo do tabernáculo do homem-Deus na Terra.

Tudo o que te disse, Israel, da grande manifestação da glória e da justiça que o Criador operou em teu favor contra os dele e os teus inimigos, te ensina quais seriam a tua prevaricação e a tua punição espiritual animal se, depois deste exemplo, fosses contra tudo o que disse e ensinei segundo Ele. Se o teu coração ficasse empedernido contra o Eterno e contra os Seus eleitos, sucederia que a tua enumeração espiritual seria subdividida até ao infinito e se quedaria sem qualquer apoio: a tua memória esfumava-se, a tua virtude e a tua potência esmoreciam e a tua face esvanecia-se tão prontamente como a luz dissipa as trevas. Digo-te em verdade, Israel, de coração contrito e magoado, que vejo com dor chegado o tempo. Então, os amigos adorados do Eterno já não viverão contigo, todas as tuas exclamações, invocações ou operações serão vãs e estéreis, o que te ocasionará grandes padecimentos. Mas essa dor espiritual será bem maior ainda, quando vires o culto do Senhor passar às outras nações para teu prejuízo e vergonha. Digo-te em verdade que será tão só em virtude desse culto que as diferentes nações te manterão sujeito e submeterão todas as tuas obras, ações e operações à sua vontade, e te tornarás então súbdito e tributário delas. Mas, seja como for, Israel, não desesperes nunca da misericórdia do Eterno; recorda sempre que fostes o teatro imenso da manifestação primeira da glória e da justiça divinas, que foi em ti que toda a coisa espiritual veio ao mundo, e que há de chegar o dia em que a posteridade de Abraão, herdeira da obra do Eterno, será reposta no seu primitivo estado de esplendor, reintegrada com magnificência na sua capital. Quando te achares disperso por todas as nações, recordarás que essa desgraça espiritual é o verdadeiro quadro dos eventos futuros que sobrevirão aos sucessores espirituais temporais que tiverem provado um instante da doce satisfação da operação deste mesmo culto, se não forem mais exatos do que tu, Israel, no conservar muito cuidadosamente essa soberba herança, sem mancha nem pecado da sua parte, serão ainda de lamentar e mais punidos do que tu. O Criador há de considerá-los como seres impuros, e a sua herança há de ser-lhes usurpada por outras nações. Então esses seres impuros serão tratados como o instrumento do flagelo da justiça, que ela rejeita por uma eternidade depois de se ter servido dele. Josué, servidor do Altíssimo, será o herdeiro do grande culto divino, e, em consequência da ordem que me foi dada, ele deve receber de mim as virtudes e as potências necessárias para operar a manifestação da glória e da justiça divinas.

Mas, Israel, não é esta transição um novo indício de que a herança da terra prometida não ficará sempre contigo? Sim, este exemplo deve ensinar-te por um tempo imemorial que o verdadeiro culto do Eterno será igualmente transmitido, em teu prejuízo, às nações estrangeiras, e daí que a tua memória ficará tão fortemente obscurecida que não te lembrarás mais nem do nome do Eterno, nem do teu próprio nome animal espiritual; a tua dispersão será completa e servirá de exemplo a toda a terra; entrarás uma segunda vez em escravidão e servidão na terra do Egito, de onde só voltarás a sair no fim dos tempos. Há de então operar-se a manifestação da glória e da justiça do Altíssimo para satisfação dos justos, e vergonha dos demônios criminosos e dos culpados menores não reconciliados. Convém que saibas no entanto que antes desses derradeiros tempos haverá grande confusão nas tribos de Israel; a desolação que haverá entre elas há de levá-las a separarem-se umas das outras; o número superior retirar-se-á muito longe do número inferior, que será subdividido ainda da sua primitiva herança, para ser um exemplo notável da justiça que o Eterno manifestou contra os filhos de Israel, e a sua terra permanecerá inculta e estéril. Tu sabes, Israel, que o número setenário é um número espiritual temporal, e que o número quinário é um número espiritual material susceptível de confusão

e de malversação espirituais divinas; é esse número setenário das tribos que se destacará do número inferior quinário e será relegado para um lugar deste universo aparente que os mortais ordinários não poderão descobrir. Aí, esses povos justos acabarão de pagar o tributo que o crime de Israel deve ainda à justiça divina, e assim operarão a justa reconciliação dos filhos de Israel. A arca de aliança de Israel com o Senhor acompanhará também esse número setenário juntamente com todas as virtudes e potências espirituais divinas de que ele é depositário. As outras tribos degenerarão em seres das trevas.

Mais te digo que, quando tiveres sofrido os efeitos da justiça divina e tiveres perdido os teus principais chefes condutores espirituais, farás todos os esforços para encontrar outros; mas não encontrarás senão eleitos ordinários, que serão simples condutores temporais e até mais materiais que espirituais. Eles hão de conduzir-te ao caminho tenebroso e horrível de onde o Eterno te retirou e hão de deixarte gemer à sombra do teu crime. Considera e treme, Israel, por todos os males com que te ameaço da parte do Eterno. O socorro de Moisés e de Josué será invocado por ti, mas inutilmente; quanto mais os reclamares, mais os afastarás de ti. Nisto é que a justiça do Criador será ainda maior contra Israel do que fora, e assim se cumprirá em todos os seus pontos o decreto imutável que Ele pronunciou contra os prevaricadores do seu culto e seus cúmplices.

Por tudo o que acabais de ver sobre as ações, reflexões e operações boas e más de Israel, assim como sobre a regularidade das obras dos seus principais chefes condutores, podereis ficar convictos que tudo o que foi predito a este povo lhe sucederá exatamente. Assim não entrarei no detalhe dos flagelos e de todos os sofrimentos que este povo suportou, conforme Moisés lhe anunciara antes de separar-se dele. A história santa e a história profana expõem muito amplamente todos estes fatos, tais como a arca perdida, a dispersão das tribos sob *Roboam*, que perdeu por completo sete, deixando outras cinco cair na escravatura e na servidão das nações estrangeiras sem esperança de poder socorrê-las.

Entretanto, esta dispersão das tribos merece da vossa parte sérias reflexões. Sete dessas tribos separaram-se de Roboam, filho e herdeiro de Salomão. Nunca o lugar do seu retiro ou a rota por elas seguida para ai chegar foi conhecido de Roboam, ou das cinco tribos reduzidas à escravatura, ou ainda de qualquer nação. Refleti ainda que, com o desmembramento das doze tribos em duas partes, o número maior e setenário é retirado para um lugar de paz e de tranqüilidade fora de qualquer correspondência humana e profana, e o número inferior quinário é abandonado errante e vagabundo, coberto de vergonha e de confusão, na servidão em todas as nações onde essas tribos desgraçadas são privadas de toda a ação e de toda a operação espiritual divinas. Que pode representar um tal acontecimento aos homens da Terra, senão a verdadeira asserção do mal e do bem provenientes das duas espécies de espíritos bons ou maus? Vede se o que vos disse a este respeito não é claro, que o número 2 é o da confusão. Vede também na separação das tribos de Israel em duas partes se o número setenário dessas tribos, que os homens da Terra perderam de vista, não é o verdadeiro tipo dos Eleitos menores que o Eterno retira do meio dos profanos e dos impuros permanentes da Terra para os pôr ao abrigo de toda a comunicação intelectual com os mortais ordinários. O Criador permite ainda que esses mortais ordinários percam, com a sucessão do tempo, a memória desses felizes seres e que, ignorando-lhes a morada e a rota que seguiram até lá, ignorem também as suas obras, as suas ações e as suas operações espirituais temporais. Mais ainda, eles próprios ignoram a conduta a observar para atingir essa felicidade de que perderam até a idéia e a lembrança.

Vede também se esta separação não oferecia o verdadeiro quadro da morte natural temporal pela separação da alma e do corpo. As doze tribos, pela sua íntima ligação, formavam um só corpo; mas quando essa unidade foi dividida em duas partes distintas, uma, ficando na privação da outra, caiu no vazio espiritual e na Ignorância. Do mesmo modo, quando a alma está unida ao corpo, ela forma temporalmente uma unidade perfeita com ele; mas quando ela se separa do seu corpo, ela forma então duas divisões distintas, das quais uma, em repetição do número maior setenário, permanece, se é justa, sob a proteção divina e sob as asas da glória do Eterno, e a outra, em repetição do número quinário

das tribos errantes, fica na Terra, em privação de toda a atividade espiritual até à sua perfeita reintegração.

Por esta observação vós podeis conceber o fato e a revolução que sucederão ao universo inteiro quando aquele que o vivifica dele se separar. Pois, à imagem dos corpos particulares, esta matéria permanecerá errante e na inação até ter sido inteiramente dissipada. Tal é a lei que dará fim a todas as coisas temporais. Devo agora convencer-vos de que a matéria-prima foi tão-só concebida pelo espírito bom para conter e sujeitar o espírito mau num estado de privação, e que verdadeiramente esta matéria-prima, concebida e gerada pelo espírito e não dele emanada, apenas fora engendrada para estar à disposição dos demônios. Para tal efeito, recordai a aparição que o chefe dos demônios fez na presença de Cristo, homem-Deus da terra. Este ser perverso não lhe teria aparecido sob uma forma humana e não o teria atacado, se o homem-Deus não estivesse revestido de um corpo de matéria, e se tivesse servido da forma gloriosa nele inata; é que então a contração espiritual demoníaco. não poderia dar-se, pois o espírito puro tem o privilégio de reter e suspender toda a operação dos espíritos impuros.

Perguntais-me se o chefe dos demônios, aparecendo ao homem divino, tinha o projeto de seduzir e de corromper simplesmente o seu corpo de matéria ou também o seu espírito? Eu responderei que o seu objetivo era a sedução de um e do outro. Ele queria primeiramente, pela sua inteligência demoníaca, corromper a forma corporal de matéria desse ser divino e torná-la assim susceptível de reter impressão de todas as ações falsas que se propunha fazer-lhe comunicar por meio das operações que dera ao espírito ligado a essa forma corporal. Em segundo lugar, desejava ainda mais ardentemente seduzir o ser espiritual que habitava nesse corpo, não concebendo nada mais glorioso que essa conquista, porque, ao mesmo tempo que se opunha às ordens e à vontade do Criador, ele conhecia que as obras e as operações consideráveis que o homem divino teria feito para glória desse tentador teriam arrastado uma infinidade de seres menores ou de almas para a potência da justiça demoníaca.

Mas, nem o espírito nem o corpo desse ser Regenerador sucumbiu aos ardis do demônio; pelo contrário, forçou com todas as suas virtudes a voltar para o seu lugar de sujeição e de privação divina. Tudo nesse ser divino estava isento de pecado e de prevaricação, Ele obrigou o chefe dos demônios a afastar-se da sua presença para ir executar as ordens que lhe havia dado. Nessa época vergonhosa, o demônio entendeu que seria ainda mais humilhado e sujeito ao homem-Deus e divino deste universo, pois a firmeza e a pureza desse ser suprimiram qualquer exemplo ou ação escandalosa; nenhum hábito ou impressão diabólica se fixou na retina dos homens ordinários; e, assim, a paz e a calma permaneceram no espírito desse homem divino. Isto pode fazer-vos conceber que a maior parte da ação, da conduta e da operação dos homens de matéria provém apenas dos diferentes exemplos e dos diferentes hábitos que eles contraem, e que se tornam para eles um segundo princípio de natureza, no curso da sua vida ordinária, tanto para bem como para mal. As operações e hábitos escandalosos pervertem o homem, ao passo que as boas ações lhe trazem excelentes hábitos que produzem um maravilhoso efeito espiritual, tanto para aquele que os recebe como para aquele que os dá.

Voltando ao que Moisés predisse a Israel, que não encontraria mais chefes espirituais condutores tão perfeitos como aqueles que abandonara, mas só chefes condutores temporais materiais, e não espirituais, parece ser o que lhe sucedeu. Com efeito, tendo este povo dado a sua confiança a um mortal ordinário como Saul, que foi eleito pelos Hebreus rei dos filhos de Israel, é certo que essa eleição convencional dos homens, não sendo feita pelo Criador ou pelos seus deputados, era mais material que espiritual, como prova tudo o que aconteceu a este povo sob a condução de Saul. A triste sorte que sofreu o próprio Saul deve ajudar-nos a compreender a diferença que há entre a eleição divina e a eleição convencional dos homens: esta é perniciosa, aquela invencível e sem perigos. Saul escolheu a sua morada na tribo de Benjamim; dera-lhe toda a sua confiança e participava-lhe tudo o que operava a favor de Israel. Todavia a preferência que dava a essa tribo sobre todas as outras não se teria verificado, se a sua eleição tivesse vindo do Criador e não dos homens, porque então ele teria

aprendido do próprio espírito que o eleito adorado do Altíssimo não faz nenhuma diferença, e considera igualmente todos os justos espirituais, e isso tê-lo-ia impedido de fazer uma tal distinção entre a tribo de Benjamim e todas as outras, só vendo a ela como único apoio e guia.

Além do mais, se esta eleição, como já disse, tivesse sido feita pelo Eterno, Saul teria compreendido a interpretação espiritual do nome de Benjamim, que quer dizer *filho* ou *nascido da minha dor*. Ele teria visto que essa tribo estava manchada há muito tempo por um orgulho e uma avidez criminais, o que teria feito que, em vez de se ligar intimamente com ela, rejeitasse os conselhos Implos que ela lhe dava e que lhe foram tão funestos que lhe ocasionaram a triste sorte que o tornou, a ele e à sua posteridade, um exemplo horrível e imemorial aos olhos dos mortais.

Desejais talvez saber qual é o gênero de prevaricação de Saul, primeiro rei temporal de Israel. Eu vou explicar-vos tão claramente quanto a verdade da sabedoria me ditou. A prevaricação do rei consiste em ter feito perecer miseravelmente um grande número de Gabaonitas e em ter dirigido toda a sua força e todo o seu ódio contra os seres infortunados desse povo reconciliado com o Eterno e absolvido por Josué, em seguida à sua jura de fidelidade ao culto da Divindade. A cupidez da tribo de Benjamim levou-a a instigar Saul a declarar guerra aos infelizes Gabaonitas, com o fito de se aproveitar dos seus despojos, quando o exército de Israel os tivesse desbaratado. Assim, esta tribo, embora fosse o último o seu lugar, marchava à cabeça de todas as outras. O rei tinha assim ordenado, porque ele via essa tribo como o principal fundamento da sua potência, e apoiava-se tanto na sua força como nos seus conselhos.

No entanto, sendo certo que o homem, mesmo nos seus maiores excessos, tem, a espaços, a insinuação de bons pensamentos que lhe são sugeridos pelo espírito bom para o tirar do erro, sucedeu a Saul um instante de dúvida sobre a bondade e a validade da sua tribo querida, o que Israel entendeu pela conduta que adotou o rei; após algumas reflexões, ele quis esclarecer essa dúvida e, para o efeito, concebeu o plano de consultar Pitonisa, homem do Eterno, embora mulher, e enviou-lhe ordem de vir a casa dele para o instruir do sucesso de todos os projetos que formara contra os Gabaonitas e saber por ela se obteria vitória contra esse povo. Pitonisa, que era um tipo do bem espiritual, recusou ir a casa do rei, porque sabia que não estaria em segurança e que o rei queria matá-la por instigação da tribo de Benjamim, que, tendo erradamente jurado perder os Gabaonitas, temia que essa Pitonisa descobrisse o seu negro ensejo, e provocasse contra essa mesma tribo os flagelos da justiça. Tendo os deputados de Saul chegado com a resposta da Pitonisa, deu ordem de a prender e de trazê-la à força; mas, como ela era instruída das más intenções do rei e da tribo de Benjamim, previu o efeito retirando-se para uma casa afastada de uma légua da cidade de Galboé. Os deputados, não a tendo encontrado, foram dar conta da sua evasão a Saul, que ficou vivamente atormentado. Mas, após alguma reflexão, mandou procurá-la com toda a vigilância por outras pessoas diferentes das primeiras, prometendo-lhe, *à fé de rei*, que não lhe faria qualquer dano, nem à sua pessoa, nem aos seus bens. Um destes últimos deputados, dotado da sabedoria divina, logo foi instruído da nova morada da Pitonisa, a quem deu parte do que Saul fizera de vantajoso para ela. Pitonisa respondeu ao deputado: “Que a vontade do Senhor-rei, teu soberano, se faça segundo a do Eterno. Diz ao teu rei que se dirija ao meu novo asilo. Lá, satisfarei os seus desejos”. O deputado deu conta ao rei desta resposta em presença dos principais chefes da tribo de Benjamim. Eles conceberam assim que os ardis que tinham tramado contra a excelente virtude da Pitonisa seriam sem sucesso, e que pelo contrário iam eles próprios tornar-se vítimas das suas calúnias e patifarias. O que efetivamente sucedeu, passado que foi do mal o sucesso, virando-se a calúnia contra o caluniador, de onde a verdade saiu mais forte e mais inquebrantável.

Transportado Saul à casa da Pitonisa, ela disse-lhe: “Senhor, que desejas aprender do Eterno, e que queres que te ensine?” O rei respondeu-lhe: “Garantem-me que tu és adivinha; diz-me então se devo ganhar a batalha que devo travar com os Filisteus e os Gabaonitas que se aliaram contra Israel. Diz-me se essas duas nações serão entregues à minha justiça”. “Senhor, disse a Pitonisa, permite à tua

serva que te fale um momento antes de responder ao que pedes; digo em verdade que é pelo povo que tu és eleito rei de Israel e não pelo Deus vivo. Assim, não admira que estejas sem cessar na dúvida e no receio do sucesso que devem ter as tuas ações e as tuas operações temporais. Os antigos condutores de Israel não tinham tais dúvidas nem tais incertezas, eles não utilizavam o recurso dos homens ordinários da terra nem os seus conselhos, porque, sendo eleitos pelo Deus vivo e protetor de Israel, não tinham outro conselho senão o do Eterno, e por esse meio estavam assegurados do sucesso que deviam ter todas as suas ações e operações temporais, tanto a seu favor como de Israel. Mais te digo, Senhor-rei, que o teu conselho é falso e puramente material, porque ele parte dos homens maus e impuros; eles seduziram-te levando-te a agir contra o bem espiritual dos justos de Israel e das outras nações. Pitonisa, que te tala, soube de todos os embustes demoníacos que fo-lizem armados contra ela pelos principais chefes da tribo de Benjamim, tornados desde o teu reino os intelectos do demônio. Eles tinham-te persuadido a matar-me, tu o pronunciaste a minha pena de morte; mas fica sabendo, Senhor-rei, que o Deus de Abraão protege os que são justos perante ele e precipita ignominiosamente nas profundas dos abismos os ímpios e os perseguidores dos justos. Concebe as palavras que te digo conforme o espírito que me vivifica e aquele que o anima. Os chefes da tribo de Benjamim cairão vergonhosamente; essa tribo será subdividida; ela ficará errante e confundida entre as de Israel por um tempo imemorial. Este fato há de suceder-lhe depois do teu reino; os seus estandartes, as suas insígnias coloridas e todas as outras marcas que a distinguem das outras tribos de Israel lhe serão retiradas; elas serão manchadas pelo povo egípcio que foge de Israel desde a funesta época sucedida ao Faraó e todo o seu exército. Pois, Senhor-rei, os fatos sucedidos outrora a esse povo estrangeiro e aos seus reis eram precisamente o tipo fiel do que deve suceder ao primeiro rei temporal de Israel. A destruição ignominiosa do Faraó e da maior parte do seu povo, assim como a servidão e a dispersão do pequeno número restante, anuncia-te a sorte que te ameaça, Senhor-rei, à tua posteridade e à tua tribo querida, se não fazes as pazes com o Deus de Israel. Esta tribo querida de Benjamim será sacrificada ‘em parte; os seus restos desgraçados ficarão errando e confundidos no meio dos filhos de Israel sem ter condutor, nem chefe particular, como estão os restos dos Egípcios recém-convertidos ao Deus vivo de Abraão, pela lei de Israel. O teu crime, Senhor-rei, é ainda maior perante os homens, porque fizestes morrer injustamente Gabaonitas reconciliados com o Senhor Deus de Israel e abençoados por Josué em nome do Eterno pelo seu juramento. Parte desse povo era ensinado pelos sábios de Israel a guardar uma idéia desse culto divino e devia ensiná-lo e fazê-lo praticar pela nação, de modo que, pela tua conduta com esse povo, fostes contra os decretos do Eterno que não pode deixar nenhum crime impune. Fica sabendo daquele que te fala pela minha boca que, se não Imploras a misericórdia do Eterno e se perseveras em querer acabar de destruir o resto dos desgraçados Gabaonitas unidos aos Filisteus, o teu suplício fulminará os olhos de todas as nações da nossa região. Todos os filhos de Israel gemerão pela tua sorte e a sua dor será incalculável, porque eles terão servido de Instrumento ao flagelo injusto com que terás oprimido os recém-convertidos. Devo ensinar-te ainda que, em todo o mundo, não há adivinhos nem adivinhas; ninguém pode ler no passado senão pelo presente, e, assim, tendo um conhecimento perfeito de um e doutro, não é difícil ao homem-Deus ler mais ou menos no futuro. Fica sabendo ainda, Senhor-rei, que, quando é necessário um certo trabalho para chegar a ler em todas as operações, ações, contrações, vegetações, revoluções e outras coisas temporais espirituais que se executam neste universo pelo espírito ou pelo homem, aquele que o alcança não pode por isso ser chamado adivinho ou advinha, pois só pode obter esses conhecimentos ao cabo de penosos esforços espirituais e corporais que fazem sentir ao que trabalha sobre as maravilhas do motor do universo a dor da alma, do corpo e do espírito. Não creias mais nesses falsos adivinhos, adivinhas, mágicos, mágicas, feiticeiros ou feiticeiras, sobre a existência dos quais o pó grosseiro te iludiu. Reconhece que todo o ser dessa espécie não pode merecer confiança, pois o homem não se pode instruir em nenhum conhecimento das operações do universo sem passar por penosos e tremendos trabalhos. A este respeito, considera os trabalhos de Moisés e os dos sete sábios de Israel; reflete sobre os frutos prodigiosos que eles retiraram das suas operações a favor de Israel; eles combateram, venceram e exterminaram os inimigos do verdadeiro culto divino. Eis, Senhor-rei, quais são as virtudes potentes, espirituais e temporais, que se manifestam nos eleitos do Criador, o que não sucede aos eleitos dos homens. Quanto ao que desejas saber de mim, dispõe-te a escutar-me,

ouvir-me e conceber-me. (Essas três coisas alegóricas às três palavras: busca, bate, pede). Nada de respeito humano, nada de fraqueza material, que a tua alma será forte, se já não está sujeita ao espírito de contração divina, e ela germinará o fruto das operações e dos trabalhos que vou empreender por tua solicitação”.

Saul, pasmado com tudo o que a Pitonisa lhe dissera, pediu-lhe um momento de reflexão, e saiu também a Pitonisa do local destinado aos trabalhos dela. Esgotado o tempo que ele pedira, voltou ao mesmo local onde a Pitonisa se lhe juntou como tinham combinado, e, como persistisse no seu primeiro projeto material, ele disse-lhe: “Após muito pensar, digo-te para adivinhares se devo travar batalha com os nossos inimigos e se eles sucumbirão à minha justiça. Evoca para o efeito o espírito do profeta Samuel, e faz que eu saiba por ele o que te peço”. A Pitonisa, indignada com o orgulho e a perseverança do rei em fazer o mal, disse-lhe sem rodeios: “Saul, rei injusto de Israel, tentas o Deus Eterno querendo submeter o seu fraco servidor. Sim, Senhor, sou o servidor do Deus vivo de Israel, que conheci o teu pensamento horrível contra a criatura superior, maior, inferior e menor. Sim, vou satisfazer a tua paixão agitada invocando o espírito do sábio profeta Samuel da paz e da conciliação; mas teme pela sua vinda”. Após estas palavras, a Pitonisa invocou o Eterno e em seguida dirigiu os seus passos para a operação; mas no momento em que começava o seu trabalho, o rei disse-lhe: “Pára, Pitonisa. Sinto nascer na minha alma um tumulto que a agita; não sei de onde me vem o fogo que me rodeia e o medo que me confina. Adivinha-me lá estas coisas antes das que te pedi primeiro”. “Tudo isso vem, disse a Pitonisa, do insulto que fazes neste momento ao Criador, assim como ao seu servidor”.

Eu bem te disse que a ciência espiritual do Eterno não era a arte de um adivinho, como julgas. Por conseqüência essa pretensa arte não pode achar-se em nenhuma das suas criaturas. Se estivesse no poder do Deus de Israel ser adivinho, ele seria o motor do bem e do mal; ele seria então um cruel tirano ao permitir e deixar fazer o mal pela sua criatura, para puni-la em seguida pelo que ele próprio teria podido evitar. Não, Senhor, o Deus de Israel não é assim. Eu ousou diante de ti, diante da sua corte espiritual divina e diante de toda sua corte temporal, desafiar esse Deus todo-poderoso a penetrar e conceber a ação e a operação assim como qualquer coisa que deva suceder a um ser espiritual menor, se esse ser não a tiver concebido primeiro ele no seu pensamento.

Eu quero dizer-te que o Criador lê abertamente no mais profundo pensamento da sua criatura; mas, Senhor-rei, repito, desafio esse Deus todo-poderoso a ler em qualquer pensamento que não tenha sido concebido. Se essa coisa estivesse no Seu poder, Ele seria verdadeiramente injusto por não suprimir os funestos fatos que saberia assim deverem suceder à criatura. E então seria Ele o único culpado. Mas como Ele estabeleceu em leis imutáveis tudo o que subsiste no universo, e deixou uma plena liberdade à Sua criatura, Ele não tem em Si-próprio a Sua pré consciência e Ele não tem qualquer papel nas causas segundas deste universo. Aquele que dá o nome de adivinho ao Criador ou à Sua criatura, insulta a um e a outro, peca contra o espírito e será horrivelmente punido.

Concebe, Senhor-rei, que, tendo sido necessário uma operação e um trabalho potentes para que o Eterno manifestasse tudo o que está no Seu poder e inato em Ele, pela mesma razão é necessário que o espírito temporal tenha formado um pensamento qualquer para que a ação boa ou má proveniente desse pensamento seja conhecida do Eterno; se ela é boa, Ele recebe-a; se ela é má, Ele rejeita-a; mas Ele não se opõe nunca à vontade da Sua criatura”.

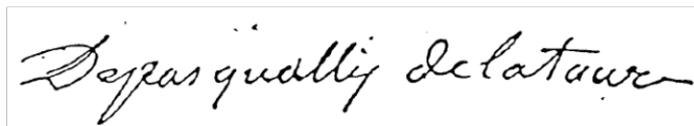
Saul, ainda mais penetrado que da primeira vez pelas palavras da Pitonisa, e vendo que a firmeza desta mulher era inabalável, disse-lhe num tom submisso, mas profético: “Mulher do Senhor, o rei de Israel reclama o seu e o teu Deus com o espírito de Samuel, para que ele me ensine o que tenho grande precisão de saber sobre a batalha que tenho em mente travar com os nossos inimigos”.

Pitonisa agiu conforme as vontades de Saul, mas, assim que ele a viu no ato do seu trabalho, pôs-se a palpitar e a tremer como uma folha seca. A Pitonisa, vendo-o abatido pela força da operação, disse-lhe: “Saul, rei de Israel, receias o espírito do Senhor; os teus crimes fazem-te estremecer perante a justiça divina!” Saul estava tão aflito que nem compreendeu as palavras da Pitonisa e pediu-lhe que repetisse. A Pitonisa disse-lhe, mostrando o espírito de Samuel, revestido de um corpo de glória aparente: “Senhor-rei, eis aquele que sabe mais do que eu, que te interpretará o que te disse, e o que não compreendeste”.

Saul prosternou-se, penetrado de dor, perante Samuel, porque o espírito desse profeta afastava o espírito demoníaco que possuía o rei. Nessa atitude, perguntou-lhe se podia naquele mesmo dia travar batalha com os seus inimigos. Ao que Samuel respondeu: “Digo-te que tu e os teus estareis juntos comigo esta noite, que sucumbirás, que muitos perecerão miseravelmente e que a tribo de Benjamim servirá de exemplo memorável aos filhos de Israel”.

Saul, terminadas as palavras do profeta, ergueu-se, inclinou-se diante da Pitonisa como para lhe agradecer, e juntou-se ao seu exército para marchar contra os inimigos. Sofreu, assim como os seus, a triste sorte que lhe fora predita pela Pitonisa e pelo espírito de Samuel.

Considerai a conduta de Saul, a da tribo de Benjamim e a da Pitonisa, e reconheceréis que todos estes fatos são o tipo da contração má da boa ação, e da prevaricação do homem, do seu suplício e da sua reconciliação, assim como da previsão de todos os acontecimentos passados, presentes e vindouros que se sucedem e sucederão em todo o universo.



FIM